ACADEMIA
DOS
HUMILDES, E IGNORANTES.

DIALOGO

Entre hum Theologo, hum Filosofo, hum Escrivaõ, e hum Soldado,

No sitio de Nossa Senhora da Consolaçaõ.

OBRA UTILISSIMA

Para todas as pessoas Ecclesiasticas, e Seculares, que naõ tem Livrarias suas, nem tempo para se aproveitarem das publicas.

SUMMA EXCELLENTE

De toda a Theologia Moral, Filosofia antiga, e moderna, Mathematica, Direito Civil, e Canonico, de todas as Sciencas, Artes Liberaes, e Mecanicas.

COMPENDIO BREVISSIMO

De todas as noticias do Mundo, das suas partes, Imperios, Reynos, Cidades, Villas, Castellos, Fabricas notaveis, Costumes, Ritos, e Leys. Da vida de Christo Senhor nosso, de sua Mãy Santissima, de todos os Santos, Santas, e Veneraveis mais conhecidos. De todos os Summos Pontifices, Imperadores, Reys, Principes, desde o principio do Mundo, até ao presente tempo. De toda a Historia Sagrada, Ecclesiastica, e Secular. De todos os successos admiraveis, e exquisitos; e de todos os artefactos, e mecanismos antigos, e modernos.

POR

D. F. J. C. D. S. R. B. H.

TOMO I.

Da Livraria de [illegible]

LISBOA, M.DCC.LIX.

Na Officina de IGNACIO NOGUEIRA XISTO.

Com todas as licenças necessarias.

[illegible]

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA I.

NO Sitio de Nossa Senhora da Consolaçaõ, recreyo delicioso entre a Lourinhãa, e Peniche, se juntàraõ no dia 20 de Setembro, entre muitas pessoas, hum Theologo, hum Filosofo, hum Hermitaõ, e hum Soldado: e depois de practicarem nos graves damnos da murmuraçaõ, e a necessidade da Eutrapelia nos que viviaõ (como elles) solitarios naquelle sitio desde o terremoto, assentáraõ que, para evitar aquelle damno, e poderem mutuamente instruir-se no miseravel estado, em que estavaõ, se juntassem com os romeiros, que alli fossem, huma vez cada semana, e cada hum dissesse o que sabia na materia, que primeiro occorresse na conferencia, e os mais nas que tivessem com ella similhança; desorte, que os humildes, e ignorantes, que os ouvissem, ficassem instruidos por este facil meyo, e com noticias para communicarem a seus filhos, aos

quaes, por humildes, e pobres, naõ podiaõ applicar aos estudos. Apenas assentáraõ nisto, succedeo dizer o Soldado: que era digno de compaixaõ o estrago, que tinhaõ feito na Persia os Abgones: Saõ (disse) huns povos barbaros, que vivem em covas nos matos, e acconimettem nas estradas aos passageiros; no principio do Reinado de Thomás Coulikan invadíraõ a Corte, na qual destruiraõ o melhor, e o Hospicio dos Padres Carmelitas Descalços, onde matáraõ hum Religioso, e queimáraõ huma excellente Livraria; agora fizeraõ o mesmo em quasi todas as Cidades da Persia, sem perdoar a Catholico, nem a Mouro a vida. Ouvio isto com espanto hum romeiro, e disse: Valha-me Deos, muito grande he este mundo; quantos annos gastou Deos em fazêllo? Calle-se, irmaõ, disse o Theologo; Deos podia crear innumeraveis mundos em hum instante, e os póde crear em cada instante por toda a eternidade; porém com singular mysterio, que naõ devemos esquadrinhar, creou este mundo em seis dias; no primeiro dia creou o Ceo, e a terra, e a luz, a quem chamou dia, e ás trevas noite; no segundo fez o Firmamento, e dividio as guas, que estavaõ debaixo do Firmamento das que estavaõ sobre elle, e chamou Ceo ao Firmamento; no terceiro dia mandou que se juntassem em hum só lugar as aguas que estavaõ debaixo do Ceo, e que apparecesse a terra secca, á qual pôs o nome de terra, e aos ajuntamentos das agoas chamou mares; mandou que a terra produzisse toda a casta de hervas,

e ar

e arvores com fementes para continuarem as fuas producçoens, e affim fe fez logo; no quarto dia creou o Sol, a Lua, e as Eftrellas; o Sol para prefidir ao dia, e a Lua á noite, e dividirem a luz das trevas; e para iffo pôs tudo no Firmamento :: no quinto dia creou os peixes, e as aves; lançou a bençaõ a todos; e mandou-lhes que crefceffem, e fe multiplicaffem no mar os peixes, e na terra as aves: no fexto dia creou todos os animaes que andaõ fobre a terra, e da mefma terra creou Adaõ para Governador de todos os animaes, aves, e peixes: e para que tiveffe companhia, e quem o ajudaffe, infundio-lhe hum doce fomno, tirou-lhe do corpo huma coftella, e formou a mulher della, a qual moftrou a Adaõ, o qual lhe pôs o nome, e o mefmo fez a todos os animaes, que Deos fez vir á fua prefença, para que Adaõ differfe o nome de cada hum: lançou a bençaõ a Adaõ, e Eva, e diffe-lhes que crefceffem, e fe multiplicaffem, e encheffem a terra, e governaffem todos os animaes que havia nella, no ar, e no mar. no fettimo dia defcançou, ifto he, ceffou de crear, abençoou ao dia fettimo, introduzio Adaõ no Paraizo terreftre, deo-lhe licença para comer de todas as fructas, excepto da arvore da Sciencia do bem, e do mal, fobpena de morte para elle, e para feus defcendentes. Muito me eftendi fóra da materia: efte mundo pois he coufa muito pequena a refpeito do Ceo, dos Aftros, e do voffo conceito; porque o Ceo Empyreo he taõ grande, que o mundo a refpeito delle he hum ponto; o Sol, e as Eftrellas faõ

taõ grandes, que a mais pequena de todas he dezoito vezes mayor que a terra, o Sol he mayor que a terra trinta e cinco mil novecentas e trinta e ſette vezes; e ha muitas Eſtrellas mayores que o Sol: em fim, a terra no circulo mayor, que he o do meyo, tem ſó ſeis mil e trezentas legoas de circuito, e de diametro tem duas mil e cinco legoas, deſorte que ſe a terra foſſe plana, ſem montes, nem valles, qualquer homem, que andaſſe ſette legoas cada dia, lhe daria huma volta inteira em dous annos e cento e ſettenta dias, e huma Náo, que cada dia navegaſſe cincoenta legoas, em cento e vinte e ſeis dias lhe daria a meſma volta.

Baſta, diſſe o Filoſofo, obſervemos as leys deſta Academia: v. m. ſó diga o que pertence á Theologia, que pódem, e devem ſaber todos; eu a Filoſofia, que pertence aos meſmos, o noſſo Hermitaõ, que tem viſto o mundo, o que vio nelle, e o ſenhor Soldado as guerras de todas as Monarquias; e olhando para o Romeiro, diſſe: Eſta terra, irmaõ, que pizamos, ſendo couſa taõ pouca, como diſſe o ſenhor Theologo, como foy, he, e ha de ſer theatro das obras da Omnipotencia Divina, ſobeja para objecto da mayor admiraçaõ das creaturas; e fallando ſó della como Filoſofo, ſabey que todo eſte mundo, e tudo o que ha nelle, he terra, e ſe converte em terra, a ſua figura verdadeira ainda ſe naõ ſabe; porque huns dizem que he rodondo como bóla de jogar, outros que ſim he rodonda, porèm mais comprida do que larga, como a figura do

ovo:

ovo ; houve quem diſſe que o mundo andava ſempre á roda, e que o Sol eſtava ſempre fixo, e firme, eſte foy Copernico, Syſtema, que a Sé Apoſtolica condenou: em todos os corpos mixtos entra a terra por compoſiçaõ ; aſſim como os outros elementos, ar, fogo, e agoa; he ſecca, e fria; porèm naõ em ſummo grào; porque mais ſecco he o fogo, e mais fria he a agoa: nunca eſtá, nem ſe acha pura; porque álém de ter ſempre, e em toda a parte miſturas dos outros elementos, tambem as tem de muitos, e diverſos ſaes: donde procede, que confórme o ſal, que cada terra tem miſturado, aſſim he a ſua fertilidade, e por iſſo humas terras produzem huns fructos, e outras outros, e outras os meſmos, e melhorados, como na Perſia, onde ha todos os fructos da Europa, e da Aſia. He verdade, diſſe o Soldado, eu ſou teſtimunha de viſta; e todos os fructos da Perſia ſaõ melhores: e ſabey juntamente que he falſo dizer-ſe, que os peſſegos na Perſia ſaõ veneno; triaga lhes chamarey eu, porque ſe comem ſem fazer damno, a toda a hora da noite, e do dia.

Tambem (continuou o Filoſofo) he muito differente a terra nas cores, porque huma he preta, outra branca, outra verde, outra encarnada, outra como tabaco de todas as caſtas, Portuguez, e Heſpanhol, cujas minas ſe tapáraõ neſte Reino no anno de 1739: ha terra taõ branca como farinha, e gente pobre faz della paõ; na Ilha de Sanchaõ na China ha terra, que os moradores comem cozida, ha outra, que ſerve

ve de carvaõ, e no termo de Grandola a podeis ver, porque he o carvaõ usual: tem a terra dentro em si muito ar, e tanto, que huma pollegada de terra virgem depois de destillada lança de si quarenta e tres pollegadas de ar na sua compressaõ, e estado natural: desta mistura, que a terra padece, já de ar, já de sal, e já de fogo, agoa, metaes, e minaraes, naõ só resulta a diversa fertilidade, mas outros effeitos maravilhosos; porque na Ilha de S. Thomé ha terra, que reduz a cinza os cadaveres em cinco horas, e outros em menos, porque tem muito sal corrosivo; em Roma pelo contrario, no campo Santo naõ se gastaõ os cadaveres; o mesmo succede no celebre cemiterio de Pisa; e em humas grutas do Reino de Polonia se achaõ inteiros os corpos, que foraõ sepultados ha mais de quatrocentos annos; o mesmo succede em Napoles nas grutas de S. Januario: pela mesma razaõ ha terras, que naõ criaõ bichos venenosos, como saõ a Ilha de Irlanda, e a terra chamada Sem veneno nas costas de Bretanha: em huma das Ilhas Orcadas ha bichos venenosos, porém sahindo da Ilha morrem logo, e na Ilha Schetland naõ se cria bicho venenoso, e todo o que vay de fóra morre, tanto que entra na Ilha: na campanha de Ausburgo naõ se criaõ ratos; e outras terras naõ tem aranhas; em muitas (como he Troyes em França) nem huma só mosca se vê no açougue, havendo innumeraveis nos lugares vizinhos: em fim, ha terra, que serve de sabaõ para lavar a roupa, e outra (como toda a da Asia)
pro-

produz arvores ſylveſtres, cujos fructos ſeccos, e depois molhados, fazem eſcuma mais clara, e mais do que o ſabaõ de pedra, e ſó com iſſo ſe lava bem o algodaõ.

Eſtou paſmado, diſſe o Romeiro, porém ſó reparo que, havendo tantos mil annos que eſte pequeno mundo dá terra para hervas, flores, e fructos, e para tudo o mais que nelle vemos, naõ ſe tenha gaſto mais de ametade, quando ſó a grandeza das arvores, que a terra tem dado de ſi, baſtava para lhe gaſtar huma grande parte. Diz bem, meu ſenhor, diſſe o Hermitaõ; porém ſaiba, que tudo o que a terra produz, mais dia, menos dia, ſe converte outra vez em terra; e álèm diſſo as arvores, fructos, e tudo o mais, quaſi toda a ſua ſubſtancia ſe gera da agoa, porque eu conheci hum homem em França; que pôs em hum vaſo duzentos arrateis de terra ſecca no forno, lançou-lhe agoa da chuva ſempre, e plantou-lhe huma eſtaca de ſalgueiro, que pezava cinco arrateis, no fim de cinco annos pezou o ſalgueiro cento e ſeſſenta e nove arrateis e tres onças, e a terra outra vez ſecca no forno pezou o meſmo que antes, menos duas onças: donde ſe vê que dos cento e ſeſſenta e quatro arrateis e tres onças, que creceo o ſalgueiro no pezo, ſó duas onças deveo á terra, que ſedo lhas havia reſtituir em folhas ſeccas; e tudo o mais deveo á agoa da chuva: iſto meſmo vemos nas cebolas das flores, que mettidas ſó em agoa, daõ flores, como ſe eſtiveſſem na melhor terra; e a meſma experiencia fiz eu ja em trigo,

e ce-

e cevada em vasilha de muito pouco fundo em lugar quieto, e com agoa da chuva, porque essa traz em si as partes mais subtîs que exhala a terra nos vapores continuos. Em fim, se quereis ter noticias sagradas, e curiosas de todo o mundo, vinde ás outras conferencias, que isto hoje foy nada, em comparaçaõ do que falta para vos dizer.

FIM
DA SEXTA PARTE.

LISBOA
MDCCLVIII.
Com as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA II.

NO dia vinte e ſette de Setembro ſe juntáraõ os Academicos, com elles o Romeiro, e o Filoſofo continuou a inſtrucçaõ, que lhes déra na Conferencia paſſada, dizendo: Eſte mundo pois, irmaõ, naõ he maciço, e ſolido, mas ſim todo por dentro oco, e compoſto de cavernas, e abobedas, algũas tamanhas como Provincias, outras como Cidades; humas de muitas legoas de comprimento, outras menores, pelas quaes, como ſe foſſem vêas de hum corpo, correm ſempre rios de agoa, e de fogo, e outras eſtaõ cheyas de betumes, e minaraes, e outras finalmente vaſias, mas cheyas de ar groſſo, fedorento, e capaz de matar. Eu ſou, diſſe o Ermitaõ, teſtimunha de que por baixo da rua de S. Joſeph de Lisboa, onde morey, paſſa hum rio caudaloſo, e os homens, que rebaixaraõ o meu poço, tiveraõ medo de cavar, porque ouviaõ a violencia com que o rio corria debaixo dos ſeus pés: o rio Guadiana ſome-ſe, e vay ſahir dahi

a muitas legoas com mais agoas, que recebe de outros rios debaixo da terra: o mar Caſpio he hum lago de duzentas legoas de comprido, e cente e quarenta de largo, no qual entraõ innumeraveis rios, e regatos, e por mais agoa, que nelle entre, nunca trasborda, ſinal de que por baixo da terra vaõ as agoas para outra parte, e todos aſſentaõ que as ſuas agoas vaõ ſahir ao golfo Perſico, que diſta mais de duzentas legoas de terra firme; e iſto ſe prova, porque no mar Caſpio ha muitos ſalgueiros, e no golfo Perſico nunca tal houve; porém nos mezes de Dezembro, e Janeiro apparecem no golfo Perſico innumeraveis folhas de ſalgueiros todas as horas, as quaes neſte meſmo tempo cahem dos ſalgueiros do mar Caſpio, e com a corrente das agoas vaõ ter a huns ſorvedouros, que o dito mar tem junto a Keilaõ, e no golfo Perſico ha hum fervedouro, por onde ſahem as ditas folhas, e ferve agoa com tal violencia neſta ſahida, que ſe ouve o eſtrondo oito legoas ao longe: o mar Negro diſta do mar Caſpio cem legoas, e ſabe-ſe que as agoas do mar Negro vem a parar por baixo da terra ao mar Caſpio: o mar Mediterraneo diſta muitas legoas do mar Vermelho, e certamente ſe communica hum com o outro: o lago de Cuba he ſalgado, porque ſe communica com o mar por baixo de duas legoas de terra, e tudo o que nelle cahe vay ſahir ao mar; o meſmo vi eu no lago de Livadia na Grecia, e me contáraõ dos rios Ghiro, e Zir: o Nilo tambem corre por baixo da terra muitas legoas: o rio Negro em Africa ſeis ve-

zes se sóme, e seis vezes torna a nascer em grandes distancias; o mesmo faz o rio Agmete junto a Marrocos, o Rodano em França, e outros innumeraveis, e até no nosso Reino do Algarve o rio, ou ribeira de Ator faz o mesmo. em Modena acha-se agoa em qualquer sitio da Cidade na altura de sessenta e tres pés; e o mais he que, antes de acharem a agoa, encontraõ arvores, pedras de edificios antigos, e muitas conchas, tanto porém que chegaõ ao ultimo banco de pedra; succede-lhes o mesmo, que succedeo no meu poço na rua de S. Joseph, batem na pedra, e ella retine, como fazem as abobedas, e sentem correr por baixo hum rio com violencia, desorte que toda a Cidade está fundada sobre huma abobeda de pedra, obra da maõ de Deos, e por baixo da abobeda corre hum rio monstrüoso: esta he a Cousa, porque muitas Cidades se tem subvertido com terremotos, e em lugar dellas ficáraõ lagos notaveis: assim succedeo á Cidade de Santa Eufemia no anno de 1638, e no anno de 1693 a muitas Cidades, Villas, e Aldeas de Sicilia, onde ficou hum grande lago, no fundo do qual ainda hoje se vê muita parte dos edificios, que se fundiraõ; o mesmo succedeo em Romanîa, Napoles, e Escocia no fim do seculo passado; e em 1660 na Provincia de Cester se converteo em hum grande lago de agoa salgada hum campo de seis legoas de comprimento, e duas de largo: em 1556 se submergio huma Provincia inteira na China, e ficáraõ varios lagos; o mesmo principio teve o lago de Tensing, e o de Junnam:

 quan-

quando se subverteraõ as Cidades, de que resultou este lago, morreraõ innumeraveis pessoas, e só escapou hum menino, que estava em hum berço, o qual lhe servio de barco, e com o movimento da agoa chegou á terra enxuto deitado no berço: destes rios subterraneos nascem todas as fontes, e por isso falta em muitas, e nos poços a agoa no Veraõ, porque faltaõ as chuvas, com as quaes crescem estes rios, e por isso ha lagos, e fontes nos montes mais altos; como se vê no Helicon, donde nasce a fonte Hypocrene; e junto ao monte ha hum sitio, onde os animaes com as pégadas abrem fontes, tal he a abundancia de agoas: outras agoas das fontes certamente vem do mar, as que vem bem coadas por terra, cascalho, pissarra, ou area, saõ doces; as que vem por canos largos, saõ salgadas, como eu vi huma fonte na Ilha da Cuba de agoa taõ salgada, que entrando na sua corrente muitos regatos de agoa doce, ella sempre he salgada até entrar no mar outra vez; pelo contrario, no fundo do mar salgado ha fontes de agoa doce, como vi no mar Caspio, aonde no seu fundo nasce huma com tal violencia, que aparta a agoa salgada para os lados, e della fazem provimento os navios, e o mesmo succede junto á Ilha da Cuba: na Ilha de Ormuz naõ ha agoa doce, e para a beberem a vaõ buscar ao fundo do mar, para o que tem homens praticos, e grandes mergulhadores, os quaes levaõ odres vasios, e os trazem cheyos de agoa excellente; e D. Manoel Mendes Henriques, Regente do nosso

Rey

Rey em Bendercongo, que refere o caſo; foy hum dos que por curioſidade foy enchér hum odre. Perto de Scuttari na Grecia, ha hum rochedo no meyo do mar, que terá vinte e oito braças em circuito, e nelle huma fonte de agoa doce, e o meſmo ha em Eſcocia na boca do rio Frit: na Provincia de Londan eſtá a Ilha de Bas, que he toda hum grande rochedo, e no mais alto delle ha huma excellentiſſima fonte. Baſta, irmaõ, diſſe o Soldado, deſtes rios, e fontes ha innumeraveis, e eu tenho viſto muitos; naõ me admiro tanto diſſo, como do que fizeraõ os homens, porque aquillo he obra de hum Deos, que excede todo o paſmo, e admiraçaõ: porèm hum vil bichinho, como he o homem, fazer fontes, como eu vi em França, e Italia, que fazem huma harmonia, como Orgaõ; outras, que formaõ abobedas de tal ſorte, que paſſea a gente por baixo da agoa ſem o Sol a aquentar, nem a agoa lhe tocar, outras, que cantaõ como pintaſilgos, canarios, rouxinoes, e outras aves; outras atemorizaõ fazendo as vozes de animaes ſylveſtres, que apenas ſe ſoltaõ as agoas para os aqueductos dellas, fogem todos os que eſtaõ nos jardins, cuidando os vem comer leoens, urſos, e outros animaes; outras que parecem bandeiras, e paſſaros: em fim, a mais rara, e arteficioſa, he a que vi na quinta dos Medicis, a qual, naõ obſtante o padecer ja ſua ruina, ou falta de agoa, diz com ſufficiente voz as palavras Ave Maria: em outro tempo, quando a agoa ſahia com mais violencia, dizem era a voz taõ clara, e

diſ-

diſtincta, que parecia de huma donzella boa cantora, agora ainda ſe percebe, ainda que menos aguda, e clara: em fim na Corte vi eu huma fabrica, de que poucos ſey eu tem noticia, e he das couſas mayores, que vi pelo mundo: defronte da porta do Caſtello de Lisboa, chamada de Alfofa eſtaõ humas caſas, que foraõ do Deſembargador Manoel Pinto de Mira, e de ſeu filho o Deſembargador Joſeph Pinto de Mira Falcaõ, que ja acabou ſantamente na Congregaçaõ do Oratorio, eſtas caſas tem hum quintal com parreiras, e muro para a parte do Seminario de S. Patricio, e nelle huma pequena eſtrebaria, na qual tem huma ciſterna, que tal naõ he, nem foy, nem ſerà facil ſaber-ſe o ſeu principio, e o que hoje he, tem bocal de poço de pedra, que lhe fizeraõ ha poucos annos; porém moſtra que foy achada por acaſo, porque a abobeda he monſtruoſa, e moſtra que foy quebrada para ſe ver o que continha, he taõ grande, que dizendo-ſe huma palavra no bocal, a repete o ecco inteira, e clara quaſi hum quarto de hora, tem tanta agoa, que nunca com bombas ſe pode diminuir, e menos eſgotar; he tal a ſua grandeza, que ſe crê occupa por baixo a mayor parte da Cidade, e que vay parar ao mar, eſte juizo fez hum buzio, que andou nella hum dia inteiro buſcando o cadaver de hum moço, que nella ſe affogou; e hum Sacerdote, que morou neſtas caſas, deſceo pelo bocal atado com huma corda, e hum archote accezo, mas apenas vio a grandeza do ſeu ambito, e a monſtruoſidade das columnas, aſſim no nume-

numero, como na groſſura, perdeo o alento, e pedio que o ſubiſſem logo. Com hum prumo ſe conhece que tem eſcadas grandes debaixo da agoa da parte da rua, onde ſe preſume foy a porta algum dia; nunca diligencia alguma humana pode deſcobrir donde lhe vem a agoa, e aliás com o mais leve choveiro ſe ouve dentro tal ſuſſurro, como a corrente de hum caudaloſo rio; e he tal a abundancia de agoa, que recebe no Inverno, que ſendo a ſua grandeza tal, que certamente occupa por baixo todo o Caſtello: e todo o mais da Cidade até o mar (como julgou o buzio) trasborda a agoa o bocal neſſe tempo: muitos julgaõ que iſto foy o mais celebre templo do Gentiliſmo na Luſitania; outros, que a primeira, e mais decantada meſquita, e que a entrada era pela rua de S. Criſpim. Ignoro que damno lhe fez o terremoto; mas julgo ſer a fabrica mais digna da averiguaçaõ dos curioſos deſte Reino, e callo o mais que della contaõ os que moráraõ neſtas caſas! Grande fabrica (diſſe o Filoſofo) porém nós ſó tratamos agora das que ſaõ obras da natureza, e em outra Conferencia fallaremos nas da arte, e entaõ ſabereis que eſta he nada á viſta das outras. A gruta das Serpentes junto a Roma, chamada *Banhos Seccos*, tem mais de duas mil columnas, obra da natureza, que ſuſtentaõ cavernas grandiſſimas, e medonhas chêas de viboras, e todas ellas reſpirando hum calor, como de enxofre; poucos ſe tem atrevido a ver as grandes, e interiores, nas pequenas entraõ os enfermos nus, ſuaõ muito, e adormecem ſuando, vem as viboras lamber o ſuor,

ſuor, e acorda o enfermo ſaõ. Iſſo naõ póde ſer; (diſſe o Soldado) lede vós (diſſe o Filoſoſo) o Padre Kirker *de Magnete*, e lá o achareis, e na Conferencia que vem vos obrigarey a crer, e a paſmar.

FIM

DA SEGUNDA PARTE.

LISBOA

MDCCLVIII.

Com as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA III.

NO dia quatro de Outubro ſe ajuntaraõ os Academicos no ſitio da Conſolaçaõ, e com elles hum paſſageiro, que vinha de Peniche para as Caldas da Rainha: e começando a Conferencia, pela neceſſidade que tinha dos banhos, e deſejo de ſaber o que eraõ Caldas; e os ſeus effeitos, diſſe o Filoſofo: Eſtimo a voſſa pergunta, porque eſta he a materia, que pertencia á prezente Conferencia, viſto ſe tratar da creaçaõ do mundo, e do que elle he por dentro, e por fóra: Caldas ſaõ todas as agoas nativas, quentes, ou tepidas, como caldos, deſtas ſaõ as da Rainha junto a Obidos, as de S. Pedro do Sul, as do Gerez, as de Guimaraens no Minho, e as de Monchique no Algarve. Diſſo (reſpondeo o Ermitaõ) ſó eu vos poſſo informar: na Italia ha innumeraveis Caldas, ſó na Etruria ſe contaõ mais de quarenta; em Calabria, em Napoles, e Sicilia a cada paſſo; em Alemanha ſaõ cincoenta e

tres as mais celebres; em Hefpanha as Caldas delRey junto a Toledo, e outras a que chamaõ *Hava fons*, cujas agoas confomem tudo o que fe lhes lança dentro. Junto a Roma no caminho de Tivoli ha hum grande lago chamado *La Solphorata* albula, tem a fuperficie da agoa fria, e por baixo taõ quente, que mata, e queima qualquer animal, que lhe lançaõ dentro: junto à Viterbo ha hum lago chamado *Bullicano*, que ferve continuamente, mais que hum caldeiraõ fobre o fogo: em Napoles duas legoas alèm de Puzollo ha hum horrivel valle, que fe fuftenta fobre huma abobada formada pela natureza, por baixo da qual corre hum rio de agoa taõ quente, que fe lhe lançaõ dentro hum caõ vivo, em pouco efpaço tiraõ fó os offos: o mefmo fuccede nas furnas da Ilha Terceira, que faõ huns lameiros, que fempre eftaõ fervendo em hum valle: em fim a mais célebre agoa de Caldas, que creyo tem o mundo, he em França, vulgarmenre chamadas as agoas de *Aix-la Chapello*, porque tem tanto enxofre, e vitriolo, que fe lhe mettem hum vazo de prata dentro, fahe dourado, e affim dura muitos dias; e na cerca dos Padres Barbadinhos de Plombiere ha huma fonte, aonde apparecem algumas vezes humas folhinhas de ouro, ou douradas; e abrindo-fe hum tumor, que tinha no peito certo Reilgiofo, que bebia defta agoa, o humor, e materia, que fahio da fizura, dourou os inftrumentos do Cirurgiaõ, e julgáraõ fer a caufa o muito enxofre, e caparroza, que tem a dita

agoa

agoa o certo he, que procede da miſtura que nella ha, ou ſejaõ metaes, ou mineraes; porque a experiencia nos moſtra, que alho pizado e exprimido, miſturado com açafraõ faz hum tal licor, com que podeis dourar toda a obra de eſtanho novo, ou bem limpo: o meſmo faz o verniz chamado douradura, de que uzaõ os pintores, dado ſobre a prata verdadeira, ou falſa, e melhor ſe vê nos Guadameſſins. Eſtou paſmado; (diſſe o enfermo) porém deſejara que o Senhor Filozofo me diſſeſſe qual era a cauſa de ſerem eſſas agoas taõ quentes. As cauſas certamente, ou ſaõ unicamente os fogos ſubterraneos, ou humas vezes eſtes, e outras vezes as minas de enxofre, e ferro, por onde paſſaõ as agoas; e a razaõ, que ha para ſuſpeitar eſta cauſa, he ſabermos de certo que o enxofre miſturado com limalha de ferro, e feita maſſa com agoa fria, aſcende-ſe, e arde. Naõ duvido (diſſe o Ermitaõ) que algumas vezes ſeja eſſa a cauſa; porém o mais certo he, que eſſe calor o adquire a agoa paſſando por cal, que ha debaixo da terra, iſto vi eu em Inglaterra: na Provincia de Sommerſet, na Cidade de Bath, ha humas Caldas muito quentes, conhece-ſe que o calor lhes vem da dita cal, porque ha muita neſte ſitio, e em outros vizinhos, e ſe lançaõ hum bocado deſta cal em agoa fria ferve a agoa com igual calor, e violencia, como ſuccede com a cal artificial em pedra lançada em agoa fria: nem outra póde ſer a cauſa, porque em Italia os barbaros de Cicers junto aos campos de

Luculla, ſendo dous olhos de agoa, hum junto ao outro, hum he exceſſivamente calido, outro frio em demazia; iſſo póde ſer (diſſe o Filoſofo) porque huma paſſara por ſalitre, enxofre, e ſal, porque hum pucarro enterrado neſtes tres mixtos pizados, e miſturados, e tudo bem unido dentro em huma tijéla funda, e poſta ao fogo, em breve tempo congelaõ a agoa do pucaro: e o modo de fazer agoa de neve na Perſia, he lançar baſtante ſalitre em huma gaméla de páo, e metter-lhe dentro huma garrafa de eſtánho, e move-la ao redor por muito tempo dentro do ſalitre; porém a cauſa verdadeira, e commũa ſaõ os fogos ſubterraneos, porque as Caldas de Perguſe, e Memphite em Sicilia, creſce-lhes o calor, quando o monte Etna eſtá mais furioſo em lançar fogo, fumo, e cinza, e as agoas trazem cinzas fedorentas, como as do Etna: em fim eſte mundo eſtá por dentro todo cheio de rios de fogo, os quaes dezabafaõ por innumeraveis boccas; na Europa, pelo Etna em Sicilia, o Veſubio em Napoles, o Hecla na Islandia, o Pico nas noſſas Ilhas, outro nas de Cabo Verde chamada a Ilha de Fogo, na Africa o Chanigualdo no Reyno de Fez; outros quatro montes lançaõ fogo nos Reynos do Congo, e Angola; e em Guiné outros quatro; na Nova Heſpanha, e ſuas Ilhas do mar Pacifico ha quinze montes, que vomitaõ fogo; o meſmo ſe vê na Nova Granada; e na California, no Japaõ, nas Ilhas Malucas, nas Philipinas, na Sumatra;

na

na Persia, e nas Ilhas da Polvareira de innumeraveis boccas de fogo, humas em montes altissimos, outras em menos altos; destes fogos subterraneos procedem os terremotos; todas as vezes que se accende muita materia junta, e naõ cabe o rio de fogo pelas estradas, e cavernas da terra, treme até romper em algum sitio mais fraco, e lançar fóra o fogo, e pedras, metaes derretidos, enxofre, salitre, e betumes. Se isso assim fosse (disse o enfermo) ninguem habitaria nas terras, aonde ha esses montes, que vós dissestes, porque esses rios de fogo naturalmente haõ de dezabafar por todos elles nas occasioens, em que se accende mais materia, e está sahindo dos montes, ha de fazer grave damno aos que habitaõ os valles: assim he (respondeo o Ermitaõ) porque no anno de 471 lançou o Vesuvio fogo, fumo, cinzas, e pedras em braza, com tal furia, que chegaraõ as cinzas a Constantinopla, que fica dalli distante cento e noventa legoas; e o mesmo succedeo em 1631, 1638, e 1690, nos quaes arrazou, e reduzio a cinzas todas as povoaçoens vizinhas, e arvoredos; e ainda isto naõ he o mais, he sim o que eu vi, quando estive em Napoles, mandou o Rey, que hoje governa, fazer huma caza de campo em hum sitio de arvoredos excellentes, e lavoura, distante do Vesuvio, e cavando para os alicerses, acháraõ huma Cidade inteira populoza, donde se extrahiraõ excellentes obras Mosaicas, e acharaõ nas cazas os cadaveres seccos de todos os moradores,

e o

e o trigo, vinho, e azeite, que cada hum tinha para o seu provimento: e consultadas as Historias mais antigas, e especialmente Plinio, assentou-se que era a Cidade de Heraclea, a qual, mil e tantos annos antes do Nascimento de Nosso Senhor JESU Christo, foy cuberta de cinzas ardentes, que vomitou o Vesuvio em taõ breve espaço de tempo, que os moradores (porque seria de noite) em caza ficaraõ todos prezos, e suffocados, porque nas ruas naõ se achou hum só cadaver, e as cazas cheyas delles; e a razaõ de se conservarem os provimentos sem corrupçaõ dous mil settecentos e tantos annos, foy porque o calor das cinzas consumio o ser humido, que he o que corrompe tudo, e como a cinza foy tanta, que fez montes altissimos sobre a Cidade; nunca lá pode chegar ar novo, nem humidade, que os corrompesse: Lembra-me, disse o Theologo, huma invençaõ de outra Cidade no Reyno do Algarve no dia do terremoto do primeiro de Novembro de 1755 entre a Cidade de Lagos, e a Villa do Bispo, eu andey á caça muitas vezes por cima della, o mar a descobrio no dia do terremoto, assim como tambem descobrio a Villa antiga de Portimaõ: nunca se pode saber que Cidade he esta, nem como, ou quando a cobrio a terra, desorte, que por cima della eraõ matos; acharaõ-se quasi todos os edificios em altura de tres varas, feito de pedra, e tijolo por fóra de extraordinaria grossura, e gran-
deza

deza, e da mesma as telhas, e columnas de marmore lavradas, aqueductos de pedra, e por dentro de chumbo: memoravel antigualha, que devia conservar-se; porém os rusticos, vizinhos, quasi a tem demolido. Com esta digressaõ nos ficaõ as noticias do Etna para a outra Conferencia, que com ellas será mais gostoza.

FIM

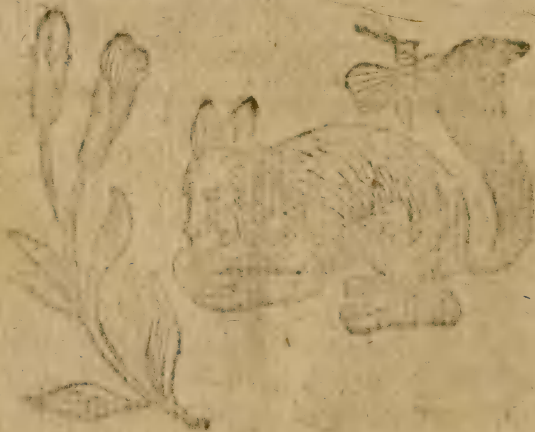
DA TERCEIRA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.
Anno de 1760.

Com todas as licenças necessarias.

Jacinto Julio deceiras

Mor.o

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA IV.

NO dia 20 de Abril ſe juntaraõ os Academicos, e depois de contarem a cauſa, que tiveraõ para ſe naõ verem em tanto tempo, diſſe o Ermitaõ que era neceſſario continuar as noticias do mundo pelo que nelle havia, e ſe gozava, pois ja baſtantemente ſabiaõ o que elle eſcondia, e logo continuou dizendo: Todo eſte Globo eſtá povoado, e ainda a terra deſconhecida, a que muitos chamaõ quinta parte do mundo, e terra incognita Auſtral, ou do Sul, dizem que he muito povoada, e de gente deforme na grandeza; o que porèm ſe goza habitado, e communicavel, dividem os Geografos em quatro partes, que ſaõ: Europa, Azia, Africa, e America. A Europa eſtá quaſi toda na Zona temperada Septentrional, iſto he, da parte do Norte, e a ſua mayor extenſaõ de Norte a Sul ſeraõ oitocentas legoas Francezas, que conſtaõ de tres mil paſſos cada huma, e de Oriente a Poente terá novecentas legoas: as principaes Provincias da Europa ſaõ: Portugal, Heſpanha, França, Italia, Alemanha inferior, que he Flandes, e Olanda em dezaſette Provincias, e Alemanha Superior,

 que

que comprehende a Bohemia, e parte de Dinamarca, a Polonia, a Purssia, Cassubia, Russia Meridional, Podolia, Volinia, Lituania, Livonia, Sumotigia, Massovia, a Ungria, a Transilvania, as duas Moravias, o Ilinio, que contèm a Croacia, Dalmacia, Bosnia, Rascias, e a Grecias: a Romania: a Servia, a Bulgaria, a Tartaria menor, e parte do Estado de Moscovia: a Escandinavia, que contèm os Reinos de Noruega, Suecia, e Dinamarca: de todos estes Reinos, e suas fundaçoens vos darey noticia a seu tempo, e o senhor Soldado contará as guerras, que em todos elles tem havido, e os Reys, que os tem governado. Estes Reinos, Republicas, e Provincias se governaõ por differentes modos, o mais nobre he o Monarchico, o segundo o Dispotico; o terceiro o Aristocratico, o quarto o Democratico: o primeiro se uza em Portugal, Hespanha, França, &c. o segundo na Turquia, e Moscovia, o terceiro em Veneza, o quarto em Olanda, e nos Esguizaros, e tambem ha governo misturado de Monarchico, e Aristocratico em Alemanha, Inglaterra, e Polonia. O governo Monarchico, he aquelle que maneja hum só Rey conforme as Leys estabelecidas por seus antecessores, e por elle: o Dispotico, he aquelle, em que o Monarcha dispõem livremente da vida, e morte de seus subditos, sem formalidade, nem via de justiça: o Aristocratico, he aquelle, em que só mandaõ algumas pessoas nobres, e mais distinctas do Reino: o Democratico, he aquelle, em que se elegem alguns do povo para que o governem. Nestes Estados da Europa se professaõ varias Religioens, se assim se podem chamar as Seitas distinctas da unica, e verdadeira Religiaõ Catholica Romana: cinco saõ as prin-

ci-

cipaes: a mais antiga, e só verdadeira, he a Catholica Romana; esta seguem Portugal, Hespanha, França, Italia, Flandes, e grande parte de Alemanha, e Polonia: a segunda he a Mahometana, que inventou hum Arabio almocreye vil, rude, e viciozo no anno de 625 chamado Mafoma, e esta professaõ os Turcos, Mouros, Persas, na Azia, e Africa a mayor parte dos seus habitadores: a Grega, que começou em Phocio, falso Patriarcha de Constantinopla, se observa na Russia, em parte da Turquia, e em algumas terras de Polonia: a Lutherana começou no anno de 1517 em Saxonia, e hoje a professaõ Alemanha baixa, Dinamarca, Suecia, Brandemburg; e finalmente em Inglaterra, Olanda, Alemanha, e Polonia se professaõ os erros de Calvino misturados com os de Luthero, e com os de infinitas seitas. Os Soberanos, que hoje dominaõ a Europa saõ: O nosso Fidelissimo Rey Nosso Senhor, o Imperador; o Rey de Hespanha, o de França, o de Polonia, o de Inglaterra, o de Suecia, o Rey de Dinamarca, o Czar de Moscovia, o Graõ Turco, o Rey de Prussia, os sette Eleitores do Imperio, que saõ: os Arcebispos de Moguncia Treviris, e Colonia, o Duque de Baviera, o Conde Palatino do Rhin, o Duque de Saxonia, o Marquez de Brandemburg, e o Duque de Hannover, este Ducado he do Rey de Inglaterra, e o de Brandemburg do Rey de Prussia. As Republicas saõ: Veneza, Olanda, Genova, e Luca com os Cantoens dos Esguizaros. Reparo (disse o Soldado) que naõ fazeis mençaõ dos Estados do Papa, que he o primeiro, e hum dos maiores da Europa, nem do Rey de Napoles, e de

Serdenha. Naõ foy (disse o Ermitaõ) esquecimento; mas sim querer explicar com mais brevidade o principal, e dar mais copioza noticia desses Estados. Acabay, (disseraõ todos) que o tempo he pouco para tanto, dizey brevemente o que falta, e logo nos descrevey o nosso Reino, e fique sendo ley desde hoje, que no principio de cada Conferencia, dareis conta de huma parte do mundo, ou do que nella vos falta por dizer, para assim poderem os mais contar o que tem succedido em todo o mundo, e ficar sendo mais doce esta practica. Saõ pois (disse o Ermitaõ) os mais Estados, o Lansgrave de Hassia Cassel, o Duque de Nevoburg, o Duque de Saboya, o de Florença, o de Parma, o de Modena, Lucemburg, Zel, Brunswich, Volfembutel, e Holstein; e finalmente as Villas chamadas Hanseaticas, das quaes as melhores saõ: Hamburgo, Lubecque, Bermen, Rustock, e outras, das quaes todas faremos mençaõ nas Conferencias futuras. Para dar noticia do nosso Reino, primeiro a hey dar de toda a Hespanha, a qual (segundo Afferden) antigamente se chamou Iberia, por cauza do Rio Ebro, e Hesperia, de donde nasce chamar-se Cabo do fim da terra a ponte de Galliza: póde chamar-se Peninsula, que quer dizer, quasi Ilha, porque o mar a cerca por todas as partes, excepto pelos montes Perinèos, que a dividem de França; terá de comprido duzentas, e sessenta legoas, e de largo cento e sessenta, a largura he desde o Estreito de Gibraltar até o Cabo das Penhas no Principado de Asturias, e o comprimento he desde o Cabo de S. Viçente até Colibre, junto a Perpinhaõ; divide-se Hespanha em quinze partes,
que

que quasi todas saõ Reinos, a saber: Castella Velha, Castella Nova, Estremadura, Leaõ, Andaluzia, Aragaõ, Navarra, Valença, Murcia, Granada, Portugal, Algarves, Galliza, Asturias, Viscaya, Catalunha: a Corte he Madrid sobre o rio Mançanares; Villa formosa, e bem situada com bõas ruas largas, e huma excellentissima Praça chamada a Mayor, goza muy saudavel ar, e taõ excellente, que se naõ sente fedor dos cadaveres de animaes, que se lançaõ nas ruas; porèm naõ falta quem diga, que o clima de Lisbôa he muito melhor: Portugal pois tem de comprimento cento e dez legoas, e de largura, aonde mais, cincoenta, divide-se em seis Provincias, que saõ Estremadura, Beira, Traz os Montes, Entre-Douro e Minho, e Algarves: foy dominada toda esta formosa Provincia do mundo, e toda a Hespanha, pelos Romanos, e depois de muitas Naçoens barbaras, a saber: Vandalos, Alanos, Godos, Vice-godos mais de settecentos annos, depois a conquistáraõ os Mouros, e se detiveraõ nella desde o anno de settecentos e onze até o de mil quatrocentos e noventa e dous, em que o Rey D. Fernando ganhou a Cidade de Granada; porèm ainda ficaraõ alguns espalhados, e sujeitos aos Catholicos, os quaes ultimamente sahiraõ no anno de mil seiscentos e dez: agora para instrucçaõ mais pia, continuay vós, senhor Theologo a materia da Conferencia primeira. Pouco (disse o Theologo) se gozou Adaõ do Paraizo, e alguns dizem que só foraõ tres horas, porque o demonio persuadio a Eva, que se comessem do pomo prohibido seriaõ Deozes; ella comeo, e o marido, porque ella o persuadio, e logo se enver-

vergonharaõ de se verem nús, e para se cobrirem fizeraõ vestidos de folhas de figueira, Deos os castigou, sentenciando-os á morte, e a todos os seus descendentes, e condenou os homens a trabalhar toda a vida na terra, e as mulheres á sujeiçaõ dos homens, e dores de parto, fez a ambos tunicas de pelles, em signal da brutalidade, a que os reduzira a culpa, e desordem em que ficavaõ as paixoens contra o entendimento, lançou-os fóra do Paraizo, e pôs Cherubins, e espada de fogo á porta delle, para guardá-lo, e para que o homem naõ comesse da arvore da Vida, e vivesse eternamente: começou logo Adaõ a cultivar a terra; no segundo anno do mundo nasceo Caim, e dahi a cento e vinte e oito annos matou a seu irmaõ Abel, movido da inveja, que lhe cauzou ver que Deos mandava fogo a consumir o que lhe sacrificava Abel, em signal de que lhe era acceito o seu sacrificio; sendo assim, que Abel santo, e sincero offerecia as melhores rezes do seu rebanho, e Caim só offerecia fructos: passados poucos annos edificou Caim a primeira Cidade do mundo, chamada Eunachia, em memoria de hum filho seu, e pouco depois nasceo á Adaõ ó terceiro filho, a quem chamou Seth: no anno de seiscentos e oitenta e dous, foy Caim morto por seu terceiro neto Lamec, o qual sendo ja velho, e cego, ainda hia á caça guiado por hum moço, este lhe disse que no mato se movia huma féra, e elle disparando logo, para a parte que o moço lhe disse, huma flecha, matou a seu terceiro Avô Caim. Neste seculo floreceraõ Tubalcain primeiro ferreiro, Noema primeira tecedeira, e Jubal primeiro musico, e inventor da cithara, e orgaõ: no anno
de

de novecentos e trinta morreo Adam, e no anno feguinte Eva; no anno de novecentos e trinta e fette arrebatou Deos a Enoc, para onde fe naõ fabe, fabendo-fe que vive, e que ha de vir prégar contra o Anti-Chrifto: nefte tempo começaraõ os Gigantes, e fe vio o mundo fepultado nos vicios mais enormes: no anno de mil e cincoenta e fette nafceo Noé, ao qual na idade de quinhentos annos mandou Deos fazer a Arca, a qual tinha trezentos covados de comprimento, cincoenta de largura, e trinta de altura, acabava o tecto na largura de hum covado, tinha huma janella, e huma porta em hum lado, cazas, e repartimentos para Noé, feus filhos, e noras, e para todos os animaes: cem annos gaftou Noé em fazer a Arca, e tendo feiscentos annos de idade entrou nella com fua mulher, e tres filhos, e tres noras: entraraõ logo todos os animaes, advertindo, que dos animaes immundos, que faõ os que naõ remoem, e naõ tem unha aberta, entraraõ fó dous de cada efpecie, macho, e femea, e dos mundos, que faõ os que tem unha aberta, e remoem, entraraõ fette machos, e fette femeas, fechou Deos por fóra a porta da Arca, e choveo quarenta dias, e quarenta noites; fubio a agoa quinze covados fobre os mais altos montes, e morreraõ todos os homens, mulheres, brutos da terra, e aves: cento e cincoenta dias eftiveraõ as agoas no mefmo eftado: aos vinte e fette dias do mez fettimo, com as diminuiçoens das agoas defcançou a Arca fobre a ferra de Ararat, nos montes de Armenia, no primeiro dia do mez decimo appareceraõ as cabeças dos montes, e paffados quarenta dias abrio Noé a janella da Arca, e lançou

fó-

fóra o corvo, que naõ appareceo mais, lançou tambem a pomba, a qual de tarde veyo com hum ramo de oliveira verde no bico: em fim, no anno de mil seiscentos e cincoenta e sette sahio Noé da Arca, levantou Altar, offereceo sacrificio, lançou-lhe Deos a bençaõ, e a seus filhos, deo-lhes licença para comerem carnes, e peixes, mostrou-lhes o arco Iris, e disse-lhes, que era signal de que naõ castigaria mais o mundo com diluvio de agoa: na Conferencia que vem darey conta do que succedeo desde o diluvio té a vinda de Christo Senhor Nosso, cuja Santissima vida desejo contar-vos, porque seguro na sua noticia o mayor bem para todos, e ouvireis as mais gostozas noviddes.

FIM

DA QUARTA PARTE.

LISBOA:

Com todas as licenças necessarias

Anno de 1758.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA V.

JUntáraõ-ſe no dia 28 de Abril com varios Romeiros, e o Soldado referio a noticia, que tivera do Algarve no ultimo correyo, em que lhe diziaõ peſſoas fidedignas, que no caminho de Villanova de Portimaõ para Tavira deſcobriraõ os caens duas mulheres mortas, nuas, e ſuperficialmente enterradas, huma já velha, e outra de quinze annos, com hum manguito encarnado em hum braço, as quaes eraõ mãy, e filha de hum ferreiro Caſtelhano, morador ha muitos annos em Villanova, o qual as entregou a dous Caſtelhanos ſeus amigos, e caſados com parentas ſuas, para as conduzirem a viſitallas, como ja outras vezes tinhaõ feito no lugàr do Azinhal junto a Caſtromarim, onde elles, e as parentas viviaõ, por eſtarem criminoſos em Caſtella: os cabedaes, que levavaõ, eraõ os veſtidos aſſás ruins, hum toſtaõ, e huns botoens de ouro pequenos. Paſmou o Ermitaõ, ouvindo iſto, e exclamou, dizendo: Valha-me Deos, o mundo eſtá perdido! Os homens, como nunca, eſtaõ prevaricados em tudo, e de to-

do! Socegue, irmaõ, (disse o Theologo) e crêa o contrario; que o mundo agora, á vista do que foy, parece santo, e os homens saõ melhores do que foraõ os antigos. Quando Deos castigou o mundo com o diluvio, só havia oito pessoas justas, que eraõ Noé, sua mulher, seus tres filhos, e tres noras: e hoje quantos mil justos haverá? Apenas se acabou o diluvio, e houve bastantes homens, e mulheres, (ainda em vida do mesmo Noé) fizeraõ huma torre para chegar ao Ceo: Nembrod tyrannizou a liberdade dos homens, fazendo-se Rey, e sujeitando-os; alguns dizem que elle em sua vida os obrigara a que o adorassem, outros que Nino seu filho os violentara a que adorassem a estatua de seu pay: o certo he, que entaõ começou a idolatria, que dura nos Gentios atégora, negando o culto ao verdeiro Deos, e adorando os homens, e mulheres de mayores vicios, os demonios, os monstros, e os brutos: os Israelitas escolhidos por Deos para seu povo, extrahidos do cativeiro com tantos prodigios, e vendo no deserto a cada passo tantos, adoráraõ hum bezerro de ouro: estabelecidos que foraõ na terra de promissaõ, adoráraõ innumeraveis vezes os idolos dos seus visinhos, e cresceraõ desorte em vicios, que foy necessario destruir huma Tribu inteira, em castigo da lascivia: ao mesmo tempo era tal a tyrannia dos Reys visinhos, que Adonizebezec Rey de Jerusalem tinha debaixo da sua meza a sette Reys com mãos, e pés cortados: em fim tantos foraõ os vicios, e idolatrias daquelle povo, que até Salomaõ idolatrou, e muitos dos seus descendentes; atè que depois de serem muitas

tas vezes caſtigados com muitos, e differentes cativeiros, foy deſolada toda a terra de promiſſaõ pelos Caldêos, e pelos Aſſyrios: depois foraõ governados por Pontifices, e Capitães; porém taes, que Ariſtobùlo hum delles matou de fome a ſua māy; e foraõ taes as avarezas, e luxurias publicas, e eſcandaloſiſſimas, que em caſtigo os ſujeitáraõ os Romanos, os quaes fizeraõ Rey de Judéa a Herodes, que degollou todos os meninos do Reino, e ſeu proprio filho; e naõ obſtante iſſo, os Judeos o adoraraõ por Meſſias, e Filho de Deos, chamando-ſe Herodianos os deſſa maldita ſeita: em fim, vendo os innumeraveis prodigios de Chriſto Senhor noſſo, infamaraõ-no, e tiraraõ-lhe a vida; e ainda depois de ſaberem de certo que tinha reſuſcitado, o quizeraõ deſmentir, e infamar á força de dinheiro. Agora olhay para as outras Monarquias do mundo nos meſmos tempos: a dos Aſſyrios, já ſabeis que começou em Nembrod tyranno, e primeiro idolatra; foy augmentada por Semiramis taõ vicioſa, e tyranna, que dizem ſe deshoneſtava com ſeu filho, e com todos os que appetecia, e depois os matava: e que fariaõ os vaſſallos idolatras com eſte exemplo! A Monarquia dos Médos fabricou-ſe de levantamentos dos vaſſallos dos meſmos Aſſyrios, crimes os mais horrendos: ſeguiraõ-ſe os Perſas pelo meſmo caminho, tirando os Reinos aos ſeus verdadeiros ſenhores, matando os filhos aos pays, e os irmãos hũs aos outros, para que eſtes os naõ mataſſem tambem; deſorte, que com o exemplo deſtes ſuccedia o meſmo nos vaſſallos, e ſó duravaõ os pays em quanto os naõ podiaõ matar os filhos; ſó durava o

 mor

morgado, ſe naõ tinha irmãos que o mataſſem, e os filhos ſegundos, em quanto os naõ matavaõ os morgados: acabou eſta Monarquia com a morte de Dario, e de tantos milhares de homens: appareceo a dos Gregos, mas como? O ſeu primeiro Imperador foy Alexandre Magno, eſte furtou tudo a todos, conquiſtou quaſi todo o mundo, tirou aos Reys os Reinos, e os theſouros, e os ſeus Soldados roubaraõ os vaſſallos de todos os Reinos; diſſe que era Deos, e filho de outro Deos; em fim partos de laſcivia, e vinho demaſiado, vicios publicos nelle, e no ſeu exercito. Morto Alexandre, e dividido o Imperio entre ſeus Capitães, foraõ taes as guerras, os vicios, e os furtos, que huns faziaõ aos outros de Reinos, e Provincias, theſouros, e liberdade dos vaſſallos, que Aſclepiodoro, homem ſabio de Alexandria, foy por curioſidade ver eſtes miſeraveis Reinos, e em todos elles diz que ſó achara tres homens, que viviaõ com alguma moderaçaõ de coſtumes: deſtruiraõ eſta Monarquia os Romanos, ſó com a differença de excederem nos vicios aos Gregos, e na tyrannia a todos os paſſados; á força de homicidios ſe eſtabelleceraõ; quem queria ſer Rey matava o que governava; até que veyo o governo a parar em Conſules, e Magiſtrados. A idolatria creſceo neſte Imperio á mayor eſtatura, e ſendo homens doutos, foraõ os mais tontos em fingir divindades infames, e ridiculas: a laſcivia foy a mais eſcandaloſa em jogos publicos do deos Baco, e Venus. Seguiraõ-ſe os Imperadores; mas quando haviaõ emendar eſtes vicios, elles meſmos (exceptuando huns poucos) foraõ os que os fomentaraõ

com

com os seus máos exemplos, e taes, que alguns saõ julgados pelos mayores monstros da tyrannia, e lascivia, como Nero, que fez matar sua mãy para ver aonde fora concebido, e naõ houve tyrannia que naõ usasse no Imperio; e Heliogábalo, que rogou aos melhores Medicos, e Cirurgioens, que lhe cortassem o corpo como quizessem, comtanto, que ficasse sendo mulher o resto da sua vida: em fim, quando contar-mos em particular as vidas dos Imperadores, e Reys, será mayor a vossa admiraçaõ, ouvindo por extenso a historias horrendissimas daquelles seculos. Com a vinda de Christo Senhor Nosso levantou o mundo a cabeça, porque houve muitos milhares de Martyres, Eremitas, Anachoretas, e pessoas justas: porèm estes eraõ hum pequeno rebanho a respeito de todo o mundo; e ainda esta felicidade durou taõ pouco tempo no pequeno rebanho dos Catholicos, que quatrocentos annos depois da morte de Christo disse S. Joaõ Chrysostomo em Antioquia, huma das mayores Cidades do mundo nesse tempo, que apenas haveria nella cem pessoas, que vivessem bem, e todos dizem que a Cidade tinha seiscentas mil almas: as palavras do Santo saõ horrorosas, e por isso dignas de se saberem: *Quantos cuidais* (dizia elle ao povo) *que se salvaráõ nesta Cidade? Em tantos milhares com difficuldade se acharáõ cem, que se salvem; e ainda destes duvido: porque quanta he a malicia dos moços! O descuido dos velhos! Nenhum tem cuidado de seus filhos, nenhum põem attençaõ em imitar ao virtuoso velho: o peyor he, que apenas ha a quem imitar, faltaõ exemplares nos velhos, e assim sabem*

tambem màos os moços. Isto dizia S. Joaõ Chrysostomo no Oriente; e Santo Agostinho no Occidente no mesmo tempo dizia: *Quantos saõ os que parece que guardaõ os preceitos Divinos? Apenas se acha hum, ou dous, ou pouquissimos.*

Ora dizey-me agora, nosso irmaõ, que motivo tendes para dizer, que no tempo presente està o mundo perdido, e que os homens estaõ perdidos de todo? Lembray-vos do que me tendes ouvido, e do que tendes visto nos Reinos estranhos, por onde tendes peregrinado. Vistes em alguma Monarquia Catholica, Heretica, Mahometana, ou Gentilica os vicios, e os escandalos, que se viraõ em todas nos passados seculos? Naõ vi (respondeo o Ermitaõ) cousa que com isso se pareça: só no Imperio do Graõ Mogor he que vi alguma tyrannia; porque naõ se castiga a quem paga o crime com dinheiro; e morre o pobre, que naõ tem que dar: mas nas outras Monarquias, (quando eu vos contar o que vi nellas, e tambem no Mogor) vereis que se evitaõ os peccados publicos com severos castigos, e que naõ ha tyrannias, quebrantamento de Leys, nem escandalos; porém estou velho, e tenho lido pouco, e só me lembra ter ouvido, que depois do diluvio chegáraõ os homens a tal estrago de vicios, especialmente de sodomia, que Deos em tres Cidades só achara quatro justos, que foraõ Loth, sua mulher, e duas filhas; e que era tal a miseria dos homens da Cidade, onde Loth morava, que todos foraõ á sua porta a pedir os Anjos, que tinha em casa, para peccarem com elles, porque julgavaõ que eraõ tres mancebos gentishomens, e naõ sabiaõ que eraõ Anjos, que vinhaõ casti-

castigallos, como fizeraõ na manhãa seguinte, e elles toda a noite cegos andaraõ buscando a porta da casa de Loth para saciarem nelles o seu appetite. Se hoje (disse o Theologo) se visse cousa, que por sombras se parecesse com isso, que diriaõ os que tem lido, ou ouvido pouco? Por isso (respondeo o Soldado) he esta Academia só para humildes, ignorantes, e pobres; porém della havemos sahir bem instruidos. Assim o espero; (disse o Theologo) porém adverti que Loth sahio de Sodoma correndo para os montes com mulher, e filhas, por ordem dos Anjos, a mulher olhou para traz, contra a ordem delles, e logo se converteo em estatua de sal, a qual ainda hoje existe no mesmo lugar, e se lhe tiraõ alguma parte, torna a crescerlhe, o que tudo contaõ gravissimos Authores, dos quaes muitos a viraõ: e naõ vos admireis, que mayores cousas vos hey de contar, e verdadeiras todas. Basta por agora.

FIM
DA SEXTA PARTE.

LISBOA
MDCCLVIII.
Com as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA VI.

NO dia tres de Mayo ſe juntáraõ muitos curioſos na Conferencia; porque já começa a convidà-los a delicia do ſitio; e ouvindo os Academicos queixarſe hum Romeiro de que hum parente ſeu tiveſſe hido voluntario para a India, diſſe o Soldado: Vós, Senhor, como naõ viſtes do mundo mais que eſta pequena parte, que he o noſſo Reino, julgais, que tudo, o que naõ he elle, ſaõ mattos, ſerras, e covas de Dragões: pois certamente eſtais enganado; porque, naõ obſtante as delicias do noſſo Reino, e as de todas as Cidades da Europa, que naõ viſtes, e ſaõ para ver, e admirar; as da Aſia naõ lhes tem enveja: tem a Aſia deſde Dardanelos, junto a Conſtantinopla, até o Eſtreito de Jeſſo, quaſi duas mil legoas de comprido, e de largo perto de mil e quatrocentas; occupa hũa grande parte da Zona tórrida, toda a temperada, e algũa parte da Africa; confina ao Norte com o mar Scytico, pelo Oriente com o dos Kaimachi-

f tas

tas, e o da China, pelo Meyo dia com o da India, e o da Arabia, pelo Poente com o mar Roxo, o Isthmo de Sues, o Archipelago, o mar de Memara, o Negro, o de Zambache, o Dom, o Estreito de Veigatz, e o mar Glacial: divide-se a Asia em seis partes principaes, que saõ a Turquia Asiatica, a Persia, a India, a China, a grande Tartaria, as Ilhas notaveis, que saõ as Philippinas, o Japaõ, as Malucas, as da Samatra, as Maldivas, e a de Ceilaõ: todos estes Reinos, e Provincias saõ fertilissimas de toda a casta de animaes necessarios para o sustento dos homens, e de todos os generos necessarios para alimento, e commercio, aromas, adubos, sedas, algodaõ, ouro, prata, diamantes, perolas; em fim das melhores frutas q̃ naõ ha, nem póde haver na Europa; porque as Lexias, que assentaõ todas as pessoas verdadeiras, serem a melhor fruta que ha no mundo no gosto, na innocencia, e na facil digestaõ, porque pòdem-se comer milhares, e apenas sobre ellas se engolio huma pedra de sal, se resolvem logo, e sem dáno, só as ha na China. As mangas, que saõ a segunda fruta do mundo, ainda que em muitas partes se criaõ, só as da Ilha de Goa saõ as primorosas, e as das Provincias de Salsete, e Bardez; porém álém destas tem a India tantas, e taõ excellentes frutas, que só appetecem os Portuguezes lá as da Europa, porque foraõ creados com ellas; e se naõ fosse a sua muita incuria, teriaõ lá todas as da Europa com facilidade, assim como tem as uvas, e figos; porém cuidaõ nisso taõ pouco, que eu vi deixar perder latadas excellentes de parreiras

reiras

reiras, que foraõ de hum Arcebiſpo por deſcuido dos ſeus herdeiros, que até lhe deixáraõ perder os jardins, e cahir os palacios: podem os verdadeiramẽte dizer, que ſó comem com goſto os que vivem na India, já pela abundancia dos guizados, e doces, ja pelo modo, com que os temperaõ, com o qual ſe naõ pódem comparar os Francezes, e Italianos, como eu os ouvî confeſſar; ja finalmente pelo pouco, que cuſtaõ: a delicia dos rios de Goa, e de Battavia excede a de Veneza ſem comparaçaõ alguma, em fim delicia em comer, beber, veſtir, e recreyo para a viſta, ſó o goza quem vive na Aſia livre de frios inimigos da natureza, e com tudo o que he neceſſario para ſer a vida goſtoza: já quem vio a Perſia, aſſenta que nella foy, ou eſtà o Paraizo terreal; porque tem dous Veroens no anno, e nelles todas as frutas da Europa, e Aſia, melhoradas todas naquelle excellentiſſimo clima, onde o ár he taõ ſaudavel, que nem o ſereno, e orvalho faz dãno a quem dorme nos terrados deſpido, nem cria ferrugem o ferro a todo o tempo expoſto: ſobeja para fazeres conceito da Aſia, ver as precioſidades, que lá vaõ buſcar todos os annos todas as Naçoens da Europa em tantas náos, e o pouco que levaõ para lá venderem; advertindo, que diſſo tudo, que levaõ, há na Aſia muito de ſobejo melhorado, e ſó falta em algumas partes por falta de commercio, em outras por negligencia dos habitadores, porque papel, vinho, agua ardente, prezuntos, payos, e queijos, vidros, canivetes &c., em todas as terras da Aſia ſe podiaõ

fabricar, e terem o cõmercio, que podiaõ ter, e naõ tem; da China vem melhor papel do que o da Europa, assim branco, como pardo; prezuntos melhores, que os do Minho, e Beira; vidros, e queijos da China, e da Persia melhores, da mesma Persia o melhor vinho, e agua ardente, que tem o mundo; os melhores ferros, frutos secos, e de conserva, que nelle se viraõ, nos quaes o primeiro, e sem igual, he a Tamara, e o segundo a marmelada: o tabaco naõ he taõ oleozo, como o da America, mas por isso mesmo faz menos dãno, e eu o vî preparar por curiosidade em Bengala, em Macáo, e na Persia, e sò com pouca infuzaõ em assucar, de que tem mayor abundancia a Asia, do que a America, excedia no cheiro o nosso Portuguez, e o Castelhano: no que respeita ás drogas necessarias para as boticas, a Europa necessita de todas as da Asia; e esta todas as da Europa escuza; e só o negará quẽ naõ for Medico, ou Boticario, ou medianamente instruido; só carta dos parentes necessitaõ lá os homens, para mitigar saudades, porq̃ o amor da patria he taõ natural, e activo, que quem nasceo em Scythia, antes a quer gozar, do que Roma: só direis, que faltaõ lá os livros, e a impressaõ para renovalos, e que ha bichos monstruosos, e peçonhentos. Ao primeiro respondo, que a impressaõ da China he melhor do que a da Europa, e eterna; porque assentado o papel em huma taboa, corta o Impressor tudo o q̃ naõ he letra, e feita a impressaõ, se guardaõ as taboas, e dahi a seculos se achaõ feitas para reimprimir as obras; e se bem

as

as ſuas letras cada huma he huma palavra, tambem cada huma tem tantas, e taó ſubtís configuraçoens; que tanto menos trabalho ſem comparação, lhes cuſtaria o cortar as noſſas, ſendo grandes, e boas (como ſaó todas as dos Canarins de Goa, aprendendo alias a eſcrever em folhas de bananeira, ou figueira) do que as ſuas; e em nenhuma parte do mundo ha tantos amanuenſes bons como na Aſia, nem engenhos mais agudos para todas as Artes liberaes, e mecanicas; de que naſce fazerem-ſe lá as couſas mais precioſas com ſumma facilidade, e na Europa com incrivel trabalho: o Carpinteiro ſó uſa de hum ſerrote, hum formaó, huma goiva, hum martello, que he juntamente enxó, e hum buril, e ſó com eſtas ferramentas, ſem banco de trabalho, mas ſim no chaõ, ſuſtentando a peça com os pès, fazem as obras mais primoroſas, e que certamente excedem ás da Europa feitas em muitos dias, e com innumeraveis ferramentas: o meſmo, que ſuccede neſte officio, acontece nos outros, ſupprindo o engenho, e agilidade a falta de ferramentas, que uſaõ os Européos para eternizar as obras. As mais primoroſas ſedas, télas, brocados, e pannos de algodaõ, fabricaõ-ſe nos campos em theáres de cannas, os quaes, acabada a peça, ſe queimaõ, e fazem outros novos para outras: a louça, de que tantas mentiras vagavaõ pelo mundo, já deſcobríraõ os de Saxonia, que era ſó hum barro depurado: os relogios na China tiveraõ o ſeu naſcimento; e ſeculos antes que a Europa deſcobriſſe a polvo-
ra;

ra , a imprenta , e os inſtrumentos para navegar, já tudo iſſo na Aſia era velho : confeço , que tem animaes ferozes , e venenoſos ; porém a induſtria dos naturaes ja lhes acautelou os damnos; os Elefantes vivem nas povoaçoens domeſticos ſervindo para tudo , e eſpecialmente para a guerra, e para oſtentar a grandeza dos Monarcas ; os Tigres reaes , que ainda ſe naõ viraõ na Europa , nem ſe verâõ facilmente , tamanhos , e mayores que grandes boys de Carro , ja temem tanto os homens , que gritando-lhes fogem : os monſtruoſos Lagartos , chamados Jacarés , ainda que nenhum dáno recebem das ballas de eſpingarda , fogem dellas , as Cobras todas fogem do alho , e de diverſas raizes ; os Tigres bibós , bem conhecidos neſte Reino , fogem até das pedradas dos meninos ; ſò a cobra verde naõ tem contraveneno , porém ſaõ taõ raras , que eu em muitos annos ſó vî huma morta , e como ſó mordem dependuradas nas arvores baixas que ſaõ muito poucas , e as eſtradas muito largas , evitaõ-ſe naõ paſſando por baixo dellas de noite ; e em fim paſſaõ-ſe ſeculos ſem a menor noticia de diſgraça ; álem de que , a providencia Divina por varias Provincias da Aſia repartio os bichos ferozes : em Goa ſó hà Tigres bibós , Cobras de capêlo , e verdes , e hum ſó Jacaré ſe vio lá neſte ſeculo , a quem os pretos matáraõ com bambùs toſtados , (ſaõ cannas mociſſas) virando-o de coſtas , e moendo-lhe o peito , e ventre ; no Canará , Bengala , Siaõ Tigres reaes , Elefantes , Boys do matto , na Perſia

ſia nada; na Arabia Leoens; na China, e Japaõ extinguiraõ os animaes ferozes, e peçonhentos; aſſim como os Perſas os Lobos, e os Francezes na Ilha Maſcarenhas os ratos. Toda a barbaridade da Aſia conſiſte na Religiaõ; porque muitos ſaõ Mahometanos, e todos os mais Gentios; porém todos igualmente urbanos, e pacificos na cõmunicaçaõ com os Europèos, que os naõ eſcandalizaõ; que aliás ſentidos, ou exaſperados fazem o meſmo, (e naõ mais certamente) que fazem os Européos huns aos outros: ainda a meſma idolatria da Aſia naõ excede á ridicularia da antiga Romana, antes variando em diverſas Monarquias, na China, Japaõ, e Tartaria conſervaõ muitas verdades miſturadas com as ſuperſtiçoens gentilicas; nas mais tem Mithologia aſſás ridicula, como o Deos Rama, a quem degollou o Deos Viſſé, e naõ lhe achando a cabeça lhe pôs huma de Elefante, e aſſim vive; porém a geraçaõ de Venus, em que criêraõ os Romanos, era mais barbara do que eſta, e quaſi todas. No que reſpeita ás letras, as muitas, e excellentes Univerſidades da China excedem em tudo tanto ás da Europa, quanto a todos os governos da Europa excede o ſeu notavel governo: he a unica Monarquia do mundo, onde ſó ſaõ grandes, e eſtimados os ſábios: entre elles chegou a Medicina á mayor perícia, que nunca atè aqui adquirio na Europa, e taõ natural em tudo, que o Medico he juntamente Boticario; ſe vive o enfermo, pagalhe os medicamentos, e o trabalho; ſe morre,

re, perde tudo o Medico: os Persas tem Collegios, onde estudaõ Arithmetica, Geometria, Astronomia, Filosofia Natural, e Moral, Medicina, Jurisprudencia, Rhetorica, e Poezia: Está acabada a tarde; o melhor nos fica para outro dia, que isto para alliviar a saudade do vosso parente sobeja.

FIM

DA SEXTA PARTE.

LISBOA
MDCCLVIII.
Com as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA VII.

NO dia ſeis de Mayo foy grande o concurſo com a noticia de que neſtas Conferencias ſe evitavaõ murmuraçoens, e ſe adquiriaõ boas noticias. O primeiro, que rompeo o ſilencio, foy o Ermitaõ de Noſſa Senhora do Livramento de Peniche, Sanctuario notavel deſte Reino, de que a ſeu tempo ſe dará noticia; e eſte homem ſincero, e de exemplar vida, diſſe que andava afflicto com a noticia de humas profecias de certa Religioſa de Beja, de que alguns romeiros lhe deraõ noticia, e deſejava ſaber que conceito havia fazer neſta materia. Ao que reſpondeo o Theologo: O conceito, que devo fazer, noſſo irmaõ, de quaſi todas as profecias, que agora ouvir, he que ſaõ illuſoens, embuſtes, delirios, modos de querer adquirir eſtimaçoens, e quando menos, imaginaçoens melancolicas, e hypocondriacas, agouros, e ſuperſtiçoens de mulheres, e de homens de igual capacidade. Ouviraõ dizer, que o dom da profecia era huma graça dada, e que Deos a tinha dado a Gentios,

como foy Balaaõ,e a podia dar a todos, e todos querem ser Profetas; e como este he o melhor meyo para serem estimados, porque nada mais appetecem os homens do que saber futuros, elles imaginaõ, ou fingem huns delirios, e os ignorantes, como nós, accrescentaõ outros. No anno de 1729. appareceraõ em Lisboa as chamadas profecias do Bandarra, humas trovas escuras, e sem pés, nem cabeça, mas em fim eraõ poucas, quando vieraõ de Trancozo, porém dentro em poucos dias succedeo-lhe o mesmo que ás andorinhas; porque se multiplicaraõ de sorte, que eu vi tres folhas de papel dellas, escritas de letra miuda, e já depois do terremoto lhe accrescentáraõ mais, tudo embuste conhecido, e ridiculo. No tempo dos Romanos eraõ innumeràveis os livros das profecias; porèm Octaviano Augusto, Pontifice deste Gentilismo (como refere Suetonio) os mandou queimar todos, excepto os das Sybillas: estas Gentias, julgaõ Santo Agostinho, e S. Jeronymo, que tiveraõ dom de profecia, e que vaticinaraõ a vinda de Christo Senhor Nosso, e varios Mysterios da nossa santa Fé; porém Santo Ambrosio diz, que naõ tiveraõ tal dom, e só espirito fanatico, mundano, e enganozo; veja-se a sua exposiçaõ á primeira carta de Saõ Paulo para os Corinthios no Cap. 2.: em fim Cicero, Plinio, Plutarco, e Diodoro Siculo dizem que houve huma Sybilla, Mariano Capela diz que houve duas, Solino diz que tres, Eliano quatro, e Varràõ dez; a historia Romana diz que a Sybilla Cumea queimara seis livros de profecias, porque Tarquinio Suberbo lhe naõ quiz dar cem escudos por cada livro, e que só ficaraõ

raõ tres, que elle lhe pagou; e para reſtaurar os queimados, ajuntaraõ mil verſos de varias peſſoas curioſas, que diziaõ ſer das Sybillas, e Iſaac Voſſio aſſenta ſerem compoſtos por hum Judeo. Os Oraculos do Gentiliſmo, onde dizem que reſpondiaõ os demonios, he hum finiſſimo embuſte, pois S. Clemente Alexandrino, Euſebio, e até Cicero, e Ariſtoteles julgaõ que as reſpoſtas dos Oraculos eraõ todas pelos Sacerdotes, os quaes ſe eſcondiaõ de traz dos idolos, e fallando por trombetas artificiozamente obradas, pareciaõ as vozes couſa do outro mundo, e que fallavaõ os idolos: Tabernier vio hum deſtes no Reyno de Golconda na India. Eſpere v. m. (diſſe o Soldado:) na India ſaõ innumeraveis os feiticeiros Gentios, e Catholicos; e quando querem que o diabo lhes diga o que ha de ſucceder, juntaõ-ſe em huma caſa, e fazem huma dança, no meyo da qual anda hum homem, a quem pagaõ eſte grande trabalho, na mayor furia da dança entra o diabo no corpo do homem, que anda no meyo da dança, cahe no chaõ, e dá taes urros, e taes pancadas com braços, e pernas que depois eſtá mezes de cama: acabado eſte frenezî, pergunta-lhe cada hum o que deſeja ſaber; ſe ſaõ couſas, que tem ſuccedido já em partes remotas, ás vezes diz a verdade; porém ſe ſaõ couſas futuras, reſponde-lhe huns diſpropozitos taõ eſcuros, que depois quando chega o tempo de ſe verificar a profecia, julgaõ os mizeraveis homens, que o diabo lhes diſſe a verdade, mas que elles a naõ entenderaõ, e que tudo o que ſuccedeo máo, ou bom, iſſo era o que elle queria dizer nas arengas que lhe ouviraõ: chama-ſe eſta funçaõ Bagáta, e

ordinariamente as fazem para saberem quando ha de vir a Nào de Portugal, e quantas Náos vem, quem he o Vice-Rey novo &c. Na Ilha de Salsete do Norte fizeraõ huma no anno de 1727.; houve quem os denunciasse ao Commissario do Santo Officio, que era hum Religioso de Santo Agostinho, este cercou-lhes a casa com huma companhia de Soldados, e escutou o que dentro se dizia; ouvio que todos perguntavaõ ao padecente energumeno, se estavaõ seguros; e o diabo pela bocca delle respondia: *Estaõ segurissimos*; tres vezes lho perguntáraõ, e tres vezes respondeo que estavaõ segurissimos: os insensatos perguntavaõ se estavaõ livres de os colherem os Ministros do Santo Officio, e o diabo dizia que estavaõ segurissimos, porque nenhum delles podia escapar: assim succedeo; porque, batendo logo o Cómissario na porta, foraõ todos prezos, e conduzidos para os carceres do Santo Officio. Já ouvi (disse o Theologo) este caso, e o mais a pessoa, que os vio sahir no Acto publico da Fé em Goa. Porém continuando a materia das profecias, hum tal Alexandre Abonotichita creou huma serpente de Macedonia, onde ha casta dellas, que naõ mordem, e levando-a a Paphlagonia, lhe fez hum templo, e oraculo, dizendo que nelle assistia o deos Escolapio, e dava respostas por escritos a tudo o que por escrito se lhe perguntava: todo o Gentilismo do mundo concorria a consultar o Oraculo, davaõ em papeis as perguntas, e no dia seguinte dava Alexandre as respostas escritas em nome da serpente, com taes obscuridades, e duvidas, que sempre pareciaõ verdadeiras, como as da India nas Bagátas. Rutiliano, ho-

mem principal de Roma, consultou esse celebre Oraculo, perguntando que Mestres havia de dar a hum filho pequeno: respondeo que lhe désse por Mestres a Pythagoras, e Homero, ja mortos havia muitos annos: julgou o pay que isto queria dizer que se applicasse o menino á liçaõ dos livros de hum, e outro; porém o menino morreo antes de saber ler: recorreo logo o pay ao Oraculo, clamando que o tinha enganado; e respondeo Alexandre em nome da serpente, que o deos Esculapio fallara verdade, porque bem claro lhe dissera que havia morrer o menino, pois lhe aconselhara que lhe désse Mestres defuntos. Em fim desta casta foraõ todos os Oraculos: e Cicero, sendo Gentio, diz que se callaraõ todos os Oraculos, depois que os homens deixáraõ de ser tontos. Entre os Romanos, Gregos, Persas, Egypcios, Hyperboreos, e Getas, numeraõ os Authores muitos Profetas; mas, vistos os vaticinios, todos foraõ embusteiros. Entre os hereges succede o mesmo; e ainda no seculo passado se publicáraõ tres, Christovaõ Koter na Silezia baixa, Nicoláo Dravicio na Moravia, e Christina Piniatovia, Freira apostata: em Inglaterra ha a seita dos Quakers, ou tremedores, que todos profetizaõ: em Holanda, e Alemanha ha muitos, que se inculcaõ Profetas. Assim he, (disse o Filosofo) e tudo isso trazem os Authores mais verdadeiros; porém vós naõ podeis negar, que depois da vinda de Christo houve muitos Santos com espirito profetico. Creyo, e confesso (disse o Theologo) que tiveraõ esse espirito muitos Santos, de quem a Igreja faz mençaõ nas suas vidas; porém creyo, que a elles mesmos, que foraõ Profetas verdadeiros,

dadeiros, lhes imputaõ muitas profecias falſas, dizendo, e publicando que ſaõ delles, os embuſteiros, que as fabricaõ: taes ſaõ as profecias chamadas de S. Malachias, dos Papas, e Reys até o fim do mundo: eſte Santo he certo, que foy Profeta; morreo no anno de 1148, e as Profecias appareceraõ no anno 1595, em que as imprimio Arnoldo Vvion: as dos Reys ainda appareceraõ muito depois: S. Bernardo foy contemporaneo de S. Malachias, eſcreveo-lhe a vida largamente, e naõ falla em taes Profecias; Arnoldo diz que lhas dera Frey Affonſo Chacaõ, eſte eſcreveo as vidas dos Papas, e naõ falla em taes Profecias huma ſó palavra, ſendo eſta a Obra a quem ellas pertenciaõ: o mais he, que tudo o que ha nellas até, o tempo em que appareceraõ, he claro, e dahi por diante, como o Author naõ ſabia o que havia ſucceder, tudo he taõ eſcuro, que nada ſe pode accommodar aos Papas, que tem havido de entaõ atégora; e alguns que forcejaõ por accómodar algumas, ou todas, dizem mil impropriedades; e deſſe modo eu accómodarey tudo, quanto vós quizeres profetizar por equivocos, a Deos, e á ventura: de ſorte, que ſe o tempo naõ ha de moſtrar clara a profecia, naõ ha homem, nem mulher, que naõ poſſa ſer Profeta, dizendo diſparates eſcuros, e ſaya o que ſahir, que alguem dirá: Iſto he o que o Profeta quiz dizer. Lembra-me hum embuſte que uſou Phocio Patriarcha ſciſmatico de Conſtantinopla: vio-ſe deſcahido da graça do Imperador Baſilio, e para que elle o tornaſſe admittir, eſcreveo hum quaderno com caracteres Alexandrinos, e nelle a genealogia do Imperador, dizendo que deſcendia de Ti-

ri-

ridates Rey da Armenia, que tinha fallecido oito centos annos antes de naſcer o Imperador Baſilio: pedio ao guarda-livros do Imperador, que metteſſe eſte quaderno na livraria, e que, paſſados dias, diſſeſſe, que tinha achado hum livro profetico, que havia ſeculos fora compoſto, e por deſcuido eſtava detraz dos outros livros eſcondido. Aſſim o fez, e o Imperador deſejoſo de achar quem lhe interpretaſſe aquellas profecias, diſſe ao guarda-livros fizeſſe a diligencia; porèm elle reſpondeo-lhe, que ſó o Patriarcha Phocio era capaz diſſo, porque na verdade foy doutiſſimo; veyo em fim o Patriarcha, e como era o Author da arenga profetica, com ſumma facilidade explicou tudo, eſpecialmente a palavra mais eſcura que tinha o livro todo, a qual era o nome Beclas, que nunca houve em lingua alguma; eſte nome (diſſe o Patriarcha) quer dizer que eſtas fortunas, que expreſſaõ eſtas profecias, ſe haõ de ver em V. Mageſtade, na Imperatriz, e em ſeus filhos, porque o *B*. quer dizer Baſilio, o *E*. Eudoxia, o *C*. Conſtantino, o *L*. Leaõ, o *A*. Alexandre, o *S* Stephano: Eudoxia era a Imperatriz, e os quatro eraõ os filhos que tinha vivos. Cahio o Imperador na corriòla de o crer, e logo com ſummo goſto o reſtituio ao valimento antigo. Eiſ-aqui, meu irmaõ, de que caſta ſaõ as profecias, que vos mettem medo, e a muitos, que naõ cuidaõ no preſente, e ſó deſejaõ ſaber o futuro. Mais galantes curioſidades cuidado tinha para vos contar neſta materia, porém a tarde eſtá acabada, eu as direy na outra Conferencia.

FIM
DA SETTIMA PARTE.

LISBOA: Com todas as licenças neceſſarias. 1758.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA VIII.

NO dia ſette de Mayo ſe repetio a Conferencia, e o Ermitaõ que tinha militado na Africa, deſejou perſuadir a ſua bondade ao Soldado, dizendo, que excedia a todas as tres aquella parte do mundo, e a todas merecia o mayor reſpeito pela ſituaçaõ, e independencia. He (diſſe elle) a mayor Peninſula do mundo, iſto he, quaſi Ilha, porque ſó deixa de ter mar no pequeno eſpaço, que medeia entre o mar Roxo, e o Mediterraneo, a qual porçaõ de terra quiz ja cortar o Graõ Turco, e niſſo fazia a todo o mundo o mayor beneficio, porque ſem perigos, nem trabalhos, em muito breve tempo iriaõ á India todos, caminhando o mar Mediterraneo, e ſahindo pelo mar Roxo ao Occeano Indico, e mar Arabico com inexplicavel conveniencia dos Principes, e negociantes de todas as quatro partes; porèm tomada a altura de hum mar, a reſpeito do outro, vio que era mayor o prejuizo, porque ſe lhe alagava o Egypto todo, e muitas outras Provincias utiliſſimas. Tem a Africa mil e ſeiscentas legoas de

comprimento, e mil e ſeiscentas, ou mil e quatrocentas, como outros querem, de largo: eſtá quaſi toda na Zona torrida, e por iſſo os ſeus habitadores ſaõ pardos, e negros: tem muita parte ſem habitadores, por cauſa dos areaes, que ſaõ infructiferos, e reverberando nelles os rayos do Sol, fazem inſopportavel o calor: he abundante de leoens, tigres, e outros animaes ferozes; mas tem mil bondades, em que ſe deſcontaõ eſtes defeitos; porque no Egypto que he dos Turcos deſde o anno de 1516., naõ chove, nem ha trovoens, nem tempeſtades, o rio Nilo ſahe das ſuas margens em certo tempo, e alaga todas as terras, deſorte, que ſempre daõ fructos com a mayor abundancia; e ainda que no rio ſe criaõ corcodrilos, e outras ſavandijas, as ſuas agoas naõ ſó fecundaõ todos os annos as terras, mas tambem as mulheres, porque todas as que bebem della, ordinariamente parem dous filhos de cada vez, todos os annos parem: tem a Barbarîa, que conſta de ſeis Reinos; tem o grande Reino de Tripole, o de Tunes mais pequeno, porèm mais rico, e delicìozo, e outros dezoito Reinos, ſim de gente preta, mas em alguns baſtantemente polîda, e ja nada barbara, com Leys, e rigoroza obſervancia dellas. Dizeis bem, (reſpondeo o Soldado) porque eu eſtive no Reino de Pate, quando fomos reſtaurar Mombaça, o Rey negro andava pelas ruas deſcalço com as alparcas na maõ para naõ as molhar, porque chovia, e fazendo-lhe algumas peſſoas queixas pela rua, alli meſmo mandava por huns enforcar os outros, ou cortar-lhes a cabeça; o mayor Imperio de negros he o do Changamira, e a

e a terra de mais ouro, e prata que tem o mundo, porèm o Imperador quando recebeo a primeira embaixada de Portugal, eſtava vendo cobrir de palha a ſua caza, e os ſeus filhos com muito goſto a conduziaõ ás coſtas: a mayor parte deſta canalha, tanto em huma Coſta, como na outra, comem gente viva, e morta, deſorte que as ſepulturas dos mortos ſaõ os eſtomagos dos vivos; o dia de banquete, he quando algum morre: juntaõ-ſe os parentes, e conhecidos, e comem o defunto todo, ſeja de que qualidade for, tripas, e tudo, ſem lhe lançar couſa alguma fóra, e naõ faltão teſtimunhas diſto no noſſo Reyno, dos que acompanharaõ para Cabo Verde o Senhor D. Frey João de Fáro, que eſteve prezo, e os mais, para ſerem comidos: Naõ falle em Africa, irmão, pelo amor de Deos, que tirados os primeiros Reynos, que nomeou, os quaes dérão á Igreja Triunfante innumeraveis Santos de todas as Claſſes, o mais ſem eſcrupulo ſe lhe póde chamar inferno no mundo. Diz muito bem, (replicou o Ermitão) pois a America, que v. m. tanto nos gava, naõ ſey que ſeja melhor, ſenaõ em ſer Catholica quaſi toda, porque os primeiros, que por cauſa de hum naufragio a deſcobriraõ, foraõ comidos pelos naturaes Americanos, excepto hum, que por ſer magro, o entregarão a huma mulher, para o engordar, e elle depois achando na praya barriz de polvora, e arcabuzes, ajudado da mulher, ja concubina ſua, ſe fez temido, e com ella foy para França no primeiro navio, que paſſados annos appareceo por aquella Coſta: Os do Perû eraõ taõ barbaros, que julgavaõ que hum homem a cavallo; era

hum ſó animal, e depois vendo que eraõ dous, entenderaõ que os cavallos comiaõ ferro, porque os viaõ maſcar os guſtadoiros dos freios, e lançavaõ-lhe ouro nas manjadouras: ainda hoje o Gentiliſmo da America he taõ barbaro, como o de Africa, e ſe algum eſtá domeſticado, e polîdo, o meſmo teria ſuccedido ao de Africa, ſe os Reys que conquiſtaraõ, e povoaraõ de Europeos a mayor parte da America, tiveſſem feito o meſmo em Africa. Baſta, (diſſe o Soldado) v. m. em Mazagaõ cuidou que tinha viſto tudo: America, que pertence ao noſſo Portugal, tem mil e tantas legoas de comprimento, e em muitas partes naõ ſe lhe ſabe a largura, chama-ſe America de Americo de Veſpuzio, Florentino, a quem o noſſo Rey D. Manoel mandou a eſte deſcobrimento: toda eſta grande parte do mundo tem mais de tres mil legoas de comprimento, tudo povoado de gente branca de todas as naçoens da Europa por huma, e outra Coſta, e de naturaes domeſticos, e pacificos, naõ ſó os Catholicos, mas ainda os Gentios; comprehende tres Zonas, e por iſſo tem differentes climas, mas todos excellentes; porque as terras da America, que eſtaõ na Zona torrida, naõ experimentaõ os calores, que dentro da meſma Zona, em Africa, faz inhabitaveis os paîzes: he a America a patria do ouro, prata, diamantes, topazios, eſmeraldas, e outras muitas pedras precioſas; gera o melhor açucar, e tabaco, que ſe tem deſcoberto no mundo, e hoje eſtá abundantiſſima de todos os viveres, que hiaõ da Europa, e ſó lhes falta vinho de uvas; naõ porque tenha falta dellas, ſim porque o moſto dellas feito,

to, naõ ſerve, e ainda naõ ſe deſcobrio remedio para iſſo. As terras, que nos pertencem neſte mundo novo, ſabeis vós, as que pertencem ao Rey Catholico ſaõ muitas; as principaes Provincias, ou Reynos, ſaõ: Perû, Quito, aonde eſtá a celebre ſerra do Potoſi, Tucuman, Chile, Patagoes, Mexico, Santa Fé, ou Mexico novo; eſtes ſaõ os Reynos principaes, e taõ grandes, que Mexico tem de comprimento de Norte a Sul mais de ſeiscentas legoas: a Virginia he dos Inglezes, e a Carolina, e a nova Inglaterra; ha tambem nella a nova França, que he dos Francezes, a nova Olanda dos Olandezes, a nova Suecia dos Suecos, em fim a Ilha, e terra nova do bacalhao, aſſim chamada, pela multidaõ inexplicavel deſte peixe, que alli ſe peſca ſobre hum grande banco de arêa, que tem quatrocentas legoas de circuito, cem de comprimento, e cento e vinte de largura. Por iſſo (diſſe o Ermitaõ) he v. m. taõ devoto da America, porque de lá vem o bacalhao; e naõ conſidera nos infinitos achaques, que ha, depois que na Europa ſe uza deſſe alimento, o mais indigeſto; veja o que diz delle o Mirandelá. Irmaõ, (diſſe o Soldado) que ſeria da pobreza, ſe o naõ houveſſe! E grandes Medicos eſcreveraõ, que o peixe ſecco era o mais ſadio; porèm o mais he, que, havendo-o na America; ſó na terra nova ſe uza freſco, e ſecco, nas mais terras ha excellentiſſimos peixes, ainda que em algumas he difficil a peſcaria por ſer braba a Coſta: As aves mais formoſas que Deos creou no mundo, ſaõ as da America, cujas pennas ſaõ conduzidas a todas as partes para recreio da viſta: confeſſo que nos Ser-

toens

toens ha bichos venenozos, e horrendos; porèm tudo evita a induſtria dos homens, porque as onças fogem, e naõ inveſtem, as cobras ſó offendidas fazem damno, e outras que ha nos caminhos, e apenas mordem, mataõ, evitaõ-ſe trazendo çapatos, e bem ſabeis a abundancia de outros, que ha na America para fazê-los: as madeiras, ja ſabeis que ſaõ as melhores do mundo, e a cada paſſo, cedros, angelins, vinhatos, páos pretos, e évanos melhores do que os de Africa: as melhores laranjas, limas, limoens, bananas, pecegos, e outras fructas da Europa, e Aſia: os naturaes a mayor parte naõ tem ley, mas naõ comem gente, nem enveſtem os Europeos, ſò os de Arouco, Tucapel, e Turen adoraõ o diabo, e he neceſſario no Reyno de Chile ter guerra com elles: outros ſaõ idolatras, e governados por Capitaens ſeus, que elegem; em fim os Inchas do Perû, e os Reys de Mexico, tinhaõ tal governo, quando lá foraõ os Heſpanhoes, que paſmaraõ de ver leys tão ajuſtadas, e com tal obſervancia nos Principes, e vaſſallos; porèm os naturaes, que vivem nos Sertões, que pertencem a Portugal todos ſaõ Gentios manſos: neſtes vaſtiſſimos matos achou o Veneravel Padre Joſeph de Anchieta, da Companhia de Jeſus, hum velho, que havia ſeculos o eſtava eſperando para o baptizar, porque ſempre viveo na ley natural, e apenas o baptizou, morreo; advertindo, que o Padre inſpirado por Deos o foy buſcar, e elle, ſem nunca o ter viſto, o ſaudou pelo ſeu nome, e lhe diſſe quantos annos havia que eſperava por elle: eu com doze companheiros, e quinze pretos, fomos deſcobrir minas, levando

por

por guias dous naturaes efcravos meus, depois de incriveis trabalhos em cortar matos, fubir; e defcer altiffimas ferras, e paffar rios; pelo fumo bufcámos huma povoaçaõ, que teria duzentas peffoas crefcidas, e muitas mais pequenas, mandámos-lhes dizer que nos mandaffem cincoenta cabeças, fob-pena de morrérem todos; mas nem entenderaõ a lingua, nem fe puzeraõ em defeza, fubiraõ homens, e mulheres pelas arvores altiffimas, que tinhaõ dentro da eftacada em que viviaõ (que teria meya legoa de circuito) com tanta velocidade como os macacos; e o mais he, que com elles fubiraõ innumeraveis macacos muito grandes, naõ deixáraõ criança alguma, e o que achámos na povoaçaõ foy mel, e fructas do mato, muitas aves feccas ao fumo com pennas, nenhum final de cozinha, mais que aonde eftava a carne, e fó ifto tinha feitio de caza, o mais eraõ montes de pennas aos pés das arvores, onde creyo dormiaõ; todos nús fe foraõ paffando de arvores para arvores, dando pulos, e gritando como macacos, e com elles: muitos affentaraõ no Brazil que feriaõ monftros gerados de Caboclas, e macacos, porque effe pouco que vimos delles, era feyo cabelludo, e o mais foy a ligeireza no fubir. Bafta diffe o Theologo, juntemonos á manhãa para fe ouvir Hiftoria Sagrada que ja bafta por hora defta.

FIM.

DA OITAVA PARTE.

LISBOA,

Anno de 1759.

Com todas as licenças neceffarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA IX.

NO dia oito de Mayo continuáraõ a Conferencia, a que deo principio o Ermitaõ dizendo, que nas Conferencias passadas se tinhaõ dito algumas cousas, que elle, e os outros humildes, e ignorantes, para cuja instrucçaõ era esta Academia, naõ as entenderaõ bem. A isto respondeo o Filosofo: Tendes razaõ, e eu explicarey tudo, por modo taõ claro, e humilde, que o perceba todo o ignorante, que he a nossa gente. Este grande Globo do Ceo, que por todas as partes cerca o Globo do mundo, bem assim como huma bóla maciça mettida dentro de outra bóla oca muito mayor, chama-se Globo celeste, e nelle pôs Deos o Sol, a Lua, e as Estrellas; consta de muitos Ceos, e naõ vos digo quantos saõ, porque está isto em dûvida, huns dizem que saõ sette, outros que saõ tres, em fim a verdade he que só Deos, e os Bemaventurados sabem quantos saõ: sobre o mais alto está o Ceo Empyreo, Palacio de Deos, e dos Anjos, e de todos os que se salvaõ: este Ceo naõ

he bóla oca, como os outros, mas ſim direito; e tudo o que vos diſſerem da ſua grandeza, e preciozidade, aſſentay que he mentira, porque certamente he couza mayor, e diz o Apoſtolo S. Paulo, que nem os olhos viraõ, nem os ouvidos ouviraõ, o que Deos neſſe Ceo nos tem preparado: neſtes Ceos pois, aonde eſtaõ o Sol, Lua, e Eſtrellas, ſuppõem os homens varios circulos, e os meſmos ſuppõem no Globo do mundo; e ainda que na realidade naõ ha taes riſcos, nem linhas, nem circulos, ha certamente tudo aquillo para o que os ſuppõem: no meyo do Globo imaginaõ hum circulo á roda de todos eſtes Globos terraqueo, e celeſte, e a eſte circulo chamaõ linha equinocial, porque quando o Sol anda por eſte circulo, ſaõ as noites iguaes aos dias, e iſſo ſuccede duas vezes no anno, a primeira a vinte de Março, e chama-ſe equinocio do Veraõ, porque dahi por diante começa eſte aprazivel tempo; a ſegunda a vinte e tres de Settembro, e chama-ſe equinocio do Outono, porque nelle começa: deſde eſte circulo até os Pólos do mundo, que ſaõ as cabeças deſta grande bóla, contaõ noventa gráos, cada gráo de dezoito legoas; eu me explico melhor: as bólas de jogar tem no meyo hum riſco, e em cada cabeça, hum buraquinho, e aſſim vem todas do torno; pois eſſe riſco, que tem á roda do meyo, he a linha equinocial, e os dous buraquinhos ſaõ os dous Pólos, hum do Norte, outro do Sul, ora ſupponde agora que toda eſſa bóla eſtava cheya de riſcos, ou linhas pintadas deſde o buraquinho, que pertence, e reprezenta o Sul, até o outro buraquinho, que re

pre-

prezenta o Pólo do Norte por todas as bandas, pois cada risco destes, desde o meyo da bóla até o buraquinho, tem noventa gráos, isto he, distancia assim imaginadas, cada distancia de dezoito legoas, e contando huma linha, ou risco destes á roda de toda a bóla, saõ trezentos, e sessenta gráos de dezoito legoas cada hum, que he toda a redondeza do mundo: agora desde este circulo grande do meyo da bóla, que tem os mesmos trezentos e sessenta gráos todo em roda, contay vinte e tres gráos, ou distancias certas para a parte da cabeça da bóla, que he o Norte, e outros vinte e tres gráos e meyo desde o mesmo circulo grande para a parte, e cabeça da bóla, que he o Sul, e supponde que aonde acabaõ estes vinte e tres gráos e meyo, de cada parte, tem a bóla de jogar outro risco fundo, que a cerca toda, como o do meyo; a estes dous circulos chamaõ Tropicos; ao da parte do Norte chamaõ Tropico de Cancro, e Tropico Artico, e ao da parte do Sul, chamaõ Tropico de Capricornio, e Tropico Antartico. Ora notay: o Sol anda sempre á roda do mundo, porèm faz seu giro por modo das roscas do fuzo de lagar, desorte que, naõ obstante o andar sempre á roda, ao mesmo tempo sempre caminha cada dia tantos gráos mais para huma banda, ou para a outra; desde vinte de Março, caminha para a parte do Norte, aonde nós estamos, até vinte e hum de Junho, e entaõ chega ao tal circulo chamado Tropico de Cancro, e Tropico Artico, e dahi naõ passa para diante; por isso dizem nesse dia he o Solsticio do Veraõ, que quer dizer parada do Sol: logo tor-

 na

na a caminhar, e desanda o caminho até o circulo mayor, chamado linha equinocial, ou Equador, por ser o circulo, que parte a bóla em duas partes iguaes, e chega alli a vinte e tres de Settembro: caminha logo para a parte do Sul, e a vinte e hum de Dezembro chega ao outro circulo da bóla dessa parte, chamado Tropico de Capricornio, e Tropico Antratico, dahi para diante naõ passa, e he o Solsticio do Inverno, que quer dizer parada do Sol no Inverno; logo torna a desandar pelo mesmo caminho, e chega á linha equinocial em Março, e assim anda sempre: todo este grande espaço da bóla, que vedes entre estes dous circulos Artico, e Antartico, chama-se Zona torrida, que quer dizer cinta, ou facha, que arde, e se queima; porque como o Sol passa duas vezes no anno por cima desta terra, que podemos chamar cinta, que cerca, e cinge o bojo da bóla, he o seu calor taõ activo, porque vem os rayos do Sol direito á terra, que Santo Agostinho, como Filosofo, julgou que ninguem podia aqui viver, porque o calor do Sol o havia matar; e assim havia de ser, se Deos naõ désse nessas terras tantas chuvas, e ventos frescos, quando o Sol lhes passa por cima, prodigio, de que o Santo naõ teve noticia. Ja sabeis o que he Zona torrida, e que he só huma, que consta de quarenta e sette gráos de dezoito legoas cada gráo, porque saõ vinte e tres e meyo para cada banda; agora para saberes [s]o que he Zona temperada, e Zona frigida, olhay para a mesma bóla de jogar, e desde o circulo, que lhe fizeste, e que chamamos Tropico Artico, contay mais quarenta e tres distancias e meya, ou

gráos

gráos de dezoito legoas cada huma para a cabeça da bóla, este campo he a Zona temperada do Norte: fazey o mesmo da parte do Antartico, e esse campo he a Zona temperado do Sul, que começa em vinte e tres gráos e meyo, que he o Tropico, e acaba em sessenta e seis gràos e meyo; neste ponto supponde vós que ha na bóla outro circulo, que a cinge toda, e cerca, este chamaõ circulo Polar, e aqui começa a Zona frigida do Norte, a qual chega até o buraquinho da cabeça da bóla, que he o Pólo do mundo: agora fazey a mesma imaginaçaõ na outra ametade da bóla, e achareis, ha huma Zona torrida, duas temperadas, e duas frias; a torrida consta de quarenta e sette gráos, cada Zona temperada tem quarenta e tres gráos, e cada frigida tem vinte e tres e meyo; eu me explico ainda mais claro com hum exemplo bem rustico: tomay huma melancia redonda, cortay-lhe as duas cabeceiras como se costuma, ex-ahi tiraste á bóla do mundo as duas Zonas frias; cortay mais adiante de cada parte huma talhada grossa redonda, ex-ahi tiraste á bóla do mundo as duas Zonas, temperadas; fica-vos na maõ o meyo da melancia, essa he a Zona torrida, fazei-lhe no meyo hum circulo, he a linha equinocial; déste o primeiro corte nos circulos polares, o segundo nos Tropicos: agora para saberes que cousa he clima, adverti, que os que vivem debaixo do Equador, tem sempre os dias, e as noites iguaes, doze horas de dia, e doze de noite; porèm todas as terras, desde o Equador até o Pólo, tem os dias, e noites deziguaes, excepto nos equinocios; que ja vos expliquei, e tambem tem

hum

hum dia mayor que todos; e outro mais pequeno que todos, de ſorte, que aonde o dia mayor tiver doze horas e meya, he o primeiro clima, aonde tiver doze horas, he o ſegundo clima, e quantas mais meyas horas tiver o dia mayor, ſobre as doze horas, que tem de dia ſempre todo o anno, os que vivem debaixo do Equador, tantos climas haveis contar; ponho exemplo: o noſſo dia mayor em Portugal he a 21 de Junho no Solſticio do Veraõ, e tem neſte dia quatorze horas; agora tiray neſtas quatorze horas, as doze horas, que tem de dia, os que vivem no meyo do mundo debaixo do Equador, ficaõ duas horas, eſtas duas horas tem quatro meyas horas; pois eſtá o noſſo Reyno no quarto clima, porque tem quatro meyas horas demais no ſeù dia mayor, ſe tiveſſe duas horas e meya, eſtaria no quinto clima, porque tinha cinco meyas horas demais no dia mayor; deſta ſorte ha vinte e quatro climas em cada ametade deſta grande bóla do mundo, e por todos fazem quarenta e oito climas; porèm adverti, que o ſer bom o clima, ou ſer máo, naõ depende ſó diſto, mas ſim dos vapores das terras, e dos metaes, e mineraes, que tem nas ſuas entranhas, de haver muitas, ou poucas agoas, e de outras couzas, que ſó Deos ſabe, e por iſſo vemos as terras do meſmo clima ſerem humas de bons fructos, agoas, e ares, e dahi a tres, ou ſeis legoas, dentro do meſmo clima, ſerem ardentes, calmozas, e infructiferas; logo outras frias, e logo outras deſtemperadas, humas doentias, e outras, aonde ſe goza bõa ſaude, couza que ſó Deos ſabe como póde ſer, eſtando ellas todas no meſmo clima, e taõ

per-

perto humas das outras , e ainda eftando longe éra o mefmo encanto , porque os climas tambem faõ cintas , e fachas imaginadas, que cingem , e cercaõ efta bóla notavel do mundo : adveiti de paffo , que as legoas de Hefpanha faõ de tres mil e quatro centos paffos cada huma , as de Alemanha faõ de quatro mil , as Francezas de dous mil , e quinhentos , a grande legoa Franceza de tres mil, a Sueca, e Efguizara de cinco mil, a de Ungria de feis mil , a de Polonia de tres mil e trezentos, a de Inglaterra de mil duzentos e cincoenta , a de Efcocia de mil e quinhentos , a milha Italiana tem mil paffos , e a legoa Italiana tem tres mil : á manhaã vos explicarey o mais de que tendes neceffidade , para perceberes as curiozidades , e grandezas do Mundo , e podermos paffar á Hiftoria mais divertida delle.

FIM

DA NONA PARTE.

LISBOA,

Com todas as licenças neceffarias.
Anno de 1758.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA X.

A Multidaõ de Romeiros neſte delicioſo ſitio faz com que todos os dias haja Conferencia, e no dia nove de Mayo, juntos todos, continuou a Filoſofo a inſtrucçaõ dizendo: Ja ſabeis o que ſaõ Zonas, Tropicos, Climas, e legoas, agora ſabey, que Continente quer dizer terra firme, como he o noſſo Reyno, Caſtella, França, e toda a Europa: Ilha, he toda aquella terra, que por todas as partes eſtá cercada de mar, ou de agoa doce; Peninſula, he aquella terra, que eſtá cercada de mar, ou rio de agoa doce, porèm naõ eſtá toda cercada, e tem huma pequena parte, que pega com a terra firme: ha innumeraveis deſtas, e aſſim como aſſentaõ, que a America he a mayor Ilha, a Africa he a mayor Peninſula porque a America eſtá toda rodeada de mar, e a Africa tambem, mas tem huma pequena parte entre o mar Mediterraneo, e o mar Roxo, que dizem terá cincoenta legoas de largura, e por eſte grande pedaço de terra pega com a terra firme de Azia, e por iſſo

he Peninſula, e a mayor Peninſula, que quer dizer quaſi Ilha, ou couſa que por pouco naõ he Ilha: Iſtmo, he aquelle pedaço de terra, pelo qual as Peninſulas ſe unem á terra firme, como he eſte, que agora diſſemos, que pega a Africa com a Aſia: Cachopo, he huma cabeça de pedra fóra da agoa, como he o Farelhaõ, e as Berlengas defronte de Peniche, que foraõ cabeças de montes de varias Cidades, que alli houve, e ſe ſubmergiraõ com terremotos, aonde habitavaõ os Judeos feiticeiros, e fingidos penitentes, chamados Druidas, como refere o Reverendiſſimo Padre Purificaçaõ na ſua Chronica: outros cachopos ha debaixo da agoa, como ſaõ os da barra de Lisbôa, e a eſtes no mar largo chamaõ os navetes baixos: Bancos, ſaõ huns areaes cobertos de mar, e tambem os ha nos rios: Promontorio, he huma grande parte de terra, que entra pelo mar dentro, mais do que a outra, e tambem lhe chamaõ Cabo, tal he o de S. Vicente no Algarve, que entra pelo mar dentro huma legoa: Mar, he aquelle, que lançando-lhe hum prumo de chumbo, naõ ſe lhe acha fundo: Oceano, ſaõ muitos mares de de diverſas terras, que as cercaõ, e banhaõ todas: Pelago, he huma parte de mar ſem Ilhas, nem bancos: Archipelago, he huma porçaõ grande de mar com muitas Ilhas: Ponto he o meſmo que mar Mediterraneo, e quer dizer hum mar, porque naõ tem fundo, e cercado de terras por todas as partes, ſó com huma pequena entrada, ou ſem entrada, nem ſahida: Golfo, he hum braço de Oceano, que entra muito pela terra dentro, e tambem chamaõ a iſto Bahia: Porto, he golfo,

pe-

pequeno, como o de Lisbôa, aonde astaõ furtas, e anchoradas as Náos: Barra, ja sabeis que he aboca por onde se entra em qualquer porto: Euripos, chamaõ a huns fervedouros, que ha em diversos mares, nos quaes as agoas fazem hum terrivel movimento para cima, e lançaõ para fóra tudo, o que lá chega: Remoinhos saõ huns sorvedouros, que ha em alguns, mares, os quaes sorvem, e tragaõ tudo o que lá vay, ainda que sejaõ as mayores embarcaçoens, nunca mais tornaõ a apparecer: Lagôa, he hum tanque grande de agoa salgada, ou doce: Lago, he o mesmo, porèm mais pequeno, e naõ se ha de seccar nunca, porque entaõ he charco, e naõ lago, nem lagôa.

Tudo isso, e o mais da Conferencia passada (disse o Ermitaõ) lî eu no Afferden Atlas abbreviado, e saõ couzas certas: mas ja que fallamos em feiticeiros, diga o senhor Theologo, que gente he esta. He certo (disse o Theologo) que houve, e ha feiticeiros, e saõ homens, e mulheres, que daõ a sua alma ao diabo, e disso lhe fazem hum escrito com o seu sange, arrenegaõ de Deos, e de MARIA Santissima, e de todos os Mysterios da nossa Santa Fé, e Ley, e adoraõ, e reconhecem ao diabo por seu Deos, e senhor, e este se obriga a fazê-los ricos, ditozos, e venerados: porèm nada do que lhes promette faz, nem póde fazer, e só os afflige, e mortifica sempre, obrigando-os a dezenterrar defuntos, e comer-lhes os miolos, e as entranhas, e da gordura fazer unguento, com o qual se untaõ, e se ajuntaõ todos, homens, e mulheres, em sitio determina-

minado, aonde o diabo apparece em figura horrendissima, ordinariamente de bode negro, e excessivamente grande, e todos lhe vaõ beijar a parte mais immunda do corpo: depois fazem-lhe sacrificios com vestimentas negras, e luzes de enxofre, bailaõ ao som de instrumentos horriveis; comem todos diversos guizados feitos de cadaveres, e bichos, e depois tem actos deshonestos com os demonios; para o que he necessario advertir, que cada feiticeiro tem hum diabo, que lhe serve de mulher, e cada feiticeira hum diabo, que lhe serve de marido; e como o diabo he espirito, e naõ tem corpo, vale-se para isto dos cadaveres de Gentios, e Mouros, e de páos, e pedras, e do mesmo ar, desorte que os taes corpos, e todos os seus membros, saõ frios, e as vozes parecem de trombetas, e por altissima providencia de Deos naõ consente o diabo que feiticeiro toque em feiticeira: he o diabo taõ astuto, que nestes ajuntamentos lhes mostra figuras das pessoas mayores em dignidades Ecclesiasticas, e Seculares, que cada hum conhece, para que os miseraveis entendaõ que todo o mundo o adora, e conhece por seu senhor, e que pouco lhes deve a elles em lhe fazerem esse obsequio; e assim ficaõ innumeraveis pessoas tidas, e havidas por feiticeiras na opiniaõ destes miseraveis, sendo tudo falso, tudo illuzaõ, e fingimento do diabo, o qual diz ás feiticeiras, que bebendo sangue de meninos, haõ de tornar-se em moças, e muito formozas, e com effeito ellas os mataõ, e lhes bebem o sangue, e cada vez lhe parece que he mais formoza, e moça; e ellas cada vez, e mais elles, saõ mais negros, tisnados, e

fe-

fedorentos, como vemos nós que sahem nos Actos publicos da Fé. Eu sou (disse o Soldado) testimunha disso, porque na India acabaraõ-se os Judeos, e tudo o que sahe nos Actos da Fé, que ás vezes se fazem duas vezes cada anno, saõ feiticeiros, e feiticeiras verdadeiros, e mais parecem demonios, do que homens, e mulheres; ordinariamente cahem nesta miseria para se vingarem de quem lhes fez mal, ou para que alguem lhes queira bem: e he rara a vez, que algum feiticeiro, ou feiticeira consegue isto, que pertende; porque Deos, como Pay de misericordia; impede as forças do demonio, que a naõ ser este prodigio contînuo, força tem qualquer demonio para matar a todos, despedaçar o mundo; e elles saõ taõ cegos, que vendo, e ouvindo dizer aos demonios que naõ pódem fazer mal áquelle homem, ou mulher, porque traz reliquias de Santos, ou porque traz a melhor reliquia, que he andar em graça de Deos, ou porque Deos lhe impede; ainda assim, naõ se desenganaõ, nem se arrependem, nem confessaõ que he o remedio para sahir desta vilissima escravidaõ do demonio. Tendes fallado) disse o Theologo) como se tivesses estudado pelo Delrio, e Brognolo, aonde eu vi o que disse, e vós acabais de dizer: porèm adverti, que naõ obstante haver tantos feiticeiros, muitos mais sem comparaçaõ saõ os embusteiros, que se inculcaõ por feiticeiros para fazerem curas com bençóes, vingar de aggravos, e attrahir coraçoens, para que pedem dinheiros, roupas, prata, e tudo o que necessitaõ, e depois dizem que naõ podéraõ obrar, porque tinha o sujeito huma Cruz no céo da bocca,

ou

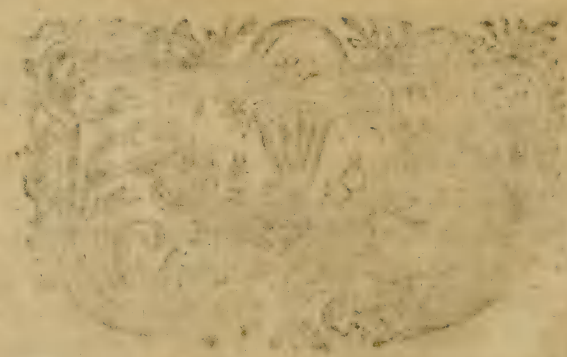
ou nos peitos, feita de cabellos: destes estaõ as historias cheyas. Hum Mouro, chamado Abdalá, foy tido pelo mayor feiticeiro do mundo, e que por feitiçaria podia vencer todos os exercitos: com effeito levantou-se contra o Rey de Marrocos, o qual mandou contra elle hum General, e Soldados, os quaes o prenderaõ, e mataraõ logo, naõ obstante estar fortificado em hum monte alto, e ter lançado no caminho varios feitiços feitos de carneiros mortos com os pés cortados, e mettidos pelos olhos, para alli cahirem mortos os Soldados; porèm nenhum morreo, e elle foy morto. Hum Isaac Aaraõ, Grego, foy tido por insigne feiticeiro, e que ninguem o podia matar; porèm o Imperador Manoel Comeno lhe tirou os olhos, e Andronico lhe cortou a lingua. O Imperador Nero foy muito applicado á feitiçaria, porèm depois deixou-se disso, porque conheceo que para nada bom lhe servia. Outro Imperador buscou feiticeiros por todo o Imperio para o curarem de huma enfermidade, e achou que todos eraõ embusteiros, porque nenhum o curou: os mais nomeados saõ os da Noruega, que vendem os ventos aos navegantes, e ja se soube o embuste; sabem os ventos certos, que ha em varios sitios daquellas costas, das quaes tem grande experiencia, e assim vendem o vento de tantos dias, em tal mez: o que se conta de hum feiticeiro, que comeo a outro, e o lançou pelo lugar mais immundo do corpo; outro, que andava a cavallo em hum osso encantado, e outro em huma setta de ouro, e outro, que levava pelos ares huma donzella furtada; tudo saõ mentiras, e a nada do que disso leres,

res,

res, ou ouvires, deis credito. Hum camarada meu (disse o Soldado) massou o corpo ao mayor feiticeiro que diziaõ havia na India; todos julgavaõ que o feiticeiro o matasse, porèm elle nunca teve melhor saude, e o feiticeiro tremia delle, e era feiticeiro na verdade, porque assim o confessou no Santo Officio. Juntemo-nos á manhaã (disse o Theologo,) para continuarmos a Historia Sagrada da quarta Conferencia.

FIM.

DA DECIMA PARTE.

LISBOA,
Anno de 1759.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XI.

NO dia quatro de Agosto se juntaráõ os Academicos, e como agora he mais que nunca o concurso dos Romeiros, disse hum dos mais curiosos, que tinha lido huma Relaçaõ primoroza, da doença, morte, e enterro do Santissimo Padre Benedicto XIV., e que agora lhe constava fora eleito em seu lugar o Santissimo Padre Clemente XIII nosso Senhor, que dezejava saber como se fazia esta eleiçaõ; ao que respondeo o Ermitaõ: Direi o que vi em Roma, quando foy eleito o Santissimo Padre Benedicto XIII. Antes de entrarem no Conclave os Eminentissimos Cardeaes, seguraõ o seu fato com guardas, ou nos Conventos; porque o povo Romano nestas occasioens he muito livre, e costumava saquear a caza do Cardeal, que sahe eleito Papa. Recolhidos ao Conclave, e fechadas todas as janellas, e portas, por onde póde haver communicaçaõ; fica só a porta principal, de que he Porteiro hum Principe, e hum postigo para o Sa-

cro Collegio ouvir alguma embaixada, como foy a do Rey Catholico na eleiçaõ de S. Pio V. ao costume antigo era naõ entrar cousa alguma para dentro, sem que o Principe Porteiro mór a visse, e esquadrinhasse; e o vinho, e agoa, hia em vazos de vidro, para se ver que naõ levava dentro escrito, nem carta, para o que até o paõ se abria; e se dentro em quinze dias naõ elegiaõ Papa, só entrava no Conclave paõ, e agoa; hoje ainda o Porteiro vê tudo o que entra, e sahe: todos os dias cantaõ Missa do Espirito Santo na Capella do Conclave, e acabada ella cantaõ o Hymno, e logo o Cardeal Celebrante com os dous mais, Diacono, e Subdiacono com mitras, se sentaõ junto a huma banca, e sobre ella se póem o Caliz, com que se celebrou a Missa com a Patena, emcima, e procedem a eleiçaõ: cada hum escreve em hum papel o nome do Cardeal que elege para Summo Pontifice, e posta obrêa, e Sello, o vem lançar no Caliz, o qual descobre o Diacono: feito isto chama o Celebrante dous Cardeaes para esquadrinhadores, sentaõ-se junto á Meza, descobre o Diacono o Caliz, e apara a Patena, na qual o Celebrante lança os papeis, e os vay abrindo, e mostrando aos quatro, e logo os esquadrinhadores vaõ escrevendo os nomes; e contando os votos, senaõ chegaõ á conta, queimaõ-se os papeis, e diz o Celebrante que naõ ha eleiçaõ: de tarde se faz outro escrutinio com as mesmas ceremonias, até que numerando-se os votos, se acha que, repartidos os Cardeaes em tres partes, duas partes votaõ em hum sujeito: sendo assim, diz o Celebrante: *Temos Pontifice, o Eminen-*

nentiſſimo Senhor Fulano eſtá Canonicamente eleito; e os quatro confirmaõ o dito, dizendo : *Aſſim he*; levantaõ-ſe tres Cardeaes , cabeças das tres Ordens de Presbyteros, Diaconos , e Subdiaconos , e vaõ buſcar (á ſua Cadeira, ou ao cubiculo , ſe ſahio depois de votar , como S. Pio V.) ao eleito , e lhe pedem, que aceite o Summo Pontificado , e elle reſponde: *Aceito* ; entretanto os Meſtres de ceremonias queimaõ os papeis , e preparaõ os veſtidos Papaes ; eſcolhe o Papa o nome , e logo no meyo de dous Cardeaes, Diaconos o levaõ ao canto do Altar da parte da Epiſtola , e alli lhe deſpem os veſtidos de Cardeal , e lhe veſtem os de Papa , iſto he , loba de ſeda branca , roquete, murça branca, camauro branco na cabeça, eſtola branca bordada , cinto encarnado , meyas , e çapatos brancos , e no do pé direito huma Cruz de ouro : ſe a eleiçaõ he feita no oitavario do Eſpirito Santo, lhe veſtem murça, camauro , e çapatos encarnados, e o meſmo fazem ſe he dia de Apoſtolo ; porque o habito do Papa he ſempre branco em tudo : e ſó neſtes dias , e outros , que eſpõem o Cremonial, he que uza de encarnado nas couzas ſobreditas, mas nunca na loba , porque he figura do Eſpoſo , de quem diz a Eſpoza, que he branco , e vermelho. Veſtido aſſim o ſentaõ no Altar da parte do Evangelho, e logo o Cardeal Camerlengo lhe mette no dedo o annel do peſcador, e todos os Cardeaes o adoraõ beijando-lhe o pé , e a maõ, e elle os beija nas faces; acabada a adoraçaõ, vay hum Cardeal, e diante delle hum Meſtre de Ceremonias com a Cruz ao balcaõ da bençaõ da porta de S. Pedro, aonde eſtá todo

 o po-

o povo, e rompendo hum pagem a parede, que se faz nesta janella para encerremento do Conclave, mostra a Cruz ao povo o que a leva, e o Cardeal diz em vós alta; *Annuncio-vos hum grande gosto, o Eminentissimo Reverendissimo Senhor Fulano foy eleito em Summo Pontifice, e escolheo tal nome.* Recolhe-se S. Santidade com os Cardeaes, em quanto se abre o Conclave: o que feito, toma capa de asperges, e muito precioza, e vem á Capella receber a segunda adoraçaõ sentado sobre o Altar com a Cruz diante; dalli o conduzem com ella á Igreja de S. Pedro em hum andor, em que vay sentado em huma cadeira: do caminho da Igreja pára tres vezes o acompanhamento, e hum Mestre de ceremonias com huma véla acceza se chega a outro Mestre, que leva huma cana com estopa emcima, e lhe dá fogo, e o tal, que tem a cana na maõ, virado para o Papa, lhe diz em voz alta. *Beatissimo Padre, assim passa a gloria deste mundo;* a que o Papa naõ responde cousa alguma, e o ordinario he chorarem cada vez que se lhe faz esta ceremonia, como eu vi ao SS. Padre Benedicto XIII. chorar inhumeraveis lagrimas, só Xisto V. respondeo: *A minha gloria naõ ha de passar, porque a minha tençaõ he administrar justiça;* e cumprio a palavra. Chegando á Capella mór, o descem do andor, e sentado no Altar o adoraõ terceira vez, e acabada a adoraçaõ desce do Altar, e lança a bençaõ a todos. Se o novo Papa he Bispo, e quer fazer no mesmo dia todas as funçóes, sendo eleito de manhaã naõ lança a bençaõ, mas acabado o *Te Deum Laudamus*, que se canta emquanto dura a adoraçaõ, e ditas as Oraçoens

 pelo

pelo Cardeal Decano, conduzem os Cardeaes o Papa á Capella subterranea? aonde estaõ as cabeças de S. Pedro, e S. Paulo, e alli entoaõ humas especiaes Ladainhas, e Oraçoens, e depois de orar, e beijar as reliquias dos Santos Apostolos, lhe põem na cabeça a Tiara, por outro nome: *Reino*: sóbe á Capella mór desta sorte, tiraõ-lhe a Tiara, toma a Mitra, e dá a bençaõ, e está coroado: outros daõ a benção no Altar da Confissaõ, aonde o Papa celebra sobre o Confessorio, ou Sepulchro de S. Pedro, e S. Paulo: em fim estas ceremonias no essencial sempre saõ as mesmas, porèm nos accidentes varêaõ conforme as horas, a que se faz a eleiçaõ, e pressa, que o novo Papa tem em se coroar: dada a bençaõ, se despe o Papa no Solio, e em cadeira de maõs fechada se recolhe ao Vaticano: recolhem-se os Cardeaes, e fazendo-se tudo no mesmo dia, se avizaõ os Conegos de S. Joaõ de Latraõ, Sé do Papa, e se daõ as Ordens para a Cavalgata. A horas competentes vem todos os Cardeaes, Prelados, Senado Romano, Principes, Justiças, Militares, e povo ao Vaticano, desce o Papa com capa de asperges, e Tiara em cadeira, ou a pé como Benedicto XIII., e outros, monta a cavallo, subindo por huma escada de taboas douradas, entra debaixo do pallio, toma a redêa do cavallo o maior Principe, que se acha em Roma, montaõ todos os Cardeaes, Bispos, Prelados, Principes, Senadores, e Familias de todos estes, Soldados &c., e caminhaõ para S. Joaõ de Latraõ, Sé dos Papas, pelo caminho, que atravessa o Castello de Santo Angelo: tanto que entraõ a porta do Castello pára todo o acompanhamento, e o Papa, e

logo

logo ſe chegaõ a elle todos os Judeos do Gueto de Roma, e o ſeu Sacerdote lhe dá o parabem em nome de todos, e lhe pede ſeja ſervido approvar o uzo da Ley de Moyſés, para o que lhe aprezenta os livros do Teſtamento Velho. Ouve o Papa a ſupplica, e reſponde, que elle venera a Santiſſima Ley de Deos; porèm que totalmente reprova a falſa interpretaçaõ dos Judeos: ditas eſtas palavras continuaõ o caminho. Algum dia faziaõ os Judeos eſta ceremonia fóra do Caſtello; porèm, como acabada ella, os rapazes os apedrejávaõ irremediavelmente, alcançaráõ privilegio para a fazerem dentro do Caſtello, aonde os defendem os Soldados, ainda que pagaõ, e padecem pouco para o ſeu merecimento.

Chegados ás portas de S. Joaõ de Latraõ, ſe apeaõ todos, e o Papa, o qual ſe aſſenta em huma cadeira de pedra, que eſtá junto á porta, chamada Cadeira eſtercoraria por cauſa da Antiphona, que entaõ lhe cantaõ, que diz: *Levanta Deos o pobre do eſterco* &c., e nella fica quaſi deitado: nos braços o levaõ os Cardeaes, e logo abrem a porta os Conegos Lateranenſes, perguntando o Deaõ quem eſtá alli, e reſpondendo-lhe o Papa, que he o Biſpo Lateranenſe, e dizendo todos; *Conhecemoſ-te*, ſe canta *Te Deum* &c. e ditas as Oraçoens deſpe o Pontifical, e ſe recolhe em carroça, e todos em carroças o acompanhaõ. Advirtaõ porèm VV. mercês que o Papa nunca dá bençaõ com Tiara, nem uza della em Officios Divinos, mas ſim com Mitra, a qual ſe lhe pôem, tanto que chega ao Altar mór. Recolhido ao Vaticano, ficaõ os Cardeaes para a Cea da Coroaçaõ, que dá o Papa neſta noi-

te

te em huma grande ſala, em que elle come com Tiara, capa de aſperges, eſtola, debaixo de docel em throno de tres degràos, ſobre outro mayor por modo de Presbyterio, e os Cardeaes todos no plano: ſe em Roma eſtà algum Rey, a elle pertence o ſer Guarda mòr do Conclave; na ſegunda adoraçaõ depois de patente a porta, ſer o ſegundo que adora o Papa depois do primeiro Cardeal Biſpo, e levar o Papa de redea na Cavalgata, e cear no primeiro lugar depois do primeiro Cardeal Biſpo: e ſe eſtà Imperador, lhe pertencem as meſmas honras; porèm na cea tem no tal Presbyterio meza ſeparada ſobre hum eſtrado, precedendo a todos os Cardeaes por ſer Diacono defenſor na Igreja, e Conego de S. Pedro. Acabada a cea, ſe recolhem todos, e ordinariamente o Papa acompanhado tè o quarto, em que ſe deſpe, em habito cõmum, neſſa noite vay para o Quirinal ſem mais acompanhamento, que ſeus familiares, e lacaios com tochas accezas. Se o novo Papa naõ he Biſpo, dà mais trabalho, porque entaõ dada a bençaõ depois da terceira adoraçaõ em S. Pedro, ſe recolhe, e no dia ſeguinte na ſua Capella lhe dà o Biſpo de Oſtia todas as Ordens, que lhe faltaõ, e o Sagra Biſpo; advertindo, que tudo iſto ſe faz por differente modo: porque o novo Papa, ainda que ſó tenha Prima tonſura, eſtà ſentado em hum throno debaixo de docel com capa de aſperges com as abas lançadas ſobre os hombros, e Mitra na cabeça e quando he tempo de lhe dar o poder de qualquer Ordem, vem o Biſpo de Oſtia com a materia da Ordem nas mãos buſcà-lo ao throno, e em pé diz a fórma, e elle ſentado toca a materia, e recebe

o po-

o poder, e só tira a Mitra para a Sagraçaõ da cabeça na Ordem Episcopal, e desde a Consagraçaõ da Missa do Bispo de Ostia, té a Communhaõ, e dá todas as bençoens, depois se faz o mais que ja dissemos. Tambem se elege o Papa por acclamaçaõ dizendo todos: que querem tal Cardeal para Papa; ou por compromisso, dizendo: que querem aquelle, que elegerem os Cardeaes Fulano, e Fulano; assim o approvou no anno de 1625 Urbano VIII: algum dia elegiaõ os Papas todos os Clerigos de Roma, porèm Nicolao II. determinou, para evitar disturbios, que fossem Eleitores só os Cardeaes, que entaõ se chamaõ Principaes, no anno de 1059, e eraõ Parochos das Principaes Igrejas de Roma, cujos titulos ainda hoje conservaõ.

FIM.

DA UNDECIMA PARTE.

LISBOA,

Com todas as liçenças necessarias.

Anno de 1758.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XII.

CAda vez he mayor o concurſo neſte ſitio delicioſo a ouvir o que ſe trata neſta humilde Academia: e o Theologo, a quem pertence a Hiſtoria Sagrada, e Eccleſiaſtica de todo o mundo, requereo, que viſto ter ja fallado em outras Conferencias na ſahida de Noé da Arca, ainda que lhe naõ pertencia a Hiſtoria do Reyno, (na auzencia do Soldado) queria principiá-la viſto ſer Tubal, quinto filho de Japhet, o ſeu primeiro habitador depois do diluvio, e antes delle naõ haver memoria, nem tradiçaõ alguma. Caſtigado (diſſe elle) o mundo com a inundaçaõ univerſal das agoas, ſerenado o Ceo, reſtituidos á ſua harmonia os elementos, deſcançada ſobre a ponta da ſerra de Ararat a Arca, celebre montanha da Armenia; ſahio Noé, offereceo Sacrificio, recebeo promeſſa, e fiança no Iris de naõ haver outro diluvio, e outros beneficios: aſſegurado delles, deſceo ao campo chamado Meriadaõ, porque eſtava cheyo de cadaveres, e eſpectaculo horrivel da vaidade humana: alli fundou a Cidade Saga Albina, illuſtre deſenho das

que teve depois todo o mundo, que dividio em tres partes, quando se achou com gentes para as povoar todas: a Azia ficou a seu filho Sem, a Africa a Chan, a Europa a Japhet, em Saga Albina ficou sua filha Araxa, e passou á Provincia de Italia: foy esta despedida depois que Nembrot pôs por obra a torre de Babylonia, e Deos confundio as linguas, e os obrigou a dividirem-se para outras terras os que só se entendiaõ huns aos outros. A Hespanha pois trouxe a lingua Hebrea, com que se entenderaõ largos seculos, Tubal quinto filho de Japhet, o qual navegando o mar Mediterraneo, veyo ao Estreito de Gibraltar, dahi ao Promontorio Sacro, até que surgindo na barra de Setuval, convidado do aprazivel do sitio, fertilidade do Paiz, e amenidade do rio, fez aqui assento, e foy a primeira povoaçaõ da Europa depois do diluvio, chamando-lhe Cetubala, que significa ajuntamento de Tubal. Succedeo isto no anno de dous mil cento e settenta da creaçaõ do mundo, cento e cincoenta depois do diluvio, dous mil cento e settenta antes do Nascimento de Christo. Havia mais de cem annos que Tubal governava as nossas gentes, quando lhes deo Leys escritas, e ordenou ceremonias divinas, para que entre si vivessem rectos, politicos, e diante de Deos religiosos, e reverentes. Veyo neste tempo a Hespanha Noé ver seus netos, e chegando a Setuval, admirou a notavel harmonia, com que seu neto Tubal governava esta notavel povoaçaõ, e o culto que se dava ao verdadeiro Deos: e separando-se della pelo caminho de Biscainha, nella fez imitar o que em Setuval tinha admirado: deo volta á Italia, porque seu filho Chan, sabendo estava auzente, fazia insolencias notaveis,

sa-

ſahindo de Africa, e entrando nas terras fronteiras. Entretanto Tubal vizitava todas as povoaçoens, que tinha fundado, adminiſtrando juſtiça, e fazendo obſervar as ſuas Leys, fazendo que os ſeus gados paſtaſſem nas margens do Tejo, e Guadiana, e no melhor do Algarve, quando huma doença lhe tirou a vida aos cento e cincoenta e cinco annos do ſeu Reinado, em que vio, e teve ſeſſenta e cinco mil peſſoas deſcendentes de ſeus tres filhos: foy ſepultado na ultima parte da terra com grande dor, e pranto dos moradores de toda Heſpanha, de que rezultou venerarem muitos o ſeu ſepulchro, e a terra, em que elle eſtava, chamando-lhe Promontorio ſagrado, ou ſacro, que he o meſmo; até que o primeiro Rey de Portugal, Senhor D. Affonſo Henriques, deſcobrindo neſte Promontorio o corpo de S. Vicente, em memoria ſua ordenou ſe chamaſſe Cabo de S. Vicente, na verdade duas vezes ſagrado pelo corpo de Tubal, homem juſto da Ley natural, e memoravel, author das povoaçoens urbanas de Heſpanha; e ſanto, e ſagrado, por ter ſido depoſito tantos annos do corpo de S. Vicente. Em quanto nas mais Provincias, tudo eraõ guerras, e diſcordias, no noſſo Reino tudo era paz, e ſocego, occupando-ſe todos em apaſcentar gados, e cultivar ſearas, contentes com os fructos, e veſtidos que dava o Paiz. A Tubal ſuccedeo no governo de toda a Heſpanha (cuja cabeça, e povoaçaõ principal era Setuval, o mais, lugares entre brenhas) ſeu filho Ibero, que deo o nome ao rio Ebro, e a Heſpanha toda Iberia: deo o nome ao rio, porque foy o inventor da peſcaria, e o primeiro que naquelle rio a executou, e enſinou a fazer: taõ menino ficou o mundo depois do diluvio, que foraõ neceſſarios

ſeculos para aprender, o que antes delle ſabiaõ todos, ainda que o naõ uzavaõ, porque ſó comiaõ fructos. Reinou trinta e ſette annos, e delles poucos entre os Portuguezes: ſuccedeo-lhe no governo de Heſpanha toda, em que Portugal ſe comprehende, e comprehendia, ſeu filho Jubalda, ou Idubeda: no quinto anno do ſeu governo, dezejoſo de ver toda a ſua gente, entrou pelas terras, que temos entre o Tejo, e Guadiana, que he Alem-tejo, Algarve, principalmente; porèm os habitadores do Paiz o receberaõ triſtes, porque deſde que perderaõ ao ſeu venerado Tubal, que com eſpecial amor coſtumava viver entre os Portugezes, aborreceraõ o filho Ibero, e o neto Jubalda: pouco ſentio elle iſſo, porque logo ſe retirou para os montes, a quem deo nome, a occupar-ſe na obſervaçaõ das Eſtrellas, influencia dos Planetas, e mutaçoens dos tempos, por ſer Aſtrologo, ou Magico: nos montes o alcançou a morte, e o enterraraõ com ſeſſenta e quatro annos de Imperio, ou de eſtudo, porque ſó neſte cuidou, e naõ em o governo. Era ja o anno de mil novecentos e ſeis, quando lhe ſuccedo na Coroa de toda Heſpanha ſeu filho Brigo, differente do pay, e avô, em tudo, porque apenas entrou no governo caminhou para eſte Reyno, e nelle fez aſſento com tanto amor aos ſeus moradores, que ainda hoje o moſtraõ os nomes das fundaçoens deſte Principe, ou das que tomaraõ o ſeu nome, como ſaõ: Laeobriga, que hoje ſe chama Lagos, ou foy Villa junto a Lagos; Conimbriga, em cujo lugar ſuccedeo Coimbra junto ao Mondego; Medrobriga, que foy junto a Portalegre; Brigancia, hoje Bragança, e outros: fortificou as povoaçoens, q̃ eſtavaõ fundadas, e edificou Caſtellos em todas, e ou-

outros deſde os fundamentos; e tal era o deſejo, que tinha de fundar em Portugal muitos, que o dezabafava em trazer hum pintado nas ſuas bandeiras: morreo aos trinta e dous annos de ſeu Reynado, deixando eſtabelecidas as Leys, contentes, e pacificos os povos, motivo porque lamentáraõ os Heſpanhoes a ſua falta muitos ſeculos, e os Portuguezes mais que todos: ſuccedeo lhe no Reyno de Heſpanha ſeu filho Beto, que quer dizer Felvi, ditozo, bem affortunado, e daqui rezultou chamar-ſe Heſpanha Betica, nome que ainda hoje conſerva a Provincia de Andaluzia: multiplicava-ſe a gente, e gado deſorte, neſſe tempo em Portugal, que naõ os podendo ja ſuſtentar a terra, foraõ neceſſitados a romper os matos, e povoarem os ſertoens da Heſpanha, aonde o noſſo Rey Beto fundou varias povoaçoens novas, a cujos moradores chamou Betulos, ou Baſtulos. Ainda neſte tempo, que era o anno de mil oitocentos e dezaſeis, viviaõ os Portuguezes na Ley natural ſantamente obſervada, como lhes tinha enſinado o ſeu juſto fundador Tubal, ſem idolatria alguma, que ja dominava quaſi todo o mais ambito da terra, ſem agouros, nem ſuperſtiçoens, conhecendo, e adorando com ſacrificios de animaes, e fructos a hum ſó Deos Creador de tudo, e Remunerador a todos, e naõ fazendo cada hum ao ſeu proximo, o que naõ queria para ſi: era a cabeça de toda Heſpanha Setuval, a quem veneravaõ, como eſpecial Republica, todas as povoaçoens deſta grande Provincia, e reconheciaõ os ſeus moradores pelos mais antigos, e ſabios, e origem de todos: eſte ſocego, e ſuperioridade gozavaõ, quando de Africa paſſou a Heſpanha hum homem facinorozo, e delinquente, a quem chamaraõ Geriaõ, que na lingua

Cal-

Caldaica quer dizer peregrino: entrou na Hefpanha acompanhado de outros, como elle, e fe bem naõ fe atreveo a vir a Portugal, fez affento nos feus confins, q̃ eraõ a Ilha Eritrea, Ernia, ou Junonia, no mar do Poente, e Cofta Portugal, que fe julga a cobrio o mar, quando pelos annos de Chrifto trezentos e oitenta, reinando o Imperador Valente, fahio de fi, e allagou muitas Provincias, e Ilhas notaveis: defta Ilha fahia o tyranno Geriaõ com feus companheiros, e entrando em Portugal armados, furtavaõ innumeraveis gados, unica riqueza daquelles feculos fincéros. Os Portuguezes, que eftavaõ coftumados á paz, e focego, e viaõ fobre fi armas, que nunca tinhaõ poffuido, nem manejado, toda a fua defeza confiftia em mudarem os fitios da fua vivenda; e Geriaõ, aproveitando-fe da fua retirada, fortificou a terra neceffaria para os muitos gados, que ja tinha, e naõ cabiaõ na Ilha, e continuava os furtos cada hora. Entrou efte tyranno em Hefpanha no anno de mil fettecentos e noventa e oito, e morrendo pouco depois o feliz Rey Beto, entrou Geriaõ em Portugal, naõ fó com armas pouco neceffarias para vencer gentes, que viviaõ fem ellas, mas com fingular induftria; foy repartindo pelos Portuguezes com maõ larga os mefmos gados, que lhes tinha furtado, e achando nos coraçoens Portuguezes aquella natural inclinaçaõ para o culto divino, começou a fazer facrificios novos com extraordinarias, e fuperfticiozas ceremonias, e ritos Africanos, deforte que os Portuguezes ja cativos da fua liberalidade, virtude fempre amavel nos Principes, ainda quando he defta forte, e ja abfortos com a novidade de Religiaõ, que fempre o novo foy bem admittido, e amado; renderaõ os coraçoens ao tyranno, e finceramente

te consentiraõ se chamasse Rey, e certamente o fosse: os povos confinantes, vendo que os Portuguezes, reconhecidos pelos mais sabios, tinhaõ admittido a Geriaõ por seu Monarcha, promptamente lhe deraõ obediencia: deste tyranno se escreve teve principio a Cidade de Girona. aonde se fez poderozo, forte, e rico; porèm descobrindo logo o seu damnado coraçaõ, findigo até se ver poderozo, começou a tyrannizar a liberdade dos vassallos, a uzar dos roubos com o nome de tributos devîdos, e em fim começaraõ a gemer os Hespanhoes todos, quando ja o remedio era impossivel; porq̃ os Portuguezes, que desde a sua fundaçaõ foraõ sempre o exemplar da fidelidade, e muro inexpugnavel da vida dos seus Principes, naõ obstante experimentarem o mesmo damno, estavaõ promptos para defendê-lo; e elle conhecendo os tinha certos, e firmes, nem temia os outros, nem receava máo successo em desordem alguma, com que estudava affligî-los. Os de Andaluzia, vendo o prezente damno, e receando infinitos no futuro, buscaraõ remedio, e constando-lhe que Osiris passeava pelo mundo, poderozo, e vencedor, tendo por officio desaggravar, e favorecer aos que podiaõ pouco, lhe déraõ conta da sua mizeria, e da que temiaõ: e Osiris, que mais trabalho lhe custava naquelle tempo buscar a quem vencer, do que ser vencedor, façilmente acceitou a empreza, e passou a Hespanha contra Geriaõ, o qual mandou tres filhos seus, com a mais gente que póde, a prezentar lhe batalha, e elle o seguio com outra, e muita: nas margens de Guadiana se avistaraõ, e investiraõ os dous exercitos; e Osiris, naõ obstante estar costumado a vencer sempre, e ter Soldados destros, e fortes, esteve nos termos de perder a batalha

lha

lha, porque os Portuguezes, ainda que naõ tinhaõ uzo de armas, eſtavaõ nas forças corporaes taõ ſuperiores, que ſuſtentaraõ o combate muitas horas fortiſſimamente: porèm em fim, morto Geriaõ, perderaõ os brios, como ſempre ſuccede morto o Rey na campanha, fugiraõ, e declarou-ſe por Oſiris a victoria, o qual uzou della com tal moderaçaõ, e clemencia, que facilmente ſe naõ encontrarà outra nas hiſtorias. Eſtava Oſiris banhado em ſangue das feridas que tinha recebido, e naõ conſentio que ſe fizeſſe o menor damno, ou roubo ás povoaçoens, ném a peſſoa alguma do exercito vencido: chamou os tres filhos de Geriaõ, chamados Lominios, entregou a todos tres o Reyno de ſeu pay, recõmendando-lhes o bom trato dos vaſſallos: paſmaraõ deſta clemencia todos, e em agradecimento, todos pelas mãos de Oſiris entregaraõ as almas ao demonio, admittindo a idolatria das couſas creadas, que Oſiris lhes propôs, e enſinou, e o contar os annos de quatro mezes, como os Egypcios, erro que durou até a conquiſta dos Romanos. Perdidas ás almas dos Heſpanhoes com a idolatria, paſſou Oſiris a Egypto, deixando a todos a maior ſaudade: ficaraõ, alguns Arabios ſeus Soldados, chamados Cinnitas, que habitaraõ na boca do Guadiana, e delles ſe chamou Cinitico o Promontorio ſacro. O noſſo companheiro Soldado quando vier vos contará as vidas dos noſſos Reys, começando do Conde D. Henrique, para ſatisfazer o voſſo grande deſejo de as ouvir; e quando elle acabar continuarey eu eſta, que envolve as vidas de todos os Principes, que governaraõ Heſpanha.

FIM

Da duodecima Parte. Anno de 1758.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XIII.

EM dia de S. Bartholomeu foy neste sitio deliciozo o concurso, porque juntos todos no adro da Igreja, começou o Theologo a contar a vida de N. Senhora com especial brevidade, e energia: Contarvos-hey (disse elle) a vida de Nossa Mãy Maria Santissima, Patrona deste nosso congresso, e de Nosso Senhor Jesu Christo, conforme a mesma Senhora a revelou a sua serva, a Veneravel Madre Soror Maria de Jesus de Agreda, e ella o escreveo nos excellentes livros chamados: *Mystica Ciudad de Dios*; nada accrescentarey de outro Author, e só abbreviarey a historia para vos ser mais facil o percebê-la. Quando o mundo estava mais perdido em vicios, e escandalos, e Deos, mais escandalizado dos homens, entaõ se compadeceo mais delles, e foy servido que nascessem S. Joaquim, e Santa Anna: S. Joaquim tinha a sua caza em Nazareth, povo de Galiléa, foy sempre Varaõ justo, e muito douto nos Mysterios das Escrituras sagradas, muito humilde, puro, sincéro, composto, e honesto: S. Anna tinha a sua casa em Be-

lem, era Donzella castissima, humilde, formoza, tinha noticia infuza das Escrituras, e intelligencia de seus mysterios: ambos se exercitavaõ em contemplaçaõ altissima delles, ambos recebiaõ luzes especiaes do Altissimo, e ambos pediaõ a vinda do Messias ao mundo, e que Deos lhes désse especial luz para acertarem na escolha de consorte: Ouvio Deos as orações de ambos, e mandou ao Archanjo S. Gabriel para que os consolasse: appareceo o Archanjo a Santa Anna em figura corporal, e querendo ella adorá-lo, o naõ consentio, porque ja o Altissimo lhe tinha revelado a elle só, que de Santa Anna havia nascer a Mãy de Deos: disse-lhe que Deos a tinha ouvido, e que era do seu agrado cazasse com S. Joaquim, que o mesmo Deos disporia o desposorio, e que perseverasse com elle nos santos costumes, que tinhaõ, e em pedir a vinda do Messias: a S. Joaquim appareceo o mesmo Archanjo em sonhos, e lhe disse que perseverasse nos costumes, e dezejos santos; que Deos queria cazasse com Santa Anna, que a estimasse como prenda do Altissimo, e lhe désse graças por lha ter dado: pedio logo S. Joaquim a S. Anna para Espoza, e feito o desposorio, ficaraõ vivendo em Nazareth: nenhum revelou ao outro o avizo que teve para o seu cazamento, perseveraraõ nos mesmos costumes santos, e accrescentaraõ outros, porque álèm da obediencia de S. Anna a seu Espozo, amor especial de S. Joaquim a Santa Anna, paz, caridade, e conformidade com a vontade de Deos, vendo-se sem filhos em vinte annos depois de cazados, era tal a sua virtude, que todos os seus bens dividiaõ em tres partes, huma offereciaõ a Deos no Templo;

ou-

outra davaõ aos pobres, e com a terceira ſe ſuſtentavaõ: por eſpecial luz do Eſpirito Santo, fizeraõ ambos voto a Deos, que ſe lhes dava fructo de bençaõ o haviaõ dedicar no Templo ao ſeu ſerviço: e paſſado hum anno neſtes rogos, foy S. Joaquim ao Templo por inſpiraçaõ Divina offerecer ſacrificios, e oraçoens pela vinda do Meſſias, e chegando com os outros á prezença do Summo Sacerdote para fazer as offertas, eſte as recebeo; porèm outro Sacerdote inferior chamado Iſſachar, o reprehendeo aſperamente que foſſe offerecer, ſendo infecundo, e inutil, e lhe ordenou que ſahiſſe logo do Templo, naõ ſe eſcandalizaſſe Deos de o ver alli, e das ſuas offertas: Sahio S. Joaquim do Templo envergonhado, e afflicto, e com humilde, e amorozo affecto pedindo a Deos remedio do ſeu opprobrio, e para melhor dezabafar ſolitario, ſe retirou para huma caza de campo que tinha, e alli alguns dias ſe deteve implorando o favor Divino: Ouvio Deos as ſuas oraçoens, e neſte meyo tempo revelou S. Gabriel a Santa Anna, era goſto de Deos pediſſe o meſmo, o que ella fez, e ratificou o voto: chegaraõ os rogos de ambos ao Throno do Altiſſimo o qual revelou aos Anjos todos, que tinha eſcolhido S: Joaquim, e Santa Anna para Pays da Mãy de Chriſto Senhor Noſſo, e mandou a S. Gabriel lhes vieſſe dar a embaixada, o qual depois de ſaudar a S. Joaquim, que eſtava em oraçaõ, diſſe que tinha ſido deſpachada a ſua petiçaõ, que ſua Eſpoza Santa Anna conceberia hũa filha bendita entre todas as mulheres, da qual havia naſcer o Filho de Deos, que ja tinha determinado ſe chamaſſe Maria, que deſde menina ſeria conſagrada a Deos

no Templo , feria cheya do Efpirito Santo, que a fua Conceiçaõ feria milagroza , que foffe dar graças a Deos no Templo , e em teftimunho defta verdade, encontraria Santa Anna na Porta Aurea , a qual pelo mefmo motivo iria ao Templo , e em fim advertiffe que efta embaixada era celeftial , e fua filha havia de fer a alegria do Ceo , e da terra : tudo ouvio S. Joaquim como em fonhos , ou perfeitamente nelles pela fadiga da oraçaõ , e tornando em fi, deo graças a Deos : no mefmo tempo eftava em oraçaõ fervoroza S. Anna, e efpecialmente affiftida do feu Anjo da guarda , quando entrou S. Gabriel a dar-lhe a embaixada , o mefmo que a S. Joaquim na fubftancia ; fahio logo Santa Anna para o Templo , e encontrou S. Joaquim na Porta Aurea , como diffe o Archanjo : entraraõ ambos no Templo a dar graças , vieraõ para caza , e entaõ communicaraõ hum ao outro a ordem, que tiveraõ de Deos para tomarem eftado , e o que lhes revelara a refpeito da filha que haviaõ de ter. Bafta (diffe o Ermitaõ) veja fenhor Theologo que a Veneravel Madre diz, que o Archanjo fó a Santa Anna revelara que a filha havia fer Māy de Deos e lhe recōmendara o encobriffe a S. Joaquim , o que ella fez , e a efte fó differa que havia fer bendita entre as mulheres , e o mais ja dito. Repara muito bem noffo irmaõ , (diffe o Theologo) porèm nada difto he de fé , porque naõ confta da fagrada Efcritura , faõ revelaçoens , que a cada paffo encontramos oppoftas ; porque a peffoa a quem faõ feitas as entende , conforme o habito que ja tinha, ou conforme difcorreo na materia , e por outros principios, que efcuzaõ faber os humildes , e por

iffo

iſſo neſtas revelaçoens ſe achaõ couzas oppoſtas ás de Santa Birgida, e couzas que parecem oppoſtas ás que eſtaõ ja ditas, como ſuccede no paragrafo 179 deſte primeiro livro, onde diz a Veneravel Madre que o Archanjo appareceo a S. Joaquim, que eſtava em oraçaõ, e logo no paragrafo 180, que he o ſeguinte, diz que tudo iſto ſuccedeo a S. Joaquim em ſonhos, e tudo o que diz Santa Birgida, e eſta Veneravel Madre he verdade, porque ambas recebendo a revelaçaõ do cazo: como Deos deixa ao diſcurſo tudo, o que elle pode, cada hum diſcorreo o melhor que ſabia, e eu, em obſequio do Senhor S. Joaquim, naõ poſſo impugnar os que dizem, que elle teve igual revelaçaõ. Gerado o corpo de Maria SS. e antes de ſer animado, recebeo Santa Anna (diz a Veneravel Madre) hum eſpecialiſſimo favor de Deos, no qual lhe diſſe queria ja cõmunicar-ſe aos homens, e dar-lhes a gloria, porque ſuſpiravaõ os Santos Padres, e elle lhes dezejava dar, mandando ao mundo ſeu Unigenito Filho, naſcendo Homem de Mulher Immaculada, Pura, Santa, e Bendita ſobre todas as creaturas, da qual a fazia Mãy; e eſte favor eſpiritualizou deſorte a Senhora Santa Anna, que jamais attendeo a couza do mundo, que lhe impediſſe o affecto, e attençaõ em Deos, a quem entaõ, e ſempre agradeceo eſte ſingular favor: aſſim como Deos gaſtou ſeis dias na fabrica do mundo, e deſcançou no dia ſettimo, aſſim no ſettimo dia depois de creado o Corpo de Maria SS. lhe creou, e infundio a Alma, declarando-ſe no Conſelho Divino, que era tempo de ſer concebida, e animada a Mãy de Deos izenta, e livre da culpa original, perfeitiſſima em tudo, ſimilhante

ao

ao Filho nos trabalhos: logo revelou Deos aos Anjos este Decreto, e a conveniencia de lhe signalar muitos Anjos da guarda; porque o demonio, depois que vira o signal della no Ceo, andava rodeando todas as mulheres, para ver qual dellas era a Mãy de Deos, e vendo esta perfeitissima entre todas a perseguiria com todas as forças: todos os Anjos se offerecerão para este Soberano Officio, porque todos desde que forão glorificados, pedirão a Deos a Incarnação do Verbo: determinou Deos cem Anjos de cada Coro para guardas de Maria Santissima, outros doze mais para que lhe assistissem em fórma vizivel, e outros dezoito para Embaixadores de Deos a Maria, e de Maria a Deos; àlèm disto nomeou settenta Serafins dos mais supremos para que communicassem com a Senhora do mesmo modo, que elles se cõmunicaõ huns com os outros: e para melhor dispôr este Esquadraõ, elegêo a S. Miguel para Cabeça de todos estes Anjos, e Embaixador especial de Christo a sua Mãy, e a S. Gabriel para Embaixador do Eterno Pay: mandou-lhes que lhe naõ revelassem que havia ser Mãy de Deos, até que chegasse o tempo, que a sua providencia tinha determinado, e que todos lhe apparecessem com differentes divisas dos Mysterios da Incarnaçaõ, Vida, Paixaõ, e Morte de Christo, e communicassem com a Senhora estes Mysterios para a mover a pedir a vinda do Messias com mais fervor.

Tinha S. Joaquim quando cazou quarenta e seis annos de idade, e Santa Anna vinte e quatro, desorte, que quando foy concebida a Senhora, tinha S. Joaquim sessenta e seis annos, e Santa Anna

na

na quarenta e quatro: Supprio Deos milagrozamente o que faltava á natureza de Santa Anna, por ser naturalmente esteril, e o que tinha perdido a natureza de S. Joaquim, com a temperança, e penitencia, e deste modo, que só se vio na Conceiçaõ de Maria Santissima, sem concupiscencia, nem deleite, foy concebida a Senhora: por este admiravel modo foy o Corpo de Maria Santissima composto, e organizado, desorte, que os humores naõ excederaõ nunca huns aos outros, servindo-lhe todos para conservar aquella summamente bem ordenada fabrica, sem corrupçaõ, nem alteraçaõ, convertendo-se todo o alimento em substancia, sem lhe sobejar cousa alguma superflua com o calor necessario para as funçoens naturaes de cozimento, e movimento do sangue, e frialdade para refrigerar as entranhas; sentia porèm o calor, e frialdade dos tempos, e influencias dos Astros, antes por isso mesmo que era mais mimozo, padecia mais, ainda que sem lezaõ na saude, as mutaçoens do tempo, desorte (diz a Veneravel Madre) que se empenhou Deos mais na formaçaõ desse Corpo Santissimo, do que nos de Adaõ, e Eva, e na formaçaõ de todos os Orbes Celestes: foy a sua formaçaõ hum Domingo, que corresponde á creaçaõ dos Anjos, e no Sabbado seguinte foy a creaçaõ, e uniaõ da sua Santissima Alma. Quando Deos a creou disse: Façamos a Maria á nossa Imagem, e similhança a nossa verdadeira Filha, e Espoza para Mãy do Unigenito da substancia do Pay: com a força da Divina palavra, foy aquella ditoza Alma cheia de dons, e graças sobre todos os Serafins, foy-lhe concedido no mesmo instante perfeito uzo

de-

de razaõ, com o qual exercitou logo os actos de Fé, Esperança, e Caridade, e das mais virtudes, com que mereceo mais naquelle instante, do que todos os Santos na sua maior perfeiçaõ, e teve hum taõ alto conhecimento da Divindade, que nem se explica, nem percebe: exercitou logo actos de virtudes em agradecimento destes beneficios, conheceo todos os Anjos da guarda, e os convidou para agradecerem com ella a Deos, o que lhe tinha feito, conheceo toda a sua genealogia, e o resto do povo de Deos, derramou lagrimas pela quéda de Adaõ, pedio ao Altissimo o remedio dos homens, e começou a ser medianeira da Redempçaõ; pedio por seus Pays, e compôs logo canticos a Deos, em que protestava o agradecimento de tantos, e inexplicaveis beneficios, e graças, e os Anjos no Ceo, e na terra déraõ a Deos graças pelos dons, e favores, que recebia a sua Rainha. Vamos para dentro louvá-la (disse o Ermitaõ) e o mais fique para as outras Conferencias interpoladas com as differentes historias começadas, e outras novas.

F I M.

DA DECIMA TERCEIRA PARTE.

LISBOA.

Com todas as licenças necessarias.

Anno de 1758.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XIV.

NO dia 27 de Agosto concorreraõ os Romeiros para se despedirem, e hum mais curioso disse que sentia naõ poder assistir a todas as Conferencias; porèm ja que nessa unica, que gozara, tinha ouvido fallar nas maravilhas do mundo, desejava naõ se despedir sem ir instruido nisto, que ja ouvira gabar em outro tempo. Fallámos (disse o Ermitaõ) nessa materia, na vida de Semiramis, porque os muros de Babylonia, que ella edificou, foraõ huma dessas chamadas maravilhas, isto he, fabricas, em que se esmerou tanto o engenho, e arte, que qualquer dellas parecia mais prodigio, que obra de engenho humano: tinhaõ estes muros tres mil cento e vinte e cinco pés de circuito, duzentos pés de alto, e cincoenta pés de largura, desorte, que podiaõ bem rodar por elles seis carros emparelhados: eraõ feitos em quadro sobre abobadas, tinhaõ jardins, e hortas de recreyo, em que se diz havia arvore taõ grossa, que dez homens a naõ podiaõ abarcar, tinhaõ dentro hum Templo de Jupiter Bello, pay de

Nino, o qual tinha mil passos em quadro, de notavel artificio, e custo; tinhaõ cem portas de bronze, e pela parte de fóra hum extraordinario fosso cheio de agoa: em fim obra, na qual trabalharaõ muitos annos trezentos mil homens: esta dizem foy a quinta maravilha do mundo, porque a primeira foy o Templo de Diana: foy edificado em Epheso Cidade das mais famozas da Azia na Provincia de Jonia, toda aquella grande parte do mundo se empenhou na sua fabrica, edificaraõ-no sobre agoa para ficar livre dos tremores da terra; sustentava-se em cento e vinte e sette columnas de marmore, cada huma das quaes tinha sessenta pés de altura, e em trinta e seis dellas estavaõ esculpidas admiraveis figuras: cada hum dos Reys, que hia succedendo na Azia, lhe mandava fazer huma columna com tal artificio, e custo, que fosse testimunho da sua devoçaõ, e empenho; duzentos e vinte annos trabalharaõ nesta obra muitos mil homẽs, tempo, em que reinaraõ na Azia cento, e vinte e sette Reys, q̃ empregaraõ no adorno do mesmo Templo todo o ouro, e pedras preciozas, que tinhaõ: a esta maravilha do mundo pôs fogo hum Grego de baixa qualidade; começou o incendio de noite, e pela manhãa seguinte estava reduzido a cinzas, confessou o fizera para eternizar o seu nome, o que sabendo o Senado Romano, ordenou que ninguem o nomeasse, porèm sabe-se que se chamava Erostrato. A segunda maravilha foy o Mauzoleo, sepulchro de Mausolo Rey de Caria, mandou-lho fazer sua mulher a Rainha Artemisa, tinha de comprido settenta e tres pés, e de alto vinte e cinco covados, tinha em circuito trinta e seis columnas lavradas pelos artifices mais

mais celebrados naquelles seculos; porém o corpo de Mausolo naõ se enterrou neste magnifico sepulchro, porque sua mulher o fez reduzir a cinza, e a bebeo antes de se acabar a obra. O Colosso de Rodes foy a terceira maravilha do mundo, chamada assim, porque a fez Colosses, celebre estatuario, era huma imagem do Sol em fórma de homem feita de metal, e taõ grande, que sentado hum homem no menor dedo do pé, naõ lhe cobria a unha, nem homem algum lhe podia abraçar hum dedo pollegar da maõ, todo o mais corpo era proporcionado a estes membros, tinha cento e vinte pés de alto, e foy tal o seu pezo, que naõ pode sustentar-se em pé mais do que cincoenta e quatro annos, tremeo horrorozamente toda a Ilha quando cahio, e Ozman Rey de Arabia, quando conquistou Rodes, carregou de metal desta arruinada estatua novecentos camelos, que a trinta arrobas cada hum fazem vinte e sette mil arrobas: desta grande estatua Collosso, e do maravilhozo sepulchro de Mausolo se vieraõ a chamar, por encarecimento, aos grandes sepulchros, Mauzoleos, e ás grandes estatuas, Collossos. A quarta maravilha do mundo, foy a Estatua de Jupiter Olympico, feita pelo notavel artifice Fidas, razaõ porque lhe chamaraõ Jupiter Fidiaco, era toda de ouro, e marfim, tinha na maõ direita a figura da Victoria, e na esquerda hum cetro embutido, e lavrado em varios metaes, e sobre elle huma Aguia Real, a capa era de ouro, em que se viaõ esculpidas varias flores, animaes, e historias: estava sentada em hum grande, e magestozo Templo, em hum throno guarnecido de ouro, e pedras preciozas; toda a tribuna, em que estava, era de excellen-

te obra Mosaica; e se ignoraes o que he esta obra, vede a Capella de S. Joaõ em S. Roque de Lisbôa, feita pelo Fidelissimo Rey D. Joaõ V., e nella achareis tres paineis, que parecendo excellente pintura, saõ feitos de bocados de pedra, e isto he o que se chama obra Mosaica, porque se chamava Moysés o seu primeiro inventor. O Templo, em que estava esta notavel estatua, tinha de largo noventa e cinco pés, e o mais á proporçaõ da largura, tudo nelle era ouro, pedras preciosas, e lavores exquizitos, porèm a architectura excedia a tudo; só tinha o defeito, que, sendo taõ grande, naõ era proporcionado para a estatua de Jupiter, porque se estivesse em pé, naõ caberia no Templo; este defeito notaraõ ao architecto, o qual respondeo, que por isso fizera a estatua de materia taõ pezada, para que nunca se levantasse. As piramides do Egypto foraõ a sexta maravilha, mandavaõ-nas fazer os Reys daquella antiga Monarchia, para mostrarem a sua riqueza, e para remediarem os seus vassallos, ocupando-os com lucro: houve piramide destas, que cada angulo dos quatro que tinha occupava trezentos e sessenta e tres pés de comprimento; outra, que gastaraõ em fazê-la vinte annos trezentos e sessenta homens: outras foraõ fabricadas em settenta e oito annos e quatro mezes; huma notavel occupava em circuito dous mil novecentos e quarenta e oito pés, outra maior, tres mil quinhentos e trinta e dous pés; todas eraõ lavradas de excellentes pedras da Ethiopia, cada huma com exquizita architectura, em que se viaõ esculpidas as acçoens memoraveis dos Reys, que as mandáraõ fazer. A setima, e ultima maravilha do mundo

mundo era o Palacio do Rey Cyro, dizem que para ſocegar o inquieto genio dos Medos ſeus vaſſallos, os occupara neſta admiravel fabrica, que occupava cinco legoas de diſtancia: álèm da notavel architectura das cazas, e ornato dellas, de todas ſe ſahia para jardins de recreio com fontes, em que andavaõ as mais exquizitas aves, e ſe viaõ as melhores, e agradaveis flores, com orgãos hydraulicos, iſto he, orgãos, em que a agoa fazia o meſmo effeito, e officio, que nos outros orgaõs faz o vento, ao ſom dos quaes orgãos cantavaõ as aves: de outras ſallas ſe ſahia para boſques de arvores cheirozas poſtas por tal harmonia, que tendo alguns delles mais de legoa, viaõ-ſe os animaes, que em cada hum havia: junto a outras havia lagos de excellente pedraria cheios de agoa doce, pura, e cryſtallina, em que ſe viaõ innumeraveis peixes, nadavaõ eſcaleres primorozos, e no meio dos lagos piramides, e obeliſcos, que lançavaõ agoa a huma altura extraordinaria, a qual paſſando por cima das embarcaçoens, lhes formava, huma freſca, e cryſtallina abobada, que os defendia do Sol, e os recreava: em outros, em fim, ſahia agoa por figuras de tal ſorte fabricadas, que ſe ouviaõ cantar paſſaros ſuaviſſimamente, e homens, e mulheres, da meſma ſorte: em fim as riquezas do Cyro foraõ inexplicaveis, e todas conſumio neſte Palacio, que primeiro deſtruiraõ os inimigos com fogo, e depois acabou o tempo: naõ havia recreio, q̃ ſe pudeſſe excogitar, que ſe naõ viſſe neſta habitaçaõ: tinha dentro labyrinthos para divertimento, e premio dos que ſe rezolviaõ a entrar nelles, e ſahir ſem guia: tinha Amphitheatros para ver brigar as féras, e o mais he ſer

feito

feito tudo com taõ especial feitio, que todos podiaõ ir ver tudo; sem subir, nem descer hum degráo, sem verem o Rey, e a sua numerozissima familia, nem serem vistos delle, nem della. Ja que fallaste em labyrinthos, e Amphitheatros (disse o Romeiro) explicai-me o que eraõ essas duas fabricas com brevidade. Labyrintho (disse o Ermitaõ) era hum edificio composto de muitas, e varias ruas, com tantas voltas, e taõ confuzas, que quem entrava dentro, naõ acertava com a sahida, e por mais que a buscava, mais enredado se via: Houve hum em Creta feito por Dedalo, que tinha cem ruas, outro em Leno, outro em Italia, outro no Egypto, havia dentro delle Templos de todos os Deozes do Egypto, notaveis cazas, excellentes columnas de porfido, e jaspe, em que se viaõ esculpidos os Reys todos daquella Monarchia, e as suas façanhas: havia tambem cazas fabricadas em o alto, por tal modo, que ao tempo em que dellas sahiaõ os curiozos, ouviaõ horriveis trovoens dentro: O de Leno era similhante ao de Egypto, e demais tinha quinhentas columnas de maravilhoza grandeza, feitas, e postas com tal arte, que qualquer menino as movia. Dos Labyrinthos de Italia, e Creta naõ ha signal, sabe-se que o de Italia o mandou fazer o Rey Porsena para seu sepulchro, tinha de comprido por cada lado trezentos pés, e quinhentos de altura, tinha cinco piramides sobre o portico de sessenta e cinco pés de largura, e cento e cincoenta de altura, em cima de cada huma hum cavallo Pegaso, isto he, com azas, com campainhas prezas em cadêas, que soavaõ com o vento, e sobre a columna do meyo, outra columna de cem pés de altura, e hum plano em cima

cima, no qual estavaõ cinco piramides iguaes ás de baixo. Os theatros eraõ aonde se ajuntava o povo a ver as festas publicas: houve tres especiaes em Roma, o de Pompeo, o de Marcello, e o de Cornelio Balbo; o primeiro no campo de Flora, aonde hoje he o palacio dos Ursinos, era de pedra, e accommodava oitenta mil pessoas, Nero o cobrio de ouro para receber nelle a Tiridates Rey de Armenia, que lhe offereceo os dous cavallos de pedra, que estaõ no Quirinal; no lugar do segundo está o palacio dos Sabellis, e do terceiro ha vestigios no cerco Flamineo. Os Amphitheatros eraõ huns edificios redondos com huma grande praça no meyo, aonde se faziaõ todos os jogos de que uzavaõ os Romanos, e se lançavaõ os criminozos ás féras para os despedaçarem, aqui se viraõ milagres portentozos, quando lançavaõ ás féras os Santos, como contarey a seu tempo, e aqui succedeo o notavel cazo de Andronico escravo, que lançado a hum leaõ pelo crime de fugitivo, o leaõ o abraçou, e lambeo, festejou, e servio toda a vida, porque Andronico, quando fugio no Egypto a seu senhor, se accommodou na cova deste leaõ, o qual entrou nella ao Sol posto coxeando por cauza de hum espinho, que tinha atravessado em huma maõ, a qual pôs sobre as mãos de Andronico gemendo, e elle lhe tirou o espinho, e curou muitos dias, até que fugio por naõ ter agoa, depois o conheceo o leaõ no Amphitheatro, e lhe fez, o que disse, em agradecimento: houve dous Amphiteatros, o de Vespasiano, e o de Estatilio, o primeiro se chamou Colisseo de Colosso, ou Estatua de Nero de bronze dourado, que nelle estava, Vespasiano o fez de pe-

pedra Tiburtina, e taõ alto, que igualava com o monte Celio; durou esta obra doze annos, trabalhando nella trinta mil pessoas, e accommodava em si com largueza oitenta e cinco mil, para verem as festas; resta delle ametade, dedicou-o a Tito, e no dia da dedicaçaõ morreraõ cinco mil féras de diversas especies. Ja que sois taõ curiozo sabei o que eraõ Bazilicas dos Romanos, eraõ humas cazas grandes, aonde se juntavaõ os negociantes, e mercadores a tratar dos seus pleitos, e negocios: seis foraõ as mais notaveis, a de Paulo: adornada de formozas columnas, a Porcia que fez Cataõ sendo Censor, á custa do povo, e nella assistiaõ os Tribunos da plebe: a Opimia junto ao Templo da Concordia: a de Macedio junto ao cerco Flamineo: a de Constantino junto ao Templo da Paz; e a Argentaria na praça mayor: daqui vem chamarem os Catholicos Bazilicas em Roma, e fóra della, ás Igrejas muito grandes. Basta, disse o Soldado, e á manhãa venhaõ cedo, porque me cabe contar as vidas dos nossos Reys de Portugal, e ha de ser em todas as Conferencias até se acabarem, para vos naõ esquecerem.

F I M.

DA DECIMA QUARTA PARTE.

L I S B O A.

Com todas as licenças necessarias.

Anno de 1758.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XV.

JUntos no dia 28 de Agosto, disse o Soldado: Naõ conto as vidas dos Principes Gentios, Hereges, e Catholicos, que teve este Reino, ja separado, ja unido ao Corpo de toda a Hespanha; porque isso pertence ao nosso companheiro, que nos refere a historia de todo o mundo, e nos ha de contar tudo isso a seu tempo; pertencem-me os Soberanos de que trataõ os nossos Escritores, e aonde começa a genealogia dos nossos Serenissimos Reys: o primeiro pois he o Conde D. Henrique, natural de França, neto do primeiro Duque de Borgonha Roberto, filho quarto de seu primogenito Henrique, segundo, e terceiro neto dos antigos Reys de França Roberto, e Hugo Capeto, e do sangue do Imperador Carlos Magno, pela parte do Pay descendente do Grande Faramundo Rey dos Francos, e pela parte da mãy de Henrique, Duque primeiro de Saxonia, e de Santo Arnulfo Duque de Mosselana: de trinta annos veyo para Hespanha adquirir fama nas guerras contra os Mouros, e aprender do famozo Cid Campeador: morreo nesse tempo o Rey de Castella D. Fernando, deixou os Reinos repartidos pelos filhos, seguiraõ-se guerras entre todos, e hum chamado D. Sancho tirou ao irmaõ D. Garcia o Reyno de Portugal, e ao irmaõ D. Affonso o Reino de Leaõ, obrigando-o, a que se valesse do favor dos Barbaros para pas-

 sar

ſar a vida : neſtes trabalhos o acompanhou o noſſo Conde D. Henrique ; morreo D. Sancho , e o deſterrado D. Affonſo naõ ſó recuperou o Reyno de Leaõ , mas herdou os Reinos de Caſtella , e Portugal , e em premio de o acompanhar nos trabalhos, caſou o Conde D. Henrique com ſua filha natural Dona Thereza , que elle ſummamente eſtimava , a qual era filha de Dona Ximena Nunes de Guſmaõ, familia illuſtriſſima: deo-lhe em dote a Cidade do Porto , e ſua Comarca , que entaõ era o melhor de Portugal: morreo Dona Ignez primeira mulher do Rey D. Affonſo, e cazou eſte com Dona Conſtança , tia do noſſo Conde D. Henrique : foy eſte a França buſcar a tia , foy com elle D. Romaõ de Toloſa, Francez, que havia pouco viera buſcar a guerra para luſtrar , e veyo com ambos outro D.Romaõ de Borgonha, Conde. Quando o Cid dezafiou os Condes de Carriaõ , prometteo o Rey D. Affonſo ſegurar o campo com a ſua prezença ; porèm depois mandou em ſeu lugar o noſſo Conde com tres mil lanças, e vencidos os Condes, o noſſo D. Henrique foy o Juiz dos caſtigos, que lhes deraõ. Junto a Cordova deo batalha D. Affonſo a hum Rey Mouro , que lhe tinha morto ſeu filho o Infante D. Sancho , e intentava dominar toda a Heſpanha : foy o noſſo Conde na vanguarda do exercito , e procurou o Rey Mouro , deſorte o enveſtio , que o fez cahir , e o prendeo, e entregou-o a Diogo Ordonhes, que o levou ao Rey D. Affonſo , o qual o mandou fazer empedaços : proſeguio o noſſo Conde a victoria , rompeo o exercito inimigo , matou muitos mil , e afugentou os outros : em premio lhe deo o Rey D. Affonſo varios lugares em Portugal , e licença para os vir gozar com ſua mulher D. Thereza , da qual havia muitos annos vivia ſeparado por ter ella muito pouca idade : pouco ſe gozou do deſcanço , porque fazendo-ſe a expediçaõ para a Conquiſta da terra Santa , o Papa Urbano II. o nomeou por hum dos doze Capitaens daquella empreza , e o Rey D. Affon-

fon-

fonſo o fez Capitaõ General de todo o ſoccorro, que mandou para ella, aonde o noſſo Conde obrou ſingulàres proezas, remuneradas pelo Rey novo de Jeruſalem Godofredo, ja com extraordinarias honras, e mercês na deſpedida, ja com varias Reliquias notaveis, como foraõ: o ferro da lança, que abrio o Lado de Chriſto Senhor, N., parte da Coroa de eſpinhos, hum pedaço do Santo Lenho, hum çapato de N. Senhora, e huma touca de Santa Maria Magdalena: veyo da Paleſtina acompanhado de S. Giraldo, que depois foy Arcebiſpo de Braga, ſeu natural; viſitou em Conſtantinopla ao Imperador Aleixo, que entre varias Reliquias lhe deo hum braço do Evangeliſta S. Lucas: chegou a Toledo, entaõ Corte de Caſtella, e D. Affonſo conſiderando os ſeus merecimentos, e fadigas, lhe deo em premio tudo o que eſtava conquiſtado aos Mouros em Portugal, que eraõ as Cidades de Coimbra, e de Vizeu, as Provincias de Entre Douro, e Minho, Beira Traz os Montes, e em Galliza até o Caſtello de Lobeira, e licença para conquiſtar o que pudeſſe até o Algarve. Recebidas eſtas mercês, entrou em Portugal o noſſo Conde com ſua mulher, e fez aſſento, e Corte na Villa inſigne de Guimaraens com o titulo de Conde de Portugal; e querem os noſſos Eſcritores, ainda que naõ todos, que eſta foy a primeira vez, que o noſſo Conde entrou em Portugal, e naõ antes de vir da terra Santa. Com a ſua preſença começou o Reyno a ter felicidades, e elle, meditando os ſeus augmentos, convidou ſeu ſogro o Rey D. Affonſo para o ajudar na Conquiſta de Lisbôa, a qual juntos eſcaláraõ, e venceraõ com ſummo terror dos Mouros, aos quaes venceo depois em dezaſette batalhas dignas de eterna memoria, aſſolando-lhes as Meſquitas, e no lugar dellas levantando Templos magnificos, pondo-lhes Prelados virtuozos, e dando-lhes rendas com liberal maõ. Fundaçaõ delle ſaõ as Igrejas de Braga, Porto, Lamego, Coimbra, Viſeu, e outras muitas.

Pedio-lhe soccorro sua cunhada Dona Urraca contra seu marido D. Affonso o Imperador, Rey de Navarra, e Aragaõ, que pertendia ser tutor de hum filho, que do primeiro Matrimonio teve a mesma Dona Urraca; e o mesmo foy dar-lhe o nosso Conde soccorro, que vencê-lo, e decidir o pleito. Duas vezes depois foy cercado pelos Mouros na Cidade de Coimbra, aos quaes rezistio, e obrigou a retirarem-se: fez os muros do Porto quazi todos, e os de Braga quazi dos alicerses; porque os barbaros, que a possuiraõ mais de duzentos annos, os deixaraõ totalmente destruidos. Estava sitiando a Cidade de Astorga, que era sua com o titulo de Conde, antes de cazar com a filha do Rey D. Affonso, quando lhe deo huma doença tal, que em breves dias morreo, com universal sentimento, naõ só dos Vassallos, e Reys vizinhos, mas ainda dos mais distantes, que veneravaõ o o seu nome, e singulares virtudes, e necessitavaõ do seu valor para todas as occasioens de empenho, e defeza: Falleceo com sessenta e sette annos de idade, mais de vinte de governo de Portugal com o titulo de Conde: dezoito annos de idade tinha seu filho D. Affonso, que se achava com elle no sitio de Astorga, o qual acompanhou o cadaver do pay com o melhor do exercito, guardando o mais delle a retaguarda, e na Sé Primacial de Braga o sepultou, aonde annos depois foy sepultada sua mulher a Condessa Dona Thereza. Era de estatura proporcionada, de formoza, e veneravel presença, rosto branco, olhos azues, e cabellos ruivos; no seu retrato antigo está armado com a espada levantada. Teve tres filhos legitimos, e hum fóra do Matrimonio, e de mãy nobre: os legitimos foraõ D. Affonso Henriques, que lhe sucedeo no titulo de Conde Infante, depois Principe, e ultimamente Rey, como logo ouvireis; Dona Thereza, que cazou com D. Fernando Nunes, Senhor Grande em Galliza; Dona Urraca, que cazou com D.

Ber-

Bermudo Paes, Conde de Traſtamarà: o illegitimo foy D. Affonſo, primeiro Meſtre da Ordem de Aviz, depois paſſou a França, aonde teve a dignidade de Par; porèm com a communicaçaõ de S. Bernardo, ſeu parente, deixou o mundo, veyo para eſte Reyno, tomou o habito em Alcobaça, e nelle eſtá ſepultado. Nunca uzou o noſſo Conde das Armas, e brazoens dos ſeus illuſtriſſimos aſcendentes, ſempre trouxe o eſcudo em branco, como os Romanos, até adquirir com façanhas o que nelle ſe havia eſculpir: e com effeito, depois da Conquiſta da terra Santa, mandou nelle pintar huma Cruz azul, cor de que uzou ſempre a Caza de Borgonha, donde ja diſſe deſcendia. No ſeu tempo governaraõ a Igreja de Deos Urbano II., e Paſchoal II.; achou-ſe o corpo do Evangegeliſta S. Marcos, floreceraõ os Santos, Bruno Fundador dos Cartuxos, Anſelmo Cantuarienſe, e Hugo de Cluni; teve principio a Ordem de Malta, celebrou-ſe o Concilio Claramontano com o mayor concurſo de Catholicos jamais viſto; inſtituio-ſe nelle o Officio de Noſſa Senhora, foy Sicilia ſujeita a Heſpanha, foy conquiſtada Nicea de Bytinia, e Anticquia de Syria; morreo o Cid, foy Godofre primeiro Rey de Jeruſalem, D. Affonſo VI. de Caſtella, houve muitos Concilios por cauſa dos ciſmas, herezias, erros, e abuzos daquelle ſeculo. No anno de mil e noventa e quatro na Villa de Guimaraens naſceo o Veneravel Senhor Rey D. Affonſo Henriques, levaraõ-no a bautizar, porèm vendo S. Giraldo Arcebiſpo de Braga, que havia adminiſtrar o Sacramento, que o vinha acompanhando o notavel Cavalheiro Egas Moniz ſeu ayo, o qual eſtava excommungado, ordenou ſe retiraſſe do Templo; ſoffreo iſto mal o dito Egas, e quiz dar no Santo Arcebiſpo, e logo lhe entrou no corpo o demonio, e o lançaraõ fóra: acabado o bautiſmo rogaraõ os Fidalgos ao Santo Arcebiſpo, que pediſſe a Deos o remedio para Egas Moniz,

o que

o que elle fez ; e logo sahio o demonio do seu corpo pela bocca, envolto em fumo de fedor taõ horrivel, que obrigou a fuga, e pasmo os circunstantes, que para sempre veneraraõ o Santo Arcebispo. Nasceo o nosso D. Affonso em tudo bello, e perfeito, e só com a desgraça de ter as pernas pegadas huma á outra desde os joelhos até os tornozelos. Egas Moniz seu ayo sentia isto muito, e pedia a Deos o remedio; appareceo-lhe Nossa Senhora, e disse-lhe que no lugar de Carquere, junto a Lamego, estava quazi coberto de terra hum edificio, que fora levantado em seu louvor, e nelle huma imagem sua, que limpasse o Templo, e puzesse sobre o altar delle o menino Affonso na prezença da sua imagem, e que ficaria são, e seria instrumento memoravel do castigo dos Barbaros. Ouvio Egas Moniz, e com viva fé levou cinco annos o menino Affonso á dita romaria, e o pôs sobre o altar, até que por milagre se lhe separaraõ as pernas: de doze annos começou a militar com seu pay, morreo este, quando elle tinha dezoito; e sua mãy cazou segunda vez, de que lhe rezultaraõ ao nosso Affonso trabalhos grandes, e discordias entre ella, e elle, até que, a rogos da mãy, o Rey D. Affonso VII. de Castella, e Leaõ, desceo contra o nosso Conde acompanhado dos melhores Soldados das suas terras em grande numero: preparou-se o nosso Affonso, e ainda que com pouca gente, taõ valoroza, que passou á espada quazi todo o exercito de Castella no campo de Valdevez: fuguio o Rey ferido, e os mais se salvaraõ com inexplicavel medo do nosso Soberano: no anno de 1117 o cercou na Cidade de Coimbra o Rey Mouro Eujuni, com trezentos Soldados; porém Affonso naõ só rezistio com valor summo, mas pelejou Deos por elle, porque dando peste no exercito do Mouro, levantou o cerco, no mesmo anno escalou, e venceo a Praça fortissima da Cidade de Leiria, e por ser a primeira Conquista o offereceo a

Deos

Deos nas mãos de S. Theotonio Prior do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra: expugnou depois a Villa de Torres-novas, e recolheo-se a Coimbra a meditar a Conquista do Alem-Tejo, que dominava Ismar, ou Ismael, Rey Mouro poderozo. Em Coimbra vivia o nosso D. Affonso, como Principe, cuidando no exercito, e como Religiozo assistindo a todas as horas do Officio Divino, de noite, e de dia no Coro de Santa Cruz de Coimbra, com sobrepelliz entre os Religiozos: juntou o mais que pode, e mais luzido, sahio de Coimbra, passou o Tejo, fez algumas entradas nas terras dos Mouros, e retirava-se triuntante, quando Ismar escandalizado convocou os seus distribuidos por vinte Regulos, cinco delles Reys superiores aos quinze, e elle a todos, cada hum com oitenta mil Soldados vieraõ buscar o nosso pequeno exercito, que só constava de treze mil homens, se bem era o mayor, que tinha posto em campo a pequenhez do nosso Reyno: nesse tempo desmayaraõ os nossos vendo a multidaõ do exercito inimigo; porèm Affonso os animou, e prometteo no seguinte dia a victoria confiado na misericordia Divina. Recolheo-se Affonso á sua Tenda, e depois de pedir a Deos auxilio muitas horas, quando havia descançar no leito, começou a ler na Sagrada Biblia a historia, e batalha do grande Capitaõ Josué: neste tempo entrou na Tenda hum Ermitaõ, que alli perto havia mais de sessenta annos fazia vida penitente, e disse-lhe, que quando ouvisse a campainha da sua Ermida, sahisse da Tenda ao campo, e receberia hum grande favor de Deos. Rompia a alva quando ouvio o signal, sahio da barraca armado, e levantando os olhos para a parte do Oriente, vio huma luz notavel, multiplicaraõ-se nuvens de resplandores, e abertos, lhe appareceo Christo Senhor nosso crucificado, em hum Throno de Anjos, o qual, depois de o animar, e prometter victorias, lhe disse que nelle, e na sua descenden-

dencia queria estabelecer para si hum Imperio; que escolhera os Portuguezes para levarem a sua Ley a terras remotas, que compuzesse o Escudo das suas Armas, das sua cinco Chagas, e dos trinta dinheiros, porque fora vendido, e acceitasse o titulo de Rey, que pela manhãa o exerciro lhe havia dar: postrado em terra, e abatido, protestou Affonso, que a sua fé escuzava vizoens, de que naõ era digno, e agradeceo ao Redemptor este favor singular: vinha nascendo o Sol, quando se recolheo, e o exercito movido por Deos, o cercou todo, batendo nos Escudos, e chamando-lhe Rey, acclamaçaõ, que acceitou por ser ordem de Christo, pedindo-lhe todos, com furor preternatural, se prezentasse logo a batalha, e começou a dispô-la. Basta (disse o Theologo) acaba-se o dia, vamos á Ladainha, e na Conferencia de á manhãa acabarey de contar esta notavel vida.

F I M

DA DECIMA QUINTA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.

Anno de 1758.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XVI.

JUntos no dia 30 de Agosto, continuou o Soldado a vida do Sereniſſimo Veneravel Rey D. Affonſo Henriquez: Dizendo diſposto em batalha o pequeno exercito na confuza, e irregular fórma naquelles tempos uzada, o noſſo Rey ſe prezentou em quatro eſquadroens, e Iſmar em doze, accommetteraõ-ſe os dous exercitos, durou ſeis horas o conflicto, corria em rios o ſangue pelo campo, naõ ſe pizavaõ mais que corpos mortos; e em fim declarou-ſe pelos Catholicos a victoria, huma das mayores de que ha noticia: foy alcançada no campo de Ourique em dia de S. Tiago no anno de 1139: Iſmar, vendo-ſe perdido, foy vingar-ſe na Cidade de Leiria, que tomou, e paſſou á eſpada os defenſores della, cativou o Alcaide, e Capitaõ D. Pelayo Gutterrez: acudio logo o noſſo Rey, e ainda que achou muita rezistencia, com tudo reſtaurou a Cidade, e começou a meditar a conquiſta de Santarem, Praça inexpugnavel; mas para o ſer votou edificar o Moſteiro de Alcobaça, e dotá-lo com todas as terras que via do monte aonde eſtava: no meſmo inſtante revelou Deos eſte voto a S. Bernardo em França, o qual chamou logo dous Monges, e os mandou para eſte Reyno a começar a fundaçaõ, e deſde eſſe tempo com-

 mu-

municou o Rey com ſeu parente S. Bernardo por cartas todas as ſuas conquiſtas, e S. Bernardo com as ſuas oraçoens lhas conſeguio todas: a primeira foy eſta, e na verdade milagroza; porque vindo o noſſo Rey de Coimbra em cinco dias, em menos de huma hora conquiſtou Santarem a ſette de Mayo de 1147, arrimaraõ-ſe as eſcadas aos muros, poucos tinhaõ ſubido, quando foraõ ſentidos, entre a reſiſtencia, e confuzaõ, quebraraõ os noſſos as portas, entrou o Rey, e poſto de joelhos deo a Deos graças, creſceo a multidaõ dos Mouros, encheraõ ſe as ruas de armas, e cadaveres, o dia moſtrou aos inimigos a ſua deſgraça, e ficaraõ os noſſos ſenhores da Villa: neſſa noite, mandando o noſſo Rey fazer alto junto á Villa, appareceo no Ceo huma Eſtrella, a qual lançando hum rayo luminozo, ſe veyo ſepultar no mar, que todos julgaraõ bom agoiro; e quando o noſſo Soberano lhes mandou dizer que as treguas eſtavaõ acabadas, tiveraõ os Mouros hum horrivel agouro, porque viraõ da parte do Sul hum boy com azas de fogo voando pelo ar: ja neſte tempo tinhaõ os Mouros tomado Lisbôa, e o Rey de Caſtella ſe tinha queixado ao Papa de que o noſſo D. Affonſo lhe negava a vaſſallagem, e ſe chamava Rey: ſo veyo hum Legado a conhecer do cazo, e o noſſo Soberano ſatisfez ao Papa com o juramento da appariçaõ de Chriſto Senhor noſſo, que ja diſſe, e fez o Reino tributario á Santa Sé Apoſtolica em dous marcos de ouro cada anno, e alcançou Bulla do Papa, que era Alexandre III., que lhe confirmou a inveſtidura de Rey, cuja Bulla ſe conſerva no Archivo Real aſſinada por mais de vinte Cardeaes: conquiſtou logo as Villas de Mafra, e Cintra, eſta reputada por inconquiſtavel: nella ſe achava o noſſo Monarcha vendo o mar da eminencia daquella ſerra, e meditando como havia tomar Lisbôa, quando naõ muito longe daquelle monte

te veyo lançar anchora huma florente Armada de Inglezes, Francezes, e Alemaens, que em cento e oitenta Navios hiaõ para a Palestina contra os Turcos, e movidos por tempestades buscaraõ porto para refazer-se: convidou-os o nosso Monarcha para a conquista de Lisbôa promettendo a metade da Cidade aos principaes Capitaens, que eraõ: o General Guilherme de Longa espada, Childe Rolim, D. Liberche, D. Ligel, Guilherme Corni, illustre origem de familias neste Reino: acceitaraõ o partido, e dezembarcados, fizeraõ assento no lugar aonde era o Convento de S. Francisco, hoje destruido pelo terremoto, e o nosso Rey no sitio de S. Vicente de Fóra: cinco mezes durou o cerco, no decurso dos quaes foy rara a valentia dos nossos, e dos estrangeiros nos assaltos, e igual a soberba, e prezumpçaõ dos Mouros em rezistir-lhes, até que no dia dos Santos Martyres Patronos de Lisbôa, Crispim, e Crispiniano, com morte de duzentos mil Barbaros foy entrada a Cidade: quiz logo o nosso Rey dar a metade aos Estrangeiros, porèm elles satisfeitos com a pontualidade da palavra, premiados com outras couzas, foraõ para as suas terras; ficaraõ porèm alguns Ecclesiasticos, a quem o Rey nomeou Bispos, e outros Seculares, a quem o Rey deo terras para viverem, a Childe Rolim deo Azambuja, e delle descende a familia dos Mouras, que ha quazi settecentos annos conserva o senhorio, e sobrenome, couzas talvez unicas na Hespanha. Conquistou logo o nosso Soberano as Villas de Trancozo, Obidos, Alemquer, Serpa, Alcacere do Sal, Elvas, Coruche, Cezimbra, e outros lugares na Estremadura; porque o terror, que delle tinhaõ concebido os Barbaros, fazia com que lhe naõ resistissem os mais poderozos. Com sessenta lanças, e algumas béstas, (instrumento de guerra, que hoje só serve para matar passaros com bálas de barro, e nesse tempo servia para despedir settas

com

com notavel violencia, e menos descomodo) foy o nosso Monarcha registar o sitio, e forças da Praça de Palméla, quando vio que o Rey Mouro de Badajós, ignorante de que Cezimbra ja estava tomada pelo nosso Soberano, marchava com quatro mil cavallos, e sessenta mil infantes a dar-lhe soccorro: escondido entre hũas penhas em silencio observou o nosso Rey a dezordem, com que marchava o Mouro, e aproveitando-se della, com taõ poucos companheiros investio o exercito, e fazendo no primeiro encontro hum horrivel destroço, suspeitaraõ os outros que seguia ao Rey outro exercito, e dando costas poucos escaparaõ as vidas. Soube-se logo em Palméla o cazo, e sem rezistencia entregaraõ a Praça para salvarem as vidas, os que antes nem sonhavaõ ser possivel expugnar aquella notavel eminencia: a esta victoria naõ esperada se seguiraõ muitas, porque ja o medo do nosso Rey dominava naõ só os coraçoens dos Mouros, mas dos Reys Catholicos vizinhos. Com seu genro o Rey de Leaõ D. Fernando II. teve duvidas, e tendo ja settenta e cinco annos de idade, tomou as armas, entrou por Galliza, tomou Lima, e Turon, aonde deixou guarniçaõ Portugueza; caminhou a Badajós, conquista de Leaõ, e destruidos os campos, pôs cerco, e apertou a Cidade com assaltos, até que rendida veyo o Rey D. Fernando a recuperá-la, sahiraõ os Portuguezes a impedir-lhe o passo muitos menos em numero do que os Leonezes, quiz o nosso Rey soccorrê-los pessoalmente, porèm com a desgraça de que se embaraçou no ferrolho da porta, e cahindo com o cavallo, lhe ficou debaixo huma perna, que logo quebrou, e se ferio, a que acudindo os Leonezes logo, o prenderaõ, e se bem foy tratado pelo Rey de Leaõ com o mayor respeito, sempre o obrigou a que cedesse das Praças, que em Galliza tinha conquistado, e lhe promettesse vir a Cortes, sendo chamado a ellas: entregou as Praças, e pro-

prometteo o que pertendia o Rey de Leaõ, com o partido de que naõ feria obrigado a vir, fenaõ quando pudeffe andar a cavallo, o que nunca mais fez, caminhando fempre em hum carro, e defta forte cumprio a palavra, e fe izentou da condiçaõ: efte dezaftre do noffo Monarcha deo ouzadia a Albojaque, Rey de Sevilha, para juntar hum extraordinario exercito de todas as gentes de Andaluzia, e depois de deftruir os Campos do Alemtejo, pôs cerco a Santarem, a que logo acudio o noffo Soberano, na idade de oitenta e feis annos, no feu carro, e o mefmo foy chegar, que vencer, com morte de muitos, cativeiro de outros, e defpojo de todos. Albojaque fentido defta perda, convocou o Rey de Marrocos, que igualmente a fentia, e ambos com outros nove Reys, e hum innumeravel exercito, paffaraõ o Tejo, deftruiraõ a Villa de Torres-novas, e cercaraõ a Villa de Santarem, aonde fe achava o Principe D. Sancho, filho primogenito do noffo Rey; fortificou-fe o Principe, e reziftio cinco dias, em quanto de Coimbra vinha o Pay a foccorrê lo; chegou a bom tempo, porque o filho eftava ferido, deftruido o feu quartel, e mortos varios dos noffos, o que tudo fazia os Mouros ufanos; mas apenas viraõ o Veneravel velho no feu carro, baftou a fua prefença para os atemorizar, deforte, que deixados os quarteis, armas, baftimentos, e todo o trem do exercito, fem ordem alguma fugiraõ todos, feguiraõnos o Rey, e o Principe com as fuas gentes, fem dar cutilada, que naõ tiraffe vida, que muitos perderaõ affogados no fangue dos outros, na paffagem do rio Tejo, morreo affogado o Rey de Marrocos Aben Jacob Miramamolim, fendo antes ferido pelo Principe. Trinta Reys venceo o noffo Veneravel Monarcha, a muitos delles tirou a vida, a cada Rey cabem em boa arithmética cincoenta mil Soldados, deixando em filencio por defprezo os Capitaens, e Regulos, que venceo, e matou: cumprio

prio o voto da fundaçaõ de Alcobaça com maõ taõ larga, como hoje se admira; havia no dito Mosteiro mil Religiozos: com igual liberalidade fundou o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, de cujas avultadas rendas sahiraõ as da Universidade de Coimbra em grande parte, todas as do Bispado de Leiria, e as melhores do Bispado de Portalegre; fundou o Mosteiro de S. Vicente de Fóra em acçaõ de graças pela conquista de Lisbôa, e o dotou com maõ larga, como fez a todos os mais, que foraõ cento e cincoenta, todos magnificos, e bem dotados. Fundou duas Ordens Militares, huma de S. Bento (assim chamada no seu principio, e hoje de Aviz em memoria de humas Aves, que appareceraõ no monte, aonde os Cavalleiros desta Ordem intentavaõ fundar o Cõvento que hoje existe) outra de Aza, ou Ala, (em Hespanhol palavra entaõ uzada) de S. Miguel, em memoria de hum braço, com huma aza, e espada, que vio junto a si na batalha com Albojaque, e julgou ser de S. Miguel, a quem venerou sempre por Patrono, e Custodio deste Reino, extinguio-se esta Ordem com as vidas dos primeiros, que a professaraõ. Aos Cavalleiros Templarios, e aos Maltezes, chamados entaõ Hospitalarios, deo rendas consideraveis, e perpetuas. Vencida a batalha do campo de Ourique, soube dos Catholicos Valencianos cativos dos Mouros, e agora por elle resgatados, que o corpo de S. Vicente estava no Algarve, pessoalmente querem os nossos Escritores que o foy buscar, e naõ achou; porèm fazendo depois novas diligencias o descobrio pelo modo, que diremos na vida deste Santo Patrono de Lisbôa, e mandou se chamasse sagrado ao Promontorio, aonde se achou o corpo. Domesticos, e estranhos lhe deraõ o titulo de Conquistador: tinha onze palmos de altura, grandeza de corpo notavel, mas em tudo proporcionado, cabello ruivo, comprido, bocca grande, rosto comprido, olhos grandes, e vivos, em fim

tudo

tudo respirava soberania, e magestade: no seu retrato antigo tem coroa sobre o elmo, e outra na espada levantada, manto carmesim sobre as armas, e hum Templo na maõ esquerda, insignia que mereceo pela espada, como Santo Agostinho pela penna. Tinha cincoenta e tres annos de idade, e sette de Rey, quando cazou com a Rainha Dona Mafalda, a mais bella creatura daquelles tempos, filha do Segundo Amadeu, Conde quinto de Mauriana, e primeiro de Saboia, e da Condessa Guiguonia, filha do Conde Albaõ, pelo pay descendia a Rainha dos Imperadores de Alemanha, e Duques da Saxonia: foy Princeza em tudo rara, piissima, e competidora de seu marido em edificar Templos; fundaçaõ della saõ os Mosteiros de Leça, o da Costa dos Padres Jeronymos, o de Agoas-Santas, o de Santa Maria de Goyos, e o de S. Pedro de Rates, todos fabricas notaveis, e bem dotados. Venerado por Santo, cheio de dias, e de triunfos, dormio em o Senhor o nosso Veneravel Rey D. Affonso Henriques aos noventa e hum annos de sua idade, dezasette de governo, como Conde de Portugal, e quarenta e seis de Reinado: foy sepultado na Igreja de Santa Cruz de Coimbra com pompa limitada, e assim esteve até o tempo do Rey D. Manoel, o qual o tirou do Sepulchro de madeira, que em certos dias se abria para o povo lhe beijar a maõ, e o collocou em hum Mausoleo mais digno da sua memoria, aonde tem resplandecido em milagres, e se trata em Roma da sua Beatificaçaõ: a espada, e o escudo, com que pelejava, e a sobrepelliz com que hia ao Choro, se guardaõ com summa veneraçaõ no dito Mosteiro: na noite seguinte ao dia, em que o Rey D. Joaõ o I. ganhou aos Mouros a Cidade de Ceuta, appareceo armado no Choro aos Religiosos do dito Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, aonde estava sepultado havia duzentos, e trinta annos, e lhes disse, que por disposiçaõ divina elle, e

seo

ſeu filho D. Sancho tinhaõ ſoccorrido aos ſeus vaſſallos naquelle conflicto: os naturaes, e os eſtranhos o acclamaraõ ſempre com o appellido de Rey Santo, e as ſuas conquiſtas contînuas lhe adquiriraõ em todo o Orbe o ſobrenome de Conquiſtador: teve quatro filhos legitimos, que foraõ D. Henrique, que morreo de poucos annos, D. Sancho, que lhe ſuccedeo na Coroa, Dona Urraca, que cazou com D. Fernando II. Rey de Leaõ, do qual foy ſeparada por ordem do Papa, por ſer parenta do marido, do qual ja tinha hum filho chamado. Affonſo, que ſuccedeo ao pay no Reyno de Leaõ, e foy pay do Rey Santo D. Fernando III. canonizado, para eſta ſeparaçaõ houve hum Concilio em Salamanca; Dona Thereza, mulher ſegunda do primeiro Filippe, Conde de Flandes, aonde lhe chamaraõ Matildis, foy notavel Princeza, e na auzencia de ſeu marido foy, e ſerá memoravel o ſeu governo. Teve o noſſo Rey tres filhos illegitimos, D. Pedro, que foy Meſtre da Ordem de S. Joaõ em Rodes, eſtá ſepultado em S. Joaõ de Santarem; Dona Thereza Affonſo, mulher de D. Sancho Nunes, a quem a tirou ſeu Pay, e a cazou com D. Fernando Martins o Bravo, Senhor de Bragança, e naõ tiveraõ filhos; Dona Urraca, mulher de D. Pedro Affonſo Viegas, filho de D. Affonſo Viegas, e de D. Aldara Perez, e neto de D. Egas Moniz, Ayo do Rey: a mãy deſtas duas filhas ſe chamava Dona Elvira Gualter. Baſta por hora, o mais que pertence á vida, e acçoens deſte Veneravel Rey, diremos na Conferencia de á manhãa.

FIM
DA DECIMA SEXTA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.
Anno de 1758.
Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XVII.

NO primeiro de Settembro se juntaraõ os Academicos, e proseguio o Soldado a vida do nosso Veneravel Rey D. Affonso Henriques, dizendo: Liberalissimo foy o nosso Monarcha, a D. Gonçalo Mendes de Amaya, fez seu Adeantado mór, e foy o unico que teve este Reyno; a Gonçalo Rodrigues Mordomo mór, a D. Fuas Roupinho Almirante, a hum Estrangeiro, chamado Alberto, Chanceller mór, a D. Gonçalo Viegas, filho de seu ayo, fez Mestre da Ordem de Aviz, e todos foraõ os primeiros nestes officios: Compôs o nosso Rey o escudo das Armas do Reino, mas por mais que os nossos Escritores trabalhem em interpretar as figuras delle, creyo he imperceptivel o mysterio, porque se perdeo a tradiçaõ do que significavaõ: tem cinco escudos maiores azues em campo branco, e em fórma de Cruz, que dizem foy querer observar a fórma do escudo de seu pay; tem outros quatro menores em fórma quadrada, dizem que em memoria dos quatro esquadroens, com que accommetteo os Mouros no campo de Ourique, em circunferencia de todos pôs outros dez escudos ligados com hum cordaõ, os quaes com os nove de dentro, contando duas vezes o do meio, fazem vinte, que saõ os Reys vencidos naquella batalha;

os treze pontos, que tem cada escudo, saõ os treze mil Portuguezes, que levava comsigo, e conforme ao numero, que as historias daõ aos infieis, saõ vinte vezes treze mil; o haver dividido nos cinco escudos maiores a Cruz, foy em observancia do que lhe disse Christo Senhor nosso, que puzesse por Armas as cinco Chagas, e tambem em memoria dos cinco maiores Reys vencidos. No seu tẽpo illustrárаõ o Reino em virtudes, e armas, Varões dignos de eterna memoria. Egas Moniz, ayo do Rey, venerado dos Principes estranhos; Gonçalo Mendes de Amaya, Heróe taõ valorozo, que na idade de noventa e hum annos venceo em hum dia duas batalhas campaes; D. Soeiro Mendes seu sobrinho, que com a espada livrou Hespanha do feudo, que reconhecia ao Imperio de Alemanha, vencendo o General, que vinha cobrá-lo: D. Fuas Roupinho, que junto a Porto de Mós venceo ao Rey Gami, e foy o primeiro que na Hespanha ganhou a Coroa Naval: D. Pedro Rodrigues, que alcançando em hũ dia duas victorias, conquistou a Villa de Moura, e tomando por appellido o nome della, foy tronco desta illustrissima Familia: e Santo D. Theotonio, Prior de Santa Cruz de Coimbra, o qual vestindo sobre a murça, e sobrepelliz as armas, ganhou aos Mouros a Villa de Arronches; S. Bernardo lhe mandou hum bordaõ, para se encostar na velhice, todo o Portugal reza hoje delle, e a seu tempo contaremos a sua admiravel vida: D. Mendo Moniz de Candarey, neto de D. Egas, que sendo dos quatro nomeados, a escallar Santarem, foy o primeiro que subio, e montou os muros, seguiraõ-no D. Pedro Affonso, irmão do Rey, e D. Pedro Paes, seu sobrinho: D. Rolim, e D. Ligel, que na conquista de Lisbôa obraraõ façanhas de eterna memoria, até entrá-la por força: Giraldo Giraldes, chamado sem pavor, que com força, e industria ganhou a Cidade de Evora: he impossivel numerar todos, porque todos

fo-

foraõ, e mostraraõ ser Heróes fortissimos, e he pasmar ver quanto nas forças degenerámos em seis seculos. Faltaraõ as forças (disse o Ermitaõ) desde que os Portuguezes cortaraõ as barbas, eu que nunca puz navalha no rosto, naõ obstante ter padecido fómes, sêdes, mudanças de climas de todo o mundo, e viver mendigando, conservo forças, que as naõ troco pelas desse tempo, e isto he taõ certo como eu experimentei na Azia, aonde experimentei, e vi experimentar forças em Gentios, que me obrigaraõ a pasmar, e nenhum delles come cousa, que morra, legumes, leite, hervas he o seu unico alimento, e naõ bebem vinho, porèm conservaõ as barbas que lhes deo a natureza: a formosura do homem saõ as barbas, assim o creou Deos, assim viveo Christo Senhor nosso, e assim havemos resuscitar todos; e he lastima que cortemos com o ferro, o que Deos deo ao homem perfeito, seu similhante, e sua imagem. Assim, he (disse o Soldado) tiramos a similhança com o Filho de Deos, para nos assimilharmos ás mulheres: estou vendo quando ellas uzaõ de barbas postiças, em retruque, e despique de nós uzarmos das suas caras pelladas. Foy o transito do nosso Veneravel Rey D. Affonso no anno de mil cento e oitenta e cinco: foy estranho o luto, e sentimento do Reyno, e exemplar extremo no Principe, e seus irmãos, desorte, que vendo-se a duraçaõ delle, julgaraõ muitos que o uzariaõ sempre. Succedeo no Reyno o seu segundo Monarcha D. Sancho I. deste nome, filho segundo do Veneravel Rey D. Affonso, porq̃ o primeiro filho (ja dissemos) morreo de poucos annos: nasceo este notavel Principe, verdadeiro retrato, e digno substituto de tal pay, no anno de mil cento e cincoenta e quatro, quando o senhor D. Affonso contava quinze annos de reinado: nasceo em Coimbra aos onze de Novembro: desde menino foy á guerra com seu pay aprender daquelle invencivel

Meſtre a vencer, e aproveitou deſorte, que ſe bem o appellido, que lhe daõ os Eſcritores, he Povoador, outros lhe chamaraõ Invencivel, outros o Vencedor, vinte e ſeis annos tinha de idade, quando ſahio de Coimbra á primeira empreza, que era defender as terras do Alemtejo, a quem ameaçava o poderozo Rey Mouro de Sevilha; acompanhou-o o pay alguns paſſos fóra da Cidade, e alli o abraçou, e lhe deo a bençaõ: os Mouros cuidadozos, mas calados, o eſtiveraõ obſervando, e vendo paſſar por Evora, e Béja, até que atraveſſando a ſerra Mourena, fez paſmar ao Rey de Sevilha, porque eſta era a primeira vez que depois de perdida Heſpanha, tinhaõ chegado as armas Catholicas ás portas de Sevilha: ſahio della o Mouro a recebê-lo no campo de Axarafe com formidavel exercito, ordenou o Principe a ſua gente em cinco eſquadroens, que conſtavaõ de dous mil e trezentos Cavalleiros, inveſtiraõ-ſe os dous exercitos, e no maior auge do conflicto ſe vio o noſſo D. Sancho cercado de innumeraveis Mouros ſem poder ter auxilio dos ſeus Portuguezes, entaõ o invencivel ſangue do pay, animando-o vigorozamente, deſcarregou com tal violencia para hũa, e outra parte o montante (era huma eſpada muito uzada naquelle tempo, em que as forças correſpondiaõ ás barbas, tinha ordinariamente hum ſó corte, era muito comprida, larga, e pezada, deſorte, que ſe jugava com ambas as mãos, e para as terem deſempedidas, lançavaõ a tiracol as redéas) deſorte matou, e ferio, e deo a conhecer as forças, que os Mouros perdido o alento, e o Rey primeiro qne todos, virando as coſtas, buſcaraõ a Cidade, rodando já no campo as principaes bandeiras a impulſos, e golpes do montante do noſſo Principe: buſcaraõ confuzos a porta de Triana; porèm como D. Sancho os perſeguia fortemente, aqui pereceo o reſto do exercito Mahometano aos fios da

eſpa-

eſpada Portugueza, correndo deſorte o ſangue, que o rio Bethis mudou a côr, e correo mais caudalozo, ainda depois de acabado o conflicto. Pouco depois ſe ſeguiraõ as deſconfianças entre o Veneravel Rey D. Affonſo, e o Rey de Leaõ, e reſtituido o noſſo Rey com as condiçoẽs, q̃ ja diſſemos na ſua vida, ficou de tal ſorte o rancor entre as duas naçoens, que veio ultimamente a dezaffogar ſe nos campos de Arganal, aonde o noſſo D. Sancho com pequeno exercito venceo, e affugentou os Leonezes, que ufanos com a deſgraça paſſada, naõ julgavaõ em Sancho inimigo igual ao velho D. Affonſo, e a experiencia lhe moſtrou, que elle renaſcia no filho: tinha trinta e hum annos de idade quando ſe vio cercado, ferido, e derrotado o ſeu quartel na Villa de Santarem pelo Rey Miramamolim; ſoccorrido do pay, perſeguio o Mouro, a quem ferio ao entrar no Tejo, aonde morreo affogado. Tres dias depois da morte de ſeu pay foy acclamado Rey no meſmo lugar, aonde tinha naſcido, e acabado o acto, cuidou logo em paſſar as ordens neceſſarias para ſe reedificarem todos os Lugares, Cidades, e Caſtellos, que tihaõ ruinas, e ſeguio-ſe a ordem para edificar muitos de novo, ſem perder hum inſtante em beneficio do Reino; concedeo privilegios aos lavradores, fez com que o foſſem os filhos delles, e deſorte favoreceo com a liberalidade, e com as armas a agricultura, que logo conheceo o Reino a differença, vendo-ſe fertil, abundante, e povoado, de que lhe chamaraõ Povoador, pelos muitos agricultores, que eſtabeleceo, e com que povoou o Reino. No anno de mil cento e oitenta e oito entrou na barra de Lisbôa huma frota de Olanda, Frizia, e Dinamarca, cheia de luzida gente voluntaria; que hia para a guerra de Siria, e obrigados de huma tormenta, (cremos que myſterioza) deo fundo na noſſa barra, aonde acharaõ todo o neceſſario para reſarcir a perda, e noticias de mais proximas empre-

pre-

prezas de valor, e honra : communicou-lhes o nosso Rey D. Sancho os pensamentos, e dezejos, que tinha de conquistar a Cidade de Silves; Praça fortissima do Reyno do Algarve, acccitaraõ a empreza com a condiçaõ, de que todo o espolio seria seu : sahio a Armada acompanhada de quarenta Galeras Portuguezas, e por terra marchou o nosso Rey com o exercito : apenas se juntaraõ os de mar, e terra, déraõ o primeiro assalto á Cidade, que rezistio naõ só a este, mas a innumeraveis, que se lhe deraõ no tempo de dous mezes, em que a industria, e força buscaraõ todos os meyos em huns para a defeza, em outros para a conquista : emfim venceraõ a fome, e sede, a espada, e a morte; e entaõ, salvas as vidas dos poucos, que escaparaõ, se rendeo a Cidade asylo dos Piratas da Mauritania : retiraraõ-se os estrangeiros satisfeitos, e alegres com o despojo, e o Rey contentissimo, e temîdo com o dominio de taõ importante Praça naquelle Reino; porèm como a fortuna a cada instante muda a scena, sobreveio tal fóme, e péste neste Reino, que Miramamolim Aben-Joseph, irmão do outro vencido em Santarem, junto com os Reys de Cordova, e Sevilha, com quatrocentos mil Soldados, entraraõ neste Reino, queimando os campos, tomando Lugares, e matando as gentes : O nosso Rey D. Sancho, em quem tanto era o valor, como a prudencia, vendo o Reino sem forças, consumidas pela maõ de Deos com fóme, e péste, humilhou-se perante o Altissimo com os seus, e cuidando só na restauraçaõ dos Lugares perdidos, fez pazes com os Mouros por cinco annos, que acabaraõ com hum ecclipse portentozo do Sol, a que se seguiraõ tremores de terra horriveis, enchentes de rios, tempestades no mar, e outras calamidades grandes, a ultima, e mayor de todas foy huma enfermidade que abrazava as entranhas, e morriaõ os homens como danados: oito annos

annos duraraõ estes trabalhos, que o nosso Rey tolerou com paciencia santa, e animando a seus vassallos com a voz, e com o exemplo, pôs exercito em campo, cercou a Villa de Palméla, que os Mouros tinhaõ recobrado, e depois de varios assaltos, em que se vio que o contagio naõ tinha diminuido o valor antigo, se rendeo a guarniçaõ salvas as vidas, e o mesmo fez á Cidade de Elvas: naõ satisfeito em recuperar o perdido no tempo do contagio, passou a recobrar o que lhe pertencia por direito, entrou pelo Reino de Galliza, tomou a Cidade de Tuy, e outros Lugares do Rey de Leaõ seu genro, e ouvindo publicar a Convocatoria, que o SS. Papa Urbano VII. fez aos Principes Catholicos para a segunda conquista de Jerusalem, que Saladino Imperador Turco havia pouco tempo tinha conquistado, começou a preparar-se para a jornada, e conquista; porèm os Vassallos, vendo quanto necessaria lhes era a sua prezença em tempos, que os inimigos do nome Catholico por toda a parte ameaçavaõ esta Monarchia, cujas conquistas, e dominios estavaõ bastantemente separados, o persuadiraõ a que naõ fosse, e elle assentindo ao seu parecer como prudente, dezabafou os dezejos, que tinha de ir, nos premios, e mercês, que fez aos que haviaõ pelejar; deo novas Cõmendas, e terras aos Cavalleiros Templarios, e Maltezes, chamados entaõ Ródios, ou Hospitalarios, e em fim animou a todos. Foy excessivamente venerador das Religioens, á de S. Tiago deo as Villas de Alcarcere do Sal, Palméla, Almada, e Arruda, á Ordem de Aviz deo Vallelas, Alcanhede, Alpédriz, e Jerumenha, e á dos Templarios a Cidade de Idanha: foy premiador dos Cavalleiros, amparo dos pobres, inimigo do ocio, verdadeiro amigo, e pay da patria: as mizerias della, em muitos annos foraõ capázes de o fazer pobre porq̃ a enfermos, e saõs de todo o Reino chegava a sua liberalidade; mas elle com prudencia rara a temperou de-
ser-

forte, que quando morreo deixou hum vazo de ouro ao Summo Pontifice Innocencio III., para se fazer hum caliz, repartio grande Thesouro com todas as Igrejas do Reino, deixou muito a seus filhos legitimos, ja em dinheiro, ja em senhorios de terras; e o mesmo fez aos illegitimos, e suas mãys, e até a varios Principes fóra do Reino deixou legados competentes á sua grandeza naquelle seculo, e á Caza Santa de Jerusalem hum bom donativo: lembra-me a sinceridade daquelle tempo de ouro, vivamente retratada no testamento deste notavel Rey: nelle fez doaçoens, e legados das suas vacas, das suas egoas, e das suas porcas, em fim dos seus gados, que tinha em diversos sitios, como tambem o dinheiro dividido por diversas Torres, e depozitarios; porque as guerras continuas obrigavaõ a uzar destas cautellas, para naõ arriscar em huma só perda, o que havia ser remedio de todas. Era o Rey de mediana estatura, que parece quiz mostrar á natureza, que a do Santo Rey seu pay havia ser unica na Monarchia Portugueza; tinha os membros avultados, e nervos robustissimos, de que lhe rezultavaõ forças mais que grandes, na guerra foy sempre feliz, e vencedor, na paz experimentou sempre o Ceo contra o Reino em castigos contínuos, que tolerou com animo taõ inteiro, como quem reconhecia á Deos melhor Author. Basta que he noite, á manhãa contarey o que falta desta vida notavel.

FIM
DA DECIMA SETTIMA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.
Anno de 1758.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XVIII.

COm grande auditorio de Romeiros no dia dous de Settembro continuou a vida do Grande Rey D. Sancho o nosso Soldado, dizendo : Poucos annos antes de morrer seu Pay, o Veneravel Rey D. Affonso Henriques, cazou o nosso Rey D. Sancho com Dona Dulce, ou Aldonça, filha do Principe D. Ramon Berenguer, Conde de Barcelona, e de Dona Petronilha, Rainha de Aragaõ, e neta de D. Ramiro o Monge : foy Princeza admiravel em todo o genero de virtudes, com as quaes mereceo a Deos quatro filhas Santas, de duas reza ja a Igreja, e das outras rezará algum dia. Reynou o nosso D. Sancho vinte e seis annos, viveo cincoenta e sette, morreo no anno de mil duzentos e doze, está sepultado na Capella Mór de Santa Cruz de Coimbra, no lado da Epistola, defronte de seu pay, que tem o Mausoleo da parte do Evangelho : O Rey D. Manoel mandou abrir o seu sepulchro, e achou o seu cadaver incorrupto, havendo quatrocentos annos que tinha fallecido, privilegio divino, e conrespondente á opiniaõ, que tinhaõ da sua santidade : no seu retrato antigo está com coroa sobre o elmo, ceptro na maõ, espada á cinta, armas ricas, e manto carmesim : teve nove filhos legitimos, e seis antes de cazar, o primeiro foy D. Affonso, que lhe succedeo no Reino, o segundo foy D. Fernan-

do, que cazou com Joanna, Condessa de Flandres, filha unica, e herdeira do Grande Imperador de Constantinopla Balduino: teve guerras com Filippe Augusto Rey de França, o qual o venceo, e prendeo todo o tempo do seu Reinado: S. Luiz, que lhe succedeo, o soltou depois de doze annos de miseravel prizaõ, de que lhe rezultaraõ achaques, dos quaes morreo, e está sepultado em hum Mosteiro junto a Lila em Flandres: naõ teve successaõ. O terceiro D. Pedro, que depois de estar na Corte de Marrocos, foy Conde de Urgel, Senhor de Malhorca, e Segorbe, por ser cazado com Aurembiax, filha herdeira do Conde Armengol: naõ tiveraõ filhos. O quarto D. Henrique, que morreo moço, está enterrado em Santa Cruz de Coimbra. O quinto Dona Thereza, cazou com D. Affonso, Rey de Leaõ, do qual teve tres filhos, e depois a mandou separar o Papa, porque eraõ parentes, e naõ foraõ dispensados; veyo para este Reino, aonde reformou o antigo Convento de Lorvaõ, em que morreo com opiniaõ de Santa, hoje está beatificada, e reza Portugal della. O sexto D. Mafalda, dotada de raras prendas, e singular formosura, cazou com D. Henrique primeiro Rey de Castella, do qual foy separada por ordem do Papa, por serem parentes, e naõ terem dispensa, e os mesmos Portuguezes o pediraõ ao Summo Pontifice, por julgarem que estes Matrimonios incestuozos eraõ a cauza de mandar Deos a este Reino tantos castigos de guerra, fóme, e péste: veyo para este Reino, aonde fundou varios edificios Seculares, e Ecclesiasticos, reformou o antigo Mosteiro de Arouca, aonde se recolheo, e acabou a vida com opiniaõ de Santa, que hoje conserva com milagres, que no seu sepulchro obra. O settimo Dona Sancha, Senhora de Alenquer, aonde no seu Palacio, de que ainda existe intacta huma caza, recebeo os Santos Martyres de Marrocos, e na mesma lhe appareceraõ, quando foraõ martyrizados, e mortos pelo que fez

do

do dito Palacio Convento de S. Francisco, sendo ainda vivo o Santo Patriarcha; da tal caza se fez Capella, aonde estaõ os Santos Martyres, como lhe appareceraõ, e ella foy fundar o Mosteiro de Cellâs, aonde tomou o habito, e morreo com opiniaõ de Santa: foy traslaeado o seu corpo para o Mosteiro de Lorvaõ, para acompanhar suas irmãas, hoje está beatificada, e reza todo Portugal della. O oitavo Dona Branca, Senhora de Guadalaxara, onde morreo, e jaz no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. O nono Dona Berenguela, que com poucos annos de idade, e muitas virtudes, morreo em Lorvaõ, aonde está sepultada. Os filhos naõ legitimos havidos antes do Matrimonio foraõ seis, o primeiro Martim Sanches, Conde de Trastamara, Adeantado maior de Leaõ, aonde perdida a amizade com seu Irmaõ D. Affonso, militou contra o seu Reino, cazou com Dona Elo, Senhora de muitos Lugares, filha de D. Pedro Fernandes de Castro, o Castelhano, naõ teve filhos, está sepultada em Cophinos, Lugar de Campos. O segundo Dona Urraca Sanches, mulher de Lourenço Soares, filho de D. Soeiro Viegas, e de Sancha Bermuis de Trava, a mãy destes dous irmaõs se chamava Maria Fornelos. O terceiro Thereza Sanches, cazou com D. Affonso Tello, o velho, de quem nasceo D. Affonso Tello de Menezes, origem de nobilissimas familias deste Reino. O quarto Gil Sanches, que foy Clerigo. O quinto Constança Sanches, acabou o Mosteiro de S. Francisco de Coimbra, começado em vida do mesmo Serafico Patriarcha, está sepultada em Santa Cruz da mesma Cidade. O sexto Ruy Sanches, que morreo em huma batalha, que os Portuguezes tiveraõ huns com os outros junto á Cidade do Porto, está sepultado no Mosteiro de Grijó: a mãy destes quatro se chamava Maria Paes. Fez poucas mercês, porque os tempos foraõ calamitozos, a D. Mendo Souzano, de quem descendem huns Souzas deste Reyno, deo o titulo de Conde; a Gonçalo

Mendes, Cavalleiro illustre, fez Guarda Mór da sua pessoa, e foy o primeiro que teve este officio. No seu tempo entraraõ a fundar em Portugal os Religiozos de S. Domingos, os de S. Francisco, os da Trindade, e os do Carmo, a maior parte, e melhor dos Mosteiros dos Religiozos Agostinhos Calçados. Recebeo o instituto, e habito de Cister, e de S. Bento, cujos fundadores resplandeciaõ em santidade; e naquelles tempos cuidavaõ os Religiosos sem emulaçoens de antiguidades, nem multiplicidade de Conventos, só em serem Santos, e buscar os melhores Mestres para se adiantarem nas virtudes. Houve no seu tempo Varoens insignes nas armas, e especialmente D. Mendo Souzano, que teve grande parte na conquista de Sylves; Martim Lopes, que venceo hum exercito, que pôs contra o seu Rey, e Reyno D. Pedro Fernandes de Castro, o Castelhano, composto de Soldados Mouros, com os quaes nos arruinou muitos campos, e Lugares; prendeo-o Martim Lopes, e o Rey lhe deo liberdade; Gil Fernandes, e quasi todos os do tempo do Veneravel Rey D. Affonso Henriques: no seu tempo governaraõ a Igreja de Deos, Clemente, Celestino, e Innocencio III. Teve principio o soberbo Saladino, Imperador Turco, que ganhou a Cidade de Jerusalem, tirando a coroa della ao seu legitimo Rey Guido Lusigniano. Nos ultimos dias do nosso Rey se declarou contra a Santa Igreja Romana o Heresiarcha Albino. Corria em Portugal neste tempo huma moeda chamada talento, de que uzaraõ os Hebreos, Gregos, e Romanos com differentes preços, o menor foy o Portuguez, que naõ valia mais do que quatro ducados, e cada ducado (segundo o que me disseraõ pessoas doutas, e achey em hum livro de sommas) valia quatrocentos e quarenta e hum reis: de prata o vio o grande Tito Livio Portuguez, Manoel de Faria e Souza, honra dos nossos Historiadores, do Reyno, e da lingua Hespanhola, a quem se-

gui-

guimos em tudo, o que vos contamos, nelle: estava o Rey D. Sancho figurado a cavallo com espada levantada, nas redeas huma Cruz, e em circuito a letra: *In nomine Patris, & Filii, & Spiritus Sancti*; da outra parte estava o escudo das Armas do Reyno, com a letra: *Sanctius Dei gratia Portugalliæ Rex.* Emendou o nosso Rey D. Sancho as armas do Reino, tirando dellas os dez escudetes ligados com o cordaõ, que seu pay lhe tinha posto, e os quatro que acompanhavaõ a Cruz dos cinco, estes só deixou ficar ligados com cordaõ, e estas Armas existem hoje na familia dos Eças, a quem as deo o Rey D. Pedro I., para que perseverassem no Reino as primeiras Armas delle, ja que todos os Reys as mudavaõ. Tres dias depois da morte do Rey D. Sancho, foy acclamado em Coimbra Rey deste Reino o Senhor D. Affonso segundo deste nome, que tinha nascido na mesma Cidade de Coimbra a vinte e cinco de Abril de mil cento e oitenta e cinco, e agora se achava com vinte e sette annos de idade. Desde menino mostrou sempre taõ pouco amor aos irmãos, que o pay temendo padecessem necessidades, se ficassem dependentes delle, a todos deixou terras, e dinheiros, para que pudessem passar a vida com a abundancia, e fasto, que pedia o sangue Real naquelle tempo, em que todos se accomodavaõ com pouco, e esse pouco luzia muito; porèm o nosso Rey D. Affonso, apenas empunhou o ceptro, revogou todas as doaçoens, que o pay fizera a seus irmãos, como prejudiciaes á coroa, e bens do Reino, que sendo nesse tempo taõ pequeno, com estas divisoens, e dominios separados da coroa, ficava o Rey quasi só com o titulo, porque as Ordens Militares possuiaõ muito, as Religioens Monacaes outro tanto, e em fim era nada o que ficava ao Rey para honra, e sustentaçaõ do caracter Real: este, e naõ outro, foy o motivo, porque logo mandou notificar a seus irmãos, que lhe entre-

tregassem as Villas, de que estavaõ ja de posse, em observancia do testamento de seu pay, nullo nesta parte, porque naõ podia alienar os bens da Coroa: os irmãos, temendo as armas do Rey, deixaraõ as terras, e o Reino, D. Fernando passou a Castella, e D. Pedro a Marrocos: as Infantas fortificaraõ-se nas terras, que o pay lhes tinha deixado, e o Rey lhes pôs cerco com tal porfia, que a Beata Thereza pedio soccorro aõ Rey de Leaõ, o qual veio pessoalmente, e foy obrando neste Reino, o que os Mouros tinhaõ feito os annos passados; em fim cercou ao Rey D. Affonso, que estava cercando as irmãas, vieraõ os exercitos ás maõs com horroroza furia, e o nosso Rey com os Portuguezes se vio obrigado a deixar o campo, e o Rey de Leaõ recolhendo-se vitoriozo, ganhou as Villas de Valença, Melgaço, Fulgozo, Freyxo, e outros Lugares mais pequenos, e menos importantes, nos quaes a avareza, e licença militar saqueou tudo, o que puderaõ levar os carros, as bestas, e os homens, e ao que ficou lançaraõ fogo: auzente o Rey de Leaõ, e o seu exercito, tornou o nosso Rey D. Affonso a perseguir as irmãas, para que lhe entregassem as Villas que possuiaõ, e ellas afflictas, recorreraõ ao Summo Pontifice Innocencio III., o qual interpondo a sua authoridade, ordenou ao nosso Rey com cominaçaõ das maiores censuras, naõ inquietasse as irmãas, até ser julgada esta cauza conforme a Direito, depois de examinado o que tinha cada hum ás ditas Villas, e terras: dez annos duraraõ estas inquietaçoens, até que no fim delles parece cansou o Rey, ou o sangue (que he o certo) q fez abrandar, e fez pazes com as irmãas para sempre, empregando dahi por diante os cuidados nas acçoens gloriozas, que vos contaremos. Meditava o nosso Rey alguma empreza heroica, quando pela barra de Lisbôa entrou huma Armada de naçoens do Norte, que constava de cem embarcaçoens destroçadas de huma tempestade; disse o Rey

ao

ao Bispo D. Mattheus soccorresse aos naufragantes, este o fez, e depois de resarcida a perda, persuadio ao Rey convidasse com elle os Estrangeiros para a restauração de Alcaçar do Sal, Villa de grande importancia ja no tempo dos Romanos, e agora empenho igual de Catholicos, e Mouros, que alternativamente a tinhaõ possuido nestes dous seculos: fallaraõ o Rey, e Bispo aos Estrangeiros, que logo acceitaraõ a empreza; e porque o Rey estava indisposto, o Bispo de Lisbôa D. Mattheus, homem Santo, por tal venerado, vestio as armas, e foy General do nosso exercito, que marchou por terra, e constava de vinte mil Portuguezes, em quanto os Estrangeiros, que eraõ muito menos, nos seus cem baixeis entraraõ a barra de Setuval, e subiraõ o rio Sado: chegáraõ ao mesmo tempo, e logo se deo o primeiro combate furiosissimo, em que foy igual o numero dos mortos de ambas as partes, e foraõ muitos; porèm os sitiados, prevendo o valor dos Portuguezes, avizaraõ os Reys de Badajos, Sevilha, e Cordova, para que os soccorressem, o que fizeraõ logo com quinze mil Cavalleiros de lanças, e oitenta mil Soldados de pé, álèm de dez galeras bem cheias de gente, e mais petrechos de guerra: caso era este, em que o animo dos Portuguezes, parece, havia desmaiar; porèm como Deos fundou para si este Reino, e para a conquista de Lisbôa conduzio Estrangeiros no Reinado do Veneravel Senhor D. Affonso I., e outros para a de Silves no de D. Sancho I., agora para mostrar que todas as emprezas de importancia eraõ suas, e á sua conta estava o conseguî-las milagrozamente, fez que neste mesmo tempo entrassem no porto de Setuval trinta e seis navios de Holanda com seu General Henrique de Usmenser, o qual sabendo o aperto, em que se achavaõ os Catholicos em Alcaçare, nove legoas distante, subio o rio Sado logo em seu auxilio: entaõ foy o combate mais horrivel daquelle seculo, huns esca-

escalávaõ a Praça , a quem a natureza fez inexpugnavel, outros combatiaõ com o exercito dos tres Reys no campo. Viaõ-se misturadas gentes de linguas , e trajes estranhos , ouviaõ-se instrumentos belicos differentes, voavaõ insignias , e bandeiras de diversas castas, choviaõ dardos, frechas , lanças , era tudo horror, confuzaõ , espanto , e sangue , desorte , que diz huma memoria antiga desta batalha , que ainda depois de alcançada pelos nossos a victoria , desorte estavaõ baralhados (costume daquelle tempo , em que faltando a polvora , para matar depressa muitos , e os mais valorozos , era precizo deixar a fórma , e confundirem-se para morrerem ás pancadas , os que bastavaõ , para vencerem os vivos) que muito tempo peleijaraõ sem necessidade, e huns com outros julgando-se inimigos: em fim declarou-se a victoria pelos nossos, entraraõ a Villa , aonde tudo deixou a vida nos fios da espada , morreraõ quatro Reys , e trinta mil Mouros , os mais salvaraõ as vidas nos pés proprios , e nos dos cavallos : foy o despojo grande , e rico, por ser esta Villa porto maritimo, e de grande cómercio naquelle seculo , tudo repartio pelos Estrangeiros o Bispo D. Mattheus , de que ficaraõ todos satisfeitos, e nenhum dos Portuguezes invejózo, porque só honras, e victorias desejavaõ todos. Basta, o mais contarey na Conferencia seguinte.

FIM

DA DECIMAOITAVA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.
Anno de 1758.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XIX.

CResce o numero dos curiosos a ouvir as vidas dos nossos Reys antigos, e juntando-se no dia cinco de Settembro muitos, continuou o Soldado a vida do memoravel Rey D. Affonso II., dizendo: Impensadamente cercáraõ os Mouros as Villas de Moura, e Serpa, acudio pessoalmente o nosso Rey, e cercando os cercadores, os obrigou a huma sanguinolenta batalha, em que a maior parte dos inimigos perderaõ a vida: o nosso Rey pelejou com tal ancia, e furor, que esteve em termos de morrer abafado na maior força do conflicto, porque era muito gordo, o tempo excessivamente calmozo, a hora as doze do dia; o que tudo junto, com o pezo das armas, o abafou desorte que o tiraraõ da batalha nos braços, e tiradas a toda a pressa as armas, o recolheraõ a sitio fresco, aonde o ar lhe restituio os espiritos, sem nunca cessar de expedir as ordens necessarias, e animar os vassallos com recados, e lembrança das antigas victorias: fugiraõ em fim os Mouros, e o nosso Rey victorioso, naõ perdendo tempo, buscou o Rey de Badajós, que ufano com a grandeza do seu exercito, ameaçava, naõ só o Alemtejo, mas o Rey-

no todo, e no campo de Alcocer, com morte de trinta mil Mouros, o fez retirar castigado, e incapaz de nos perturbar a quietaçaõ no seu tempo. Recolhido a Lisbôa, occupou os pensamentos na conquista da Terra Santa, á qual desejou ir pessoalmente, como seu Pay: mas vendo que as necessidades da Monarchia o naõ permittiaõ, mandou huma luzida Armada para aquella santa empreza, na qual o valor Portuguez deixou o eterno nome, que em todos os Paizes estranhos sempre adquirio: a falta de Escritores naquelles seculos, e a perturbaçaõ delles, que só permittia o cuidado nas armas, sem deixar aos mais applicados tempo para escrever historias, como tambem a solidaõ, e austeridade, em que viviaõ os Religiosos, os quaes só podiaõ fazer memoria dos heroicos triunfos dos Reys, e vassallos; foraõ cauza de ficarem sepultadas no esquecimento as acçoens notaveis do Rey D. Affonso, e de outros muitos, desgraça, de que naõ escapou o Imperador Trajano, perdendo se os escritos de Aurelio Vero, e Fabio Marcello: a mesma perda succedeo com as guerras em varias Livrarias manuscritas, em que se achavaõ algumas antiquissimas memorias; ás quaes naõ perdoou a licença militar, com grave prejuizo dos acredores desta gloria temporal. Sabemos só que o Rey D. Affonso era muito grosso, pelo que lhe chamaraõ o gordo, e os historiadores o intitulaõ o Legislador, por ser o primeiro, que começou a fazer a Ordenaçaõ antiga de poucas leys, e breves, porèm observadas á risca, e sem gloza; dissimulava o Rey a muita gordura com a estatura agigantada, de que o dotou a natureza, tinha rosto formozo, testa espaçoza, olhos alegres, cabello ruivo, que sempre trazia solto, e bem penteado: no seu retrato antigo se vé com Corôa no elmo, espada levantada, arnez rico, manto cor de nacar

com

com flores de ouro. Viveo quarenta e oito annos, reinou vinte e hum, falleceo no anno de mil e duzentos e trinta e tres, está sepultado com a Rainha sua mulher no Real mosteiro de Alcobaça em sepultura raza sem epitafio, nem letreiro algum, costume da maior parte dos Reys Portuguezes, que só cuidarão em obrar muito, e calar tudo: foy cazado com a Senhora Dona Urraca, filha do Rey D. Affonso VIII. de Castella, chamado o Nobre, e bom, e da Rainha Dona Leonor filha do Rey de Inglaterra Henrique II.: foy Princeza dotada de singular formosura, e taõ grandes virtudes que mereceo saber o dia de sua morte: no seu tempo vieraõ a Coimbra os Santos Martyres de Marrocos, aos quaes recebeo ella com notavel affabilidade, e veneraçaõ, e delles se informou das acçoens, e vida do Serafico Patriarcha S. Francisco, que era vivo, e os tinha mandado: pedio-lhes na despedida lhe alcançassem de Deos a certeza do dia da sua morte, e elles lhe responderaõ, que morreria no mesmo dia em que os seus corpos, depois delles martyrizados, e mortos, entrassem em Coimbra, e ella os venerasse no lugar aonde lhe faziaõ a promessa: chegaraõ a Marrocos cinco, porque hum morreo no caminho, foraõ martyrizados, e como naquella Corte se achava o Infante D. Pedro, fugitivo do nosso Rey D. Affonso seu irmaõ, como dissemos no principio da sua vida, este com summa piedade, e devoçaõ, fez que se naõ perdesse parte alguma dos corpos dos Santos, e depois de os ter em sua caza alguns tempos, os trouxe comsigo a este Reino: foraõ conduzidos a Coimbra, e collocados no Mosteiro de Santa Cruz da mesma Cidade: no mesmo dia que chegaraõ, os foy a Rainha venerar no mesmo sitio, em que elles lhe tinhaõ feito a promessa, e dalli a poucas horas morreo, com todos

os ſignaes de predeſtinação; e para ſer mais publica ſuccedeo que o ſeu Confeſſor, eſtando no ſeu Convento ás portas fechadas, vio entrar no Coro huma grande multidaõ de Religioſos de S. Franciſco, entre os quaes ſe diſtinguiaõ cinco, e a todos prezidia hum: e perguntando o dito Confeſſor, que novidade era aquella; lhe reſponderaõ que Deos os mandava fazer naquella noite officio pela Rainha; que tinha fallecido, que o Prezidente era S. Franciſco, e os cinco eraõ os Martyres de Marrocos, a quem ella venerara tanto: logo que acabaraõ as Matinas de defuntos, dezappareceraõ, e no meſmo tempo tocaraõ á portaria chamando a toda a preſſa o Confeſſor, para aſſiſtir á Rainha, que eſtava expirando. Teve o noſſo Rey D. Affonſo cinco filhos legitimos, e hum baſtardo. O primeiro foy D. Sancho, que lhe ſuccedeo no Reyno. O ſegundo D. Affonſo, Conde de Bolonha por ſua mulher Madama Matildes, eſte foy chamado para Governador deſte Reyno, ainda em vida de ſeu irmaõ, a quem ſuccedeo no Ceptro. O terceiro D. Fernando, que chamaraõ de Serpa, cazou com Dona Sancha Fernandes, filha de D. Fernando Conde de Lara, de quem ſe diz que naſceo Dona Leonor, mulher do Principe de Dacia, tem ſeu ſepulchro em Alcobaça. O quarto D. Vicente, que morreo menino, e jaz no meſmo Moſteiro. O quinto Dona Leonor, que foy a Rainha de Dacia. O illegitimo ſe chamou D. Joaõ Affonſo, o qual com todas as ſuas acçoens eſtá ſepultado em Alcobaça, porque delle naõ ha memoria alguma. Illuſtrou eſte Reyno no ſeu tempo a gloria de Portugal, e eſpecialmente de Liſbóa, o Senhor Santo Antonio; nas Armas o Biſpo de Liſbóa D. Mattheus, e nas virtudes, que lhe mereceraõ ſingular fama de ſantidade. D. Pedro Meſtre dos Templarios, D. Gonçalo Prior dos Maltezes, que ja diſſemos

mos se chamaraõ primeiro Hospitalarios, em quanto rezidiraõ na Terra Santa, e cuidaraõ na saude dos Peregrinos, que hiaõ vizitar os Lugares Santos: depois que fizeraõ assento, e cabeça na Ilha de Rodes, se chamaraõ Cavalleiros Rodios; e conquistada aquella Ilha pelos Turcos, se passaraõ para a de Malta, aonde hoje existem, e Deos os conserve para açcute dos infieis, e gloria da Christandade. Martim Barragaz, Cavalleiro de S. Tiago, e outros muitos, cujas acçoens heroicas sepultou o esquecimento, sabendo-se unicamente, que houve neste Reinado Heróes grandes, que fizeraõ vencedor o seu Rey muitas vezes, e acompanharaõ ao Infante D. Fernando na batalha das Navas de Toloza, para que se veja que naõ ha em Hespanha (e ainda em todo o mundo apenas se contará) triunfo, victoria, acçaõ memoravel, em que o valór Portuguez naõ tivesse grande parte. No tempo do nosso Rey D. Affonso II. governaraõ a Igreja de Deos Innocencio III. Honorio III., e Gregorio IX.: succedeo aquelle notavel, e milagrozo cazo, que publicando-se a Cruzada para se alistarem os que quizessem ir voluntariamente á conquista da Terra Santa, vintae mil meninos uniformes tomaraõ a Cruzada, e se alistaraõ para a Santa conquista. No Reinado deste Monarcha tiveraõ principio as Ordens Mendicantes de S. Francisco, S. Domingos, e a das Mercês, Redempçaõ de Captivos; e á antiquissima do Carmo deo Regra Santo Alberto Patriarcha de Jerusalem. Poucos dias depois da morte do nosso Angusto Legislador D. Affonso II., foy acclamado Rey desta Monarchia seu filho primogenito D. Sancho. Nasceo este Principe na Cidade de Coimbra aos oito de Settembro de 1207: foy o segundo do nome, e quarto na serie dos Monarchas Portuguezes. O vulgo o appellidou D. Sancho Capello, e como

mes-

mesmo distinctivo o dão a conhecer os nossos Escritores. A Veneravel Rainha Dona Urraca, sua mãy, o trazia vestido com o Habito do grande Padre, e Doutor da Igreja Santo Agostinho, para que o Santo Patriarcha o livrasse das frequentes molestias, que padecia sendo menino. Foy Principe de genio docil, e de naõ difficil condescendencia, dotado porèm de animo pio, e excessivamente generozo. A piedade o conduzia com frequencia aos Templos, assistindo com Regio exemplo aos Officios Divinos, e á celebraçaõ dos Sagrados Mysterios da nossa Religiaõ. A generozidade lhe inspirou sempre acçoens dignas do seu Real amplissimo coraçaõ. Estas, e outras virtudes, que se uniraõ com amavel concordia, para formar o caracter, e ornar a Pessoa deste Soberano, lhe adquiriraõ em Portugal, Hespanha, e em toda a Europa o Titulo de *Magnifico*, e com ellas pudera chegar a conseguir o sublime gráo do Heroismo, se varios incidentes, dos quaes omittimos a narraçaõ, lhe naõ puzessem taõ sublime felicidade, ou distante, ou certamente inassequivel por varias, e fataes circunstancias. Terriveis foraõ as do cazamento, que contrahio, naõ sem dezigualdade. Conselheiros, e pouco habeis para a deliberaçaõ desta alliança, foraõ o amor que tributou á formosura da que se lhe offereceo para Espoza; e a dependencia dos que neste cazamento muito se interessaraõ. Arrebatado da rara belleza de Dona Mecia Lopes de Haro, (qual outro Rey Antioco da formozura de huma Dama Calcidense) viuva de D. Alvaro Pires de Castro, filha de D. Lopo Dias de Haro, Senhor de Biscaya, e de Dona Urraca, illegitima do Rey D. Affonso IX. de Leaõ, lhe deo a maõ de Espozo, entregando-lhe á imitaçaõ do Imperador Justino II. com o coraçaõ o Ceptro, e o alvedrio. Naõ foy do Reyno bem acceito este despozorio,

e cus-

e custozas experiencias manifestáraõ dentro de breve tempo hum quasi geral dissabor: a prudencia, e o zelo se empenharaõ no remedio; investigáraõ opportunos meios, e os applicáraõ sem precipitaçaõ; cortando porèm toda a nociva demora. Recorreraõ os Portuguezes á Sé Apostolica com hum bem instruido memorial, supplicando nelle ao Papa, que o Rey se separasse da Senhora Dona Mecia, com quem cazára, sendo parentes, sem dispensa. Deferio o Papa, que entaõ era Gregorio XI., á supplica, determinando que o Rey se separasse logo, por ser o Matrimonio nullo, e incestuozo por falta da dispensa. Estes, e outros incidentes, e na verdade gravissimos, persuadiraõ ao Rey D. Sancho a deixar o Reyno, (ficando com a Vicaria regencia delle o Infante D. Affonso, Conde de Bolonha, cazado com a Condessa Madama Matildes, Soberana proprietaria daquelle Estado) e com effeito passou á Cidade de Toledo, entaõ Corte dos Reys de Castella, como noutro tempo o despojado Tarquino se desterrou para a Provincia de Etrurias. Levou comsigo o Thesouro do Reyno. Basta, á manhaã contarey o que falta.

FIM

DA DECIMA NONA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Francisco Borges de Souza.
Anno de 1758.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XX.

JUntos no dia ſette de Settembro, continuou o Soldado a vida do noſſo Rey D. Sancho II., dizendo: Reinava neſſe tempo em Caſtella D. Fernando, o Santo, de quem hoje reza a Igreja, e o noſſo Rey, que morreo com opiniaõ de Santo, bem merecida, buſcou a ſua Corte, e companhia para conſummar as virtudes heroicas, que havia tantos annos exercitava: fez caminho pelo Lugar de Moreira, bem conhecido neſte Reino, no qual viviaõ alguns Portuguezes valorozos, e leaes vaſſallos, os principaes eraõ, D. Garcia, D. Fernando Garcia, D. Fernando Lopes, e D. Diogo Lopes, todos irmãos; D. Garcia, que era o mais velho, ſabendo que o Rey deſcançava naquelle Lugar, veſtio o arnez, e acompanhado ſó de hum eſcudeiro, tambem armado, foy aonde elle eſtava, e depois de lhe beijar a maõ, diſſe: *Meus Irmaõs, ſabendo que vós, Senhor, eſtais aqui, me enviaõ a que vos diga, ſejais ſervido ficar na Villa, porque as noſſas vidas ſeráõ os muros, que certamente vos haõ de defender ſempre em toda eſta Comarca, como Rey, e Senhor deſte Reyno: e ſó queremos que vos naõ accompanhe D. Martim Gil, (que eſtava preſente) o qual me ouve; porque, contra a*

 voſſa

vossa reputaçaõ, foy causa total de tantas afflicçoens, e miserias, que padece hoje este Reyno: só tendes gozado o nome de Rey; que por esse motivo vos lamentamos, e vemos hoje nesse estado, governado, aonde nascestes para governar: e se elle disser o contrario, em singular dezafio lhe mostrarey a verdade. O Rey naõ acceitou o offerecimento, e D. Martim Gil calou-se, e dizem os nossos Historiadores, especialmente o Grande Manoel de Faria e Souza, que isto foy prova da sua culpa: mas eu, que vi memorias antigas deste cazo, achey que Martim Gil foy valido, por ser virtuoso, e se errou no, que aconselhava sempre ao Rey D. Sancho, foy, porque naõ entendia mais, nem melhor; porèm a sua intençaõ foy sempre recta, e bem o mostrou em deixar a patria, e acompanhar em Toledo o seu Rey, até elle acabar a vida, e elle protestando o recto procedimento, quando Deos lhe tirou a sua. Continuou o Rey a jornada, chegou a Toledo, aonde o Santo Rey D. Fernando o recebeo como Santo, parente, e amigo, e o fez respeitar sempre, como se estivesse no seu Reyno: gastou em obras da Sé de Toledo, na Capella dos Reys, com esmólas hum incrivel thesouro naquelles tempos, que tinhaõ junto em Portugal os Reys seus avós, e pay: foy publica, e aspera a sua penitencia, e com ella, e desgostos apressou a morte; porèm taõ feliz, e de justo, que S. Lazaro, de quem era devotissimo, lhe appareceo, e fallou duas vezes em vida; disse-lhe o dia, e hora em que havia morrer, e nella lhe assistio. Feliz Rey, ainda que todos lhe chamem desgraçado, que talvez perdesse o Reyno eterno, se gozasse o de Portugal pacifico: a liberalidade, que uzou em Toledo, lhe adquirio o titulo de Magnifico, e entre os melhores de Justo, e Virtuozo, que para o ser bastava a paciencia, com que largou

gou

gou o Reyno, e a Coroa, e vindo a Portugal com o Infante D. Affonſo de Molina, e baſtante exercito, tornou a ſahir ſem provar as armas, obrigado do medo das cenſuras do Papa Innocencio IV., moſtrando neſte modo mais amor a Deos, e á cabeça da ſua Igreja, do que ao reinar, e ſoberanias da Coroa. No principio do ſeu governo reedificou, e fez habitar a Cidade de Idanha, que deſtruida por ſeu avô D. Sancho I. quando a tomou aos Mouros, apenas conſervava cinzas, e memorias do que fora: reziſtio ao cerco fortiſſimo, que os Mouros do Algarve puzeraõ á Villa de Alcaçar do Sal, e depois de lhes matar o melhor do exercito, que formava o cerco, os obrigou a pedir trégoas, e levantá-lo; em fim nada do que ſeu pay lhe deixou, perdeo: huma das duas maiores glorias dos Principes he, ou accreſcentar os dominios com a guerra, ou conſervar em paz o adquirido, ſem diminuiçaõ alguma. Neſte Rey ſe acabou a linha direita dos Reys de Portugal, paſſando a ſeu irmaõ a Coroa. Tinha roſto formozo, cabellos ruivos, e compridos, teſta eſpaçoza, olhos verdes, e alegres, nariz alguma couza groſſo, a cor do roſto alguma couza pallida: em fim por ſua diſpoziçaõ, que era bôa, por ſuas obras, que nunca foraõ ruins, e por ſua muita docilidade, podia ſer chamado Ovelha de ouro, como o foy Junio Silano na bocca de Cayo Cezar pelo meſmo principio: no ſeu retrato o vemos com coroa na cabeça, hum livro na maõ eſquerda, o Ceptro na direita com huma pomba na parte ſuperior delle. Dizem alguns, que a Rainha Dona Mecia o acompanhara em Toledo, outros que deſde que lha tiraraõ, ſe naõ ſoube mais della, e eſta he a verdade. Naõ teve filhos, morreo em Toledo no anno de mil duzentos e quarenta e ſeis, e aos trinta e nove annos de idade, e treze de Rey, ſe mettermos neſta conta os que

 ſeu

ſeu irmaõ governou por elle. Eſtá ſepultado na Sé de Toledo: houve no ſeu tempo Varoens dignos de eterna memoria, os Cavalheiros de Trancozo, que lhe mandaraõ por ſeu irmão D. Garcia fazer o offerecimento de lhe ſuſtentar a Coroa, quando elle deſcançava em Moreira, Fernando Rodriguez Pacheco, que no Caſtello de Celorico reziſtio ao cerco, que lhe pôs D. Affonſo, Vigario do Reino, e com hum ardil lho fez levantar; D. Martim de Freitas, gloria da lealdade Portugueza, Alcaide de Coimbra, o qual valorozamente defendeo a Cidade contra todo o poder do Vigario D. Affonſo, e mandando-lhe eſte dizer, que ja tinha morrido em Toledo ſeu irmão o Rey D. Sancho, pedio tregoas, ſahio de Coimbra, foy a Toledo, mandou abrir o ſepulchro do Rey D. Sancho, beijou-lhe a maõ, e nella lhe metteo as chaves da Cidade de Coimbra, que elle lhe entregara, ſendo vivo neſte Reyno, e depois lhe pedio licença para as entregar a ſeu irmão D. Affonſo: o que dito, lhas tirou da maõ, e feito hum inſtrumento publico deſta acçaõ, veyo para eſte Reyno logo, e foy entregar as chaves,e com ellas a Cidade ao Rey D. Affonſo: eſte dezejando premiar a lealdade de hũ taõ ſingular vaſſallo,e ſervir-ſe delle, como ſeu irmão D. Sancho, lhe pedio com a maior inſtancia, quizeſſe tomar outra vez as chaves, e continuar no Officio de Alcaide Mór de Coimbra; porèm elle naõ quiz acceitar: façanha he eſta taõ rara, que ſe foſſe obrada no tempo dos Romanos, apenas ſe achariaõ pedras, ou bronzes, aonde naõ eſtiveſſe eſtampada. No tempo do noſſo Rey D. Sancho governaraõ a Igreja de Deos os Papas Celeſtino, e Innocencio quartos, Succeſſores de Gregorio IX., o qual canonizou S. Domingos, S. Franciſco, Santo Antonio de Lisbôa, e Santa Iſabel Rainha de Ungria: ſuccedeo aquelle notavel prodigio dos Corporaes de Darouca, aonde ainda hoje

hoje ſe moſtraõ as cinco Particulas pegadas,e alagadas em Sangue, cazo que a ſeu tempo vos contarey : floreceraõ nas tres mais illuſtres Faculdades Varoens excellentes, Hugo Cardeal Heſpanhol, que com quinhentos homens doutos compôs as Concordancias da Eſcritura Sagrada; S. Raymundo de Penafort, (e adverti, que todas as vezes q̃ vos tenho nomeado Varões illuſtres pelo nome Ramaõ he Raimundo , abbreviaturas uzadas naquelle ſeculo , e ainda hoje, chamando Ruy a Rodrigo,Diniz a Dionyzio, Fernaõ a Fernando &c.) Conrado Abbade, Jacobo de Vitriaco Cardeal , Bartholomeu Brigenſe, Azor, e Acurſio, glozador do Direito Civil. Segue-ſe contar-vos a vida do Rey D. Afionſo,terceiro deſte nome , e Rey quinto deſta Monarchia: naſceo em Coimbra no anno de mil duzentos e dez , a cinco de Mayo; morto ſeu Pay, fez jornada a França , e com fortuna , porque logo cazou com a Condeſſa Matildes, Senhora proprietaria, e titular de Bolonha, (filha de Reinaldo de Dampmartim, e de Ida) viuva entaõ de Filippe , o Creſpo , filho de Filippe Auguſto , Rey de França , e neto do Duque de Moravia , de quem era filha a Rainha Maria. Como Principe Catholico , e como Portuguez piiſſimo , ſe preparava em França o noſſo D. Affonſo para ir á conquiſta da Terra Santa , quando o chamaraõ os Portuguezes para governar eſta Monarchia , nomeado para iſſo pelo Papa Innocencio III. : com o titulo de Vigario do Reyno entrou nelle , aonde ſoy obedecido facilmente de alguns Lugares mais atemorizados com as cenſuras,do que com as armas ; muitos porèm abrazados nas chammas da lealdade Portugueza, em todos os ſeculos unica, reſiſtiraõ valorozamente ás armas , padeceraõ cercos , fómes, e todas as incommodidades de huma guerra civil, que por iſſo meſmo que he feita pelos naturaes , e reinicolas , he mais ſenſivel , e tyranna ; até que morrendo

o Rey D. Sancho em Toledo, e obrada aquella façanha de D. Martim de Freitas, Alcaide Mór de Coimbra, que ha pouco vos contei, foy o nosso D. Affonso acclamado Rey na dita Cidade. Achava-se a Condessa Matildes, mulher legitima do nosso Rey, ja adiantada em annos, e, a naõ ter este defeito, tinha certamente outro, que era o ser conhecida por esteril em ambos os Matrimonios: isto, e naõ a ingratidaõ (como querem muitos) obrigou o nosso Rey a repudiá-la, e cazar-se com Dona Beatriz, filha bastarda do Rey D. Affonso X. de Castella, e de D. Mayor Guilhem de Gusmaõ: acudio a isto o Papa Alexandre IV., obrigando os Reys a separarem-se, por ser nullo o segundo Matrimonio; porèm naquelle tempo, sendo taõ respeitadas as censuras, havia, como sempre, consciencias largas; porque he certo se naõ separaraõ, até que Deos, para os pôr em estado de salvaçaõ, permittio morresse a Condessa Matildes, com que cessou o impedimento, e o Papa legitimou o primeiro filho, que o Rey ja tinha da Rainha Dona Beatriz: compostas assim as cousas do Reyno, occupava o nosso Monarcha os pensamentos em obrar façanhas militares, com que adquirisse o nome eterno, que seus avôs ganharaõ nellas, e vendo que os Mouros, abatidos das nossas armas nas guerras passadas, naõ davaõ occasiaõ a novas guerras, nem restavaõ ja em Portugal conquistas, intentou as do Algarve, que ja tinha principiado pelo Rey de Castella o memoravel Portuguez D. Payo Correa, Mestre da Ordem de S. Tiago, mandou a Rainha a Castella vizitar o Pay, e pedir-lhe quizesse largar-lhe a conquista do Algarve, o que elle fez com facilidade, pelo extremo com que amava a filha, mas sempre lhe pôs algumas condiçoens, que depois com summo gosto tirou a seu neto D. Diniz, desorte que o armou Cavalleiro da sua maõ, quando lhe fez

fez esta mercê. Graves questoens trataõ os nossos Escritores sobre esta conquista do Algarve; porque he certo que o nosso Rey D. Sancho I. tinha conquistado a Cidade de Silves, e ainda que os Mouros a recobraraõ, quando D. Payo ja lhes fazia guerra na Comarca, com tudo he certo, que o nosso Rey D. Affonso tinha todo o direito áquelle Reyno, e escuzava doaçaõ, e mercê do Rey de Castella, especialmente constando de cartas, que estes Reys escreviaõ hum ao outro nesta materia, que D. Payo conquistava no Algarve com licença do Rey de Portugal, para serem as conquistas de Castella; porèm confessemos que a visita da Rainha sempre foy necessaria: porque como D. Payo tinha adiantado bastantemente a conquista, e naõ faltava avareza no Rey de Castella, por este meyo suave se evitou huma guerra grande, em que se havia decidir com as armas quem tinha direito áquellas terras: entregou D. Payo as terras, que tinha conquistado aos Mouros no Reyno do Algarve, que eraõ sette Praças fortes, Estombar, Alvor, Cacelta, Tavira, Salir, Silves, e Paderne. O modo desta entrega foy memoravel, porque D. Payo sabendo o ajuste dos dous Reys, e que o de Portugal marchava com exercito para o Algarve, naõ obstante ser vassallo de Castella, e taõ obrigado, que naquelle Reyno era (como ja dissemos) Mestre da Ordem de S. Tiago, Officio naquelle seculo taõ similhante ao Rey, que, correndo os tempos, foy necessario aos Monarchas de ambas as Coroas serem os Mestres da Ordens Militares; porque os vassallos, que tinhaõ estes officios, obedecidos de Cavalleiros Fidalgos, valorozos, e sem pensoens de mulheres, e filhos, porque todos guardavaõ castidade (como hoje os Maltezes) nestes seculos dourados, e com as muitas rendas, eraõ taõ poderozos, que os Reys necessitavaõ delles, e naõ elles dos Reys; e esta muita riqueza,
jun-

junta com a independencia, foy cauza da extincçaõ lastimoza da Ordem dos Templarios,q̃ a seu tempo vos contaremos. Naõ obstante (digo) ser D. Payo vassallo do Rey de Castella, como era Portuguez, apenas soube que o seu Monarcha déra as conquistas, que elle tinha feito no Algarve, ao Rey D. Affonso, e que este marchava a continuá-las com formidavel exercito, gostozo, e festivo lhe sahio ao caminho, e depois de beijar-lhe a mão, e entregar-lhe com summo gozo o que tinha conquistado, e ja vos disse, se offereceo a acompanhar o nosso Rey com os seus Cavalleiros, para de todo extirpar daquelle Reyno os Mouros. Acceitou o nosso Rey a offerta, e ambos foraõ sobre Faro, entaõ Villa, e bem pequena, como ainda se testimunha, hoje Cidade populoza, com porto de mar, abundante de commercio, e viveres, especialmente peixes, fructas de espinho, peras, e excellentes uvas, de que rezulta o vinho taõ encarecido pelo insigne Historiador Manoel de Faria e Souza, mas hoje profanado com a muita agoa, que lhe lançaõ, que sendo necessaria só nos vinhos daquella Provincia, e Reyno, hoje lhes faz damno pelo excesso. Puzeraõ cerco, foy o primeiro combate, e assalto do Rey, o segundo de D. Payo: desorte ficaraõ tîmidos os Mouros, que occultamente mandáraõ dizer ao Rey, que a certa hora lhe entregariaõ a Villa com todo o segredo. Aqui succedeo huma acçaõ notavel de D. Payo Correa, que, por ser dilatada, fique para a outra Conferencia.

FIM DA VIGESIMA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Francisco Borges de Souza.
Anno de 1758.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXI.

FOy tal o dezejo, e ancia dos Romeiros em querer ouvir a notavel acçaõ de D. Payo, que acabada a Ladainha pediraõ ao Soldado quizesse ter outra Conferencia, o que elle fez continuando a historia. Trataraõ os Mouros com summo segredo a entrega da Villa ao Rey D. Affonso, e na hora sinalada entrou nella o nosso Monarcha acompanhado só de dez Cavalheiros, sem que ninguem mais do exercito soubesse isto: avizaraõ D. Payo de que naõ apparecia o Rey em parte alguma; suspeitou que se tinha arriscado em algum exame da Praça, e que os Mouros o tinhaõ cativo, ou morto, e como Portuguez, Religiozo, valente, e Heróe; com ira espantoza; fez tocar as caixas, e mais instrumentos de guerra, e fez dar hum horrorozo assalto á Villa na mesma hora, que era da noite, e escurissima: os Portuguezes receando o mesmo, que D. Payo temia cada hum era hum Leaõ na avançada, e escalla dos muros, e portas; os Mouros, que tinhaõ o Rey dentro da Praça em bôa paz, quando viraõ de repente aquella novidade, pasmaraõ, e ainda que fortemente se defenderaõ, o escuro da noite, horror, susto, e confuzaõ fez que morressem muitos, e seriaõ todos, se o Rey D. Affonso naõ subisse a huma torre da Villa, aonde, por entre as ameyas, gritou ao exercito, e levantou o bra-

 ço

ço, moſtrou a todos as chaves da Villa que tinha na maõ; converteo-ſe a ira em alegria, e vivas, abriraõ-ſe as portas, e ficaraõ os Mouros na Praça tributarios ao Rey D. Affonſo, aſſim como até aquelle tempo o eraõ do Rey Miramamolim: ficou entaõ, e ſempre eſtará em duvida, qual foy maior façanha, ſe a do Rey D. Affonſo em ſe fiar dos Mouros, acompanhado de dez Cavalheiros; ou a dos Mouros em guardarem fé, e palavra, e tendo-o nas mãos a ſeu ſalvo, naõ lhe tirarem a vida: paſſou daqui o noſſo Rey a eſcallar Loulé, Praça ja forte no tempo dos Romanos, como o teſtificaõ os ſeus muros, e depois memoravel com o Convento, e aſſiſtencia dos Templarios, foy edificada das ruinas da antiga Cidade Quartaria, a quem os terremotos, e innundaçoens do mar deſtruiraõ mais de huma vez, e ſendo hoje huma pequena Aldea de cabanas, no terremoto de 1755 pereceraõ todas com morte de quaſi todos os moradores dellas; porque apenas ceſſou o movimento da terra, creſceo o mar deſorte que a cobrio quaſi no eſpaço de meya legoa, deixando-a coberta de peixes excellentes quando ſe recolheo aos ſeus limites, os quaes aproveitaraõ alguns curioſos, e conduzidos a Loulé, foraõ delicioſos alimentos de muitos. Rendeo-ſe ao noſſo Rey a Villa de Loulé, e o meſmo fez a de Aljezur, e logo Alboſeira, inexpugnavel pelo ſitio, em que eſtá fundada; porèm já no Algarve, nada reſiſtia á eſpada Portugueza, e o noſſo Monarcha inſiſtindo na conquiſta, vendo proſpera a fortuna, rendeo mais outros Lugares á ſua obediencia, deſorte que foy o noſſo D. Affonſo o Rey primeiro que depois de cento e oitenta annos de habitaçaõ dos Mouros neſte Paiz, os expulſou das terras vizinhas ao Reino de Portugal, e faltandolhe deſte modo o exercicio das armas, occupou-ſe na reſtauraçaõ, e accreſcentamento das Praças todas: deſde os alicerſes fundou a de Eſtremoz, e reſtaurou acreſcen-

centou, e fez inexpugnaveis todas as mais, sem perdoar a gastos, e fadigas proprias, com liberalidade taõ regia, que mereceo lhe chamasse a Christandade toda, o Monarcha Restaurador, outros o Liberal: a tudo se applicava, e attendia ao mesmo tempo; e considerando que o sangue da Republica he o commercio, fez que tivessem os Senados especial cuidado nisso, e elle determinou, que em cada terra houvessem em dias certos do anno feiras, e mercados publicos para o exercicio do commercio, e circulaçaõ do dinheiro, e generos das Provincias; e para os mercadores, e compradores serem muitos, e assim as utilidades certas, e grandes, fez limpar as estradas de ladroens, empreza continua da Ordem dos Templarios, que agora advertidos pelo nosso Rey, a executaraõ sempre com zelo de bons Religiosos, e utilidade de todos. Achava-se o nosso Rey nos ultimos annos da sua vida, quando o Rey de Castella D. Affonso o Sabio, discorde com o Infante D. Sancho, pedio ao nosso Rey soccorro; mandou-lhe logo hum luzido exercito, e conhecendo depois que a sua prezença, e destreza militar era a alma dos seus vassallos, foy elle pessoalmente com muitos, e o mesmo foy verem-lhe os tumultuozos a espada na maõ que cederem da contumacia, e rebelliaõ. Dizem que esta jornada do nosso Rey a Hespanha fora naõ para domar o Infante D. Sancho; porque ja o nosso exercito havia conseguido esse triunfo, mas sim para soccorrer o mesmo Rey D. Affonso o Sabio, a quem perseguia Aben Joseph Rey de Marrocos com hum espantozo exercito: seja qual fosse o motivo, o certo he que as duas acçoens de cohibir os tumultos, e guerra do Infante D. Sancho contra o Rey de Castella, e affugentar, o Rey de Marrocos depois de vencido, foraõ as ultimas acçoens militares do nosso Rey D. Affonso, o Restaurador, e certamente foy a Castella para as conseguir: e tal era o

aperto, em que se via o Rey de Castella; quando mandou pedir ao nosso socorro contra o de Marrocos, que os Embaixadores Castelhanos vieraõ em huma Galera com vélas negras, para melhor persuadir a tristeza, e afflicçaõ, em que ficava; e isto obrigou ao nosso Rey ir soccorrê-lo em pessoa, naõ obstante os annos, e necessidade da sua prezença nos seus Reinos. Foy o nosso Rey D. Affonso devotissimo de MARIA Santissima nossa Senhora, e com especialidade no Mysterio da sua Conceiçaõ Purissima, desorte que foy elle o primeiro que pedio, e alcançou do Papa o acordo que se tomou acerca deste Mysterio, serviço que a Senhora lhe pagaria, como Rainha dos Anjos no outro mundo: Era o nosso Rey dotado de corpo taõ extraordinariamente grande, e agigantado, que quando o Rey D. Sebastiaõ mandou abrir o seu sepulchro, pasmaraõ todos os que o viraõ. Com esta grandeza, gozava hum aspecto magestozo, olhos pequenos, porém muito vivos, cabellos negros, e excellente cor de rosto: o seu retrato o reprezenta na idade em que morreo com coroa no elmo, manto carmesim sobre as armas, ceptro, e espada baixa nûa: Morreo na Cidade de Lisbôa aos vinte de Março de mil duzentos e settenta e nove com sessenta e nove annos de idade, e trinta e quatro de governo, e Reino: seu filho o Rey D. Diniz, dez annos depois da sua morte, trasladou o seu corpo para Alcobaça, aonde está junto a seu pay, e defronte de sua segunda mulher a Rainha Dona Beatriz, a qual sendo aberto o seu sepulchro muitos annos depois de estar nelle, foy vista com taõ formoso rosto, como se estivesse viva. Naõ teve o nosso Rey D. Affonso filho algum da primeira mulher Madama Matildes, Condessa, e Senhora de Bolonha, esta he a verdade, e consta do testamento da mesma Condessa, e do exame juridico, que se fez nesta materia, quando a Rainha de França se

oppôs

oppôs á fucceffaõ defte Reyno com Filippe II. ; da fegunda mulher a Rainha D. Beatriz teve cinco filhos, e cinco baftardos. O primeiro dos legitimos foy D. Diniz, que lhe fucedeo no Reyno. O fegundo D. Affonfo, Senhor da Cidade de Portalegre, e das Villas de Caftello de Vide, Marvaõ, e Arronches; cazou com Dona Violante, filha do Infante D. Manoel, neta dos Reys D. Fernando o III. de Caftella, e D. Jaime I. de Aragaõ, foy feu filho D. Affonfo fenhor de Leiria, que morreo fem filhos. Dona Ifabel, que cazou com D. Joaõ o torto, fenhor de Bifcaya. Dona Conftança, que cazou com Nuno Gonfalves de Lara. Dona Maria com D. Tello filho do Infante D. Affonfo de Molina. Dona Ifabel, que cazou com D. Joaõ Affonfo fenhor de Albuquerque, filho de D. Affonfo Sanches, e neto do Rey D. Diniz. Terceiro filho foy D. Fernando, que morreo moço. Quarto Dona Branca, que primeiro foy Abbadeffa do Mofteiro de Lorvaõ nefte Reyno, e depois Abbadeffa do Mofteiro de Huelgas de Burgos em Caftella, e foy Senhora de muitos Lugares em ambos os Reinos. O quinto Dona Conftança; que morreo em Caftella, quando a Rainha fua máy foy vizitar o Rey feu avô, e pedir-lhe o Algarve, eftá fepultada em Alcobaça. O primeiro filho illegitimo foy D. Gil Affonfo pay de D. Lourenço Gil, Ballio da Igreja de S. Braz de Lisbôa, aonde eftá fepultado. O fegundo D. Fernando Affonfo, Cavalleiro Templario, jaz na mefma Igreja. Terceiro D. Affonfo Diniz, cazou com Dona Maria Ribeira, herdeira da antiquiffima, e nobiliffima Caza de Souzá, como fe vê na fua genealogia efcrita na Lingua Hefpanhola com a maior elegancia, e impreffa com maravilhofas eftampas em França, o tronco defta illuftriffima geraçaõ fe conferva no Duque de Lafoens. Quarto foy D. Martim Affonfo, havido em huma Moura formofiffima, do qual defcendem os Souzas, que

que chamaõ Chichorros. O quinto foy Dona Leonor de Portugal, mulher de D. Gonsalo Garcia de Souza, Conde, e Senhor grande naquelle seculo. Mudou o nosso Rey as Armas do Reino com o novo dominio do Reino do Algarve, a este deo por Armas hum escudo cor de sangue semeado de Castellos de ouro, e pondo sobre este escudo as Quinas de Portugal, e ficaraõ os Castellos, e Armas do Algarve servindo como de orla, e composiçaõ ás Armas Portuguezas: tambem nos escudetes das Quinas fez novidade, tirando dous pontos de cada escudete, desorte que tendo antes treze, agora cada hum ficou com onze, e assim como ajuntou as Armas, fez nos titulos o mesmo, chamando-se Rey de Portugal, e do Algarve. Resplandeceraõ em virtude, e milagres no seu tempo o insigne Portugez S. Gonsalo de Amarante, natural da Ribeira de Visella, exemplar de Parochos, Anacoretas, e Religiosos, outro Santo Antonio de Lisbôa nos prodigios, cuja notavel vida vos contaremos a seu tempo; S. Frey Gil, Dominico, Portuguez, que primeiro foy Magico, e doutissimo em todas as faculdades, para o que, no principio dos seus estudos, fez cedula ao demonio firmada com seu sangue, a qual lhe restituio a Virgem Santissima nossa Senhora pelas mãos de huma Imagem sua, hoje venerada no Convento de Santarem; aonde o Santo (de quem reza a Igreja de Portugal, e toda a illustrissima Religiaõ Dominicana) viveo, e morreo, e vinte annos chorou esta culpa, pedindo á Senhora a cedula, melhor o diremos na sua vida: o seu bordaõ guardava com summa veneraçaõ o nosso Rey D. Affonso, e quando tinha as dores de gotta, uzava delle, porque logo sentia allivio: sucedeo neste tempo o notvel prodigio do Santissimo Sacramento em Santarem, o qual fingio commungava certa mulher, e escondeo na touca, porèm convertido em sangue, os Anjos o recolheraõ em hũa redoma de crystal, q̃ se mostra

aos

aos fieis, a quem dizem muitos lhes appareceo Christo Senhor nosso em differentes figuras: na mesma Villa desde esse tempo se vê, e adora com summa devoçaõ huma Imagem do Menino JESUS, que sempre cresce como se fosse vivo; está no Convento de S. Domingos, e delle se conta hum especial prodigio certo, que eu vos contarey quando for tempo, e tratarmos desta Villa: fóra dos muros della está o Santo Christo Crucificado, que nestes tempos servio de testimunha a huma mulher, a quem hum homem negava a palavra de espozo, tendo-o ella tomado por testimunha do que elle lhe promettia, quando se rendeo á sua paixaõ: na Villa de Guimaraens morreo neste tempo S. Gualter, companheiro de S. Francisco, cuja memoria se renova em sepulchro com milagres, e em huma fonte do seu nome: floreceo especialmente em letras o Papa Joaõ XXI., natural de Lisbôa, insigne Filosofo, e Medico, faculdade em que escreveo muitos livros: foraõ insignes nas armas trinta e dous Heróes Portuguezes, dos quaes só nomearemos hum, porque dos outros se naõ achaõ escritas as façanhas, nem as familias a que deraõ principio; o maior, e especial foy D. Payo Correa, de quem ja dissemos conquistava o Algarve para o Rey de Castella, sendo naquelle Reino Mestre da Ordem de S. Tiago: este memoravel Portuguez foy o segundo Josué, porque dando huma batalha aos Mouros nas faldas da Serra Morena, e vendo que se acabava o dia, e lhe faltava a luz do Sol para completar a victoria, com a sua virtude, e oraçaõ deteve o Sol até acabar de vencer os Mouros. Foraõ Sũmos Pontifices Alexandre, Urbano, e Clemente Quartos, Gregorio, X. Innocencio, e Adriano Quintos, Joaõ XXI., Nicolao III., Urbano IV. que instituio a festa do Corpo de Deos pelo motivo, que diremos algum dia, e ordenou a S. Thomaz compuzesse o Officio: resplandeceraõ em letras, e virtudes

os

os Santos Doutores da Igreja Santo Thomaz Dominicano, e Boaventura da Ordem de S. Francisco: morrerão Santa Clara, e S. Jacintho; teve principio em Castella o Conselho Real instituido pelo Rey D. Fernando o III. com o numero de doze Letrados, que dérão principio ás Leys da partida, que depois pôs em ordem o Rey D. Affonso Sabio: juntou-se o Reino de Sicilia com o de Aragaõ no anno de 1182. succedeo o prodigiozo parto de Margarida, filha de Florencio, Conde de Olanda, que pario juntos trezentos e sessenta e quatro fillhos vivos que todos foraõ baptizados, e morreraõ logo; castigo que Deos lhe deo, por haver crido que huma mulher fora adultera, porque pario dous, e ella, que lho ouvio dizer, lhe rogou a praga, que Deos permittisse que de hum parto parisse ella tantos filhos, quantos dias tinha o anno. Poucos dias depois da morte do Rey D. Affonso, foy acclamado em Lisbôa seu filho primogenito D. Diniz por Monarcha de Portugal, e Algarves, tinha nascido em Lisbôa a nove de Outubro de mil duzentos e sessenta e hum, e por ser dia de S. Dionyzio, lhe puzeraõ o nome do Santo, que abreviado em Portugal he Diniz. Basta por esta noite, o mais fique para a manhaã depois de Missa.

F I M.

DA VIGECIMA PRIMEIRA PARTE

LISBOA:
Na Officina de Francisco Borges de Souza
Anno de 1758.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXII.

ACabada a Missa no dia oito de Settembro, quiz o Theologo continuar a vida de N. Senhora, por ser o dia do seu Santissimo Nascimento; porèm todos disserão ficasse para a tarde essa materia soberana, e agora acabasse o Soldado de referir a vida do nosso Augusto Rey D. Diniz, por appellido o Justo, o que elle fez dizendo: Desde que teve uzo de razaõ mostrou em todas as suas acçoens reinavaõ em seu espirito as virtudes da Verdade, Justiça, e Liberalidade, nas quaes depois excedeo a todos os seus antepassados, e a muitos dos futuros. Na idade de dezoito annos começou a governar por morte de seu pay, e sendo obedientissimo, summamente venerador em tudo da Rainha sua mãy, naõ consentio que ella o acompanhasse no despacho, nem em cousa alguma do governo, dizendo que era affronta de hum homem da sua idade ser governado por outra alguma pessoa: dahi a quatro annos mostrou que errara como homem em rejeitar a companhia de sua mãy no governo do Reyno sendo taõ moço, porèm mostrou a grandeza do seu juizo em emendar publicamente o erro, qne foy confessá-lo; era elle o ter-se deixado dominar com excesso da sua natural liberalidade, a que se seguio dar tanto em quatro annos, que quando reflectio no que tinha feito, quasi se achou sem cousa alguma, por

ter dado tudo ; e para remediar o erro , revogou todas as mercês , e doaçoens , que tinha feito até aquelle dia : teve neſtes annos perigozas duvidas com o Infante ſeu irmão D. Affonſo , a quem obrigava a certos reconhecimentos pelos Caſtellos , e Lugares , que ſeu pay lhe tinha deixado : e o mais era , que, como o noſſo Rey D. Diniz naſceo , ſendo viva a Condeſſa de Bolonha , verdadeira mulher do Rey D. Affonſo, e antes de ſe revalidar o Matrimonio nullo : dizia o Infante que a elle lhe pertencia o Reino , porque naſcera quando ſeu pay ja era legitimamente cazado , e D. Diniz antes diſſo , ainda que depois fora pelo Papa legitimados : em fim houve guerra civil , o Rey cercou o irmão em Portalegre , mas achando-ſe a guerra com mais ſuavidade, do que promettiaõ tantas prevençoens militares, cedendo o Infante , e perdoando o Rey. Livre deſte enfado , comeſſou o noſſo Monarcha a exercitar o ſeu genio , fez limpar o Reino de ladroens, e foragidos, livrou aos pequenos das tyrannias , e exceſſos , que praticavaõ com elles os Grandes , defendendo , e amparando a todos , chamando aos lavradores nervos da Republica ; e tanto favoreceo a agricultura , que naõ houve no ſeu Reinado gente , nem terra ocioza : por eſte notavel cuidado , e por outro de levantar muitos Caſtellos , murar muitos Lugares , fortificar , e municionar muitas Praças , foy chamado univerſalmente Lavrador , e Pay da Patria. Teve diſcordias com o Rey D. Sancho o Bravo, terceiro deſte nome , Rey de Caſtella, porque naõ cumpria os contratos dos cazamentos dos Infantes de ambos os Reinos : em refens diſto eſtavaõ em mãos de Fidalgos Portuguezes as Cidades de Badajoz , e Truxilho, as Villas de Moura, Serpa, Alharîs, Caceres, e Aguiar de Neira. Quando o Caſtelhano havia cumprir a palavra , tomou as armas , e arrebatadamente as Cidades , e Villas , matando , e arruinando

tudo,

tudo; metteo gente no Algarve, aonde fez tyranno estrago, como quem impio, e poderozo assaltava gente descuidada com o seguro da paz estabelecida na palavra Real, que agora se via quebrada: o nosso Rey, que todo era verdade, e justiça, quiz de todo justificar a sua causa, para o que lhe mandou Embaixadores; porèm vendo que D. Sancho naõ admittia razaõ, o mandou desafiar, e com exercito poderozo entrou por Castella fazendo horrivel estrago, tomando Lugares, destruindo campos: intentou o Castelhano sahir ao dezafio; porèm a morte lhe atalhou os intentos, e antes de expirar conheceo, e confessou publicamente o mal que tinha obrado, e ordenou o seu filho D. Fernando, que lhe succedeo no Reino, que logo cumprisse ao nosso D. Diniz tudo o que elle lhe tinha promettido, e faltado; foy o mesmo que se lhe recõmendasse o contrario; porque D. Fernando nada cumprio, e o nosso Rey, entrando segunda vez em Castella, fez guerra taõ porfiada, que lhe sahio ao encontro o Infante D. Henrique, tutor de D. Fernando, pedindo paz, e promettendo cumprir logo tudo: Viraõ-se os Reys ambos na Cidade Rodrigo, e retirou-se o nosso exercito; mas apenas se despiraõ as armas, foy necessario logo vestî-las. porque D. Henrique, tutor; e D. Fernando Rey faltaraõ á palavra, tanto que viraõ o nosso Rey descançado nella em Coimbra: em vingança disto sahio o nosso Monarcha terceira vez a campo, entrou em Castella, e fez taes estragos o valor Portuguez nas Comarcas de Ledesma, Valhadolid, Salamanca, e Simancas, que até das Igrejas tiravaõ os Castelhanos para matá-los: acudio D. Fernando á ruina do seu Reino, e para melhor applacar a nossa furia, cazou com a Infanta Dona Constança filha do nosso Rey D. Diniz, e deo para mulher do nosso Infante D. Affonso sua irmaã a Infanta Dona Beatriz o mais he, que, havendo de levar dote, cazou

ſem elle; e em caſtigo do que tinha obrado, deo ao noſſo Rey as Villas de Olivença, Campo-Mayor, e Origuéla, o que tudo foy neceſſario para o noſſo Rey embainhar a eſpada, que deſpira com tanta juſtiça: foy conduzida logo a Caſtella a noſſa Infanta, e o noſſo Monarcha entrou em Coimbra triunfante com a cunhada. Quando ſe recolheo de Caſtella, veyo-ſe divertindo em render varios Lugares da Commarca de Riba de Coa, que entaõ eraõ de D. Sancho de Ledeſma, filho da Infanta Dona Margarida, mulher do Infante D. Pedro, filho do Rey D. Affonſo X.: foy a cauza, que aggravando eſte Cavalheiro ao Rey D. Fernando de Caſtella, ſe valeo do noſſo Rey, em cuja ſingular liberalidade achou todo o remedio, amparo, e mercês grandes; apenas as tinha recebido, quando contra todas as Leys da honra, e verdade, tornou para o partido do Rey D. Fernando, e o mais he, que, ſahindo de Sevilha com huma Armada, entrou em Lisbôa, e ſahio levando muitas embarcaçoens que eſtavaõ no rio: foy logo o noſſo Almirante em ſeu ſeguimento, e em batalha naval o prendeo; e trouxe a Lisbôa, aonde o noſſo Rey lhe mandou reſtituir a liberdade, julgando que para caſtigo baſtava ſer prezo, e ficar para ſempre deſacreditado por ingrato. Succederaõ paſſados annos as diſcordias entre D. Fernando Rey de Caſtella, os Reys de Leaõ, e Aragaõ, e o Infante D. Affonſo de Lacerda por varios cazos, e pertençoens: Vio-ſe D. Fernando com o noſſo Rey ſeu ſogro em fonte Guinaldo, e Badajoz, e pedio-lhe ſoccorro, o qual elle lhe deo com gente, dinheiro, e com a ſua peſſoa até o deixar com deſcanço, e até que as partes intereſſadas elegêraõ o noſſo Rey para juiz das contendas, promettendo eſtar pelo que elle julgaſſe: gloria ſingular no noſſo Monarcha foy eſta, e para a completar paſſou logo a Aragaõ acompanhado ſó de mil Cavalheiros dos princi-
paes

paes , e luzidos , fez juizo do caso , sentenciou a questaõ , e compôs desorte as partes interessadas , que pasmaraõ ellas ; e toda a Europa do singular talento , prudencia , e destreza do nosso Monarcha , que para eternizar naquelles Reinos mais a sua memoria , a todos prendeo com dadivas grandes. Nada he constante neste valle de lagrimas, nos ultimos annos da vida estava o nosso Rey , quando seu filho primogenito tomou as armas contra elle , por ciumes do muito amor , que o pay tinha a D. Affonso Sanches , filho bastardo ; viraõ se pay e filho em campo hum contra o outro , e a Rainha Santa Izabel , mulher de hum , e mãy de outro , banhada em lagrimas, mettida entre os dous exercitos , entrando agora em hum , logo em outro : porèm taõ depressa os deixava compostos , como via continuarem os insultos , e estragos ; porque a inconstancia do filho ; depressa faltava ao que promettera a huma mãy Santa : o pay, como prudentissimo , pedia a todas as pessoas virtuosas alcançassem de Deos o remedio , e rogou a D. Jaime segundo Rey de Aragaõ pedisse o mesmo a S. Raimundo, porèm o Santo respondeo , que quando as cousas estavaõ nas mãos dos homens , naõ se haviaõ pedir a Deos: se o muito valimento do bastardo era causa das inquieteçoens do legitimo, que temperasse o Pay a demaziada affeiçaõ que lhe tinha , e gozaria a paz que desejava , pois bastava que ao bastardo o reconhecesse por filho : isto fez o nosso Rey , e cessou a guerra civil. Instituio a Ordem de Christo Senhor nosso com algumas rendas dos Templarios , que ja estavaõ extinctos , e com outras muitas: com que no tempo em que escreveo Manoel de Faria e Sousa o Epitome de nossas Historias, para emendar algumas equivocaçoens , que houve na Europa Portugueza , tinha a Ordem quinhentas Cõmendas, e as mais dellas muito avultadas. Creou esta Ordem para que os Cavalheiros q̃ desejassem ser nella

la admittidos, se distinguissem em façanhas nas conquistas de Africa; e conhecendo a semrazaõ, e injustiça, com que os Templarios foraõ extinctos, a muitos delles admittio á Ordem de Christo: livrou a Ordem de S. Tiago da sujeiçaõ ao Gram Mestre de Castella, e com authoridade do Papa Nicolao V. lhes nomeou Gram Mestre neste Reyno, com obrigaçaõ de que nunca cazassem os Cavalleiros: porèm no tempo do Rey D. Joaõ II. os dispensou para cazarem o Papa Alexandre VI. Teve o Rey singular cuidado em renovar, accrescentar, e edificar desde os alicerses as muralhas de muitas Cidades, e Villas: Obra sua saõ as do Porto, Braga, Guimaraens, Miranda; fez cincoenta Castellos novos desde os fundamentos, algumas Villas novas, e fez povoar outras, e lembrando-se ao mesmo tempo das cousas sagradas, dotou com summa liberalidade as Igrejas: mandou vir á sua custa de diversos Reinos homens doutissimos em todas as Faculdades, e com elles fundou a universidade de Coimbra: foy versado em differentes linguas, e muito inclinado á poezia; em Hespanha, e Italia tiveraõ especial estimaçaõ as suas poezias, e ainda hoje se veneraõ muitas, que escaparaõ ao tempo: foy taõ liberal, que no seu tempo, e em muitos seculos depois, era proverbio na Europa: *Liberal como hum Diniz.* Intentou o Rey D. Fernando IV. de Castella (a quem elle tinha pacificado com o de Aragaõ) conquistar o Reino de Granada, ou, como querem outros, intentou esta conquista o Infante D. Affonso de Lacerda, e o Rey D. Fernando se lhe oppôs, e para o fazer o ajudou o nosso Monarcha com numerozo exercito de Cavallaria, e com dezasette mil marcos de prata, e o Rey de Castella lhe deo em penhôr dos treze mil a Cidade de Badajoz, e em penhor do resto as Villas de Alconchel, e Burgilhos, com a condiçaõ, de que naõ pagando no-

tempo assignalado os ditos dezasette mil marcos de prata, seria obedecido, e senhor das sobreditas povoaçoens, e Cidade, como suas. Em outra occaziaõ foy o nosso Rey pacificar as Monarchias de Castella, e Aragaõ, quazi sempre discordes, em quanto se naõ uniraõ estas duas Coroas; e pedindo-lhe ambos grandes sommas de dinheiro emprestado, a cada hum deo graciosamente dobrado, do que lhe padiraõ, liberalidade, que só foy vista nos Reys Portuguezes. A todos os vassallos de hum, e outro Rey encheo as mãos, e depois de todos estarem cheios, e pasmados de verem a sua liberalidade, e os seus thesouros, chegou hum Castelhano, ou Aragonez, Cavalheiro illustre, e beijando-lhe a mão, disse, que ficando todos prendados, só elle ficava sem dadiva sua: tinha o nosso Rey diante de si hum bofete de prata grande, em que tinha acabado de jantar, e ouvindo isto, lho deo. Nenhum Portuguez (diz o grande Faria) era capaz de pedir desta sorte, porèm hum Rey Portuguez dava assim: he certo o que diz Faria, e o nosso irmão, que está prezente, e vio do mundo mais do que eu, dirá se em Reino algum encontrou Portuguez occupado em officios vilissimos, como limpar çapatos, e outros, em que vemos se occupaõ neste Reyuo os estranhos: o certo he que nenhuma necessidade abate a naçaõ, que Deos escolheo para si no Campo de Ourique. A quem naõ admiraõ tantas dadivas depois de tantos gastos de guerras, naõ se devendo nada aos Soldados! Naõ contêm esta materia segredo: os Reys gastavaõ em suas cazas, menos do que muitos nobres agora, o trato eraõ poucos cavallos, e mulas para às Rainhas; e em fim só as distinguiaõ as Coroas, que sempre em publico traziaõ nas cabeças, e para ser muito rico,naõ he necessario ter de renda muito, basta gastar pouco. Toda a sua estimaçaõ foy das cousas,

que

que havia neste Reino contra o commum de todos, que só estima o estranho, cousa que elle abominou desorte, que nunca admittio de fóra, o que neste Reyno faltava: e para maior exemplo mandou fazer para si huma coroa, e hum Ceptro de ouro, do que muitas vezes traz ainda o rio Tejo, e naquelle tempo dizem trazia mais; porèm a verdade he, que tanto se achava entaõ nelle, como agora: porèm naquelles seculos, como naõ tinhaõ outro, era menos a pirguiça para buscá-lo, agora que vem das Minas de America com mais custo, naõ ha huma só pessoa: que o busque no Tejo, nem saiba ja o modo, com que os antigos costumavaõ achá-lo: Depois de jantarmos proseguirei o que falta para o senhor Theologo nos contar o Nascimento de Nossa Mãy Santissima antes da Ladainha.

F I M.

DA VIGECIMASEGUNDA PARTE.

L I S B O A,
Na Officina de Francisco Borges de Souza.
Anno de 1759.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXIII.

JUntos todos depois de jantar, disse o Soldado: Naõ obstante a inexplicavel liberalidade do nosso Rey D. Diniz, deixou por sua morte hum grande thesouro, que encarecem todos os Historiadores deste Reyno; e assim como era promptissimo sempre em dar, assim era inimigo capital de acceitar couza alguma: desorte que, àlèm de alleviar os vassallos de tributos, e nunca pormittir fossem vexados pelos poucos, que pagavaõ, e lhe eraõ devidos; quando foy a Aragaõ, depois de dar ao Rey D. Jaime, de graça, dobrado dinheiro do que elle lhe pedia emprestado, naõ foy possivel acceitar mimo algum dos innumeraveis, que elle excogitou para lhe offerecer. Sahio a divertir-se na caça em hum bosque junto a Beja, aonde o accommetteo hum urso, saltando-lhe de repente nas ancas do cavallo, e abraçando-o desorte, que lhe impedia o movimento dos braços para a defeza: vendo-se neste perigo de vida, porque estes brutos todas as forças tem nos braços, e mataõ apertando nelles os outros, gritou por S. Luiz Bispo de Toloza, da Ordem de S. Francisco, pouco conhecido, e venerado neste Reino de Portugal, porèm muito no do Algarve, mais em Hespanha, e com grandeza em França: naõ era o Rey devoto do Santo, porèm tinha ouvido a sua mulher a Rainha Santa Izabel muitas vezes

contar os prodigios da sua vida, que algum dia ouvireis, antes duvidava dos milagres, que ella lhe encarecia; vendo-se porèm neste aperto, gritou pelo Santo o qual lhe appareceo, para o curar da incredulidade, e com o seu favor matou o urso, e ficou livre; em memoria do que, no mesmo monte fez levantar hum Templo dedicado ao Santo em agradecimento de taõ raro beneficio, e monumento do prodigio: sobre a porta da Igreja do Mosteiro de Odivellas, fundaçaõ deste Rey, se acha pintado este cazo, e esta pintura foy a causa de muitos dizerem, como eu ouvi muitas vezes, que este cazo lhe succedera no sitio de Odivellas, entaõ mato espesso, e que elle gritára por S. Bernardo, dizendo: Valha-me, o Santo, de quem minha mulher he devota, e que entaõ lhe lembrara hum punhal, que tinha na algibeira direita dos calçoens, e ferindo com elle os genitaes da féra, esta cahira, e elle edificara o Convento de Odivellas, em memoria do cazo, de Freiras Bernardas, aonde está enterrado; porèm Manoel de Faria, e Souza no seu Epitome, e rezumo verdadeiro das suas obras, e da Historia Portugueza, conta o cazo succedido junto a Beja, como agora disse, e diz que elle edificara o Mosteiro de Odivellas para enterro seu, e de seus successores, com a magnificencia, que nelle admiramos, e basta a Igreja para admirarmos, dedicado a S. Dionysio, Santo do seu nome, para que os Reys de Portugal tivessem jazigo em tudo similhante ao dos Reys de França, que he dedicado ao mesmo Santo. Foy o nosso Monarcha de estatura proporcionada cabellos negros, rosto cheio, se bem naõ com tanta formosura, como magestade: no seu retrato se vê armado com manto carmesim, espada levantada, e coroa no Elmo: morreo na Villa de Santarem aos sette de Janeiro, tendo sessenta e quatro annos de idade, e quarenta e seis de reinado, que a todos pareceraõ poucos, sendo proverbio desde aquelle seculo até o prezente: *D. Diniz pode quanto quiz*

quiz: porque a ſua Verdade, Juſtiça, e Liberalidade fez que domaſſe, e dominaſſe os coraçoens de todos, e lhe adquiriſſe entre os vaſſallos, e os eſtrangeiros o appellido de Juſto. Falleceo no anno de mil duzentos e trinta e cinco, eſtá ſepultado no Cruzeiro de Odivellas em ſepulchro magnifico, cercado de grades de ferro com Idéa ſingular. Foy o mais ditozo de todos os Reys de Portugal no ſeu cazamento, porque teve a fortuna de gozar no thalamo a Rainha Santa Izabel, gloria de Aragaõ, aonde naſceo, e de Portugal, aonde dominou, falleceo, e ſe venera o ſeu ſanto Cadaver: della reza com Oitavario Portugal, e creio que toda a Igreja; era filha do Rey D. Pedro III. de Aragaõ, terceiro deſte nome, e da Rainha Dona Conſtança, filha de Manfredo Rey de Napoles; e Sicilia, filho do Imperador Federico II.: com milagrozas obras foy mais Santa do que Rainha, algum dia contaremos a ſua vida prodigioza. Teve o noſſo Rey D. Diniz dous filhos legitimos da Rainha Santa Izabel, e ſeis filhos baſtardos havidos em varias mulheres, cujos nomes calaõ os Hiſtoriadores. O primeiro legitimo foy D. Affonſo, que lhe ſuccedeo no Reyno. O ſegundo, Dona Conſtança, mulher do Rey D. Fernando IV. de Caſtella. O primeiro dos illegitimos, foy D. Affonſo Sanches, depois ſeu Mordomo mór, cazou com Dona Thereza Martins, filha de D. Joaõ Affonſo de Albuquerque, e de Dona Thereza Sanches, baſtarda delRey D. Sancho III. de Caſtella, delles naſceo D. Joaõ Affonſo, ſenhor de muitas terras, que houve em dote com Dona Izabel de Menezes, filha de D. Tello, neto do Infante D. Affonſo de Molina: foy ſeu filho D. Martim Gil, a quem o Rey D. Pedro de Caſtella mandou matar, como ja tinha feito a ſeu pay. O ſegundo foy D. Pedro Conde de Barcellos, a quem deve Heſpanha as memorias das ſuas familias illuſtres, he livro eſtimado, e com razaõ, e neſta materia texto veridico: foy cazado em Portugal a primei-
 ra

ra vez com Dona Branca de Portel, e ſegunda com Dona Maria Ximenes Coronel de Aragaõ, naõ teve filhos. O terceiro foy Joaõ Affonſo, de cuja vida, e acçoens naõ ha noticia. O quarto foy Fernando Sanches, eſtá ſepultado no Convento de S. Domingos de Santarem. O quinto foy Dona Maria, que cazou com D. Joaõ de Lacerda. O ſexto, Dona Maria, que morreo Freira em Odivellas. A ſeu filho D. Pedro, baſtardo, deo o titulo de Conde de Barcellos, e foy o primeiro titulo, que deraõ os noſſos primeiros Reys: A D. Affonſo Sanches ſeu filho baſtardo, e o mais querido, o titulo de Conde de Albuquerque: A Lourenço Annes deo a dignidade de Meſtre da Ordem de S. Tiago, e foy o primeiro neſtes Reinos: A Gil Martins, Meſtre da Ordem de Aviz, fez Meſtre da Ordem de Chriſto, e foy o primeiro dos dez, que teve eſta Ordem antes de paſſar aos Reys de Portugal eſta dignidade: A Vaſco Martins de Souza fez ſeu Chanceller mór, e foy o primeiro. Governaraõ a Igreja de Deos no ſeu tempo os Papas Martinho, Honorio, e Nicolao quartos, Celeſtino, e Bonifacio oitavos, Benedicto X. e Clemente V. Francez, o qual mudou a Cadeira de S. Pedro para França, aonde eſteve ſettenta annos no Reinado de ſette Papas Francezes, e Joaõ XXII. Floreceraõ, S. Roque, Santa Birgida, Santa Clara de Monte Falco, em cujo coraçaõ ſe achou eſculpido de relevo hum Crucifixo, e na bolſa do fel tres globos, que com ſingular prodigio tanto pezava hum, como todos tres, teſtimunho do Myſterio da Trindade Santiſſima. Em letras foraõ notaveis, Nicolao de Lyra, Eſcoto, Durando, o Poeta Dante: viveo neſte tempo o grande taumaturgo, e defenſor da Igreja Catholica contra os ciſmas, de que a livrou, deſde o dia da ſua canonizaçaõ, S. Nicolao de Tolentino, cuja vida ouvireis a ſeu tempo. Foraõ queimados publicamente por ordem do Papa Bonifacio os oſſos de Hermano, ou Hermaõ, que em muitas terras era venerado por Santo, tendo

ſido

ſido hum herege horrendo. Teve principio o Imperio dos Turcos: nas partes do Norte houve Cometas eſpantozos, e outros prodigios , e choveo dez mezes continuadamente. Agora, ſenhor Theologo, contai-nos o naſcimento de noſſa Māy Santiſſima, Patrona deſta noſſa humilde Academia, que eu na Conferencia de ámanhaã continuarey as vidas dos noſſos Reys. Chegou (diſſe o Theologo) o dia alegre para o mundo, que foy eſte, oito de Setembro, e nelle (diz a Veneravel Madre Maria de Jeſus de Agreda na Myſtica Cidade de Deos) foy prevenida Santa Anna com illuſtraçaõ ſuperior, e proſtrada em oraçaõ, conhecendo pelo avizo , que o Senhor lhe deo , era chegada a hora do ſeu parto , pedio a Deos aſſiſtencia da ſua graça, e protecçaõ para o bom ſucceſſo delle: ſentio logo hum movimento no ventre, acçaõ natutal das creaturas para ſahirem á luz , e a mais ditoza Menina , Maria Soberana foy arrebatada por providencia , e virtude Divina em hum extaſi altiſſimo , no qual abſorta , e abſtrahida de todas as operaçoens ſenſitivas , naſceo ao mundo ſem o perceber pelos ſentidos , como pudera conhecê-lo por elles; ſe junto com o uzo de razaõ , que tinha os deixaſſem obrar naquella hora ; porèm o Altiſſimo o diſpôs deſta ſorte, para que a Rainha dos Ceos naõ ſentiſſe o natural do ſucceſſo do parto: naſceo pura , e limpa , e cheia toda de graças , e formoza ; publicando nellas , que livre naſcia da Ley , e tributo do peccado ; e ainda que naſceo como os mais filhos de Adaõ na ſubſtancia,foy porèm com taes condiçoens , e graças, que fizeraõ eſte naſcimento milagrozo , e admiravel para toda a natureza, e gloria eſpecial de ſeu Creador : naſceo pelas doze horas da noite , começando a dividir a da antiga ley, e trevas primeiras, do dia novo da Graça, que ja queria amanhecer : naõ conſentio a Senhora Santa Anna que outra peſſoa enfaixaſſe a ſua Filha Soberana ella meſma a envolveo , e preparou com as ſuas mãos nas mantilhas

tilhas, ſem a embaraçar o ſobre-parto: ella tomou nos braços a que, ſendo ſua Filha, era theſouro maior do Ceo, e terra, em pura creatura ſó a Deos inferior, e ſuperior a todo o creado; e com fervor, e lagrimas a offereceo a Deos no interior de ſua alma: no meſmo lhe reſpondeo Deos, dizendo trataſſe a Divina Menina como mãy a filha no exterior, ſem moſtrar-lhe reverencia; porèm que lha tiveſſe no interior, e que na ſua criaçaõ cumpriſſe com as leys de verdadeira mãy com todo o cuidado, e amor: aſſim o cumprio a Senhora Santa Anna, e uzando deſte direito, e licença, ſem perder a reverencia devida, ſe regalava com ſua Filha Santiſſima, tratando-a com os carinhos que coſtumaõ as outras mãys. Os Anjos da guarda da Soberana Menina com outra grande multidaõ a adoraraõ, e reverenciaraõ nos braços de ſua Mãy, e os mil Anjos deputados para guarda da Senhora ſe lhe offereceraõ, e dedicaraõ para o ſeu miniſterio, e foy eſta a primeira vez, que a Divina Senhora os vio em fórma corperea com as diviſas, e habitos, que ſe dirá a ſeu tempo, e a Menina lhes pedio que louvaſſem ao Altiſſimo com ella, e em ſeu nome: todos cantaraõ, e Santa Anna gozou parte deſta celeſtial Muzica. No meſmo inſtante, em que naſceo noſſa Rainha, mandou Deos a S. Gabriel Archanjo dar eſta noticia aos Santos Padres, que eſtavaõ no Limbo, e o Soberano Embaixador deſceo logo, e illuſtrando aquella profunda caverna, alegrando os Juſtos, que nella eſtavaõ detidos, lhes annunciou como ja começava a amanhecer o dia da felicidade eterna, e reparaçaõ do genero humano taõ deſejado dos Santos Padres, e vaticinado pelos Profetas, os quaes todos, e os mais Juſtos, que eſtavaõ no Limbo, déraõ ao Altiſſimo graças por eſte ſoberano favor com novos canticos. Havendo ſuccedido iſto, em breve tempo, em que noſſa Rainha vio a luz do Sol material; conheceo a ſeus Pays naturaes, e a outras

tras creaturas, que foy o primeiro paſſo de ſua vida apenas naſcida; o braço do Altiſſimo começou a obrar nella novas maravilhas ſobre todo o penſamento dos homens, e huma foy mandar innumeraveis Anjos, para que a levaſſem ao Empyreo em corpo, e alma: aſſim o cumpriraõ, e recebendo-a nos braços, ordenaraõ huma nova prociſſaõ com canticos em louvor do Altiſſimo, e nella conduziraõ ao Ceo Empyreo a verdadeira Arca do Teſtamento, e eſte foy o ſegundo paſſo da vida de noſſa Mãy Soberana: entrou a Soberana Menina no Ceo nos braços dos Anjos, os quaes todos a reconheceraõ, e reverenciaraõ por ſua Rainha, e ella proſtrada, e ſummamente abatida perante o Throno de Deos, louvou, e deo graças por tantos, e taes beneficios. O que aqui recebeo das mãos do Altiſſimo, e os ſingulares favores, que lhe fez o Verbo Divino, que della havia naſcer feito homem; e as mercês infinitas, que lhe fez toda a Santiſſima Trindade, a Veneravel Madre Maria de Jeſus de Agreda o conta, e com termos Theologicos o explica, mas he ſó para Theologos o que diz, para nós baſta venerarmos, e paſmar do que ſeria. Entaõ manifeſtou Deos aos Anjos que deſde a eternidade tinha formado os nomes de Jeſus, e Maria, e nelles tinha complacencia, e ſahio do Throno huma voz, que dizia: *Maria ſe ha de chamar a noſſa eſcolhida, e eſte nome ſerá maravilhoſo, e magnifico; os que o invocarem com affecto devoto, receberáõ copioziſſimas graças; os que o eſtimarem, e pronunciarem com reverencia, ſeraõ conſolados, e vivificados; e todos acharaõ nelle remedio de ſuas doenças, thezouros, com que enriquecer-ſe, luz que os encaminhe para a vida eterna; ſerá terrivel contra o Inferno, quebrantará a cabeça da ſerpente, e alcançará inſignes victorias dos principes das trevas.* Ordenou Deos que os Anjos diſſeſſem a Santa Anna, que

que a Soberana Menina se havia chamar Maria ; deo ella a Deos novas graças , recebeo novos favores , e novas adoraçoens dos Anjos , sem nunca lhe ser revelado até o dia da Incarnaçaõ do Verbo , que era escolhida para Mãy de Deos : logo a restituiraõ os Anjos aos braços da Senhora Santa Anna , a qual naõ sentio esta falta , porque hum Anjo supprio a falta da Soberana Menina , e alèm disso teve hum extasis Santa Anna , no qual , ainda que ignorou totalmente o que succedia á sua Filha no Ceo , com tudo lhe foraõ revelados grandes mysterios da dignidade de Mãy de Deos , para que era escolhida , e a prudentissima Matrona os guardou sempre em seu coraçaõ , sem os revelar a sua Filha Santissima , nem a S. Joaquim : aos oito dias depois de nascida Maria Soberana , desceraõ os Anjos com escudos , em que vinha gravado o seu Nome Santissimo , e disseraõ a Santa Anna , que era vontade do Altissimo, que ella , e o Senhor S. Joaquim puzessem a sua Filha o Nome de Maria. Logo o disse ella a seu feliz Consorte , e elle convidou os parentes para o convite ; e com elles hum Sacerdote , e depois de venerarem o Nome Santissimo os dous Consortes , declararaõ a todos , que sua Filha se chamava MARIA.

F I M.

DA VIGECIMA TERCEIRA PARTE.

L I S B O A,
Na Officina de Francisco Borges de Souza.
Com todas as licenças necessarias.
Anno de 1758.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXIV.

NO dia nove de Settembro proſeguio a hiſtoria dos noſſos Reys o Soldado dizendo : Sepultado em Odivéllas o noſſo ditozo Monarcha D. Diniz , foy acclamado dahi a dous dias ſeu filho D. Affonſo quarto deſte nome , Rey ſettimo deſte Reino , chamado por antonomazia o Ouzado ; naſceo em Coimbra aos oito de Fevereiro do anno de mil duzentos e noventa , primogenito do Rey D. Diniz , e da Rainha Santa Izabel , ventura a mais digna de inveja , e ſem comparaçaõ mais do que a Coroa deſtes Reinos , para que naſcia : logo nos exercicios de menino moſſtrou tal esforço de animo , e tal vigor, que lhe chamaraõ o Bravo. No principio do ſeu governo teve baſtantes deſcuidos , porque ſó o exercicio da caça lhe levava os cuidados , e até nos Tribunaes , e Conſelhos converſava nas féras que tinha morto ; porèm hum Cavalheiro , que o ouvio , com tal liberdade o reprehendeo , que o Rey cahindo em ſi , eſtimando a liberdade , por ſer filha de zelo , e amor leal , agradeceo o avizo , e emendou ſe de modo , que apenas , para alivio do trabalho do governo , uzava deſte divertimento licito : na vida de ſeu Pay D. Diniz contámos a oppoſiçaõ que elle tinha

a ſeu irmaõ baſtardo D. Affonſo Sanches, agora que ſe vio Rey, dezabafou a vingança tomando-lhe a fazenda, e manchando-lhe a honra. Era D. Affonſo bem quiſto, e poderozo, veyo de Caſtella com exercito, e entrando pela Comarca de Braga, e pelo Guadiana, tudo era ſangue, roubos, e incendios: ſentido o noſſo Rey tomou armas, cercou o Caſtello de Albuquerque, rendido o pôs por terra até os fundamentos. Sobre o cazamento de Dona Conſtança, filha de D. Joaõ Manoel, neto do Rey D. Fernando o Santo, que eſtava a juſtada para cazar com ſeu filho o Principe D. Pedro, rompeo guerra com o Rey D. Affonſo Undecimo de Caſtella ſeu genro, e ſobrinho: em quanto os ſeus Embaixadores propunhaõ ao Caſtelhano o dezafio, preparou no Tejo a mais luzida Armada, que lhe foy poſſivel de toda a caſta de embarcaçoens bem chêas de Soldados experimentados, e muniçoens em abundancia; e no meſmo tempo guarneceo, e fortificou todas as Praças, e elle com exercito grande, pôs cerco a Badajoz: em quanto alguns Capitaens Portuguezes abrazavaõ os arrabaldes de Aracena, Arouche, e Cartagena, a muitos caſtigava a morte, a muitos o cativeiro, a todos as feridas, a fóme, e as mizerias: difficultava ſe a eſcála de Badajoz, e o noſſo Rey deixando baſtante exercito para combater a Cidade, com o reſto foy deſtruido tudo até Sevilha, e retrocecendo por outras partes com a meſma furia, e hoſtilidade, veyo continuar o cerco: a meſma fortuna gozava ſeu irmaõ baſtardo D. Pedro Conde de Barcellos, o qual entrando por Galliza, naõ obſtante a grande reſiſtencia, que encontrou no Arcebiſpo, e ſeus Soldados, e em outros Capitaens valentes, e com bons companheiros, a todos venceo com deſtroço notavel; e retirados, fez que todos os moradores daquelle Reino

no experimentassem as mesmas calamidades, que o Rey seu irmaõ cauzava nos Andaluzes. O Rey de Castella preparava hum exercito grande para se oppôr ás nossas hostilidades, e neste tempo vendo o nosso Rey D. Affonso o grave damno, que o nosso exercito recebia no cerco de Badajoz, o levantou, e o Castelhano, que ja vinha de caminho, vendo-se desassombrado, entrou na Cidade, e sahindo logo, pôs cerco a Elvas, obrando nos seus campos, e vizinhanças tudo o que pode a ira, o fogo, e a espada, e sem fazer outra operaçaõ mais que esta vingança, levantou o cerco, recolheo-se a Sevilha; e entretanto o nosso Rey D. Affonso lhe destruio as terras de Xeres, Badajoz, Burgilhos, e Alcouchel: em recompensa varias tropas Castelhanas, governadas por D. Joaõ, e D. Fernando Rodrigues, roubaraõ, e destruiraõ toda a Provincia de entre Douto, e Minho, até que sahindo o Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas, com mil e quatrocentos Portuguezes, e o Bispo do Porto, que entaõ era senhor da Cidade, acompanhado do Mestre da Ordem de Christo, cada hum com bastante exercito, depois de varios combates, em que o valor mostrou quanto excedia ao numero desigual dos Castelhanos, e o muito que em sitios taõ fragozos, e incapazes de pelejar, eraõ destros; mataraõ D. Joaõ de Castro, e a trezentos Soldados seus, e victoriozos se recolheraõ ás suas terras. Entretanto a nossa Armada, que constava de vinte galeras, e outras embarcaçoens, em que hiaõ dous mil homens, teve prospera, e adversa fortuna; porque os Castelhanos sahiraõ de Sevilha com outra Armada, em que vinhaõ cinco mil e quatrocentos homens, os quaes foraõ destroçados por huma tempestade, e os nossos fizeraõ em varias partes maritimas varios, e graves dãnos: juntaraõ-se ultimamente no Cabo de S. Vicente, aonde os Portugue-

tuguezes ufanos renderaõ no principio do combate nove galeras Castelhanas; porèm arrependida a fortuna, os Castelhanos inteiramente ficaraõ senhores de todas as embarcaçoens Portuguezas. Pelejarem na terra homens com outros homens, he quinta essencia da brutalidade, porque os irracionaes o naõ fazem; porèm sobre taboas no mar, naõ sey que nome dê, creyo foy providencia do Altissimo, para conhecermos a mizeria do nosso ser. O nosso Rey, vendo destruida a sua Armada, vingou-se em entrar por Galliza, aonde fez incriveis estragos, e ao mesmo tempo o Rey de Castella entrou com grande exercito no Algarve, e fez os mesmos: ambos se podiaõ jactar de invencives, e de feliz nenhum, porque ambos viaõ os seus Reinos destruidos, e os seus vassallos mortos, e os que escapavaõ da espada, ou cativos, ou miseraveis, sem terras, cazas, familias, e o necessario para a vida, ainda na ultima miseria: vamos agora considerar a cauza de todos estes incriveis, e inexplicaveis dãnos de vidas, honras, e fazendas de tantos mil Portuguezes, e Castelhanos, homens, e mulheres, e meninos, velhos, e moços, de tudo eraõ duas mulheres, huma maltratada, porque o marido naõ fazia cazo della, que era a senhora Dona Maria, filha do nosso Rey, cazada com o de Castella, e este tinha trato amorozo com Dona Leonor, com tal excesso que se a Rainha queria fallar ao marido havia ser diante de Dona Leonor; a outra a Senhora Dona Constança, a quem o Rey de Castella algum dia chamou espoza, e amou com finezas, e agora cazado, e amancebado com este escandalo, naõ lhe soffria o coraçaõ, que ella viesse para Portugal, aonde esteve despozada com o nosso Principe D. Pedro, e com politicas, e acçoens indignas naõ só de Principes, mas de todo o genero de homens, lhe embaraçava os caminhos, e os passos todos.

Em-

Empenharaõ-se o Papa Benedicto XII., e muitos Principes da Europa, para que o Rey de Castella cedesse desta ignominiosa contumacia, e nada aproveitaraõ os seus rogos: se hoje vissemos cousa, que tivesse com isso similhança, que diriaõ os que a cada passo por terem lido, e ouvido pouco, sem motivo algum, suspiraõ, dizendo que o mundo está perdido. Em fim a nossa Infanta mulher do Rey de Castella, formosissima, e desprezada, era a primeira, que todos os meyos buscava para encobrir ao pay o seu desgosto, e evitar a guerra, e tanto se empenhou nisto, (virtude singular em mulher!) que veyo Gonçalo Vasques de Moura, Embaixador do nosso Rey a conseguir, o que os rogos do Papa, e Principes da Europa naõ puderaõ alcançar. Publicou se a paz entre os dous Reys com duas condições bôas de prometter, e difficeis de cumprir. A primeira, que deixaria vir a senhora Dona Constança para Espoza do nosso Principe D. Pedro. A segunda, que se apartaria de Dona Leonor, a quem tratava como Rainha, para tratar a Rainha como devia. A primeira condiçaõ logo se cumprio, consentindo que o Embaixador conduzisse a Portugal a senhora Dona Constança. A segunda, consistio o seu cumprimento em hum disfarce, com que pertendia mostrar era menor a paixaõ da amiga; porèm cessou a guerra, porque houve mais em que cuidar em ambos os Reinos, em Portugal no politico, a quem a guerra deixa sempre escalavrado, e em Castella na defeza do Reyno, desorte que o Rey se vio necessitado a pedir ao nosso soccorro; e como as chagas das dissençoens passadas estavaõ taõ frescas, pedio á mulher escrevesse ao pay, e lho pedisse, ao que elle respondeo: *Que ella era mulher, e naõ tinha necessidade de exercitos, armas, nem maquinas de guerra; que se seu marido necessitava de todas estas cousas, lhas pedisse, e elle lhe responderia.* Calou o Rey, vendo

do-se Reo; porèm dahi a pouco tempo se vio obrigado a humilha-rse, e pedir: porque o Rey de Marrocos Ali Boacem, confederado com o de Granada vinhaõ a destruî-lo com innumeravel exercito. Mandou a Rainha ao nosso Rey seu Pay, que sempre esta senhora foy de proveito nas maiores afflicçoens do seu Reino: em Evora se achava, e a recebeo o nosso Rey como Pay, e serenando á sua vista, lagrimas, e carinhos todas as passadas queixas justissimas, determinou juntar o seu exercito com o do genro: fez disto logo avizo ella ao marido, o qual em agradecimento veyo buscar o nosso Rey, e este; politico; buscando-lhe o encontro em Jerumenha junto ao Guadiana, se viraõ ambos: passou o nosso com exercito numerozo a Sevilha, e logo se juntou Conselho; porèm considerado o innumeravel exercito dos Mouros, a cuja vista o nosso, e o Castelhano era nada, votaraõ os Conselheiros Castelhanos se lhes entregasse Tarifa, e fizessem pazes, porque o contrario era expôr em hum só lance da fortuna toda a flor, e defeza de Portugal, e Castella, a que podia natural, e facilmente seguir-se conquistarem os dous Reys Mouros com taõ formidavel exercito vencedor segunda vez toda Hespanha, cuja dilatada restauraçaõ tinha custado rios de sangue. Ouvio o nosso Rey D. Affonso os votos, e cheio de colera, e ouzadia Portugueza, disse: *Que naõ tinha sahido do seu Reyno com vassallos costumados sempre a vencer, para consentir que os Mouros ficassem com hum só lugar, que tivesse sido de Catholicos, a troco de naõ pelejar*. Com tal colera o disse, e se levantou do Conselho, que os Castelhanos naõ tiveraõ mais remedio, que seguî-lo, e elle, dando as ordens necessarias ao nosso exercito, foy o primeiro que se pôs no campo na manhaã seguinte, em que formados todos, e juntos, tal nevoa, e taõ espes-

sa

ſa cobrio os exercitos Portuguez, e Caſtelhano, que ambos titubearaõ, porque ſe naõ viaõ huns aos outros: mas o noſſo Rey D. Affonſo, ſempre, ouzado, valorozo, e intrepido levantou a voz, e ſe naõ desfez a nevoa, diſſipou o agouro, que elle infundia, dizendo: *Que aquillo era manná, que o Ceo mandava ſobre o povo eſcolhido, para ſe animarem contra os inimigos da Chriſtandade.* Inveſtiraõ em fim, e foy o combate dos mais celebres, memoraveis, e dilatados da Europa; porque como eraõ innumeraveis os Mouros, ainda ſendo tal o valor dos noſſos, era neceſſario muito tempo para matar a tantos: venceraõ em fim os Catholicos, ſempre animozos deſde o principio da batalha, e ſempre firmes, em que haviaõ alcançar a victoria; porque o noſſo Rey, álèm de os animar com as palavras que ja diſſe, levou por bandeira principal o Santo Lenho, que hoje ſe conſerva em huma Igreja junto a Moura, a qual ſuſtentava hum Clerigo com ſobrepelliz, e eſtóla, cercado de muitos mil cavalleiros, e deo o ſignal ao exercito o noſſo Rey para inveſtir com as palavras do Santo Rey David: *Exurgat Deus, & deſſipentur inimici ejus*, o que tudo junto infundio tal animo, que puderaõ taõ poucos vencer hum exercito numerozo, que naõ vinha ſó para vencer, mas ja com familias para povoar toda a Heſpanhá, porque na ſua multidaõ julgaraõ certa a victoria ſem a menor duvida: por eſte motivo foy o deſpojo riquiſſimo, porque, como vinhaõ a povoar, traziaõ tudo, e tudo offereceo o Caſtelhano ao noſſo Rey D. Affonſo, quando ſe quiz retirar para o ſeu Reino, confeſſando que ao ſeu valor, e rezoluçaõ ſe devia toda a victoria memoravel do Saládo, porque elle fora o primeiro que rompera todo o exercito Mouriſco, e depois de lhe naõ reſtar da ſua parte que vencer, fora ſoccorrer o exercito Caſtelhano. Agradeceo o noſ-

o noſſo Monarcha a offerta, e elogio; porèm nada acceitou do precioſo, dando-ſe por ſatisfeito com o triunfo, com que entrou, e foy recebido na Corte de Sevilha, e com que mandaſſem algumas das principaes bandeiras ao Papa, e ſó para entrar neſte Reyno com algum ſignal de taõ memoravel victoria, eſcolheo o trazer comſigo a Abohamó filho de hum dos Reys vencidos, que o noſſo Rey tinha cativado pela ſua maõ na batalha, e cinco eſtandartes, que pendurou na Sé de Lisbóa: pouco depois de entrar no Reino entre vivas, e applauzos deo liberdade de graça ao Infante Mouro, porque ſeu pay lhe offerecia por elle hum extraordinario preço, que o noſſo Rey deſprezou, para moſtrar o capricho Portuguez, mal empregado em taõ vil canalha que nem conſervou memoria de taõ raro beneficio, nem teve nunca brio para o imitar com hum Infante de Portugal, que lá morreo martyrizado: em fim, Mouros fundados na religiaõ por hum arrieiro, e abominados em todo o mundo, aonde a falta de uniaõ nos Principes Catholicos he cauza de terem dominio taõ dilatado. Foy prodigioza eſta victoria, e como tal a celebra Heſpanha, porque nella confeſſavaõ os Mouros ter viſto Gigantes armados, e cercados de reſplandores extraordinarios pelejando pelos Catholicos. Baſta, o mais contarey á manhaã.

FIM.

DA VIGECIMAQUARTA PARTE.

LISBOA,
Na Officina de Franciſco Borges de Souza.
Com todas as licenças neceſſarias.
Anno de 1759.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXV.

TOdos os que ouviraõ a notavel victoria do nosso Rey D. Affonso IV. esperavaõ com impaciencia a tarde, quando o Soldado começou triste a Conferencia, dizendo: Naõ posso sem lagrimas contar-vos o fim desta notavel vida composta de victorias, e excellentes politicas, porque com huma resoluçaõ na velhice (naõ muita, mas com guerras, e trabalhos adiantada mais do que pediaõ os annos) obrou o nosso Rey huma acçaõ, que só lagrimas a podiaõ contar: Morreo a Princeza Dona Constança, mulher do nosso Principe D. Pedro, e naõ obstante deixar dous filhos, intentou o Principe segunda vez casar com a Senhora Dona Ignez de Castro, parenta sua, formosissima, que primeiro foi seus amores sem offensa da honra, e porque seu pay o queria casar em outra parte, aonde lhe fazia mayor conveniencia, occultamente se dispensou, e a recebeo, e consummado o matrimonio teve della quatro filhos: soube isto o Rey por boca de tres validos, Pedro Coelho, Diogo Lopes, e Alvaro Gonsalves, os quaes lhe aconselharaõ que a mandasse degolar: pouco foi necessario para o persuadir, e ella sabendo da sen-

tença, lhe foi fallar com os filhos, e netos do Rey diante de si, a cuja vista movido o sangue se applacou o Rey, porém os tres validos, ainda que a virão, e conhecerão mudado o Rey no que determinara, não obstante os seus rogos, e o protesto de que se consultasse segunda vez o Rey, que certamente ja a não mandava matar, elles, como gente vil, infame, e baixa, lhe separarão o corpo da cabeça: esta tyrannia, que todas as Naçoens sabem, contão, e abominão, escureceo o nome, e gloria do Rey D. Affonso. Morreo em Lisboa no mez de Mayo com sessenta e sette annos de idade, trinta e hum e meyo de Rey: tinha o seu jazigo dentro da Capella Mór da Sé de Lisboa da parte do Evangelho em lugar alto, e no mesmo arco estava sepultada sua mulher a Rainha Dona Beatriz, filha de D. Sancho Bravo, e quarto deste nome, Rey de Castella, e da Rainha Dona Catharina, filha do Infante D. Affonso de Molina: não teve filho algum bastardo, e de sua mulher teve seis. O primeiro D. Affonso, que morreo menino, e está sepultado em S. Domingos de Santarem. O segundo D. Diniz, que morreo na mesma idade, jaz em Alcobaça aos pés de seu bisavô D. Affonso III. O terceiro D. João, que morreo menino, e está esculpido no sepulchro de seu avô D. Diniz em Odivellas. O quarto Dona Maria, que foy Rainha de Castella, mulher do Rey D. Affonso XI, pays do Rey de Castella D. Pedro, o Cruel. O Quinto D. Pedro, que lhe succedeo no Reino. O sexto Dona Leonor, Rainha de Aragaõ, mulher segunda do Rey D. Pedro IV., morreo moça, teve huma só filha chamada Dona Beatriz, que vindo a Portugal depois da morte de seu avô D. Affonso, morreo menina, e está sepultada com a Rainha Dona Beatriz na Sé de Lisboa; illustre elogio de nosso Mo-

narcha

narcha, he naõ ter outros filhos: mandou lavrar differentes moédas, humas tomaraõ o seu nome, e se chamaraõ Affonsins, nove valiaõ hum soldo, e os soldos, que tiveraõ differentes preços, no tempo do Rey D. Fernando valiaõ dez maravediz, e no do Rey D. Duarte hum real de prata, moéda ainda hoje uzada em Hespanha, e valia esta cincoenta reis. Tinha o Rey D. Affonso corpo avultado, testa dilatada, e com rugas, rosto comprido, nariz proporcionado, boca grande, cabello escuro, e crespo, barba partida, e comprida, e todos os membros fortes, e vigorozos, aspecto, fórma, partes, e obras veneraveis. No seu antigo retrato se vê armado de todas as Armas, Coroa no Elmo, espada levantada, manto carmezim forrado de arminhos: elle mesmo se mandou retratar em sua vida, e o mesmo mandou fazer a seus avós, imitaraõ-no seus herdeiros, e hoje se vem estes retratos originaes no Palacio dos Reys de Hespanha na Villa de Madrid: mudou as Armas do Reyno, reduzindo os Castellos ao numero de oito, e diminuio hum ponto em cada hum dos cinco escudetes do meyo, de sorte, que ficaraõ em cada hum só dez pontos. Governaraõ a Igreja de Deos nestes tempos os Santissimos Padres Benedicto XII., Clemente, e Innocencio Sextos: Floreceraõ os famosos Jurisconsultos, Angelo, Landulfo, Bartholo, o Baldo: foy laureado Petrarzca pelo Papa Benedicto: Viraõ-se nas partes do Norte tres Luas juntas acompanhadas de hum Cometa com portentozas crines, que fez pasmar a todos os que o viraõ, e muito que padecer aos que experimentaraõ os seus effeitos em differentes Provincias do mundo: de tudo isto vos contaremos de vagar a seu tempo, e com individuaçaõ o que desejais saber. Sepultado o Rey D. Affonso, foi acclamado seu quinto filho D. Pedro, pri-

 meiro

meiro deste nome, e oitavo Rey deste Reino, o qual tinha nascido a dezanove de Abril de mil trezentos e vinte na Cidade de Coimbra, foy chamado Cruel, Rigorozo, Crû, Justiceiro, e só lhe acertou com o appellido, quem lhe chamou Justo, Recto, Cuidadozo: tomou o Ceptro aos trinta e sette annos de sua idade, sendo ja viuvo de suas duas mulheres, Dona Constança Manoel, neta, e bisneta do Infante D. Manoel, e do Rey D. Fernando o Santo; e a segunda Dona Ignez de Castro, filha do Conde D. Pedro Fernandes de Castro, e parenta do Rey seu marido: morreo degolada tyrannamente na Cidade de Coimbra, como ja vos disse com notavel dor do coraçaõ, na vida do Rey D. Affonso; porém como a espada, que lhe separou a cabeça, traspassou o coraçaõ do nosso Rey D. Pedro, que se achava auzente, tomou as armas para vingar no pay, e vassallos a morte de sua mulher, de sorte que as Provincias de Entre Douro e Minho, e Traz os Montes ficaraõ razas com ferro, e fogo do Principe D. Pedro, e depois de varios encontros dos dous exercitos, em hum dos quaes appareceraõ nas vanguardas pay, e filho com a espada na maõ, que este embainhou vendo o pay; a morte deste, que julgamos lhe apressou o tormento da consciencia, pela tyrannia que tinha uzado com sua nora, fez que cessasse a guerra civil, e o damno universal do Reino: ja andavaõ auzentes, e refugiados em Castella os infames matadores da Raînha Dona Ignez de Castro, quando tomou posse do Reyno o nosso D. Pedro, porque as consciencias os accuzavaõ, e faziaõ temer o castigo da sua vil tyrannia: o nosso Rey, cuja pena naõ admittia consolaçaõ alguma, occultamente se ajustou com o Rey de Castella D. Pedro Cruel, para que lhe entregasse os tres Reos, qus elle lhe entregaria ou-

tros

tros criminozos Castelhanos que se achavaõ refugiados nestes Reinos: prenderaõ com effeito em Castella a Pedro Coelho, e Alvaro Gonsalves, escapando o outro: achava-se o nosso Rey em Santarem, quando lhos trouxeraõ á sua prezença; mandou accender huma fogueira, e á vista della mandou tirar os coraçoens aos dous homicidas, estando elles vivos, a hum lho tiraraõ pelo peito, e ao outro pelas costas, e mandóu-os lançar na fogueira, na qual depois se reduziraõ a cinzas os cadaveres com dous tyrannos: algumas memorias manuscriptas vi, e algumas tradiçoens deste cazo, que o contaõ por diverso modo; huns dizem que o mesmo Rey D. Pedro lhes arrancara os coraçoens com as suas mãos, abrindo-os pelos peitos a ambos com hum punhaõ, e que mordera, e despedaçara com os dentes os ditos coraçoens antes de os lançar elle mesmo no fogo, outros que esta execuçaõ fora feita por maõ alheia; porêm que dizendo-lhe antes della Pedro Coelho algumas palavras livres, como quem tinha a vida perdida, e com dezesperaçaõ, o Rey dissera: trazei-me vinagre, e salsa para comer este Coelho, e mandara pôr a meza á vista da fogueira, e ceara, vendo arder os coraçoens, e corpos dos dous tyrannos: esta opiniaõ segue o Grande Manoel de Faria e Souza na Europa Portugueza, e no Epitome, que foy o Crysol da sua obra toda o calla. Infames, e inhumanos, que sabendo estava applacada a injustissima ira, que elles tinhaõ excitado no Rey, vendo de joelhos a seus pés a mulher verdadeira do seu Principe successor do Reino, cercada de filhos, e entre rios de lagrimas, protestando que seu sogro estava applacado, e lhe naõ tirassem a vida, tiveraõ coraçaõ para cortar o pescoço da Senhora mais formoza, que viraõ aquelles seculos, com estas circunstancias, e com a mayor, de ser bis-

neta

neta de hum Santo, ja entaõ por tal venerado, e hoje gloria de Hespanha, que delle reza: em fim crea cada hum de vós o que lhe parecer das memorias, e tradiçoens deste caso, que eu conto o que lî, e tenho ouvido. Executada a vingança, como pôde, e naõ como merecia a culpa, mandou levantar em Alcobaça dous sepulchros de marmore brancos, e primorosamente lavrados, hum para si, e outro para a Rainha Dona Ignez de Castro, a qual mandou esculpir com coroa na cabeça, ao natural, sobre o sepulchro: foy a Coimbra, mandou levantar hum theatro com docel rico, abrio o sepulchro da Raînha Dona Ignez, tirou o cadaver, e sentado debaixo do docel com corôa, que elle lhe pôs na cabeça, declarou a todos, que era sua mulher legitima, e as testimunhas que assistiraõ ao recebimento, que logo o juraraõ, e mandou que todos os seus vassallos presentes lhe beijassem a maõ, como a sua Raînha, e natural Senhora, o que todos fizeraõ com summo gosto, e ternura, chorando o Rey, e todo o povo, em quanto durou o acto: logo mettido o cadaver em humas andas, acompanhado do Rey, de todos os Fidalgos, e Matronas illustres, partio para Alcobaça, em cujo caminho, sendo de tantas legoas, estavaõ duas fileiras de homens com tochas accezas de dia, e de noite até passar o enterro, a quem seguiaõ do mesmo modo: chegou a Alcobaça, aonde segunda vez lhe beijaraõ a maõ todos em competencia de qual havia ser o primeiro, e o Rey entre as suas lagrimas, e de todos ratificou o juramento que fizera em Coimbra do seu casamento com ella, e fez que juridicamente se tomassem os juramentos das testimunhas, que assistiraõ a elle, o que feito, despedindo-se com ternas lagrimas do sepulchro do seu amor, protestando fazer-lhe companhia por morte no mesmo lugar, partio a fazer correiçaõ em todo o Reyno,

no, occupação a mais necessaria, e proveitoza nas Monarchias, porque só assim sabem os Reys o que tem, e todos os descaminhos que ha, e de nenhum outro modo podem saber: da justiça rectissima, que uzou com estes dous vis, e infames algozes, rezultou chamarem-lhe cruel, os que eraõ infames, e vis, como aquelles; e justo, recto, cuidadozo, administrador da Justiça, e executor inteiro das Leys, todos os homens de honra, e verdade; e senaõ vede, (como diz o Grande Faria) a imagem da sua Justiça, e a da sua liberalidade, affabilidade, e magnificencia, e fazey juizo do titulo que lhe haveis dar: soube que certo moço deo pancadas em seu pay, suspeitou que elle o naõ tinha gerado, mandou chamar a mãy, e com ameaços conseguio della lhe dissesse quem era o pay daquelle filho; confessou que era hum Religiozo, foy o Rey ao Mosteiro, e mandou-o matar. Hum valido seu tratava amores com huma mulher cazada: mandou-lhe cortar as partes do corpo, com que commettia o adulterio. Condenaraõ na Relaçaõ Ecclesiastica hum Clerigo a que naõ exercitasse as Ordens por ter morto hum homem, mandou o Rey matar o Clerigo por hum official de canteiro, e condenou o canteiro a que nunca mais exercitasse o seu officio, por ter morto o Clerigo, dizendo na Relaçaõ quando o sentenciavaõ á forca, que se no Juizo Ecclesistico condenavaõ hum Clerigo a que o naõ fosse, por matar hum homem, elle no seu Tribunal condenava hum canteiro a que o naõ fosse, por matar o Clerigo; e com effeito deo ao canteiro com que passar a vida, protestando-lhe que se exercitasse mais o officio de canteiro, a havia perder na forca. Em humas festas, com que o receberaõ em huma Villa, chamaraõ humas mulheres a outra forçada, porque perdendo-se na dança, e separando-se das outras, foy necessario chamá-la; mandou parar todo o acompa-

nhamen-

nhamento, perguntou porque lhe chamavaõ aquelle nome affrontoſo, e confeſſando todas era alcunha, porque ſeu marido a forçara, antes de recebê-la; mandou prender o marido que vinha na commitiva, e logo no meſmo ſitio o fez enforcar, dizendo, que elle pagará á mulher o que lhe devia pela força que lhe fizera, porém que agora pagava á juſtiça o que lhe devia, deſde que a forçara. Certo Eccleſiaſtico, e grande do Reyno, era adultero com eſcandalo, quiz açoutá-lo com as ſuas mãos, e foi neceſſario proſtrarem-ſe-lhe aos pés os grandes, para o vencerem com promeſſa de emenda do culpado taõ publica, como a tinha ſido a ſua eſcandaloſa vida. Fez cortar as coſtellas de hum cavalheiro rico, porque fiado na ſua nobreza, e cabedaes, por hum pique de nenhuma entidade com hum lavrador, mandou-lhe cortar os arcos de huma cuba, ou tonel, em que tinha o ſeu vinho, e todo o ſeu remedio: para iſſo trazia ſempre comſigo o algoz, chamado commummente carraſco, e elle trazia ſempre no cinto hum azorrague, para os caſtigos que póde hum Rey decentemente executar com a ſua maõ, como eſte do grande, e outros, que ſe calaõ por eſpecial politica. Mais alguns caſtigos, que parecem rigoroſos, e viſtos com olhos deſapaixonados, ſaõ juſtiſſimos todos, ſe contaõ mandara fazer, porém as memorias delles ſaõ tradiçoens do vulgo, e ainda aſſim, ſe os mandou fazer, fez o que devia á Juſtiça. Eſta a primeira imagem do noſſo Monarcha em que a obſervancia ſanta das Leys, e execuçaõ dellas, o fez parecer rigoroſo. A' manhãa vereis a ſegunda imagem, e fareis o verdadeiro conceito.

FIM DA VIGESIMA QUINTA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto. 1760.
Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXVI.

NO dia doze de Setembro continuou a vida do Rey D. Pedro I. o Soldado. Vistes, disse, a primeira imagem do nosso admiravel Principe, que sendo toda de hum Monarcha justo, os insensatos lhe chamaraõ rigoroso: ora notai agora a sua clemencia, affabilidade, grandeza, e cuidado da Monarchia, e vereis que o seu genio foi docil, benigno, suave e só o amor da justiça, virtude alicerse da Républica, o obrigou a parecer rigoroso, porque ninguem quer em sua casa aquella virtude a mais precisa. As Leys, que punha, eraõ observadas á risca com veneraçaõ, e temor: promulgou huma com pena de morte a todo o Juiz, que desse sentença por empenhos, ou mimos, e executou-se rigorosamente; porque hum, que se descuidou, perdeo a vida na forca: ordenou que naõ houvesse Letrados, nem Procuradores, nem a menor dilaçaõ nos pleitos, resoluçaõ santissima, que imitou Mathias Rey de Ungria: desta sorte em breves dias, e ás vezes horas, se acabavaõ no seu Reinado as demandas com singular justiça, assim como Roma gozou a melhor saude, em quanto naõ teve Medicos, que depois chamou para extinguir o muito povo, que ja naõ podia sustentar. Andava pessoalmente por todas as Cidades, Villas, e Lugares destes Reynos, mais

affavel, e facil a communicar-se a toda a hora do dia, e da noite da pessoa mais humilde, do que hoje he o menor official de hum Ministro de justiça, tirando devassa de tudo o que succedia, e tinha succedido em cada povoaçaõ, ouvindo a todos como filhos, dando logo castigo aos culpados, e premio aos benemeritos: sendo taõ sujeito á paixaõ de amor, como se vio nos extremos, que obrou pela Rainha Dona Ignez de Castro, nunca deo o menor escandalo ao Reino, nem particularmente a vassallo. Mandou lavrar moedas de metaes, e preços differentes, humas de ouro se chamavaõ dobras de vinte e quatro quilates, das quaes hum marco dava cincoenta; outras meyas dobras, tinhaõ de huma parte as Armas Reaes, e da outra o Rey sentado em cadeira com a espada núa, e levantada na maõ, e a letra: *Pedro, Rey de Portugal, e do Algarve, Deos ajudai-me, e fazei-me vencedor excellente sobre meus contrarios.* Foy taõ liberal, que se naõ tinha por Monarcha no dia em que naõ fazia mercês, de sorte, que anoitecendo hum, em que naõ fez mercê alguma, foy tal a sua pena, q̃ esteve em termos de naõ cear, e affligio a todos os familiares com a paixaõ que tomou, por lhe faltar naquelle dia o exercicio mais do seu genio, e gosto, dizendo em vozes altas, para dezafogo daquelle coraçaõ magnanimo, que naquelle dia naõ fora Rey de Portugal, nem o era aquella noite: por isso quando o vestiaõ recõmendava lhe deixassem o vestido, e o cinto largos, para lhe ficarem os braços desembaraçados para fazer mercês a todos, e para serem promptas trazia sempre comsigo muito dinheiro, e tinha em caza muito sempre prompto; de sorte, que se no cinto trazia o azorrague para castigar, tambem cobria com elle thesouros para enriquecer, e premiar os vassallos: era excessivamente affeiçoado a festas, e instrumentos, musicas, e danças: mandava tocar humas trombetas de prata, que tinha, e ao

som

ſom dellas dançava com os Fidalgos. Armou Cavalleiro a D. Joaõ Affonſo Tello, e na noite, em que elle velava as Armas (coſtume, e ſingular rito daquella funçaõ) na Igreja de S. Domingos de Lisboa, mandou o Rey fazer cinco mil tochas de cera branca, e juntos cinco mil homens, os mandou pôr em duas fileiras deſde o Palacio até S. Domingos, cada hum com ſua tocha acceza na maõ toda a noite, e toda ella paſſeou o Rey com os Fidalgos por entre as luzes, dançando de quando em quando com elles, tal era a ſua affabilidade, tal ſeu coraçaõ docil, ſeu animo magnifico, que para honrar, e premiar hum vaſſallo, fazia eſte diſpendio, e feſtejava a ſua honra dançando pelas ruas da Cidade quaſi toda a noite, e toda em vigia para acompanhar com a fineza o vaſſallo que vigiava. Deixou a ſeu filho hum grande theſouro, e o Reyno taõ feliz, pacifico, e bem governado, que ſó deſte incomparavel Rey diſſe o povo Portuguez duas couſas, que naõ tornou a dizer, nem fará o tempo que deixem de lembrar. Primeira: *Que taes dez annos, como os do ſeu governo os naõ tinha viſto, nem havia ver eſta Coroa.* E ſegunda: *Que nunca havia naſcer, ſe havia morrer*; ou *que nunca havia morrer.* Foi devotiſſimo do Apoſtolo S. Bartholomeu, o qual lhe appareceo antes de morrer, e depois de morto o reſuſcitou para communicar certa couſa ao ſeu Confeſſor, ſignal evidente da ſua predeſtinaçaõ; poucos dias antes da ſua morte ſe viraõ no Ceo eſpantoſos ſignaes, parecia a todos que as Eſtrellas corriaõ de Levante para o Poente, e que alli cahiaõ com tanta confuzaõ, que fazendo no ar eſpantoſos incendios, parecia era chegado o fim do mundo, e na parte de Levante, donde as Eſtrellas corriaõ, apparecia o Ceo roto, aberto em boqueiroens; e em fim tudo eſpanto. Morreo logo o Rey no anno de mil trezentos e ſeſſenta e ſette, com quarenta e oito annos de idade, e dez menos dous

 mezes

zes de reinado. Era de corpo grande, Real prezença, testa espaçoza, olhos negros, formozos, e na conversação muito alegres, cabello ruivo hum pouco escuro, que sempre trazia comprido, e composto, boca naõ pequena, mas engraçada, rosto comprido, balbuciente no fallar, bem considerado nas respostas, affeiçoado á Poezia, como ainda se vê em obras suas, que andaõ entre as dos Poetas illustres daquelles tempos: no seu retrato antigo está com roupa Real carmesim com forro de arminhos, semeados de moscas negras, Ceptro na maõ, coroa na cabeça: na sua morte naõ se viraõ duas cousas, que se notaõ em quasi todas as mortes dos Reys; naõ houve quem a festejasse, nem quem della cedo se esquecesse: está sepultado em Alcobaça junto a sua mulher Dona Ignez de Castro, esculpido naturalmente em cima do sepulchro. Da primeira mulher a Senhora Dona Constança teve tres filhos. O primeiro D. Luiz, que morreo menino. O segundo D. Fernando, que lhe succedeo no Reino. O terceiro Dona Maria, que cazou com D. Fernando, Infante de Aragaõ, filho do Rey D. Affonso IV., e da Rainha Dona Leonor, e naõ teve filhos. Da Senhora Dona Ignez de Castro teve quatro. O primeiro D. Affonso, que morreo menino. O segundo D. Diniz, que por naõ querer beijar a maõ á Rainha Dona Leonor, mulher do Rey D. Fernando seu irmaõ, passou para Castella, aonde o cazou o Rey D. Henrique com huma filha bastarda, foraõ seus filhos D. Pedro de Colmanerejo, D. Fernando de Portugal, que prezando-se de sua Máy, se chamou de Torres appellido della, foy cazado duas vezes, e teve muitos filhos. A Infante D. Beatriz, que naõ cazou, outra que cazou com Lopo Vaz da Cunha, Senhor de Buen-dia, e outras, que foraõ Freiras, está sepultado na Sacristia de Guadalupe. O terceiro filho, e da Senhora Dona Ignez de Castro, foy D. Joaõ;

des-

desgraçado, porque deo ouvidos ás astucias da Rainha D. Leonor, a qual sabendo que elle estava cazado com sua irmaã Dona Maria Télles de Menezes occultamente, persuadio-lhe que o havia cazar com sua filha Dona Beatriz, unica, e successora do Reino, de que se seguio matar elle tyrannamente a mulher, e perseguî-lo a Rainha, tanto que elle a matou; de sorte, que passou a Castella, aonde cazou com Dona Constança, filha bastarda do Rey D. Henrique, de que teve varios filhos, e depois muitos bastardos, dos quaes especialmente nos merecem memoria D. Fernando Arcebispo de Braga, D. Luiz Bispo da Guarda, Dona Ignez da Guerra, que cazou com Alvaro Peres de Castro, Senhor do Mogadouro, e D. Fernando, Senhor de Bragança. O Rey de Castella D. Joaõ, (que cazou com a nossa Princeza herdeira D. Beatriz, a quem este desgraçado Infante quiz para mulher, e por amor de quem matou a mulher) vendo que os Portuguezes o desejavaõ para Rey, e que o Reino lhe pertencia por ser nullo o Matrimonio do Rey D. Fernando, o prendeo de sorte, que naõ durou muito na prizaõ vivo, segundo a melhor tradiçaõ dos Hespanhoes neste caso. Teve o Rey D. Pedro hum filho só illegitimo, remedio, e restaurador deste Reyno, chamado D. Joaõ, e foy o primeiro filho bastardo de Rey deste Reino, que, sem ter titulo, se chamou Dom. Deo o Rey D. Pedro tres titulos, a D. Affonso de Conde de Ourem, a seu filho D. Joaõ Affonso, Conde de Vianna, a D. Affonso Tello, Conde de Barcellos. Depois de lamentada a morte do nosso Monarcha com excesso raro, acclamaraõ Rey seu filho D. Fernando, chamado o Gentil, primeiro deste nome, e nono Rey desta Monarchia: tinha nascido em Coimbra no anno de mil trezentos e quarenta, e foi o ultimo dos sette Reys, que nasceraõ naquella Cidade. Era o nosso Rey gentilhomem, affavel, syncero, prodi-
go,

go, e facil por ſua muita docilidade de genio, e eſta foi a cauſa de que o perſuadiſſem a quebrar a paz com o Rey de Caſtella D. Henrique, dizendo lhe pertencia aquelle Reyno, por ſer biſneto do Rey D. Sancho, e o Rey D. Henrique ſer baſtardo, e ter morto a ſeu irmaõ: fomentaraõ iſto muitos Fidalgos Caſtelhanos, que deſgoſtoſos do Rey D. Henrique paſſaraõ a Portugal, e muitas Cidades, e Villas de Caſtella, que naõ reconhecendo por ſeu Rey D. Henrique, offereceraõ a obediencia ao noſſo D. Fernando: aſſim viviaõ neſte tempo os vaſſallos inquietos, inquietando os Reys vizinhos, negando a obediencia aos ſeus naturaes Senhores, e paſſando-ſe para os Reynos confinantes, naõ ſendo menor a culpa dos Reys neſſe tempo em dar premios, e fazer mercês grandes a eſtes inquietadores, eſperando lealdade, e agradecimento nos que eraõ deſleaes, e ingratos a quem naturalmente deviaõ a ſujeiçaõ: claro temos o exemplo no noſſo D. Fernando o qual deo com tal prodigalidade aos Caſtelhanos, que paſſavaõ para eſte Reyno, e lhe perſuadiraõ a guerra para deſtruí-lo, que para iſſo baſtava o dar com tal exceſſo; a D. Fernando, Conde de Caſtro Xeriz, deo quinze Villas de juro hereditario, a ſeu irmaõ Alvaro Peres de Caſtro nove Villas, e o Condado de Arrayolos, e officio de Condeſtavel do Reyno. A Fernando Affonſo de Zamora dezanove Villas, e Lugares, a Mem Roiz de Siabra cinco, a Alvaro Mendes de Caſtro ſeis, a Affonſo Fernandes de Lacerda ſette, a Affonſo Gonſalves duas, a Joaõ Fernandes Andeiro tres, e o titulo de Conde de Ourem; e a outros vinte e dous Fidalgos mais da meſma ſorte, de que ſe infere, que elles naõ vieraõ dar ao noſſo Rey D. Fernando hum Reyno, mas ſim tirar-lhe o que tinha pacifico. As Cidades de Caſtella, que lhe offereceraõ obediencia, foraõ Zamora, Carmona, Cidade Rodrigo, Coria, Ledeſma, Al-

cantara, Valença, S. Tiago, Tui com ſuas Villas, e Lugares adjacentes. As fortalezas de Inojoſa, e Lumbrales, que entregou D. Affonſo Biſpo de Cidade Rodrigo: em todas eſtas mandou o noſſo Rey lavrar moeda com as Armas de Portugal, e Caſtella em ſignal de que as dominava. Para melhor effeito deſta conquiſta, mais imaginada, do que poſſivel, confederou-ſe com o Rey de Granada, e ajuſtou cazar-ſe com Dona Leonor, filha do Rey de Aragaõ, para o que lhe mandou hum prezente, parto natural da ſua prodigalidade, e ſette Galeras ricamente armadas, entre as quaes, a que havia conduzir a Rainha, álem de ſer dourada por dentro, e por fóra, todas as vélas, e cordas eraõ de ſeda: á viſta do que, ja naõ foy couza nova a Náo, que no tempo do Senhor Rey D. Pedro II. foy a Turim buſcar o Principe para cazar com a herdeira do Reino, e ſe conſumio o tempo no Tejo, ſem lhe valer o nome de Monte de ouro: mandava nella huma precioſa coroa de ouro á Eſpoſa com joyas de incomparavel preço, e dezoito quintaes de ouro para ſe lavrar moeda em Aragaõ. Cuidou logo na conquiſta do novo Reino, e entrou por Galliza com pouca gente, porém baſtante para ſe fazer Senhor de alguns Lugares, quando o Rey de Caſtella D. Henrique com formidavel exercito ja o buſcava, e elle ſeguindo a ſua natural docilidade, prompta para obedecer a todos os conſelhos, embarcou-ſe em huma Galera, e veyo parar a Coimbra. O Caſtelhano vendo-o retirar deſte modo, entrou na Cidade notavel de Braga, e pôs fogo a tudo; quiz fazer o meſmo á Villa de Guimaraens, porém Noſſa Senhora da Oliveira a defendeo, porque mandando para eſſe effeito hum Fidalgo, chamado Diogo Gonſalves de Caſtro, disfarçado, foy conhecido morto, e dado a comer aos caens. O noſſo Rey, vendo que alguns chamavaõ cobardia, ao que nelle era prudencia,

man-

mandou publicamente desafiar o Rey de Castella, o qual deo em resposta a retirada que fez logo para Sevilha, deixando-nos com ella huma notavel gloria; e o Rey gostoso della cobrou novos animos para a tal conquista de Castella, e para melhor augmentar o exercito, convidou os Inglezes para accrescentá-lo, como se o valor Portuguez necessitasse de numero, quando naõ bálas, mas brios, naõ bombas, mas forças, e animos disputavaõ o campo, e os triunfos; vieraõ os Inglezes, e fói tanto o damno, que nos causaraõ no Reyno, que hum exercito inimigo naõ faria outro tanto, e em quanto naõ chegáraõ para fazê-lo as fronteiras intentaraõ ganhar fama: naõ pouca conseguiraõ as Castelhanas, porém excederaõ as nossas fortunas, porque das Comarcas de Medelhim tiramos extraordinarias prezas de riqueza, assaltamos Badajoz, è amétade ficou queimado, e seus campos perdidos, o mesmo padeceo Inojoza, que ja seguia as partes do Rey D. Henrique, e Sanfelices. O mais direi na Conferencia primeira.

F I M

DA VIGESIMA SEXTA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.
CONFERENCIA XXVII.

JUntos os Academicos, e Romeiros á noite, proſeguio a vida do Rey D. Fernando o Soldado. Veyo (diſſe) o Rey de Caſtella D. Henrique ſobre a Cidade Rodrigo, que ja diſſe obedecia ao noſſo Rey, e depois de tres mezes de cerco a deixou, dezenganado de que a naõ rendia: mandou cercar Carmona, e o ſeu Governador Affonſo Lopes de Tejada deo em refens dous filhos com a palavra de entregar a Praça, ſe naõ foſſe ſoccorrido, naõ lhe veyo ſoccorro, e elle naõ quiz entregar a Praça, de que rezultou matarem lhe os filhos, ſem elle ceder, nem fazer diſſo caſo. Sahio do Tejo a noſſa Armada compoſta de ſeſſenta embarcaçoens com luzida gente, entrou na Bahia de Cadiz, e aſſolou toda aquella excellente Ilha; ſahiraõ contra ella as Galeras de Caſtella, e ainda que nenhum damno lhe fizeraõ, ſempre tiveraõ hum notavel lucro, porque prizionaraõ huma Náo Portugueza, que, patrocinada da Armada, hia para Barrameda carregada de dinheiro: Neſte meyo tempo cercamos nós Sevilha, aonde a fóme, e doenças nos conſumiraõ quaſi todo o exercito, que era luzido, florente, e bem diſciplinado; porèm retirou-ſe vencido das-

miserias, que conspiradas juntas o queriaõ extinguir todo: assim porfiavaõ os dous Reys com extraordinarias perdas de huma, e outra parte, sentindo pouco as que recebiaõ, a troco das outras que causavaõ, se ja naõ he, como creio, porque os damnos da guerra naõ tocaõ os Reys, sendo a Cabeça, por mais que despedacem o corpo da Republica. Acudio o Santissimo Padre Gregorio XI. a estas miserias do melhor de Hespanha; e compôs os dous Reys por aquelle tempo que bastou para o nosso buscar novo motivo para outra vez experimentar o damno; foy elle o abraçar a paz com tal contentamento, que ajustou logo cazar com Dona Leonor, filha do Rey Castelhano, a quem pouco antes queria tirar o Reyno, sem se lembrar que estava despozado com a filha do Rey de Aragaõ, e que tinha exhaurido as riquezas do seu thesouro na fabrica da Armada, e especial Galera, que se achava em Aragaõ para conduzir na Coroa, joyas, e prezentes, que lhe tinha mandado com a procuraçaõ para a receber; pouco cazo fez disto o Rey de Aragaõ, conheceo que inconstancias do genio pouco considerado na bolsa recebem o melhor castigo, mandoulhe dizer, que estimava a sua rezoluçaõ, que sua filha estava melhor em sua caza, e que lhe agradecia muito o que lhe mandara: em fim lá ficaraõ as joyas, a Coroa, ou ouro, que foy para se bater moeda, que eraõ dezoito quintaes em barras, a celebrada Galera de talha, ouro, e seda, e tudo o mais que fora para conduzir a Rainha; e o nosso Rey nada sentido desta inexplicavel perda, uzou segunda vez da sua excessiva docilidade, e inconstancia, e tambem esquecido do ajuste do cazamento com a filha do Rey de Castella, de repente se cazou com Dona Leonor. Telles, mulher de Joaõ Lourenço da Cunha, e para a tirar

rar a ſeu legitimo, e verdadeiro marido, fez que ella o demandaſſe, dizendo era nullo o Matrimonio, porque ſendo parentes, ſe naõ tinhaõ diſpenſado, ſabendo ella o contrario, e ſendo publico; e Joaõ Lourenço, conſiderando que iſto era litigar com hum Rey, que lhe queria a mulher, e com huma mulher, que o naõ queria a elle, mas ao Rey, occultou a diſpenſa, que tinha, e fora publicamente ſentenciado, vendeo o que poſſuia, e tanto que deraõ contra elle a ſentença, ajuntou a diſpenſa aos autos, e foy para Caſtella, aonde trazia dous chavelhos de ouro na guerra, (chapéo daquelles tempos) plumas (diz o Faria) que nunca uzou a naçaõ Portugueza: Em fim o noſſo Rey feſtejou a ſentença, e ſendo parente de Dona Leonor Telles, cazou com ella ſem diſpenſar-ſe: eſte cazamento tantas vezes nullo, inceſtuoſo, e do mayor eſcandalo, foy ruina total do noſſo Reyno, porque o Infante D. Diniz naõ quiz beijar a maõ á nova Rainha, dizendo publicamente diante do irmaõ Rey, e della, que a elle tinha Dona Leonor obrigaçaõ de beijar a maõ, pelo que logo alli o quiz o Rey matar, e impedindo-o os que eſtavaõ prezentes, paſſou a Caſtella o Infante, e perdeo a Coroa deſte Reyno, que lhe pertencia por morte do irmaõ. Seu irmão o Infante D. Joaõ a reconheceo Rainha, mas ja contámos como perdera a Coroa, ſuggerindo-lhe ella o cazamento da filha herdeira, para ver ſua irmaã morta, e querendo matar o Infante, porque matara a irmaã ſua mulher legitima, motivo de elle ir, e morrer prezo, como ſeu irmão em Caſtella: hum dos primeiros que lhe beijou a maõ foy o Infante illegitimo D. Joaõ Meſtre de Aviz, que foy depois o mayor açoute, e inimigo, que ella teve. He digno de toda a admiraçaõ ver que neſte tempo ja andava neſte Reyno ſem o menor ſuſto Diogo Lopes Pacheco, hum dos tres mata-

 do

dores da Senhora Rainha Dona Ignez de Castro, e era valido do Infante D. Diniz, filho da Rainha a quem elle tinha morto, o qual pagou bem ao Infante o valimento indigno, persuadindo-lhe naõ beijasse a mão á Rainha, fugisse para Castella, para lá morrer prezo, e perder a Coroa, como se este cazo, e fortuna da Rainha Dona Leonor naõ tivesse tanta similhança com a de sua mãy Dona Ignez. Foy taõ mal recebida do povo a noticia deste cazamento do nosso Rey, que se levantou, e guiado de hum Alfaiate, Fernando Vazquez, homem atrevido, foraõ com tumulto, e gritaria ao Palacio com intento de obrigar por força ao Rey que désse Dona Leonor a seu marido, e cazasse com huma das duas, com quem se tinha ajustado; porèm o Rey, como naõ havia fazer o que intentava o povo, temeo o levantamento, mandou-lhes dizer que os ouviria em S. Domingos no dia seguinte, e ja quando se lhes deo o recado elle tinha fugido, e com tal medo, que foy parar em Leça, Mosteiro do Baliado, pertencente á Ordem de Malta; aonde recebeo Dona Leonor por mulher, e a publicou Rainha, seguro na distancia, que vay de Lisbôa ao Porto, e na defeza do sitio naquelle tempo, tudo proporcionado para hum animo afflicto na corrente de gostos inquietos. No dia seguinte foy o povo a S. Domingos esperar o Rey, e em lugar delle, lhe foy dar os agradecimentos do levantamento a Cavallaria com a espada na maõ, que degolando a cabeça do motim, e a outros sem numero, fez com que fugissem, e socegassem os mais. Saõ os Reys figura, e lugartenentes de Deos, só a elle pertence o reprehendê-los, e governá los, e ao povo só pertence obedecer cego, como a Deos, sem especular o que o Rey ordena, nem abrir a boca contra a menor disposiçaõ sua, ou seja do Reyno, ou da sua Ca-

Caza, o contrario caſtiga Deos logo, como vos tenho contado, porque a Deos pertence zelar a obediencia dos Reys, que o reprezentaõ, e ſubſtituem no mundo, como diz o Eſpirito Santo: *Por mim reinaõ os Reys, e determinaõ o que he juſto os Legisladores.* Clamava o Reyno contra o cazamento, porque o Rey era primo terceiro de Dona Leonor, aſſim como o era ſeu verdadeiro marido Joaõ Lourenço, porèm eſte diſpenſado, e o Rey ſó por morte de Joaõ Lourenço podia diſpenſar-ſe: porèm elle, e ella ſurdos a todos os avizos de peſſoas doutas, e virtuozas, continuaraõ até a morte no adulterio, e inceſto. O Rey de Caſtella, vendo fruſtrado o cazamento de ſua filha com o Rey de Portugal, e ſem lhe ficarem em caza as riquezas, que por ſimilhante motivo gozava o de Aragaõ, e ſobre iſto conſtando-lhe que o noſſo Monarcha tinha cõmunicaçaõ com o de Inglaterra, e com o Senhor D. Joaõ Duque de Lencaſtro, filho de Duarte terceiro, pelo que ja claramente rompia a paz, e o moſtrava em differentes acções, entrou neſte Reino com baſtante exercito, paſſou por Santarem, aonde o noſſo Rey eſtava, chegou a Lisbõa, aſſentou arraial no ſitio de S. Franciſco, e vendo que os moradores da Cidade tinhaõ lançado fogo á rua nova, elle o mandou lançar a tudo o que pode, e o reſto, que naõ ardeo foy do ſaque. O meſmo padeceo a florida Provincia de Entre Douro, e Minho, ainda que lá experimentou alguma reziſtencia, eſpecialmente no Caſtello de Faria, aonde he, e ſerá eterna a memoria da lealdade Portugueza: era Capitaõ delle Nuno Gonſalves, a quem prenderaõ os Caſtelhanos em huma ſahida, e elle temendo que ſeu filho a quem ficara o governo do Caſtello, o entregaſſe para reſgatta-lo, diſſe aos Caſtelhanos, que o levaſſem perto do Caſtello para fallar a ſeu filho, e ordenar-lhe

en-

entrègasse o Castello logo, deraõ-lhe os Castelhanos credito, e com bom fundamento, pois o tinhaõ cativo; conduziraõ-no junto ao Castello, chamou elle o filho que entre as ameyas appareceo logo, e o pay em lugar de lhe dizer o que tinha promettido, disse em voz alta, desorte que elle bem ouvisse: *Filho, ainda que me vejas fazer em pedaços, naõ entregues o Castello, nem desistas da sua defeza até dar a vida.* Envergonhados os Castelhanos, mataraõ logo alli cruelmente o pay á vista do filho, o qual fielmente continuuu em defender o Castello, e os Castelhanos, naõ podendo tollerar a constancia, e lealdade Portugueza, levantaraõ o cerco: entretanto o Summo Pontifice com paternal affecto, e compaixaõ das miserias destes Reynos, intrepôs o seu respeito segunda vez para se comporem os dous Reys, e com effeito junto a Santarem se juntaraõ ambos sobre o rio tejo, cada hum no seu escaler, e depois de larga conversaçaõ, se despediraõ taõ satisfeitos, que o nosso Rey disse aos Fidalgos, que vinha *Enriquenho*, e o de Castella admirando a gentileza no nosso Rey, o precioso do Escaler, e a bôa prezença de quem lhe governava o léme, disse aos seus: *Formozo Rey, formoza barca, e formozo Arraes.* Quando passou por Santarem D. Henrique com as armas na maõ, succederaõ duas acçoens dignas de memoria, a primeira foy o nosso Rey querer montar a cavallo, sahir-lhe ao encontro sem mais exercito, que os poucos Fidalgos, e familiares que o estavaõ acompanhando, e impediraõ esta perigoza acçaõ filha do seu incomparavel brio. A segunda foy do Conde D. Nuno Alvares Pereira, que a hi se achava com seu pay, e tinha de idade doze, ou quinze annos quando mais, este pedio licença para ir ver o exercito inimigo, e vindo logo diante do Rey,

e de

e da Rainha Dona Leonor, deo a informaçaõ com tal viveza, e ardor, que ella o nomeou ſeu pagem, e diſſe queria armá-lo Cavalleiro pela ſua maõ, faltavaõ armas para corpo taõ pequeno: porèm o Infante D. Joaõ, Meſtre de Aviz, remediou a falta, dando-lhe humas, que tinha pequenas, com que ſeu pay D. Pedro o armara Cavalleiro na meſma idade. Eiſ-aqui D. Joaõ dando armas, a quem depois com ellas lhe pôs a Coroa, e lhe ſuſtentou com innumeraveis victòrias, e a Rainha armando Cavalleiro, e fazendo ſeu pagem, a quem depois foy rayo contra ella, ſua filha, ſeu genro, e todos os ſeus. Falleceo em Caſtella o Rey D. Henrique, ſuccedeo lhe na Coroa o Rey D. Joaõ, e o noſſo Rey eſquecido de que fora Enriquenho, e da paz celebrada com o pay, chamou os Inglezes em ſoccorro, capitaneados pelo Conde Cambrix, irmão do Duque de Alencaſtro, trazendo no exercito hum filho do Rey Inglez: o motivo para quebrar a paz era tornar o noſſo Rey a dizer lhe pertencia o Reyno de Caſtella, ſem nunca preceder juſtificaçaõ deſta cauſa. O Caſtelhano furioſo entrou em Portugal queimando, ferindo, matando, e aſſollando tudo, e os Eſtrangeiros, que nós mettemos em caza para nos ajudarem, faziaõ o meſmo, e peyor que os Caſtelhanos; em fim, junto á Ribeira de Caya ſe juntaraõ os dous exercitos, para decidirem com a eſpada huma vez eſta ſucceſſaõ da Coroa de Caſtella, origem de tantas calamidades atégora. Puzeraõ-ſe em fórma os exercitos hum defronte do outro, e pararaõ ſuſpenſos tanto tempo, que ſe ajuſtou a paz entretanto; naõ ſe ſabe qual foy o que primeiro a pedio, ſabemos que ambos a deſejavaõ, e que a ſuſpenſaõ das armas, na hora em que haviaõ uzar dellas, foy effeito da pena com que ambos eſtavaõ de verem os ſeus

Rey-

Reinos, e vassallos destruidos: havia muitos annos que as guerras entre Portugal, e Castella eraõ comedias, ainda que tragicas, porque acabavaõ em cazamentos todas: assim succedeo agora nesta, porque justa a paz, como disse, á vista dos exercitos, ficou logo justo o cazamento do Rey de Castella, ja entaõ viuvo, com a Senhora Dona Beatriz, filha unica do nosso Rey, e da Rainha Dona Leonor, Matrimonio de que rezultaraõ a ambos os Reinos as maiores guerras, mortes, e desgraças tantos annos: desorte que os dous exercitos se retiraraõ alegres, festejando a paz, e o cazamento sempre inangurado laço da concordia de huma, e outra Monarchia, devendo antes ir lamentando ja a desgraça futura, que desta paz, e cazamento havia rezultar: os doutos, e politicos a vaticinaraõ, como se fossem Magicos, ou Magos em ambos os Reinos, a plebe, que naõ extende a consideraçaõ álem dos objectos da vista, festejou a raiz da desgraça. Vinde cedo á manhaã para ouvires o melhor desta vida, e a primeira façanha do Conde D. Nuno Alvares Pereira nesta passada guerra.

F I M.

DA VIGECIMASETTIMA PARTE.

L I S B O A,

Na Officina de Francisco Borges de Souza.

Com todas as licenças necessarias.

Anno de 1758.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XXVIII.

NA manhaã do dia treze, juntos no Forte com muitos Romeiros, que chegaraõ na noite antecedente, continuou o Soldado a vida de D. Fernando, dizendo: Nesta guerra ultima do nosso Rey com o de Castella, obrou o nosso Conde D. Nuno Alvares Pereira a primeira façanha, tendo vinte e hum annos de idade. Encontrou-se com huma grande parte do exercito de Castella perto de Lisboa (he tradiçaõ que em Alcantara, mas com duvida) fugiraõ todos, e elle só com o montante sustentou o combate, mataraõ-lhe o cavallo, e ficou-lhe a perna esquerda debaixo preza á espora na silha, assim se defendeo, matando sempre, até que rota a silha por hum Fidalgo que lhe acudio, fugiraõ os Castelhanos, vendo-o em pé. Agora continuando as acçoens do nosso Rey D. Fernando: publicadas as pazes em hum, e outro Reino, e considerando o Rey de Castella, que o assinar o tratado dellas era a sua maior affronta, pelas condiçoens onerozas que nelle via, recuzou assinar; porém os Embaixadores Portuguezes, vendo a sua inconstancia, o dezafiaraõ logo em nome do seu Rey, e elle, ou fosse cobardia, ou (como só creio) prudencia para evitar os estragos da sua Mo-

narchia, firmou o tratado, e passou a Senhora Dona Beatriz a ser sua Esposa, depois de o ser de seu filho, e de quasi todos os Principes Catholicos, com quem seus Pays, summamente inconstantes, cada mez, ou cada anno ajustavaõ hum cazamento, e celebravaõ hum desposorio. Celebraraõ-se as Capitulaçoens na Cidade de Elvas, aonde os nossos Reys deraõ huma notavel entrada, sendo entre as cousas admiraveis della, a mais digna de pasmo nos olhos dos Castelhanos, a rara formosura da Rainha Dona Leonor, de sorte que todos desculparaõ os erros, sem desculpa deste adulterio, e incesto, considerando o que he a miseria humana com hum taõ notavel incentivo á vista. Exhauridos com prodigalidades, e guerras os grandes thesouros, que herdou o nosso Rey, se vio na indigencia de levantar o valor do dinheiro, cousa que sempre causou damno: huns se chamavaõ dinheiros, que hoje he hum marevidi, outros graves, que valiaõ quatorze dinheiros, outros Barbudos, que valiaõ dous soldos, e os soldos doze maravedis, pilartes valiaõ sette dinheiros: a causa dos nomes foraõ, porque os Soldados do seu tempo usavaõ huns capacetes, ou morrioens chamados Barbulas, outros levavaõ bandeiras em humas varas, a que chamavaõ graves, e outros usavaõ de escudos, a que chamaraõ pilartes, e depois Portagraves, assim como no tempo de Romulo se chamava Manipulario ao que na campanha levava hum feixe de feno, pendurado em hum páo, que foy a primeira casta de bandeiras de guerra, de que ha noticia, depois se seguio a aguia pintada em hum pendaõ, o que a levava se chamou Aquilifer, e hoje (corrupto extraordinariamente o nome) se chama Alferez: todas estas moédas tinhaõ de huma parte as Armas de Portugal, e Algarve, e da outra o capacete, ou grave, outras mandou lavrar com as armas de ambos

bos os Reinos de Portugal, e Castella, as quaes, feita a ultima paz, se redusiraõ ás commũas, de que damos noticia. Mandou para Lisboa a Universidade de Coimbra, e logo mostrou a experiencia o erro, e a necessidade de mudá-la para Coimbra outra vez por causa dos tumultos da Corte, incompativeis com o socego dos Estudos. Naõ he explicavel a suá prodigalidade, ja vos disse a maõ larga com que deo Villas, Cidades, e Castellos, agora só vos contarey hum exemplo das outras mercês. A D. Affonso de Moxica deo em hum só dia trinta cavallos, trinta mullas, trinta arnezes, trinta mil marcos de prata lavrada, e quatro bestas carregadas de tapeçarias riquissimas: socegadas as guerras para ter depois outras mayores, exercitou o nosso Rey a grandeza do seu animo em varias obras; a Lisboa cercou de notaveis muralhas, o mesmo fez a Evora, porém com o desvario de destruir as dos Romanos fortissimas, para fazer outras menos fortes, e desnecessarias; fez tambem novas as de Santarem; e outras, e o que se admirou mais em todas, foy a brevidade com que se viraõ acabadas, e perfeitas. Foy gentil, formozo, e agradavel com extremo, de sorte que ainda disfarçado entre muitos, era conhecido, aspecto do Principe taõ singular, dom especial de Deos, que a poucos lemos fosse concedido, tinha o rosto comprido, e claro, cabellos ruivos, olhos claros, e formozos, em seu retrato se vê com roupa roçagante de graã, forrada com arminhos mosqueados de preto, Coroa na cabeça, Ceptro na maõ direita, e hum Castello na esquerda, pelo grande desejo que tinha de ganhar, ou fundar muitos, assim como o nosso antigo Rey Brigo para mostrar aos Portuguezes o mesmo desejo, trazia nas bandeiras hum Castello pintado: morreo em Lisboa a vinte e dous de

Outubro de mil trezentos, e oitenta e cinco; de idade de quarenta annos, e dezasette de reinado, está sepultado no Choro do Convento de S. Francisco, de Santarem. A Rainha Dona Leonor, desterrada justissimamente deste Reino por seu genro, está enterrada no claustro do Mosteiro de Nossa Senhora das Mercês de Valhadolid em Castella: Teve tres filhos chamados legitimos da Rainha Dona Leonor: O primeiro Dona Beatriz, que casou com D. Joaõ primeiro de Castella, Senhora digna de eterna memoria, porque nem herdou da Mãy vicio, nem do Pay defeito: ficou viuva de muito pouca idade com rara formosura, foy pertendida de varios Principes para segundo Matrimonio, e respondeo a todos com aquelle proverbio das Matronas Portuguezas antigas: *Que as mulheres que tinhaõ honra, naõ cazavaõ duas vezes*; teve mais dous meninos, que morreraõ de muito pouca idade, fructos de tal ajuntamento; teve huma filha chamada illegitima, por naõ ter nascido da Rainha, a qual casou com D. Affonso, Conde de Gijon, filho bastardo do Rey D. Henrique segundo de Castella, dos quaes rezultou a familia dos Noronhas. A Gonçalo Telles de Menezes, irmaõ da Rainha, fez Conde de Neira, e Faria; a D. Henrique Manoel de Vilhena, filho bastardo de D. Joaõ Manoel, e irmaõ da Infante Dona Constança Manoel, mãy do Rey, Conde de Sea, e Cintra, a D. Affonso Telles de Menezes, filho segundo de Joaõ Affonso Telles de Menezes, Conde de Barcellos, fez Conde de Barcellos, e Orense; e morrendo elle moço, deo o Condado de Barcellos a D. Joaõ Affonso Telles de Menezes, irmaõ da Rainha, que morreo na batalha de Aljubarrota, pelejando por Castella contra este Reino. A D. Joaõ Affonso Telles de Menezes, filho do Conde D. Joaõ Affonso Telles de Menezes, fez Conde de

de Vianna, mataraõ-no ſeus vaſſallos da Villa de Penéla, por ſe rebellar contra eſte Reino, e ſeguir o partido de Caſtella. Ao celebrado D. Joaõ Fernandes Andeiro fez Conde de Ourem, depois o mandou matar, e naõ ſe effeituando a ordem na ſua vida, depois della acabada, lhe cumprio eſta ultima vontade ſeu irmaõ D. Joaõ, Meſtre de Aviz, a quem elle o recommendara ja doente em Almada: a D. Alvaro Peres de Caſtro, fez Conde de Arraiolos, Alcaide Mór de Lisboa, e ſeu Condeſtavel, foy o primeiro que houve no Reino, porque antes ſervia o Alferes Mór eſte officio: a Gonçalo Vaz de Azevedo nomeou Mariſcal, e foy o primeiro. Agora vereis o grave fundamento, com que vos diſſe que a paz juſta na Ribeira de Caya com o caſamento da Senhora Dona Beatriz em Caſtella, devia ſer lamentada com lagrimas, e naõ feſtejada com alegrias: morreo o Rey D. Fernando, que ſe foy máo, foy naquillo, em que paſſou de bom, e como ſeus irmãos, D. Diniz, e D. Joaõ eſtavaõ em Caſtella, o Rey marido da noſſa Infante Dona Beatriz os prendeo, para que naõ vieſſem ſucceder no Reyno, que julgava pertencer-lhe pela Infante ſua mulher, filha unica do Rey D. Fernando, chamada legitima. Cala o Grande Faria a prizaõ do Infante D. Diniz no Epithome, dando-a a entender em outra parte, e as memorias antigas manuſcritas, que eu lî em Portugal, e Heſpanha, dizem que ambos foraõ prezos apenas conſtou ao Rey de Caſtella a doença do Rey D. Fernando, irmaõ delles, e que quando o Rey D. Joaõ o I., ſendo ſó defenſor do Reino, os mandara pintar nas bandeiras com grilhoens, para incitar o povo á defeza do Reyno, e odio do Rey Caſtelhano, ja ambos conſumidos de fóme, ſede, e triſteza, tinhaõ morrido havia muito tempo, ſem os Portuguezes ſaberem das ſuas mortes, e ſó lendo

nas

nas bandeiras do Meſtre de Aviz os ſeus tormentos: a tyrannia inaudita, que o Rey de Caſtella uzou com eſtes dous Infantes de Portugal, foy a que provocou a eſpada de Deos contra os ſeus exercitos, e defendeo ſempre os noſſos, ſendo taõ poucos os Soldados que militaraõ em todos: conſtou aos Portuguezes, que o Rey de Caſtella juntava exercito para fazer boa a ſucceſſaõ neſta Coroa, e ou foſſe verdadeira entaõ, ou falſa a noticia, certos foraõ os diſturbios na Republica, e todos punhaõ os olhos no Infante D Joaõ, Meſtre de Aviz; para dar-lhe a Coroa, ainda que poucos ſe atreviaõ a converſar na materia: tinha elle naſcido na Cidade de Lisboa a onze de Abril de mil trezentos e cincoenta; tendo ſette annos de idade, o vio o Pay a primeira vez, porque ſeu Ayo ſabendo vagara o Meſtrado de Aviz, lhe foi moſtrar o filho, e pedir-lhe para elle aquella dignidade, o que o Rey D. Pedro concedeo muy goſtozo, porque havia pouco tempo vira em ſonhos, que a todo o Portugal abrazava hum grande incendio, porém que eſte menino apagava o fogo. Na idade de doze annos o armou Cavalleiro, mandando fabricar eſpeciaes armas para iſſo, com as quaes ja diſſemos foy myſterioſamente armado annos depois o Conde D. Nuno Alvares Pereira, pelas mãos da Rainha Dona Leonor, para gloria do dono das armas, e ruina de quem lhas veſtio. Em todas as guerras de ſeu irmaõ o Rey D. Fernando ſe portou ſempre com ſingular valor, e a Rainha temendo-ſe do affecto que o Rey lhe tinha, ſem cauſa alguma o mandou prender por hum Decreto falſo do marido no Caſtello de Lisboa, e logo por outro falſo ordenou ao Alcaide lhe cortaſſe a cabeça; paſmou o Alcaide com eſta preſſa de ordens extraordinarias, e ſuſpendendo a execuçaõ, foy moſtrar ao Rey ambos os Decretos, e elle conhecendo eraõ falſos, recõmendou-lhe

o ſe-

o segredo, e que nenhum executasse, ainda que lhe mandassem mil, e a Rainha suspeitando isto, mandou soltar o Infante logo, e convidou-o para cear com ella, acçaõ de mayor consequencia, porque julgou o Infante que lhe queria dar veneno na comida: dizem que a causa deste odio da Rainha se fundava na suspeita de que o Infante era a mayor pessoa que estranhava, e talvez dizia ao Rey o muito que todos murmuravaõ dos extraordinarios favores, que ella fazia ao Conde D. Joaõ Fernandes Andeiro, a quem ella convidou para comer com o Infante nesta mesma cea, e dizem que acabada ella, dera ao Conde hum annel, e repugnando elle acceita-lo, porque seria (como elle disse) causa de maior murmuraçaõ, ella lho fez acceitar, dizendo que os deixasse murmurar: o que eu creio, e provaõ varios successos que logo contaremos, he que o Conde Andeiro era eloquente, prendado, tinha visto Reynos estranhos, e era Estrangeiro, pelo q̃ tudo se fazia agradavel á Rainha a sua conversaçaõ, mais do que a de todos, e se em algum favor que lhe fez pareceo liviana, foi nos olhos da Naçaõ Portugueza, que naquelles tempos naõ distinguia a affabilidade da lascivia, e julgava partos desta, tudo o que em mulher era ainda caridade notoria: porém foy a sua má fama castigo de ter deixado o marido verdadeiro, para ser Rainha com outro, que nunca foy marido. A desconfiança destes favores na Rainha, chegou a termos; que o Rey disse ao Infante D. Joaõ, matasse logo ao Conde Andeiro, faltou opportunidade para executar a ordem, porque a morte do Rey foy depois della poucos dias: passados os primeiros do luto, entrou o Infante no Palacio, e ainda que o Faria diz que o matara quasi á vista da Rainha, a melhor opiniaõ, he que o acabou de matar nos braços della, porque recebendo o Conde as primeiras feridas no meyo da sala, e vendo im-

possivel a defeza, correo a valer-se da Rainha, que se achava sentada, e com desmayo causado da novidade que via, e naõ lhe valendo o chegar-se tanto a ella, nos seus braços acabou a vida, deixando-a bem cheia de sangue, e ella revestindo-se de valor, e honra; gritou dizendo, que morrera innocente, mas que para memoravel próva da innocencia de ambos, ella no outro dia se havia metter em huma fogueira, donde a veriaõ sahir illeza, em signal de que a sua honra nunca tivera mancha: eu o creyo, ainda que havendo tanta lenha, nunca a teve para a fogueira promettida: em quanto o Infante matava em Palacio o Conde Andeiro, corria por Lisboa hum criado seu em hum cavallo gritando, que acudissem ao Palacio, aonde estavaõ matando o Infante D. Joaõ; e como o Infante era universalmente amado de todos, foy tal a pena, e furor, que concebéraõ, que sahindo cada hum com as armas que tinha, voaraõ ao Palacio, e achando fechadas as portas, quizeraõ rompê-las com fogo, e ferro, proferindo blasfemias contra o decóro da Rainha, a quem certamente faziaõ em pedaços, se o Infante naõ chegasse a huma janella, e lhes tirasse o susto, dizendo que o morto era o Conde Andeiro. O mais ouvireis na Conferencia futura, que tudo he gostozo nesta admiravel Historia.

FIM
DA VIGESIMA OITAVA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.
Anno de 1760.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXIX.

NA tarde do mesmo dia treze se juntou innumeravel gente no arrayal, entre o retiro da Consolaçaõ, e Peniche, e chegando o Soldado continuou a vida do invencivel Rey D. Joaõ o I., dizendo: Naõ ha castigo mais bem empregado, do que o que daõ os Reys a hum levantamento do povo, todos os tormentos saõ poucos para castigá-lo: ja dissemos o motivo na vida do Rey D. Fernando, e agora mostrou a experiencia o que digo, porque o Rey D. Joaõ para saber se tinha o povo de Lisboa a seu favor, por conselho de outros, mandou o pagem a clamar pela Cidade que o matavaõ em Palacio, seguio-se a este falso avizo hum levantamento do povo, e como nestes só entra gente bruta, e que por alcunha tem juizo, naõ só fizeraõ o infame alarido no atrio do Palacio, mas vendo que D. Joaõ estava vivo, e o Conde Andeiro era o morto, gritaraõ chamando ao Infante vingador, (titulo que lhe ficou para sempre entre naturaes, e estranhos) defensor, todos, viva o Infante, e alguns viva o Rey D. Joaõ; e vindo do Palacio, que era aonde hoje a Relaçaõ, e carceres do Limoeiro, (porque se cortou hum notavel nesse sitio para fazer

essa prizaõ) em tumulto até á Sé; o Bispo D. Martinho, Castelhano de naçaõ, mas homem de letras, e virtudes heroicas, ouvindo taes vozes descompassadas acompanhado de outros Ecclesiasticos gravissimos, e Seculares, Fidalgos, deixando o Palacio, aonde pacificamente conversavaõ, subiraõ ás torres da Igreja todos: gritou-lhes o povo, vendo-os nas torres, dizendo que repicassem pelo Infante defensor do Reyno: qualquer delles estimaria muito a noticia se a ouvisse, porèm como as vozes eraõ muitas, e confuzas, porque cada hum se explicava por differentes palavras, e a altura das torres, e vento só deixava perceber poucas, que juntas naõ diziaõ cousa alguma para o repique, dilatou-se este prudentemente; porèm o bruto sem freyo, isto he o povo rude, sem temor de Deos, nem de Principe, suspeitando que a tardança do repique procedia de ser o Bispo, e os mais da parcialidade da Rainha, escalaraõ as paredes, outros quebraraõ as portás, subiraõ ás torres, e antes de repicar os sinos lançaraõ dellas abaixo o Bispo D. Martinho, e todos os Ecclesiasticos que estavaõ com elle: cahiraõ todos aos pés dos que com espadas, chuços, lanças, dardos, punhaes, e montantes os esperavaõ no ar; e passando a mais a brutalidade, depois de todos elles lhes darem estocadas, e cutiladas sem numero, quando ja qualquer dos feridos naõ as sentia, despidos á vergonha com horror da piedade Catholica, os arrastaraõ pelas ruas mais publicas, até o rocio, aonde dizem jantara o Infante, e duvidando a sua grande piedade, e temor de Deos pôr-se á mesa sem cohibir o povo, e fazer sepultar com a decencia devida o cadaver do Veneravel Bispo, e dos mais; houve Cavalheiros da primeira Jerarchia, que lhe persuadiraõ o contrario, dizendo que era necessario naõ

morti-

mortificar o povo, para o ter propicio, e comer quaſi á viſta do cadaver do ſeu Paſtor, para que o temeſſem. De tarde foy o Infante pedir perdaõ á Rainha, naõ de ter morto o Conde, mas de o ter morto á ſua viſta, ou em ſua caſa; ella ſem dizer que ficava ſatisfeita deſta politica, nem ſe moſtrar irada, acabada a breve practica, fez jornada para Alenquer, aonde procurou todos os meyos para matar o Infante, que neſte tempo, temendo a ſua aſtucia, e as armas do Rey de Caſtella, eſtava quaſi reſoluto a ſahir do Reyno, penſamento de que o tiraraõ varios prudentes, e valoroſos: dizem que elle para conſeguir a Coroa, e melhor attrahir os Portuguezes para a temida guerra, mandou convidar a Rainha para ſua Eſpoſa, teſtimunho certo de que nunca tivera mancha; porèm ſe he certo o que dizem muitos, que o marido da Rainha verdadeiro, Joaõ Lourenço da Cunha, era neſte tempo vivo em Caſtella, e taõ vigoroſo, que ſervio a patria na guerra futura; naõ creyo que o Infante mandaſſe á Rainha tal embaixada, porque ſempre foy Principe de eſpecial honra, bóa conſciencia, e livre de ambiçaõ, como depois ouvireis, e naõ era capaz de obrar o que ſeu irmaõ fez cego de amor, para agora contra a conſciencia reynar: dizem que ella naõ quizera admittir a embaixada; o Infante foy nomeado Governador, e defenſor do Reyno, o Conde D. Nuno Alvares começou a ſervî-lo, e a Rainha veyo para Santarem. Intentou o Infante combater o Caſtello de Lisboa, e ſem combate ſe lhe entregou: o meſmo fizeraõ Beja, Portalegre, Eſtremoz, Evora, Porto, e Almada. A Rainha vendo-ſe deſamparada, e em perigo por todas as partes convidou o Rey de Caſtella ſeu genro para entrar neſte Reyno a ſoccorrê-la, e juntamente a reynar, porque ſua mulher dizia era a herdeira legi-

tima, acceitou o convite, juntou exercito, e antes de tudo, prendeo asperamente o Infante de Portugal legitimo D. Joaõ, que ja dissemos lá estava fugido, e cazado: dizem que o outro Irmaõ D. Diniz ainda era vivo, e tambem fora prezo, e que ambos prezos acabaraõ em breve tempo a vida; porque a justiça com que entrava a conquistar-nos o Rey de Castella, era tirar a liberdade, e vida aos legitimos successores da Coroa Portugueza; em ambos os Reynos se preparàvaõ exercitos, em ambos havia parcialidades, e diversos juizos, e o nosso Infante bem aconselhado, consultou occultamente certo Eremita chamado Fr. Joaõ, que em hum aspero monte fazia penitencia com vida inculpavel, e da consulta sahio taõ animoso, que se dispôs brevemente para a defeza do Reyno. Entrou o Rey de Castella pela Beira, aonde o Bispo da Guarda D. Affonso Correa, lhe offereceo a Cidade primeira conquista: Alegre destruîo campos, e Lugares; terrivel idéa para attrahir animos Portuguezes! Chegou a Santarem, outros dizem que a Coimbra, aonde a Rainha sua sogra o esperava, porèm em breves dias quebrou a paz com ella, e preza a remetteo para Castella, aonde acabou a vida. O motivo para este excesso, foy que vagando neste tempo o Rabinado mayor de Granada, dignidade especial dos Judeos, que naquella Cidade viviaõ livres na Ley de Moysés, a Rainha D. Leonor pedio o officio ao genro para D. Judas, e a Rainha de Castella sua filha Dona Beatriz o pedio ao marido para D. Davìd, attendeo o Rey mais ao empenho da mulher, do que ao da sogra a Rainha Dona Leonor, e deo o Rabinado a D. David; cheya de colera, e raiva mulheril, ella vendo-se pouco attendida do genro, a quem ella chamava para dar-lhe este Reyno, entrou nas diligenciaa de o matar, e para

ra o conſeguir convidou o Conde D. Pedro, primo do Rey, para ſeu marido, e por eſſe principio Rey de Portugal: Deſcobrio-ſe miſeravelmente o ſegredo, e o genro a remetteo preza para Tordeſilhas, outros dizem que para Huelgas de Burgos, e o certo he que foy preza para hum Convento Reformado, aonde teve fim o ſeu coraçaõ inquieto. Deſembaraçado o Rey dos cuidados da ſogra, foy cercar Lisboa, e entretanto o Conde D. Nuno, juntando no Alemtejo exercito, deo aquella celebre batalha dos Atoleiros, em que os Caſtelhanos, ſendo muitos, ficaraõ inteiramente derrotados, e ſeguindo a victoria, fez terriveis entradas em Caſtella, cujos negocios ja moſtravaõ declinaçaõ fatal, mas naõ declinava o brio, e valor dos ſeus Capitaens. Preparou o Infante muitas Galleras em Lisboa, e mandou as ao Porto para virem com outras que lá eſtavaõ eſperar neſte a Armada Caſtelhana; porèm o Rey adiantando a idéa, cercou a Cidade do Porto, por mar, e terra, ſahiraõ os Portuguezes a combater-ſe com os Gallegos, Capitaneados por D. Joaõ Manrique, Arcebiſpo de S. Tiago, o qual admirando o valor Portuguez, levanton o cerco, e ſó pereceo nas maõs do ſeu exercito o Caſtello de Gaya, a quem valoroſamente defendeo a mulher do Alcaide, que ſe achava fóra, ſaqueando, e deſtruindo huma aldêa: entrou em fim no Tejo a noſſa Armada, formidavel á Caſtelhana, porèm travada a peleja naval, perdêmos tres embarcaçoens, e morreo Ruy Pereira: o Rey vendo-ſe com eſta pequena vantajem, deo aſſalto a Almada, que logo ſe rendeo, apertou o cerco de Lisboa, e propôs varias condiçoẽs ao Infante, ſe a entregaſſe: deſprezou elle generoſamente todos os partidos, mas começando a fóme na Cidade a combater os animos, determinou dar batalha

ao

ao Rey , e expor-se á fortuna em hum só lançe da espada : destes cuidados o livrou a peste, que deo logo no exercito Castelhano , no qual morriaõ cada dia , álèm do excessivo numero dos soldados , os Cabos principaes , e Senhores illustrissimos , até que dando a peste na Rainha , se desenganaraõ ; levantou-se o cerco , e marchou com pressa o exercito Castelhano , menos em figura Militar , do que de enterro , porque adiante de tudo caminhavaõ em andas os caixoens , em que hiaõ os corpos dos Fidalgos mortos com a peste , cobertos com pannos pretos , e cercados de todos os seus familiares , vestidos de aspero luto , e como eraõ muitos , e pessoas muito grandes os fallecidos , formavaõ huma tristissima , e medonha vanguarda de ataudes , e enlutados , principalmente os dous Mestres de Calatrava defuntos , a quem acompanhavaõ com luto todos os seus Cavalleiros : quando vieraõ á conquista tudo foraõ vivas , e bem fundadas esperanças , porque ao tempo de cercar Lisboa seguiaõ ao Rey quarenta Villas , e oito Cidades em todas as nossas Provincias, e a mayor parte do Reyno dizia que o seu direito era legitimo ; agora feridos da maõ do Altissimo buscavaõ as suas terras , acompanhados de horriveis desenganos do que saõ esperanças humanas : o Infante premiou a fidelidade de Lisboa, e o Conde D. Nuno foy recobrando Praças á sua obediencia , e em breve tempo seguiraõ o partido do Infante as dez Cidades principaes do Reyno , e mais de quarenta Villas de bom nome : mas em quanto os Portuguezes leaes , e valorosos lhe offereciaõ as chaves de Cidades, Villas, e Castellos , outros indignos de os nomearmos intentavaõ matá lo , era o primeiro o Conde de Trastamara o mesmo que tinha justo com a Rainha Dona Leonor matar o Rey de Castella , D. Pedro de

Castro,

Castro, filho do Conde de Arroyolos, D. Alvaro Peres de Castro, que no cerco passado de Lisboa quiz entregá-la aos Castelhanos, Joaõ Affonso de Beja, Castelhano, Garcia Gonsalves de Valdez, Austuriano, ambos criados do Infante: houve quem lhe revelou a traiçaõ felizmente, e elle mostrando o mayor desprezo de inimigos, e traidores, e benignidade memoravel, perdoou a vida a todos, e só mandou queimar Garcia Gonsalves. Para melhor incitar o povo contra Castella, e fazer publico o seu desinteresse, mandou pintar em muitas bandeiras o Infante D. Joaõ, verdadeiro successor deste Reyno; outros dizem se pintaraõ ambos, D. Joaõ, e D. Diniz, que ambos estavaõ em Castella prezos, e ordenou que se mostrassem estas bandeiras nas Praças, e andassem homens com ellas pelas ruas, desorte que o povo vendo os seus naturaes Principes, pintados no miseravel estado de prezos, carregados de ferros, foy tal o odio, e furor que conceberaõ contra os Castelhanos, e ao mesmo tempo amor ao Infante Defensor do Reyno, que em breves dias o cercaraõ alentados, todos os que podiaõ tomar armas para a vingança do que padeciaõ os seus Principes, e defeza da patria: com estes, e com o exercito do Conde D. Nuno, que se veyo juntar com o Rey perto de Coimbra, e depois se separaraõ para a conquista ser mais fructuosa, renderaõ Braga, Guimaraens, que foy escalada, e Ponte de Lima: ao mesmo tempo os Castelhanos nas Comarcas de Pinhel, Viseu, e Trancozo obravaõ tyrannias, naõ perdoando ás Igrejas, e alfayas Sagradas, até que sahindo-lhes ao encontro varios Cavalheiros Portuguezes, que os buscavaõ furiosos, e alentados, ao som horrivel de muitos instruments de guerra hoje naõ usados, e continuos alaridos, e gritos dos nossos por S. Jorge, e
dos

dos Castelhanos por S. Tiago se investiraõ todos com tal ancia, que foy o combate hum dos mais debatidos naquella campanha, e depois de muitas horas conseguiraõ os nossos a victoria, ficando no campo mil Castelhanos mortos, fugindo sem ordem os poucos vivos, e deixando nas maõs dos Portuguezes mil cargas de notaveis alfayas, e peças de ouro, prata, e dinheiro, que levavaõ roubado. Caminhava o Infante Defensor, e o Conde D. Nuno para Coimbra, aonde se tinhaõ convocado as Cortes, e estavaõ ja os Procuradores esperando-os. Antes de entrar o Infante na Cidade, succedeo hum cazo mysterioso, porque todos os meninos de Coimbra, e seus contornos, montados em cavallos de cana foraõ esperar o Infante Defensor ao caminho, gritando: viva o Rey D. Joaõ, D. Joaõ, D. Joaõ por novo Rey, advertindo que fizeraõ isto por superior impulso, porque ninguem os mandou, nem lhes ensinou o que haviaõ dizer, cada hum sahio de casa com a sua cana, sem se terem ajustado para cousa alguma, e montados nellas os primeiros, se lhe foraõ ajuntando outros muitos pelo caminho, e assim eraõ innumeraveis, quando chegaraõ a encontrar o Infante, que recebendo-os alegre, affavel, benigno, e liberal; depois de admirar o mysterio da acçaõ, e os tratar com o carinho que merece a innocencia a hum Principe adornado de prudencia, e grande juizo, mandou distribuir por todos com maõ larga dinheiro, e elles caminhando diante com summo gozo fizeraõ a entrada mais vistosa com a sua mysteriosa travessura. O mais á noite.

FIM DA VIGESSIMANONA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Francisco Borges de Sousa.
Anno de 1759. *Com todas as licenças necessarias.*

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXX.

JUntos depois da Ladainha, disse o Soldado: Entrou o Rey D. Joaõ acclamado pelos meninos em Coimbra, quando os Procuradores das Cidades, e Villas só o esperavaõ para jurá-lo em Cortes Defensor, e Governador, até seus irmaõs sahirem da prizaõ de Castella, e qualquer delles gosar esta Coroa: este era certamente o pensamento de todos; porèm o Conde D. Nuno com huma excellente practica, que lhes fez, mostrando a impossibilidade que tinha a soltura dos Infantes, e Joaõ de Regras (Cavalheiro illuste, e rico, e por isso primeiro Jurista, que teve este Reyno, Compositor da Ordenaçaõ delle, discipulo que foy do Bartholo, e Baldo em Reynos estranhos com notaveis dispendios, tronco de familias illustrissimas) conseguiraõ o consentimenio dos Procuradores, e povo, que uniformes acclamaraõ o Infante Mestre de Aviz Rey destes Reynos: repugnava elle, e certamente sem affectaçaõ, (por mais que a presumaõ, os que naõ pezaõ a igualdade nas acçoens de hum Principe taõ grande) mas o clamor, e affecto do povo foy tal, e com esta repugnancia mais vigoroso, que acceitou a Coroa, e com ella as obrigaçoens, que á risca cumprio, ad-

quirindo os titulos de Vingador, Defenſor, Invencivel, Incomparavel, Temedio da patria; e ſendo atégora muitos os ſeus cuidados para defendê-la, agora ſe multiplicaraõ para a conſervaçaõ da Coroa: repartio eſta com o Conde D. Nuno, a quem a devia, e para naõ errar na adminiſtraçaõ da juſtiça, fez inſeparavel companheiro ſeu a Joaõ de Regras, na guerra, e na paz, de que tirou elle, e o Reyno a mayor utilidade, por mais que alguns, que naõ profeſſaraõ Leys, clamem contra eſte Varaõ illuſtre, digno de eſtatuas neſtes Reynos. Sahio logo o noſſo Rey a recuperar as Praças, que ſeguiaõ o partido de Caſtella, e outras, cujos Alcaides vacilavaõ, a quem obedeceriaõ: conſtou ao Rey Caſtelhano a feliz acclamaçaõ do Rey novo, e ajudado de Francezes, e Navarros, pôs cerco a Elvas com hum exercito numeroſiſſimo; mas vendo o extraordinario valor, com que reſiſtiaõ os ſitiados, deixou a empreza, e caminhou para a Cidade Rodrigo, aonde, chamado a conſelho, porpôs a entrada em Portugal: notaveis cabeças acompanhavaõ o Rey, porque votaraõ quaſi todos que naõ entraſſe; porèm elle, ſeguindo o parecer dos menos prudentes, entrou pela Beira, e como em Coimbra tinha ſido a acclamaçaõ, que elle tanto ſentia, executou naquella Cidade a vingança mais barbara, a huns mandava cortar ſó as linguas, a outros as maõs, a outros os pés, e a outros tudo; arderaõ as Igrejas, e alfayas Sagradas, e todas as fabricas profanas; corria o ſangue pelas ruas, e em fim naõ houve vileza, nem barbaridade, que neſta brutal vingança ſe naõ viſſe: em Leiria, e Thomar obrou o meſmo, e fiado na grandeza do ſeu exercito, e neſtes bons actos de Catholico, caminhava para Lisboa ufano a executar nella o meſmo, como ſe Deos Senhor dos Exercitos naõ ſoubeſſe do cazo: achava-ſe o noſſo Rey em Abrantes,

tes, e propôs aos Conselheiros se havia ir buscar o inimigo, e prezentar-lhe batalha: duvidaraõ todos da empresa, porque o nosso exercito á vista do Castelhano era nada; porèm o invencivel Conde D. Nuno Alvares Pereira votou que logo logo lhe sahissem ao encontro, e castigassem as nossas armas estas insolencias: seguio o Rey o voto, e chegando os dous exercitos á vista hum do outro, sahio do Castelhano hum irmaõ de D. Nuno Alvares a persuadî-lo passasse para o serviço do Rey de Castella, a quem elle servia; e vendo a sua constancia Diogo Lopes Castelhano, e seu companheiro, disse a D. Nuno: *Em fim sois os mais honrados homens que tem o mundo, ou sejais vencedores, ou vencidos; porque se venceis, sendo taõ poucos, ou se nós vos vencemos, sendo tantos, toda a gloria, e toda a fama he vossa.* Repartio o nosso Rey a gente em dous corpos: O primeiro constava de seiscentas lanças com a bandeira de D. Nuno, que o governava. O segundo que o seguia constava de duzentas lanças, chamado o esquadraõ dos namorados, com huma bandeira verde, que elles tinhaõ feito, e neste hia o Rey: naõ he explicavel o escarneo, que os Castelhanos faziaõ do nosso exercito, e só agora tiveraõ desculpa, porque dous esquadroens de oitocentas lanças, e cinco mil infantes contra hum exercito numerosissimo de Castelhanos, Francezes, e Navarros, ou parece sonho, ou materia de riso; a desigualdade era tal, que ao tempo de accômetter-mos, se experimentou alguma suspensaõ que desfez o signal de investir, hum Sacerdote disse ao mesmo tempo: *Verbum caro factum est*; e os soldados rusticos, ignorando o que dizia o Clerigo, perguntavaõ a significaçaõ daquellas palavras, a que responderaõ alguns de bom humor, queriaõ dizer: *Que lhes havia custar caro.* Hum destes fleummaticos antes de começar a bata-

 lha

lha, ouvindo os outros prometter a noſſa Senhora, e a varios Santos acçoens, e ſignaes de agradecimento, ſe eſcapaſſem do conflicto, fez voto de ter huma novena de divertimento com a Abbadeſſa de Rio tinto, e hum irmaõ della, que ouvio o voto, fez outro de lhe dar com hum páo, ſe elle foſſe deſinquietar-lhe a irmaã; ambos eſcaparaõ vivos, e ambos cumpriraõ os votos. Em fim combateraõ-ſe os dous exercitos, e a pouco tempo de conflicto ſe encontrou com D. Nuno hum de ſeus irmaõs, que ſervia ao Rey de Caſtella; porèm (cazo raro, e digno de paſmo!) a cavallo como eſtava deſappareceo, ou porque a terra ſe abrio, e o tragou, ou porque foy arrebatado pelo ar, porque nem vivo, nem morto o viraõ mais, e ſeu irmaõ D. Nuno aſſim o affirmava: hum Fidalgo Caſtelhano encontrou o noſſo Rey, que valoroſamente pelejava, fazendo tal eſtrondo, e tal eſtrago, que ficou em memoria eterna, o Caſtelhano com força, e ſingular deſtreza, lançou-ſe ao Rey, e tirou-lhe das maõs a maſſa, ou machada com que pelejava; porèm elle com Real intrepidez, abraçou o Caſtelhano, recuperou a arma, e tirou-lhe a vida: ja a noſſa pequena vanguarda padecia deſordem, e o noſſo Rey que a vio, pelejando com incrivel ardor a pé, ſe metteo entre ella gritando: *Adiante, ſenhores, adiante, que aqui vay pelejando o voſſo Rey*; e dito iſto paſſou adiante de todos, ſeguiraõ-no com tal esforço, que em menos de huma hora ſe viraõ poſtos em miſeravel extremo trinta e ſeis mil Caſtelhanos por ſeis mil Portuguezes, que foy todo o noſſo exercito. Eſta foy a celebrada, e ſempre memoravel batalha de Aljubarrota, em cujos campos ſe viraõ muitos annos os oſſos, os pedaços das armas brancas, dos freyos, e das eſporas: confeſſemos, como Catholicos, que Deos, para eſtabelecer o noſſo Rey, eſpecialmente nos ajudou a vencer;
por-

porque parece incrivel, que taõ poucos pudessem tirar a vida a tantos. O Rey de Castella, admirado de ver a destruiçaõ de hum exercito formidavel, em que se devia todo o General fiar, foy tal a tristeza que o possuio, que fugindo a toda apressa entrou em Santarem, donde logo em huma embarcaçaõ ligeira sahio para Sevilha: vestio-se de luto, e sette annos o trouxe sem admittir consolaçaõ alguma, naõ por ser vencido, (dizia elle) mas por ser vencido de quem naõ esperava: alguns Portuguezes cativos nas guerras passadas serviaõ no Palacio ao Rey de Castella, e hum Castelhano parecendo-lhe que fazia ao Rey alguma lisonja, os maltratou á sua vista; porèm elle como Rey, e de juizo precioso, e magnanimo, notando a vileza daquella vingança, disse: *Naõ he justo se tratem assim Portuguezes, porque os que me seguiraõ morreraõ diante de mim, obrando façanhas maravilhosas; e os que foraõ contra mim, venceraõ me.* E dito isto, lhes deo liberdade: o nosso Rey o igualou na acçaõ, porque chegando a Santarem, aonde o Rey de Castella deixou os poucos Castelhanos que escaparaõ em Aljubarrota de mortos, e cativos, deo liberdade a todos: muitos juizos se fizeraõ desta batalha, attribuindo a perda de Castella, a que o Rey se valera da prata das Igrejas para esta guerra, e ás tyrannias de Coimbra, e Leiria; porèm discorraõ o que lhes parecer até o dia do juizo, que a razaõ, porque vencemos, foy porque Deos o quiz, e só elle sabe os motivos que teve para querer: porque se bem entre nós, o Rey, o Conde D. Nuno, e outras pessoas illustres eraõ tementes a Deos; a escoria da plebe, que era a que fazia esse pequeno vulto, tinhaõ feito taes desacatos no Alemtejo, que barbaros os não farião em paiz estranho: basta dizer-vos por exemplo, que em Evora reprehendendo-os huma Abbadessa de certo

Mos-

Mosteiro de commetterem nelle hum insulto, naõ obstante ser a reprehensaõ summamente branda, e leve, tal furor brutal conceberaõ contra ella, que entraraõ a buscá-la, e achando-a abraçada com o Santissimo Sacramento, que tirou do Sacrario para os mover a respeito, com elle nos braços a mataraõ a cutiladas, banhando a Hostia com o sangue daquella innocente cordeira, e naõ satisfeitos, cortaraõ-lhe os vestidos nas partes que mais occulta a modestia aos olhos, e a foraõ arrastando até á praça pelas ruas mais publicas, e careceo de sepultura muitos dias; estes eraõ os merecimentos dos nossos Soldados. Vencida a batalha, entrou D. Nuno Alvares por Castella, sahiraõ-lhe ao encontro os Mestres de S. Tiago, e Calatrava, D. Pedro Moniz, D. Gonsalo Nunes de Gusmaõ com hum exercito de trinta e tres mil Castelhanos, os quaes junto a Valverde foraõ desbaratados todos, e mortos pelo nosso pequeno exercito, ficando tambem no campo morto o Mestre D. Pedro, que tinha dezafiado ao nosso D. Nuno: foy esta victoria igual á de Aljubarrota, e logo se seguio o estrago, que o Capitaõ Antaõ Vasquez fez em trezentos Castelhanos, dos quaes naõ escapou hum só. Juntou-se D. Nuno com o Rey, e entrando por Castella tomaraõ varias Praças, porèm retiraraõ-se com o desgosto de naõ escalarem Coria, a quem puzeraõ cerco por bastantes dias: tal foy a pena do nosso Rey nesta retirada, só porque a naõ venceo, e assolou depois de a cercar, que disse lhe tinhaõ faltado daquelle dia os Cavalheiros da Taboa redonda; (algum dia vos contaremos o que era) e Mem Rodriguez de Vasconcellos, que o ouvio, disse-lhe que naõ tinhaõ faltado os Cavalheiros, mas hum Rey Artur, que os conhecesse: o Rey tomou por galantaria a resposta, e recolheo-se a Portugal, havendo entrado, e sahido de Castella sem resistencia

tencia alguma. Celebrava o noſſo Reyno triunfos, e victorias, quando appareceo em Heſpanha Joaõ, Duque de Alencaſtro, filho de Eduardo terceiro de Inglaterra, o qual por ſua filha Dona Catharina, primogenita delle, e de ſua primeira mulher Dona Conſtança, filha mayor do Rey D. Pedro de Caſtella, dizia pertencer-lhe a Coroa: com eſte intento pedio licença ao noſſo Rey para entrar por eſte Reyno, viraõ-ſe a primeira vez ſobre a ponte de Mouro, junto ao Porto, aonde o noſſo Rey namorado da grande formoſura da Senhora Dona Filippa, filha ſegunda do Duque, e de ſua ſegunda mulher Dona Branca, Duqueza, herdeira de Alencaſtro, ſe cazou com ella, deſorte que o Duque naõ conſeguio a Coroa de Caſtella para a primeira filha, mas alcançou a de Portugal para a ſegunda: neſta occaſiaõ admirou o mundo o dezintereſſe heroico do noſſo Rey, porque offerecendo-lhe o Duque a filha mais velha, pela qual ficava pertencendo-lhe o Reyno de Caſtella, que devia conquiſtar unindo as ſuas armas com as do ſogro; o noſſo admiravel Monarcha, em cujo coraçaõ nunca entrou a avareza, nem cobiça, naõ quiz acceitar a propoſta, podendo fazê-lo em bõa conſciencia, e no eſtado preſente com fortuna propicia, temido univerſalmente em Caſtella; porèm naquelle coraçaõ Real pezou mais o ſocego do Reyno, e a ſua conſervaçaõ no eſtado, e reſpeito, que as noſſas armas lhe tinhaõ adquirido, do que todas as Coroas do mundo: como genro ſim, e como amigo, acompanhou o noſſo Rey ao Duque de Alencaſtro por Caſtella: entraraõ na terra de Campos, e eſcalaraõ as Villas de Roales, e Valderas, entretanto entraraõ os Caſtelhanos em Portugal fazendo eſtragos graves, e D. Nuno Alvares os desbaratou; entrou o noſſo Rey por Galliza, e rendeo a Cidade de Tuy. Morreo neſte

ſte

ſte tempo o Rey de Caſtella D. Joaõ, de que ſe ſeguio algum deſcanço aos dous Reynos com certas condiçoens, e tregoas, que duraraõ pouco; porque naõ cumprindo D. Henrique terceiro, que lhe ſuccedeo, o que ſe tinha eſtipulado, o noſſo Monarcha cercou Badajos, e a ganhou; ao meſmo tempo entrou em Portugal Rodrigo de Avalos pela Beira, e Guadiana, e ſem ſer reſiſtido, nem fazer grave damno, ſe recolheo airozo; porèm vindo logo de refreſco os Meſtres das tres Ordens de Caſtella com numerozo exercito, aſſolaraõ os campos de Beja, Serpa, Moura, e Ourique; ſahiraõ-lhes ao encontro o noſſo Rey, e o Conde D. Nuno com quatro mil lanças, e derrotados, os obrigaraõ a retirarem-ſe: entrou depois D. Nuno em Caſtella, e ganhou Cilalva, e o noſſo Rey pôs duro cerco a Tuy, o Rey de Caſtella intentou ſoccorrê-la, porèm em quanto ſe praparava, os Portuguezes eſcalaraõ a Cidade, e a renderaõ. O mais vos contarey á manhaã, de que ireis goſtozos, e inſtruidos.

F I M.

DA TRIGESIMA PARTE.

L I S B O A,

Na Officina de Franciſco Borges de Souza.

Com todas as licenças neceſſarias.

Anno de 1759.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXIII.

ANtes da Ladainha, e cea, rogaraõ ao noſſo Academico referiſſe a infeliz conquiſta de Tangere, o que elle ſatisfez dizendo: Contra os votos dos mais valorozos, experimentados, e prudentes Conſelheiros, ſeguindo o parecer dos fogozos, e pouco conſiderados, por liſongear os Infantes ambiciozos, para quem todas as victorias, e triunfos de Ceuta eraõ pequenos: ſahiraõ do Téjo quazorze mil homens em diverſas embarcaçoens luzidas, ſurgiraõ em Ceuta, e os Mouros de Tangere, temendo a ſua ruina, mandaraõ aos Infantes Embaixadores, offerecendo-ſe para ſeus tributarios; porém elles deſprezando todos, e mais honrados offerecimentos, ſitiaraõ a Cidade, e tres vezes a combatêraõ com notavel ardor; porém quando procuravaõ as maquinas para o quarto aſſalto, appareceraõ em ſoccorro dos cercados innumeraveis Mouros, os quaes, cercando o noſſo exercito, de ſorte o combateraõ, que para eſcaparem as vidas deſſes poucos Portuguezes, foy neceſſario fazer tregoas, admittir partidos indecorozos, ſendo o primeiro ficar o Infante D. Fernando em refens, e penhor de que ſe lhes entregaria a Praça, e Cidade de Ceuta, ficou prezo o Infante, e

Ii lá

lá morreo martyr; porque a Praça promettida nunca se lhes entregou, elle foy verdadeiramente reinar com Deos: o irmaõ, e reliquias do exercito entráraõ em Lisboa com luto, o Reino o vestio no universal sentimento, desabafaraõ todos na murmuraçaõ a pena, vendo perdidos o nosso credito, valor, e terror em Africa, por se lisongear o gosto de Principes moços, contra o parecer de heroes velhos, e experimentados, em fim nova péste no Reino sobre a que tinha, e mayor, porque damnificava a consciencia: o Rey a quem o cativeiro do Infante seu irmaõ martyrizava mais do que a todos os vassallos, que só no fallar mostravaõ sentimentos, teve huma paixaõ capaz de tirar-lhe a vida, porque amava o irmaõ com especial fineza, desejava tirá-lo da escravidaõ em que ficara, e naõ se atrevia a entregar outra vez aos Mouros Ceuta, depois de ver consagrada em Igreja a sua Mesquita, e plantada nella a Fé a primeira vez em Africa: communicou a todos os Principes Catholicos o caso, e mandou juntar os Procuradores do Reino em Cortes para isso: na Cidade de Leiria assistio o Rey a ellas, e todos rezolveraõ que naõ se entregasse a Praça de Ceuta para resgate do cativo Infante, porque havia dous meyos para o seu livramento, sem este: hum era entregar todos os Mouros cativos em Hespanha: outro (e o que se devia seguir logo sem detença) era fazer guerra cruel a toda a Africa com vinte e quatro mil homens, numero superabundante para castigá-la. Despediraõ-se as Cortes sem assentar no meyo que se escolhia, o Rey foy logo assaltado de péste em Thomar, deixou porém no testamento se désse aos Mouros Ceuta para resgate de seu irmaõ; mas como os testamentos dos Reys por serem de couzas maiores, saõ mais infelices, naõ se cumprio o testamento nesta parte, porque Deos queria fosse martyr o Infan-

fante, e tiveſſe melhor Corôa para ſempre. A' viſta dos Portuguezes cativos, tolerou as mayores injurias ſervindo aos Mouros de moço dos cavallos; até que morto em odio da Fé, o penduraraõ em huma ameya das muralhas de Fez, aonde Mouros, e Catholicos melhoraraõ de todas as enfermidades lavando-ſe com o ſangue que delle corria. Foy o Rey D. Duarte (nome abbreviado no noſſo idioma, e como ſe deve proferir Eduardo) grande Filoſofo, e amante de todas as ſciencias, e profeſſores dellas; eſcreveo obras de muito fructo, e importancia, das quaes ſó ſe conſervaõ alguns pedaços do livro intitulado: *Bom Conſelheiro*, dedicado á Rainha ſua mulher, e de outro: *Arte de domar cavallos*, em que excedeo o noſſo D. Duarte aos paſſados, e vindouros: em qualquer cavallo nunca montado, ſem freio, nem cabreſto, fazia tudo o que os mais peritos neſta arte (que ſó deſprezaõ os que ignoraõ a ſua muita importancia) com todos os arreyos neceſſarios em cavallos enſinados muito tempo, em jogos de cavallaria excedeo ſempre a todos, nas canas, correndo as levava do chaõ: tinha grandes forças, que exercitava com os Fidalgos na barra, lutas, e carreiras, ſahindo ſempre facilmente vencedor, naõ por liſonja, como Rey, ſim como premio juſto pelo merecimento, publicamente julgado. Favoreceo as partes do Papa Eugenio em hum Concilio célebre, começado em Ferrara, e acabado em Florença, em cuja mudança reſultaraõ graves eſcandalos na Chriſtandade, e o Summo Pontifice, querendo agradecer-lhe o affecto, lhe concedeo, e a todos os ſeus ſucceſſores o ſerem coroados, como os Reys de França: alcançou para eſte Reino a Bulla da Cruzada, a fim de mover os fieis a guerra contra os Mouros, e melhor ſe fazerem os diſpendios neceſſarios para a conquiſta, e conſervaçaõ das

Praças, donde o Reino apenas no futuro esperava mais lucros, do que ter nellas huma excellente Academia para criar bons Generaes, e Soldados: era taõ venerador do sinal da Cruz, que vendo-a em algum lugar indecente, dizia que logo logo a tirassem, porque a insignia de nossa redempçaõ havia sempre estar collocada aonde Reis, e Imperadores a venerassem. Desejoso de todo o bem dos seus vassallos, compôs algumas Leys utilissimas, e breves, e as antigas reduzio a menos palavras com toda a clareza, para que os Juizes melhor pudessem saber o que deviaõ executar, e os mais que temer. Vendo o muito que seu pay tinha dado aos Vassallos que dignamente lhe déraõ, e conservaraõ a Corôa, e o Reino, e que por este principio, a que ja occorrera seu pay tirando-lhe muito, ainda ficavaõ sendo as terras, e bens do Monarcha cousa muito pouca, mandou que nestes bens, e doaçoens Reaes naõ pudessem succeder as filhas: chamou-se *mental* esta Ley promulgada pelo Rey D. Duarte, porque seu pay D. Joaõ a teve sempre na mente, isto he no juizo, e a executou muitas vezes nos fins do seu Reinado; porém como naõ passou nunca da mente á publicaçaõ no seu tempo; deo-lhe por este motivo o nome de mental o filho; esta Ley aconselhou Joaõ de Regras ao invencivel Monarcha D. Joaõ, e elle foy o primeiro que pedio dispensa della, porque para lhe succeder nos muitos bens que tinha da Corôa, só teve huma filha, de que ja dissemos descende neste Reyno huma illustrissima casa; o certo he que o Rey D. Joaõ tinha grave fundamento para unir á Corôa parte do muito, que della se havia separado, para terem que dominar, e dar os Reys deste Reino; (porém o conselho de que tirassem tambem aos Conventos, a experiencia mostrou que era indecorozo, porque sendo o mais rico o de Santa Cruz de

Co-

Coimbra, e avaliando-se o muito, que tinha, para lhe tirar huma boa porçaõ, nessa noite appareceo ao Rey D. Joaõ o Rey Veneravel D. Affonso Henriques, dizendo-lhe que ao Mosteiro de Santa Cruz naõ tirasse cousa alguma, e elle obediente, e só disto tímido, pela manhãa chamou os Ministros, que faziaõ a diligencia, e disse-lhes, que ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra naõ tirasse cousa algũa, porque o Senhor Rey D. Affonso o I. assim o ordenava. Muitos annos depois mostrou a experiencia cazo mayor, que a seu tempo vos contarei. Mandou o nosso Rey D. Duarte lavrar moeda nova de ouro, e prata, escudos, dos quaes cincoenta pezavaõ hum marco, e outros differentes, de huma parte tinhaõ as Armas do Reino, em que elle naõ fez mudança, em attençaõ a que seu pay fizera; e da outra o seu nome com huma Corôa em cima, e a letra: *Rex Portugalliæ*. Já dissemos a sua morte, e o anno della, os de idade, e reinado, jaz no Convento da Batalha, que seu pay edificou para sepultura dos Reys; foy de estatura grande, olhos negros, e alegres, barba ruiva dividida em duas partes, beiços bem formados, e no debaixo huma aberta, que o fazia mais gentil: tinha cuidado em andar bem composto, e sempre sahia a publico com as insignias de Rey, e luzida pompa: no seu retrato se vê com Corôa, e Ceptro, e hum papel na outra maõ: cazou com Dona Leonor, filha do Rey D. Fernando primeiro de Aragaõ, e Sicilia, Princeza taõ rara, que criou seus filhos, naõ só com menos fasto do que uzaõ as Rainhas, mas menos do que uzaõ as mulheres ordinarias de Portugal, e Castella: taes eraõ as suas virtudes, que o Rey seu marido na hora da morte a deixou por tutora de seus filhos, e Governadora do Reyno: disputaraõ-lhe os Vassallos o governo, naõ obstante conhecerem ser a Matrona na mais singular

gular

gular para esse officio; mas por ser Estrangeira (diziaõ) naõ era justo tivesse outro imperio mais que nos filhos, que gerara, e a quem tinha dado a melhor criaçaõ, que se vio dar a filhos de Reys na Europa; e ella em tudo Matrona especialissima, vendo lhe disputavaõ os vassallos o segundo emprego, voluntariamente deixou hum, e outro, ja porque no seu coraçaõ nunca entrou vicio, ja por naõ tolerar genios differentes de subditos, e vassallos orgulhozos, ou interessados. Teve o nosso Rey tres filhos legitimos: O primeiro D. Affonso, que lhe succedeo na Corôa. O segundo D. Fernando, Duque de Viseu, Mestre das Ordens de Christo, e S. Tiago, Condestavel do Reino, casou com Dona Beatriz, filha do Infante D. Joaõ seu tio, delles nasceo Dona Leonor, mulher do Rey D. Joaõ o segundo; Dona Isabel, que casou com o Duque de Bragança D. Fernando segundo: Dona Catharina, que morreo moça; D. Joaõ, que succedeo a seu pay; D. Diogo, que succedeo a seu irmaõ: tiveraõ mais a D. Duarte, D. Diogo, e D. Simaõ, que morreraõ meninos, e a D. Manoel, que depois foy o nosso feliz Rey. Está o dito Infante D. Fernando sepultado no Mosteiro da Conceiçaõ da Cidade de Béja, fundaçaõ de sua mulher, e quatro filhas tambem legitimas. A primeira do nosso Rey foy Dona Filippa; que morreo moça. A segunda, Dona Leonor, que casou com Federico terceiro, Imperador de Alemanha, de quem nasceo o Augusto Maximiliano, avô de Carlos quinto. A terceira filha D. Catharina, que esteve despozada em Navarra, e Inglaterra, e antes de se effeituar algum dos dous casamentos, morreo em Lisboa, e está sepultada no Convento de Santo Eloy da mesma Cidade. Quarta filha Dona Joanna, que nasceo depois de morto seu pay, e casou com o Rey D. Henrique quarto de Castel-

tella, della naſceo huma filha a quem os Caſtelhanos chamaraõ a Excellente Senhora, e com eſſe titulo lhe quizeraõ recompenſar o damno, que lhe fizeraõ em lhe tirarem o Reino. Deſde o tempo do Rey D. Pedro I. até a morte do Rey D. Duarte, governaraõ a Igreja de Deos oito Summos Pontifices, Urbano V. que ſuccedeo a Clemente VI., Gregorio X., Urbano VI., Bonifacio IX., Innocencio VII., e Gregorio X.: Inventou-ſe o Aſtrolabio, e a Artilheria, invento diabolico para deſtruiçaõ do genero humano: reſplandeceraõ em milagres S. Vicente Ferrer, S. Bernardino de Sena, S. Lourenço Juſtiniano, Santo Antonio, e o Santo Varaõ doutiſſimo D. Affonſo Toſtado, Biſpo de Avila, Expoſitor excellentiſſimo: neſtes tempos viveo o Grande Tamorlaõ, que atemorizou o mundo com as ſuas façanhas, e victorias, que algum dia vos contarey. Succedeo aquelle notavel prodigio da Paſtora Joanna de Lorena, a qual veyo á Corte de França no Reinado de Carlos ſettimo, dizendo que vinha para caſtigo dos Inglezes, mandada por Deos, e expulſá-los daquelle Reyno, onde tinhaõ feito o mayor eſtrago, déraõ-lhe exercito, e armas, com as quaes ganhou muitos lugares, matou muitos mil Inglezes, livrou do cerco a Cidade de Orleans, aonde tem eſtatua de bronze; mas çahindo, depois de innumeraveis victorias, e triunfos, nas mãos dos inimigos, a martirizaraõ. Sepultado o Rey D. Duarte, acclamaraõ ſeu filho D. Affonſo quinto, Rey duodecimo deſte Reyno: naſceo em Cintra a quinze de Janeiro de mil e quatrocentos e trinta e dous, e foy o primeiro primogenito dos noſſos Reys Portuguezes, a quem chamaraõ Principe, porque até eſſe tempo lhe chamavaõ Infantes a todos; elle teve cuidado em deſempenhar o titulo, moſtrando em acçoens heroicas merecera nelle ſer o primeiro: de idade

de taõ pouca, quê eraõ ſeis annos quando foy acclamado Rey, começou a moſtrar prendas de juizo, viveza rara, intrepidez, e occupaçaõ continua, de que lhe procedeo o titulo que todos lhe daõ de Lidador; ſe bem os meſmos depois, ſem razaõ lhe chamaraõ o Brabo: ſua mãy em tudo memoravel, o deixou, e a todos os mais filhos, aggravada do Infante D. Pedro, e mais Grandes do Reino; pelo que ja diſſemos, e paſſando a Caſtella, em Toledo acabou a vida, porém foy conduzido o ſeu corpo a Portugal em obſervancia do ſeu teſtamento, e jaz com ſeu marido no Convento da Batalha: foy accelerada a rezoluçaõ da Rainha, porque ſe naõ deixaſſe a tutela dos filhos, aſſim como por força, deixava o governo do Reyno, talvez naõ ſuccedeſſe neſte reinado a acçaõ, que eſcandalizou o mundo; vendo hum ſobrinho Rey matar hum tio, e ſogro, Infante, oraculo de noticias, e ſciencias naquelle ſeculo, a quem devia a criaçaõ, e Corôa, e talvez, que tambem a vida, e o peyor de tudo, ſer por hum modo taõ injuſto, ſem crime, ſem próva, e ſem ouvir a parte, quando elle vinha pedir audiencia, e defender-ſe. O mais contarey depois de cea eſta noite.

FIM

DA TRIGESIMATERCEIRA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.
Anno de 1760.
Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXIV.

DEpois de cearem, se juntaraõ no Forte desejosos de ouvir a morte do Infante, que ainda entre os menos instruidos conserva eterno nome, pelas noticias que deo, e ainda se conservaõ neste Reyno, dos muitos que vio em quasi todo o mundo, chamando-lhe vulgarmente: *Auto do Infante D. Pedro*; nisto conversavaõ com gosto, quando chegou o nosso Academico, e os fez calar, dizendo. Receberaõ todos a eleiçaõ da Rainha para Governadora do Reyno taõ fóra do que costuma a Naçaõ Portugueza, que elegeraõ em seu lugar o Infante D. Pedro para Governador do Reyno, a pezar de outros muitos que pertendiaõ o mesmo emprego: creyo que o amor do sobrinho, e da patria o obrigou a tirar-se com tantos annos de socego de sua casa, e habitaçaõ de Coimbra; porém, com licença das suas veneraveis cinzas, a quem muito respeito, isto só o faz quem nunca estudou pelo livro do mundo, unico volume que abre os olhos a todo o mais rude sujeito; porém o Infante, que o tinha visto quasi todo, e em Coimbra retirado

rado

rado no ſeu Ducado eſtava eſcrevendo o que tinha viſto, deixar eſte ſocego, e bemaventurança do mundo, unico bem que ſe tira de conhecê-lo, e conhecimento, que ſó ſe adquire vendo, vigiando, e padecendo, foi eſpecial tentaçaõ a que naõ reſiſtio hum taõ ſingular eſpirito, tendo tantos deſejoſos de cahir nella, que o menor aceno baſtava para reſiſtî-la; porém ao elefante, féra a mais generoſa, dizem mata a formiga mettida na tromba, e ao noſſo Infante o caſamento da filha, para que ſem mulher naõ poſſa haver deſgraça: tomou poſſe do governo do Reyno, e nada obrou, que naõ foſſe juſto, recto, inteiro, compaſſivo, Pay dos vaſſallos, e em fim, de tal modo, que os invejoſos, ſendo grandes, e muitos, nada puderaõ levantar-lhe falſo, nem criticar-lhe verdadeiro, e por ultimo refugio do ſeu odio, appellaraõ para hum vaticinio, que os envergonhou de todo, dizendo ao Rey menino, que ſeu tio Infante lhe havia uſurpar o Reyno, e lho naõ havia entregar quando elle tiveſſe idade para governá-lo. Que couſas eſtas (irmãos) para hum Rey, que chamaraõ Bravo! Mas que couſas para hum Infante, que eſtudara pelo livro do mundo, que ſe deixou de moſtrar o que aprendeo, acceitando o governo, confeſſou na deixaçaõ delle, que tivera aquelle eſtudo com tal bizarria, e tal capricho, que chegando o ſobrinho Rey (a quem ſempre tratou como Rey, e naõ como ſobrinho) á idade de dezaſeis annos o caſou com ſua filha Dona Iſabel, (ſegundo erro) e lhe entregou o Reyno com tanta fidelidade, e deſintereſſe, limpeza de mãos, (como dizem) que de todos os gaſtos, e recibos do tempo da tutoria lhe deo por eſcrito as contas mais exactas, que puderaõ pedir-ſe a hum theſourei-

reiro, ou almoxarife, e nem ſe pediraõ, nem o ſobrinho em tempo algum lhe havia pedir a elle; e recebidas com generoza, Real, e agradecida repugnancia do ſobrinho, deixou a Corte, e recolheo-ſe a Coimbra com intento de ſer para ſempre, eſperando aſſim moderar o odio de ſeu irmaõ Conde de Barcellos, depois Duque de Bragança, que pertendia o cazamento do Rey para ſua neta, com diligencia taõ extraordinaria, que o Infante D. Pedro devia conhecer eraõ profecias, como depois na morte as obſervou todas verdadeiras: quando deviaõ ceſſar as emulaçoens, e odios, entaõ creſceraõ contra o que ſuccede cada dia, mitigando os rancores a auzencia; naõ houve acçaõ excellente, juſta, virtuoſa, e leal do tutor, que naõ interpretaſſem por má, peſſima, e aleivoſa; em fim até o ſeu retiro diſſeraõ que era odio, e que hia preparar-ſe de gente para uzupar-lhe o Reino, como ſe foſſe couſa crivel para o mais inſenſato, que para conquiſtar hum Reino alheyo, era neceſſario cazar huma filha com o Rey legitimo, entregar-lhe a Monarchia, e depois fazer-lhe guerra: em fim nos poucos annos do Rey teve aſſenſo eſta fabula, que ſó em poucos annos pode achar idéa, e o ſobrinho pedio ao tio as armas, a Cidade, a gente, e a vida, porque eſta ſó conſiſtia no que tinha para defendê-la: depois de recados, e reſpoſtas, aquelles todos inſpirados pelos inimigos, eſtas cheyas de juſtiça, lealdade, e razaõ; veyo a Lisboa o Infante D. Henrique, irmaõ do perſeguido D. Pedro, tio do Rey, e da Rainha, porém igualmente infeliz; porque ſó teve por fructo da jornada de Viſeu até á Corte, fazer com que o Rey mais ſe embraveceſſe; dizem que tambem naõ fora irmaõ no

que disse: o certo he que naõ remediou cousa alguma, sendo ouvido, e o mesmo se conta do Conde de Arraiolos, filho do desgraçado Infante D. Pedro, e com mais deshonra, porque o pay, com toda a sua desgraça, teve meyos, para que o Rey lhe negasse audiencia, e o mandasse sahir da Corte: restava toda a esperança do Infante no Conde de Abranches, assombro da amizade, valor, lealdade, e constancia naquelle, e em todos os seculos, digno de que hoje lhe conservassem nos metaes mais preciosos, sem culto, nem sombra de veneraçaõ, mas só memoria politica, os ossos: este veyo a Lisboa, e com liberdade, amor, lealdade, e intrepidez, fallou ao Rey largamente a favor do seu cordial amigo; porém foy attendido sem o menor fructo. Houve quem estranhou ao nosso insigne, e memoravel Medico, chamado vulgarmente o *Mirandella*, nome da sua patria, o intentar retirar-se para Roma, em idade ja dilatada; e respondeo com galantaria digna de memoria: *Quero ir para huma terra, aonde sey que sempre terey hum Rey velho*; dizia isto certo moralmente, de que naõ permittira Deos haja outro Papa Benedicto IX., que foy Summo Pontifice á força de armas sendo menino; porém explicou-se conforme a grandeza do seu grande juizo, porque todas as desordens, que padeceo este Reyno no principio do governo do Rey D. Affonso V., procederaõ delle ser muito moço, de sorte que o tio, ou naõ havia tomar as redeas do governo, se queria descançar das viagens que fez pelo mundo; ou ja que as tomou, devia criá-lo mais como sobrinho, do que Rey; e bastando-lhe para seguro da Coroa a sua lealdade, havia entregar-lhe a filha, e o governo em idade mais crescida, e entretanto

to dá o mundo muitas voltas; mudaõ-se genios, adquirem-se experiencias, evitaõ-se precipicios. Chegou a termos a desconfiança, que o Duque consultando o seu memoravel amigo, Conde de Abranches, assentou que era necessario vir a Lisboa, responder ao que se lhe imputava: porém como o vir sem armas, que se lhe tinhaõ pedido por medo dellas, era expôr a vida; e vir com ellas, augmentar a suspeita, e provocar guerra; como o addivinhar he prohibido; elle, e o Conde se confessaraõ, e na manhãa da marcha para Lisboa, estando o Sacerdote para lhes dar a Cómunhaõ, á vista de Christo Senhor nosso na Eucharistia, tocando ambos a Hostia Consagrada, juraraõ morrer hum, aonde morresse o outro: e repugnando o Sacerdote dar-lhe a Cõmunhaõ, vendo o toque da Particula, juramento, e ajuste, procedeo hum como Infante, e o outro como elle, ambos commungaraõ, e com bandeiras novas sem insignias, mas só letreiros proprios do seu intento, em huma *Justiça*, em outra *Innocencia*, em outra *Lealdade*, marchou para Lisboa o exercito do Infante Duque, quando ja o sobrinho, e genro Rey D. Affonso marchava a disputar-lhe os titulos das bandeiras com as armas; o tio vinha pacifico a dar satisfaçaõ inteira dos cargos, que falsamente lhe imputavaõ, o sobrinho a pedir-lhe contas do que falsamente lhe diziaõ. Avistaraõ-se os dous exercitos quatro legoas fóra de Lisboa, junto a hum vil ribeiro, que só mereceo iniquamente nome por este cazo, e Alfarrobeira foy o seu antigo, e sem mais acçaõ das muitas, que tio, e sobrinho (dizem) tinhaõ premeditado antes de expôr nas armas a vida, e o credito, sem sinal de investir, nem outros preparos communs para a colera Militar,

co-

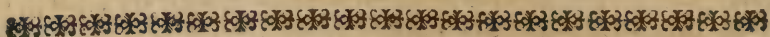
como se fossem estranhos, ou barbaros, de sorte se combateraõ os dous exercitos, que fatigado de vencer, e matar, morreo o Infante Duque, expondo-se de proposito, e caso pensado nos mayores conflictos para a força de justiça os vencer todos; e o Conde de Abranches, depois de sentir diminuidas as forças em tirar vidas, constando-lhe era morto o Infante D. Pedro, veyo á sua Tenda, comeo paõ, bebeo vinho para recuperar os espiritos, e sahio a cumprir o juramento feito em Coimbra, tocando a Hostia Consagrada, de morrer, aonde elle acabasse a vida, e como quem ja hia certamente a perdê-la, fez tal estrago, e matou gente com tal excesso, que esteve em termos de naõ cumprir o juramento, por naõ haver quem o matasse, e eu creyo succederia certamente, se elle fatigado de matar, e sem acordo ja para ir fortalecer-se, ou (como supponho) sem ter com que o fazer, porque ninguem gosta da morte, sem forças para mover ja o montante, se deitou no chaõ; o que visto por Soldados infames do exercito do Rey, sem considerarem o absurdo vil de matarem a hum notavel General, velho, gloria da Naçaõ em tantas victorias, e Mestre necessario para outras, devendo retirá-lo do campo com decencia prizioneiro de guerra, e prezentá-lo ao Rey com resguardo, e politica; pelo contrario com estranha vileza, despindo-lhe as armas, o que elle naõ repugnava, porque ja naõ tinha forças, tiraraõ-lhe a vida com as espadas, e machadinhas, e elle com valor sem igual em todos os seculos, vendo despir-se, e recebendo as cutiladas, só dizia a cada acçaõ destas: *Fartar rapazes.* Com a noticia da sua morte cessou o combate, devendo cessar quando morreo o Infante Duque; porém

rém efte grande, e incomparavel General mereceo ao exercito o refpeito, que fó deviaõ a elle. Alegre o Rey victoriofo com o bom fucceffo de que muitas vezes perdera as efperanças no conflicto, vendo o tio morto no campo, intentou abraça-lo, e chorar compaffivo, arrependido do mal que tinha obrado; porém os confelheiros, que lhe naõ deixavaõ os lados, até as lagrimas, e compaixaõ lhe puderaõ fufpender, de forte que fizeraõ converter em tyrannia a humanidade, e piedade Catholica, virtudes, que o noffo Rey fempre moftrou que tinha por natureza: de forte, que elles, alèm da morte, paffáraõ com a vingança, e o Rey, fem a perceber, por feu confelho paffou alèm do homicidio com o efcandalo, porque tres dias deixou eftar o cadaver de feu tio, fogro, tutor, e todo o feu bem paffado no campo, fem confentir lhe deffem fepultura; porque lhe diziaõ os emulos daquelle Principe, (que para gloria lhe fobeja a paixaõ, que a todos a fua morte eternamente caufa, e concebem contra os que moveraõ o Rey a tirar-lhe a vida) que o coftume dos vencedores era ter no campo os mortos vencidos tres dias fem fepultura: defta acçaõ menos pia, e certamente efcandalofa, fe feguio a mayor injuria, que foi mandarem todos os Principes da Europa Embaixadores ao noffo Rey, pedindo-lhe o cadaver de feu tio Infante Duque de Coimbra, para lhe darem nos feus Reynos honrada fepultura: o que mais admira nefte cafo he a prudencia incrivel da Rainha Dona Ifabel, filha do Infante morto, e mulher do Rey matador: antes da batalha, e defde a primeira hora de cafada, viveo efta Senhora, digna de eterna memoria, no mayor tormento, ja pedindo ao pay tiveffe paciencia,

ja

ja ao marido accreditasse a innocencia, soffrendo a colera de hum, e as queixas de outro, conhecendo a justiça do pay, e a emulaçaõ de todos mais poderosos que ella no coraçaõ do marido. Recolhendo-se elle deste inaudito triunfo, o foi receber sem luto pelo pay, vestida de gala, com toda a pena occulta. A manhãa continuarei o muito que resta.

F I M

DA TRIGESIMAQUARTA PARTE.

L I S B O A:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXV.

REpetem os Academicos a materia das Conferencias a muitos dos Romeiros; porque estas noticias respeitaõ só aos poucos, ou nada instruidos, por isso tardou dous dias a continuaçaõ da historia, que a vinte e nove do corrente ouvio a Academia. Parece que (disse o Soldado) adivinhou o Infante D. Pedro a sua desgraça no tempo em que mais o lisongeava com o governo do Reyno, e tutoria do sobrinho, a fortuna, porque pedindo-lhe licença a Cidade de Lisboa para lhe levantar huma estatua na Praça mais publica, com elogios ás suas heroicas virtudes, que no governo da Monarquia tinhaõ experimentado todos, naõ o permittio dizendo-lhes: *Deixai, que tempo virá, em que vós, e os vossos, quebrando os olhos á mesma imagem, ajudareis a sua queda, e ruina.* Assim ouvistes ja se cumprio na batalha de Alfarrobeira, e ja sabeis que o Rey naõ teve mais culpa que faltar-lhe a idade, e com ella o necessario para conhecer a malicia, a lizonja, inveja, e tyrannia; porém como este he o unico defeito de que cada hum todos os dias se conhece emendado, porque em todos certamente he mais

velho; o nosso admiravel Rey D. Affonso, crescendo nos annos, conheceo os sujeitos que na sua tenra idade abuzaraõ da innocencia della, separou-os da sua companhia, e para os obrigar a que empregassem melhor os cuidados dalli por diante, publicou a conquista de Tangere para vingar a morte do seu veneravel tio D. Fernando martyr: com mais de duzentas embarcaçoens differentes cheias de Grandes do Reyno, e Soldados de valor conhecido, entrou na barra de Tangere o nosso Rey D. Affonso, e passando a Alcacer-Seguer, desembarcou, castigando com a espada a ouzadia com que os Barbaros pertenderaõ impedir-lhe o sahir a terra, assaltou logo furiosamente a Praça, e no segundo assalto conseguio a victoria: o que vendo os Mouros pediraõ as vidas, que o Rey lhes concedeo com demasiada clemencia, para gente vil que nunca uzou della, purificou-se logo a Mesquita, dedicando-se á Conceiçaõ Purissima de Nossa Senhora, e guarnecida a Praça, a entregou o Rey a D. Duarte de Menezes, Varaõ esclarecido, que deixou em Africa nome eterno, sustentando esta Praça em dous horriveis cercos, que lhe pôs o Rey de Fez acompanhado de innumeraveis barbaros, dos quaes na ultima sahida que fizeraõ os nossos, ainda escaparaõ fugindo oitenta mil vivos: Alcacer-Seguer na lingua Arabica, quer dizer Palacio pequeno, fundou-a Mançor Rey, e Pontifice de Marrocos, dista de Hespanha só tres legoas, porto facil para a defeza, e commercio, e Praça rica. Retirou-se o nosso Monarcha satisfeito com esta victoria, e passado o tempo que entaõ se concedia ao descanço, sahio outra vez deste Reino, seguido de seu irmaõ D. Fernando com dez mil homens, e desembarcando em Africa seguro, caminhou para a Cidade de Anfa, ou Afane, o exercito,
po-

porém os Mouros, que havia pouco tinhaõ admirado o noſſo valor em Alcacer, anticiparaõ-lhe agora a victoria, fugindo todos, antes que o noſſo exercito chegaſſe á Praça, e deixando nella muita riqueza: chegou o noſſo Rey, e vendo-a deſpojada, deo o ſaque aos Soldados, e acabado fez demolir os muros, e conſumir com fogo tudo o que eſtava dentro: recolheo-ſe a feſtejar a victoria na Corte, ſem nunca ſe lhe diminuir o deſejo de conquiſtar a Tangere, até que na Primavera ſeguinte ſahio da barra de Lisboa com huma Armada de trezentas embarcações, em que hiaõ trinta mil homens eſcolhidos, deo fundo defronte de Tangere; porém ainda agora naõ foy aſſaltada, porque chamando o Rey a conſelho, rezultou delle, levantarem as ancoras logo, e caminharem para a Cidade de Arzila, ſituada ſette legoas mais para o Poente na meſma Coſta: teve baſtante difficuldade em ſahir a terra, porque o mar, parece queria defender aquella vil canalha, alterando-ſe de ſorte, que as noſſas embarcações tocando humas nas outras, ſe maltrataraõ quaſi todas, e perderaõ algumas, em que morreraõ duzentos homens: eſta deſgraça concorreo para ſahirem a terra com maior furia, cercaraõ logo de mar a mar com foſſos, trincheiras, e maquinas a Praça, que logo aſſaltaraõ com valentia Portugueza, os Mouros temendo a perda das vidas, com ſinaes, e palavras propunhaõ condiçóes para entregarem a Cidade; porém os noſſos eſtavaõ ja taõ colericos, que a nada attenderaõ, ſenaõ a matálos, e os barbaros dezeſperados com o que viaõ, tomaraõ novamente as armas que tinhaõ deixado para conſeguirem miſericordia, e aſſentaraõ todos perder as vidas na defeza: foi o aſſalto, e combate dos mais horriveis, e porfiados que vio o mundo: cuſtou muito

 ſan-

ſangue Portuguez o ſubir aos muros ; e muito mais o eſcalar o Alcacer , e a Meſquita , aonde os Mouros ſe recolherão para acabarem , ou ſe defenderem , em fim arvoradas as noſſas bandeiras , e mortos quaſi todos os defenſores , que erão innumeraveis , pelas noſſas eſpadas , fez o Rey purificar logo a Meſquita , e ſabendo que tinha morrido no combate o Conde de Marialva D. João Coutinho , com tal esforço , que parece acabou , porque era impoſſivel ter vida para obrar mais , mandou o Rey conduzir o ſeu cadaver com as honras Militares á nova Igreja , e nella , á viſta delle , armou Cavalleiro a ſeu filho , que o acabava de merecer , pelo que tinha obrado , e no fim do acto lhe diſſe á viſta de todos ; *Que Deos o fizeſſe tal como o Conde morto , que tinha diante de ſi.* O noſſo Principe D. João , que á força de rogos , e empenhos conſeguio que o Rey o levaſſe comſigo a eſta expedição , fez nella taes proezas , que o pay , e todos os que as virão , paſmarão ; porque o Principe tinha ſó dezaſeis annos , e nelles excedia aos homens valorozos , e mais alentados ; o Conde de Monſanto D. Alvaro de Caſtro , ſubindo com valor Portuguez a muralha ; com a avareza miſeravel perdeo a vida, porque dizendo-lhe hum Mouro , que o não mattaſſe , e prometteſſe deixa-lo livre , que elle lhe deſcobriria hum grande theſouro que tinha eſcondido, ſubio o Conde, e lançou para dentro a cabeça , ſem o reſguardo do eſcudo , e eſpada , e o Mouro , que tinha a ſua prompta , de hum ſó golpe lhe tirou a cabeça , e a vida : o deſpojo foy riquiſſimo , e a melhor couſa delle forão cinco mil Catholicos , que dentro havia cativos,os quaes recuperarão a liberdade com dobrado goſto : apenas ſe tinha conquiſtado a Cidade , appareceo Rey de Fez Muley Xeque, que vinha ſoccorrê-la,

po-

porém vendo-a ja tomada, naõ fez cousa alguma, pedio tregoas ao Rey, e que lhe désse duas mulheres suas, e dous filhos, que tinha naquella Cidade, e agora eraõ cativos do nosso Monarcha, em troco pelo corpo do Infante martyr D. Fernando, e feita a entrega retirouse. Os Mouros de Tangere sabendo o que tinha succedido á Cidade de Arzila, que elles julgavaõ mais difficultoza de expugnar, do que a sua, fugiraõ todos, deixando o que naõ puderaõ levar; o que sabendo o nosso Rey, com summa alegria entrou nella, dando a Deos graças por ver que as armas Portuguezas ja alcançavaõ na Africa victorias, antes de serem vistas, admirando as disposiçoens do Altissimo, que fez se rendesse Tangere sem armas, tendo sido procurada quatro vezes com o melhor das nossas, que sempre para a sua conquista se julgaraõ pequenas. Fez o Rey purificar a Mesquita pelo Prior de S. Vicente de Fóra de Lisboa, que se achava prezente, e era ja nomeado Bispo de Tangere; em dia de Santo Agostinho de mil quatrocentos e settenta e hum foy a purificaçaõ, e entregando a D. Joaõ Marquez de Montemór o governo; veyo para Lisboa, aonde foy recebido com luzido triunfo. Esperavaõ os Militares tempo para o descanso, e para cada hum festejar com alegrias na paz, o que tinha merecido, quando teve principio outra peyor guerra; porque nunca deixou de ser abominavel toda, a que foy contra os que professaõ a mesma Ley Divina. Achava-se o nosso Rey viuvo neste tempo, e solicitado do Arcebispo de Toledo D. Affonso Carrilho, e muitos Senhores de Castella, quasi como no reinado do Rey D. Fernando, ajustou casar-se com D. Joanna, sua sobrinha, filha herdeira do Rey D. Henrique de Castella, e com effeito, justo o desposorio, foy o nosso D. Affonso accla-

clamado Rey de Castella na Cidade de Placencia : os Castelhanos,que naõ queriaõ sobre si o nosso jugo, assim como nós naõ quizemos sobre nós o seu, quando negamos a successaõ neste Reino a Dona Beatriz, filha de Dona Leonor, e do Rey D. Fernando, dizendo que álem da nullidade do matrimonio, era pay de Dona Beatriz o Conde Andeiro, agora em castigo deste testimunho falso com que maculamos a honra de Dona Leonor, houve em Castella quem disse, que Dona Joanna, espoza do nosso Rey, naõ era filha do Rey D. Henrique, e cazando Dona Isabel com o Principe de Aragaõ o acclamaraõ Rey de Castella por sua mulher; o nosso Rey como esposo da herdeira legitima, entrou com vinte mil homens por Castella a tomar posse daquella Coroa, vencendo opposiçoens, de que naõ ha especial memoria verdadeira : chegou á Cidade de Touro, cercou o Castello que defendia o partido de Dona Isabel, acudio o Principe de Aragaõ seu marido, mas naõ obrando cousa alguma se recolheo a Valhadolid com mais temores do que esperanças, e o nosso Monarcha chamado Rey de Castella, acompanhado do Arcebispo, Duque de Arevalo, e outros Grandes daquelle Reino, passou a Zamora, e dahi ás terras do Duque, aonde deo péste no nosso exercito, e morreo grande parte : assaltaraõ a Villa de Baltanas, que logo se entregou; e outra chamada Cantalapiedra, temendo a sua ruina, seguio antes disso melhor fortuna, abrindo as portas depois de varias condiçóes pacificas : veyo o Inverno, e dividio-se o exercito, ficando muitos em Zamora, outros recolhendo-se a Portugal; porém feitas as contas ao que restava de vinte mil homens, com que o Rey entrou em Castella, era pouco, ou nada, porque muitos levou a epidemîa,

mîa, alguns a guerra, e outros buſcaraõ aonde viver em quanto ella durava, aſſentando, que ſó contra os inimigos da fé havia direito indubitavel para empenhar na eſpada a vida: chegou a Primavera, e com o que tinha de Portugal, e dos levantados em Caſtella, formou o noſſo Rey hum exercito dezigual ao paſſado, e ao do inimigo, de ſorte que avizou ao Principe D. Joaõ o ſoccorreſſe; obedeceo promptiſſimo, como quem naõ ſó deſejava moſtrar que era filho amante, mas Soldado excellente, e ſabendo o pay que no caminho em certa ponte eſtavaõ diſpoſtos a matá-lo, ou prendê-lo muitos Caſtelhanos, mandou-lhe avizo, para que ſuſpendeſſe o paſſo, e em quanto eſte naõ chegou, o Principe, ignorando o facto, e ſó vendo a reſiſtencia, combateo a ponte a todo o riſco, recebendo porém o avizo do pay, deixou o caminho, e paſſou â Cidade de Touro, aonde ſeu pay o eſperava, deixando certo á ſua obediencia Zamora, na qual entrou logo D. Fernando, marido de Dona Iſabel, e o noſſo Rey ſentindo menos a perda do que a acçaõ, caminhou a buſcá-lo, e mandou quem o convidaſſe para o dezafio, que elle rejeitou, vendo diante o noſſo exercito; porém o que entaõ lhe miniſtrou a prudencia, lhe fez alterar a Rainha Dona Iſabel com hum grande ſoccorro, animado do qual, offereceo batalha, que o noſſo exercito recuzou, como elle a primeira, mas chegando o noſſo Principe D. Joaõ, cahiraõ todos ſobre D. Fernando em Zamora, e elle retirando-ſe diſſimulado, moſtrou que ſó com induſtrias intentava diminuir-nos o exercito, de ſorte que vendo-nos caminhar para a Cidade de Touro com admiravel ſocego, dizem que envergonhado, e eu digo que aſtuto, nos veyo ſeguindo, e o Principe, notando o perigo, avizou o pay, porque o ex-

er-

ercito marchava ſem ordem, como quem hia para ſua caſa: diſpôs o noſſo Rey a ſua gente em dous corpos, e tomou a vanguarda da parte do rio, em quanto o Principe occupava, e defendia a outra nas faldas do monte contra ſeis eſquadroens que elle fez logo romper, e com muitas mortes fez retirar o pouco, que ſem ordem ficou no campo; o Rey D. Fernando vendo o que o noſſo Principe D. Joaõ tinha obrado, deixou o que reſtava, e nada valia, e fugindo ao perigo, ſe recolheo em Zamora: o meſmo fez o noſſo Rey ao meſmo tempo, porque vendo perdida a noſſa gente por aquelle lado, deſappareceo de ſorte, que o julgaraõ morto, e elle eſtava em Caſtronunho, e os que eſcaparaõ dos ſeus eſquadroens vencidos, huns foraõ recolher-ſe a Touro, outros querendo paſſar a nado o rio Douro morreraõ affogados. A' tarde ouvireis o reſto, que he mais divertido.

FIM
DA TRIGESIMA QUINTA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXVI.

ROmpeo o silencio o Hermitaõ, dizendo que ouvira, e lêra sempre nas memorias de Hespanha, que esta chamava sua a victoria del Toro, em memoria da qual assistira a huma festa; a que respondeo o Soldado com a sinceridade humilde, timbre desta Academia: he certo que os Castelhanos, e Aragonezes contaõ com grave fundamento por sua esta victoria, mas he fazendo duas batalhas, de huma, porque o Rey D. Affonso de Portugal, e o Rey D. Fernando de Castella Principe de Aragaõ cada hum dividio em duas partes o seu exercito, como ja dissemos, o nosso Rey perdeo a sua parte, e retirou-se para Castronunho, o Principe D. Fernando perdeo a sua, e retirou-se para Zamora, quem ficou no campo vencedor da nossa parte, foy o nosso Principe D. Joaõ, e da parte de Castella o General que venceo os esquadroens do nosso Rey: toda a noite esteve o nosso Principe, e os seus com as armas na maõ, esperando o inimigo, porém ao amanhecer, vio que, valendo-se do escuro da noite, se tinha auzentado, agora julgay vós quem foy o vencedor, e quem o vencido, e

achareis que a victoria foy do nosso Principe D. Joaõ; que depois de vencer, matar, e affugentar, esperou no campo o inimigo, que lhe fugio temendo-o: sahio o nosso Rey de Castronunho obrigado ás finezas de Pedro de Mendanha, Alcaide daquella Praça, que com memoravel lealdade o seguia, e juntando com a gente do nosso Principe a pouca, que lhe restava, fizeraõ innumeraveis damnos nos lugares vizinhos, venceraõ em differentes choques a muitos partidos Castelhanos, de sorte que o Rey D. Fernando, e a Rainha Dona Izabel se viraõ em perigo de vida, mais de huma vez: passaraõ daqui á comarca de Salamanca, que toda a ferro, e fogo ficou destruida; porém como isto era destruir a Monarchia, a que chamava sua, e elle só pertendia a Corôa della, conduzio o nosso Rey a Portugal a sua Espoza Dona Joanna, e passou a França a pedir pessoalmente soccorro ao Rey Luiz duodecimo, para de huma vez sobjugar o Reino de Castella, porém vendo que o Rey de França tudo convertia em obsequios, e esperanças, querendo antes perder a Corôa, do que ver-se com ella sem proseguir a empreza começada; mandou ordem a este Reyno, para que acclamassem Rey seu filho D. Joaõ, e elle disfarçado, sem revelar o segredo mais que a hum criado antigo, e valorozo, sem se despedir do Rey de França se pôs a caminho para a terra Santa; porém sabendo-o logo o Francez, e os seus, o seguiraõ com préssa e alcançando-o no caminho, o persuadiraõ a que se recolhesse ao seu Reyno, aonde entrou depois de acclamado o filho, o qual com o mais raro exemplo de obediencia lhe entregou no mesmo instante o governo todo, repugnando o mesmo pay acceitá-lo. Já neste tempo tinhaõ perdido o pejo em Castella todos,
os

os que ſeguiaõ o noſſo Rey, e lhe juraraõ obediencia para o fazerem ſahir do ſeu Reino, e ter o maior trabalho, ſem fructo, e D. Franciſco Coutinho, Conde de Marialva, que era Governador da Cidade de Touro, a perdeo dormindo; hum paſtor notou, que de noite ſe naõ fallava nas muralhas, rezolveo-ſe a ſubîlas, e achou que todos dormiaõ, ſem haver hum unico Soldado de centinella, fez em outras noites o meſmo exame, e achou o meſmo; deo aviſo ao General Caſtelhano, que em huma noite lhe metteo dentro o exercito, ſem o menor ſuſto, nem perigo, e os defenſores, que dormiaõ com deſcanço, continuaraõ a morte com o ſomno: o ultimo que ſuſtentou em Caſtella o nome de Portugal, e a obediencia ao noſſo Rey, foy Pedro de Mendanha, Alcaide de Caſtronunho, que cercado duas vezes com todo o poder de Caſtella, o deſprezava com bizarria, até que com ordem do noſſo Rey entregou a Praça a D. Fernando, precedendo taes condiçoens, que foy affronta acceitar as chaves: inſtavaõ os Fidalgos Caſtelhanos ao noſſo Rey fizeſſe nova entrada em Caſtella, porque ainda naõ eſtavaõ ſatisfeitos com os diſpendios, e mortes, que nos tinhaõ cauſado eſtes diabolicos conſelhos; porém foraõ ouvidos, e entraraõ novamente dous exercitos a deſtruir Lugares de ambos os Reinos ſem mais outros fructos, nem eſperança delles, até que vendo-ſe ambos os Reys ſem gente, e ſem fazenda, ajuſtaraõ as pazes com duas condiçoens. A primeira, que a Senhora Dona Joanna, Eſpoza do noſſo Rey, cazaria com o Principe de Caſtella, quando elle tiveſſe idade, e que o Principe D. Affonſo, filho promogenito do noſſo Principe D. Joaõ, cazaria com a Infante de Caſtella Dona Izabel: a primeira condiçaõ naõ ſe cum-

 prio

prio: a ſegunda ſim, e a Senhora Dona Joanna, vendo que os Caſtelhanos neſte ajuſte confeſſavaõ que ella era a verdadeira Rainha de Caſtella, e que naõ obſtante iſſo, ficava ſem Reino, nem Corôa; porque nem cazava com o noſſo Rey D. Affonſo, com quem ſe deſpozara, nem com o Principe de Caſtella, como ſe promettera; deſenganada de que o mundo he nada, tomou o habito de S. Franciſco no Convento de Santa Clara de Santarem: o noſſo Rey, vendo acabadas as eſperanças de vêr coroada eſta excellente Senhora, deixou-ſe poſſuir de tal melancolia, que pendurando para ſempre a eſpada tantas vezes vencedora, determinou acabar a vida, como ella, tomando o habito de S. Franciſco no Convento de Varatojo, que elle tinha fundado em huma quinta ſua, e certamente executava eſta rezoluçaõ heroica, ſe lhe naõ déſſe a ultima enfermidade em Cintra, aonde na meſma camera em que naſceo, acabou a vida no anno de mil e quatrocentos e oitenta e hum, a vinte de Agoſto, com quarenta e nove annos de idade, e quarenta e tres de reinado: foy ſepultado no Convento da Batalha, acompanhado todo o caminho de ſeu filho, e ſucceſſor, e de todos os Grandes do Reino, em que o ſentimento foy extraordinario: teve huma proporcionada grandeza de corpo, aſpecto ſingularmente Real, condiçaõ docil, e affavel, robuſto de todos os membros, cabellos ruivos, e compridos, no ſeu retrato ſe vê armado com Corôa no elmo, eſpada levantada, manto negro forrado de arminhos: foy Principe quaſi unico em muitas prendas, e na caſtidade conjugal parece (eu o creyo) naõ teve quem o excedeſſe, porque ficou viuvo de vinte e tres annos, e nos dezaſeis mais que viveo, nem os inimigos, ou menos affeiçoados, puderaõ nunca ſuſpei-

pei-

peitar delle vicio, nem final de penfamento: fez voto de ir á conquifta da terra Santa, para o que lhe mandou o Papa Calixto a Bulla da Santa Cruzada, naõ permittiraõ os vaſſallos que foſſe peſſoalmente; porém ſahio de Lisboa para eſta expediçaõ a mais luzida Armada para ſe juntar com a da liga; naõ paſſou dos pórtos de Italia, dos quaes tornou a vir ſem obrar couſa alguma para Lisboa, naõ por culpa da Naçaõ Portugueza, mas porque a froxidaõ do Papa Pio II. junta com os ſeus muitos annos, e Conſelheiros desfez tudo, o que ſe tinha preparado para eſta empreza, e ſe vamos a dizer a verdade, como melhor vos contará o noſſo irmaõ Theologo a ſeu tempo, a cauſa que mais claramente podemos conhecer de ſe fruſtrarem tantas armadas, que ſe prepararaõ para aquella ſanta conquiſta, foy, he, e ſerá, porque nas mãos, e poder dos barbaros, reſpeitaõ melhor os Catholicos aquelles Lugares Sagrados, do que quando eſtavaõ patentes, e ſem difficuldades para ſerem viſtos no governo dos Imperadores, e depois da primeira conquiſta, no dos Reys Catholicos: fez o noſſo Rey para eſta funçaõ dinheiro novo, o primeiro eraõ cruzados em obſequio da Bulla, e antes tinha lavrado varias moédas, ſendo a principal as dobras de ouro, a que chamavaõ de Banda, e valiaõ duzentos e trinta maravediz, outras de cento e oitenta e cinco, outras cruzados de cento e cincocnta até duzentos, algumas mais de cobre, que chamaraõ ceitis, que alguns dizem tiveraõ a ſua primeira impreſſaõ, em Ceuta: chamou-lhe impreſſaõ, porq̃ neſſe tempo a moéda de cobre, ou por falta de induſtria, ou de aſſeio, ſegundo hoje ſe vê em algumas deſſe tempo, e conſta dos inſtrumentos antigos, com q̃ ſe fazia, hoje ainda conſervados em Oviedo, e outras terras de Heſpanha, aonde
os

os vi, e examiney; era huma como Imprenta fortissima em que se mettia, como nas outras o papel, huma folha de metal, que para ser brando lhe misturavaõ outro, como ainda hoje na India, e apertando a folha; de huma vez ficavaõ feitas muitas moedas, quasi sempre imperfeitas todas, e desiguaes; como examiney tendo muitas deste Rey, que de Africa trouxe a Sevilha D. Aleixo Coutinho, que as achou no alicerse de huma Ermida, fundaçaõ do nosso Rey D. Affonso em Ceuta, e as deo a hum Fidalgo curiosissimo, que hoje as mostra. Instituio o Rey D. Affonso a Ordem Militar da Espada, o habito era huma medalha com huma torre, e huma espada com a terça parte mettida no capital da torre; fundou esta ordem para dezabafar o desejo que tinha de conquistar o Reyno de Fez, aonde está huma torre com a espada mettida nos muros mais altos da mesma sorte, e conservaõ os Mouros a tradiçaõ de que hum Rey Catholico ha de tirar daquella torre a dita espada: tomou o Rey por Patraõ desta nova Ordem a S. Tiago, e determinou que os Cavalleiros fossem só vinte e sette, em memoria dos annos que tinha quando deo principio ás conquistas de Africa, que praza a Deos se continuassem, e naõ as da India, que foraõ a causa de se perderem estas que custaraõ tanto sangue, ficavaõ perto, e em melhor clima, faziaõ menos gasto, e hoje dariaõ sem comparaçaõ mayor lucro: foy este o primeiro Monarcha, que em toda a parte deo audiencia, deixando-se ver, e tratar dos vassallos a toda a hora, sahindo pelas Praças, e fallando a toda a casta de pessoas: foy muito douto em varias sciencias, e o q̃ mais favoreceo os que se applicaõ a ellas: foy o primeiro que mandou escrever em Latim a historia Portugueza, e para ser mais elegante, ou (o que

he

ne verdade) porque tudo o que he eſtranho, parece melhor, mandou vir de Italia para hum Biſpado deſte Reyno a hum notavel Latino chamado D. Juſto, ao meſmo tempo em que o Reyno ja tinha Latinos inſignes, como conſta de memorias do ſeu Reinado, e a antes delle ha outras melhores em ſeculos, que as outras naçoens, e a meſma Italiana naõ eſtava mais adiantada naquelle idioma, que lhe naſceo em caza com a mayor pureza; porém achacado de bexigas toda a vida (tempo virá, em que digamos a cauſa) entregaraõ-ſe ao Biſpo D. Juſto os originaes de Fernando Lopes, que ja era fallecido; porém tinha eſcrito as noſſas memorias até eſte reinado, e a morte naõ ſó impedio a obra, tirando ao Biſpo a vida, mas foy cauza de que ſe perdeſſe a Chronica de Lopes, ſem mais apparecer della huma letra: foy o primeiro que fez livraria no Paço, e com tal pureza fallava a lingua Portugueza, que naõ houve no ſeu tempo homem douto que o igualaſſe, fructo de ſaber peregrinamente as linguas, Latina, e Franceza; eu vi duas cartas ſuas, huma em França, outra em Barcelona, eſcrita ao Rey de Caſtella, quando ſe ajuſtou a paz ultima, a primeira eſtá na célebre Livraria, que foy do Cardeal Ricilieu, e a ſegunda em outra pequena, mas cheya de antigualhas, e curioſidades de D. Lopo de Caſtro Gijon: ambas eſtaõ eſcritas com hum Portuguez taõ limado, claro, e puro, que ſe as viſſeis, por força havieis confeſſar que naõ fomos nós os primeiros, mas ſim os que apenas imitamos os antigos doutos: he certo que poucos neſſe tempo cuidavaõ niſſo, e contentavaõ-ſe com ſe entenderem huns aos outros, coſtume que ainda hoje naõ ſó fóra da Corte, mas ainda em alguns bairros della, e na plebe exiſte, porém o

Rey

Rey D. Affonſo foy taõ eloquente; que chegaraõ a ſuſpeitar naõ dizia couſa, que naõ eſcreveſſe, e eſtudaſſe, até que a experiencia os deſenganou, que era prenda herdada de ſeu pay, a quem muitos annos antes os Portuguezes, e Eſtrangeiros chamaraõ o eloquente, titulo que naõ déraõ ao filho, ja por ſer do pay, ja porque lhe naõ eſqueceſſe entre infinitos, que adquiriraõ o ſeu valor, genio, liberalidade, e zelo, todos maiores que eſſe poucas vezes eſtimados em todos os ſeculos, como vimos na peſſima fortuna dos maiores Romanos, que tiveraõ eſſa prenda. Teve o noſſo Rey D. Affonſo tres filhos legitimos, e certamente naõ teve, nem procurou ter outros. O primeiro foy D. Joaõ, que morreo menino. O ſegundo Santa Joanna, de quem hoje reza o noſſo Reino, Princeza formoſiſſima, por força a ajuſtaraõ para cazar em França, e o Delfim vendo o ſeu retrato o adorou de joelhos; porém elle, e todos os mais, que a pertenderaõ para eſpoza, morreraõ, e ella com o habito de S. Domingos, paſſou do mundo para o Ceo no Convento de Religioſas da meſma Ordem na Villa de Aveiro, aonde reſplandece em milagres o ſeu ſepulcho. Falta muito de goſto que naõ dilatarey muito ao voſſo deſejo.

F I M

DA TRIGESIMASEXTA PARTE.

L I S B O A:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXVII.

NO dia trinta de Settembro continuou a materia da Conferencia passada o Soldado: Foi terceiro filho do Rey D. Affonso V. o Senhor D. Joaõ o II. que ja dissemos reinara antes do pay morrer: foy liberalissimo em fazer mercês, de sorte que nenhum Rey seu antecessor deo tantos titulos novos, como elle, ainda se conservaõ alguns desse tempo na mesma descendencia dos primeiros, a quem os deo, como he o Marquezado de Villa-viçoza na Serenissima Casa de Bragança, o Viscondado de Villa-nova de Cerceira, e Alcaidaria Mór de Ponte de Lima, sendo o primeiro D. Leonel de Lima, outros mais, e entre elles o Condado de Arganil nos Bispos de Coimbra: no seu tempo houve muitos descobrimentos, Nuno Tristaõ, e Antonio Gonsalves chegaraõ a Cabo-branco, que está em vinte gráos, e trouxeraõ a Portugal Mouros negros, cousa nunca vista em Hespanha; foy segunda vez Nuno Tristaõ, e descobrio varias Ilhas, a Garça, Arguim, Lançarote, e Gilianes, outros dizem que estas descobrio o seu companheiro Antaõ, ou Antonio (que he o mesmo) em quanto Nuno conduzia mais escravos de Cabo-branco: o certo he

que deftas novas Ilhas vieraõ duzentos; continuaraõ os defcobrimentos, hum, e outro, e chegaraõ á Ilha de Tider: Alvaro Fernandes defcobrio o Cabo de Martos, e paffando cem legoas adiante, matou o Senhor daquella terra; Gonçalo de Cintra fahio de Angra, e perdeo feis homens, primeira perda neftes defcobrimentos. Diniz Fernandes chegou ao rio Sanagâ, fituado em dezafeis gráos ao Nórte, que divide os Mouros dos Jalofos, e paffando adiante, defcobrio as Ilhas de Cabo-verde; Luiz Cadamufto Genovez defcobrio a Ilha Terceira, paffaraõ ao Cabo de Râ, e defcobriraõ outras Ilhas, que por todas faõ onze, Boa-vifta, S. Tiago, S. Filippe, S. Chriftovaõ, Brava, S. Nicoláo; S. Vicente, Rofabranca, Santa Luzia, Santo Antonio, e outra de S. Tiago, como a fegunda. Certos Portuguezes, que navegaraõ ao mefmo tempo pelo Eftreito de Gibraltar, correndo para Loefte com tempeftade, fôraõ parar em huma Ilha, em que havia fette Cidades povoadas de gente Portugueza, a qual vendo-os com fumma alegria, lhes perguntaraõ noticias de Hefpanha, donde feus avôs tinhaõ fugido quando fe perdeo o Rey D. Rodrigo, e entraraõ os Mouros. Defcobriraõ-fe no mefmo tempo as Ilhas de S. Thomé debaixo da linha Equinocial, a Ilha do Principe, o Reino de Beni, e tudo o mais até a Serra Leoa. Joaõ de Santarem, e Joaõ de Efcobar, defcobriraõ o Reino da Mina, e Fernando Pó outra Ilha, a quem pôs o feu nome: defcobriraõ-fe as nove Ilhas dos Açores, affim chamadas, por terem em fi muitas deftas Aves, em huma dellas, que fe chama do Corvo, cavando-fe no alto de hum monte, acharaõ huma eftatua de hum homem nú, cabeça defcoberta, a maõ efquerda nas crines do cavallo, e com a direita apontando para o Poente, e plantada a eftatua fobre huma

pe-

pedra que nunca foy diſtincta, porque a baze, o cavallo, e cavalleiro, tudo era feito de huma ſó pedra, e logo mais abaixo em huma rocha eſtavaõ humas letras, que nunca ſe puderaõ conhecer: O mais ouvireis quando ſe contar o deſcobrimento de cada Ilha, e o mais ſuccedido nellas, que he muito divertido, e tragico. Governaraõ a Igreja de Deos neſſes tempos, Eugenio IV., Nicoláo V., Calixto III., Pio, e Paulo ſegundos, Sixto IV.: teve principio o nomearem os Reys Biſpos para as Diecezes dos ſeus Reinos, foy eſta nomeaçaõ primeiro do pôvo, depois ſó dos Cabbidos, agora paſſou aos Reys. Juntou-ſe ao Reino de Aragaõ o de Napoles, floreceraõ S. Franciſco de Paula, e S. Diogo; em letras, Platina, Calepino, Virgilio, e outros muitos: inventou-ſe na Europa a arte de imprimir, que na Aſia era mais que velha neſſe tempo, e por melhor modo: perdeo-ſe a Cidade de Conſtantinopla, e acabou o Imperio do Oriente; unio-ſe o Reino de Aragaõ ao de Caſtella. Naõ foy neceſſario por morte de D. Affonſo acclamar Rey ſeu filho, porque ja em ſua vida tinha ſido acclamado: em Lisboa a quatro de Mayo de mil quatrocentos e cincoenta e cinco, naſceo o noſſo Rey D. Joaõ II., Rey decimoterceiro, hum dos mais excellentes Principes, que teve o mundo, chamado em todo elle o Principe perfeito: ja diſſemos que acompanhou a ſeu pay na tomada de Arzila, aonde na idade de dezaſeis annos adquirio eterna fama, e ſeu pay o armou Cavalleiro na Meſquita, ja neſſe tempo Igreja: ja contamos como entrou por Caſtella a ſoccorrer ſeu pay, e como na batalha de Touro ficou no campo vencedor, de ſorte que dizia a Rainha de Caſtella, que ſe naõ foſſe o frangaõ, lá lhe ficava o gallo; iſto he, ſenaõ foſſe o noſſo Principe ſoccorrer ſeu pay, ficar-lhe-hia prizioneiro, aſſim como ſó ficou vencido, mas

 ſe-

feguro com o exercito vencedor do filho : nesta batalha cativou prizioneiro de guerra ao grande Heroe D. Henrique Henriquez, Conde de Alva de Liste; e era tal a modestia, politica, e generozidade do nosso Rey D. Joaõ em taõ poucos annos, que depois de dar as ordens necessarias para cautéla, depois da victoria, conduzio o Conde prizioneiro, velho veneravel, á sua tenda, e nella lhe pedio perdaõ de lhe ter tocado nas costas com a lança, quando andaraõ no ardor da peleja : pasmou o velho, ouvindo da boca de hum Princip: cousa taõ nova, e depois de lhe agradecer este honra nunca vista: *Naõ o sintais, Senhor* (disse o Conde) *pois nisso naõ perco a honra que ganhei em tres batalhas campaes com settenta annos de idade, nem taõ pouco vós a gloria do que hoje obrastes, ja mais ouvida de nenhum outro Principe.* Taõ grande era o nosso D. Joaõ II., que pode tirar este elogio da boca de hum seu contrario Castelhano, Conde, General, velho, alentado, e verdadeiro. Estava seu pay em Castella, quando os Castelhanos ganharaõ a Villa de Alegrete, e estava ja em França, quando elle cercou os Castelhanos na mesma Villa, tendo dezasette annos de idade; porém com tal valor, e industria Militar, que os cercados pediraõ as vidas, e o que pudessem levar ás costas, e deixaraõ a Praça; o mesmo fizeraõ logo os de Pedra-boa, Ferreira, Noudar, e outros Lugares, mandando-lhe as chaves ao caminho por seus Procuradores : O Commendador maior de Leaõ D. Affonso de Cardenas, que depois foy Mestre de S. Tiago, e era Fronteiro entre o Téjo, e Guadiana, entrou com tres mil lanças, e treze mil Infantes até ás portas de Evora : teve disto noticia o nosso Principe D. Joaõ, achava-se sem gente, nem meyo algum prompto para impedir-lhe o passo, e menos vencê-lo; porém intrepido, lhe mandou dizer a toda

toda a pressa por hum criado : *Que sabia qual era o seu intento , e para escuzar-lhe o trabalho , lhe rogava quizesse esperá-lo naquelle mesmo sitio , porque sem falta se veria com elle na manhãa seguinte.* D. Affonso julgou que o Principe naõ faltaria em vir, como lhe mandou dizer , e foy tal o medo , que fugio sem ordem alguma , de sorte que tendo noticia deste dezatino D. Diogo de Castro , e Ruy Casco , lhes sahiraõ ao encontro no porto de Mouraõ , e com cento , e cincoenta lanças mataraõ muitos , cativaraõ mais de cem , e fizeraõ que o resto de todo voasse desmantelado. Ja contamos a heroica façanha de entregar o Reino ao pay , depois delle lho renunciar , e o ter acclamado o pôvo , naõ sendo possivel conseguir delle o pay , que ao menos ficasse com parte do Governo : morto elle , o tomou todo segunda vez , tendo de idade vinte e seis annos , com tal prudencia , justiça , e intrepidez , que intentou logo , e conseguio com trabalho a refórma do Reino , que as necessidades , descuidos , e demasiados favores dos Reys passados tinhaõ reduzido a hum tal estado , que o Rey (dizia elle) só herdava o titulo , e os caminhos , porque o mais tudo era dos Grandes do Reino : publicou logo a notavel Ley , de que nenhum Senhor de terras tivesse jurisdiçaõ criminal ; e como isto era a favor do pôvo , que , com a justiça de baraço, e cutelo dos Donararios , vivia summamente opprimido , e afflicto , abraçou a Ley com summo gosto , de sorte que os Grandes naõ se oppuzeraõ á sua execuçaõ , porque se acharaõ todos sem gente para o fazer , o Rey conseguio o intento , ficou amado do pôvo , mas exposto a outros odios , que lhe déraõ cuidados : como o seu intento era estabelecer no Reino a perfeita harmonia, com que desde o seu tempo se governa atégora, conhecendo huma só cabeça

beça a Monarchia toda, e delle, como o corpo humano, tendo todas as dependencias, recebendo as mercês, e determinaçoens; mandou que os seus Corregedores entrassem, e fizessem o seu officio nas terras dos Donatarios; fez que os Grandes conhecessem, que eraõ vassallos, e que só havia hum Rey para governar a todos: houve quem neste tempo lhe disse que o Duque de Bragança D. Fernando segundo, Senhor o mais poderozo neste Reino, e o mais sentido das Leys do Rey novo, ou para vingar-se das regalias perdidas, ou para eximir-se das Leys novas, tinha em Castella damnozas conrespondencias: e como estas noticias, ainda quando saõ falsas, obrigaõ justamente a que os Reys as supponhaõ verdadeiras, o nosso prudentissimo Monarcha, como Principe perfeito, primeiro o admoestou caritativo, mas crescendo contra elle os avizos, e o odio, determinou prendê-lo, e sentenciá-lo e para evitar resistencia, e tumulto, esperou que elle chegasse a Evora, acompanhando a Princeza Dona Izabel, espoza de seu filho, e depois de o convidar para assistir-lhe ao despacho, e acabado elle, lhe dizer que era necessario constasse a sua innocencia ao povo, o deixou da sua maõ prezo em hum quarto do Paço, aonde elle mostrou a innocencia, sem nunca defender-se, porque levando-lhe para isso os cargos, respondeo com as palavras da Igreja: *Naõ entreis Senhor em juizo com o vosso servo*; e instando-se-lhe depois, que désse outra resposta para a sua defeza, respondeo que estava com o seu Confessor cuidando na sua alma: a outro que lhe dizia tivesse boa esperança, disse que hum homem taõ grande naõ se prendia para soltar-se: em fim buscou-se a Secretaria do Duque, e como os seus accuzadores principaes eraõ os seus criados, e o seu mesmo Secretario, certo estava que entre os pa-

papeis; do Duque se haviaõ achar muitos introduzidos por elles, e fallos, com que se provassem os seus testimunhos; e esta foy a causa, porque o Duque desde o primeiro instante da prizaõ nunca fez cazo da vida, porque logo conheceo que os inimigos, e accuzadores eraõ de caza, e como a sua desde o seu principio se servio com Fidalgos, e Cavalheiros illustres, Militares, seus, e tantos, que nesta funçaõ da Princeza o seguiaõ tres mil; assentou que gente desta qualidade havia merecer todo o credito fallando, e naõ havia fallar sem primeiro fundamentar solidamente o seu danado intento: em fim o Rey nomeou muitos Juizes, processaraõ-se os chamados crimes, déraõ-lhe sentença de morte; o Rey assistio aos votos em huma sala, que se preparou para isso, e ouvindo o primeiro, chorou logo, e nisso esteve até ouvir o ultimo: o Duque recebeo a noticia com a mayor constancia de animo, que só a innocencia pode ministrar ao vil barro: levantou-se na Praça de Evora o cadafalso, e quando pela manhãa o conduziraõ a elle, ainda naõ estava acabado, deraõ-lhe huma cadeira para sentar-se, e elle, vendo o theatro, disse que estava bem á Franceza, porque em França, aonde esteve, tinha visto outro similhante, encostou-se na cadeira, e dormio, chamaraõ-no para subir, e morrer; e tanto que chegou ao alto, olhando para a Cavallaria, que estava no terreiro, notou que hum Militar seu criado, e Coronel, ou Capitaõ nesse tempo, tinha no elmo muitas, e novas plumas, e disse aos que o conduziraõ: *Muy bizarro está fulano*, ja he força de amor, e sentimento em hum criado assistir á morte violenta de seu amo, podendo evitar isso, mas que fosse cortando hum braço, e o mais he sahir com plumas novas, e arnez luzido para assistir ao acto: mas porque o Duque tinha criados desta casta, lhe tiraraõ

a cabeça, e a vida. Contar-vos-hey huma couza maravilhoza, próva de innocencia do Duque, no sentir de muitas pessoas doutissimas, a mais rara: elle; todos os seus ascendentes, (excepto o Infante) e os seus successores estaõ sepultados na Capella mór do Convento de Santo Agostinho de Villa-viçoza, em Mauzoleos de pedra, de notavel archictetura, começou esta obra o Rey D. Joaõ o IV., e acabou-a seu filho D. Pedro II., trasladando os ossos do antigo deposito para este Convento, e he certo, porque eu especuley depois de outros de melhor juizo, que nem ao fazer dos Mauzoleos, nem antes, se escolheraõ pedras especiaes para o do Duque degolado, mas sim feitos os seis na Capella mór, lhe fôraõ pondo as portas de pedra pela ordem da successaõ, e antiguidade no Ducado, de sorte que por acaso, e por isso mysterio, coube ao Duque degolado hum Mauzoleo, no qual a natureza esculpio hum cordeiro com as mãos atadas na pedra de Montes Claros azul, e branca, mais perfeito, do que se o fizesse o pincel do artifice mais primorozo, e quanto mais se retira do Mauzoleo quem o observa, melhor parece, e mais natural: couza he esta que ainda naõ achei em Author algum, e taõ certa, que eu a vi, e se vê na dita Igreja a toda a hora, e naõ julgar della mysterio parece rudeza, ou tenacidade de juizo. Basta, vinde á manhãa sedo.

FIM

DA TRIGESIMASETTIMA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXVIII.

NOtavel desengano (disse o Soldado no dia primeiro de Outubro) vos offereci para desprezar o mundo, e amar este retiro, na desgraça do Duque D. Fernando: a quem naõ livrou a innocencia, grandeza, parentesco, e valentia, de aleivozos, e traidores de caza, agora contarvos-hey couza maior, porque naõ he innocencia juridicamente castigada, com próva, que sempre ficou em dûvida, pelo que ja disse, mas sim conjuraçaõ horroroza, e sem dûvida alguma justissimamente castigada. D. Diogo, Duque de Viseu, irmaõ da Rainha, e primo do Rey, assentou comsigo matá-lo, e communicou o pensamento a D. Garcia de Menezes, Bispo de Evora, (era entaõ só Bispado) D. Fernando seu irmaõ, D. Pedro de Albuquerque, o Conde de Penamacor seu irmaõ, D. Gutterez Coutinho, D. Alvaro de Attaide, D. Pedro seu filho, e D. Fernando da Sylveira, todos estes approvaraõ o intento, e se offereceraõ para ajudá-lo, porque daquella morte seguia-se o ser Rey o tal Duque de Viseu; porque o Rey naõ tinha successaõ, por causa da desgraçada morte do Principe filho unico, e ficavaõ os traidores livres de Leys novas, e

jurar homenagens. O primeiro, que avisou disto o Rey, foy Diogo Tinouco, porque hum dos conjurados andava amancebado com huma irmãa sua, e lho tinha revelado na cama, e ella ao irmaõ por especial providenaia: o Rey prudentissimo naõ lhe deo inteiro credito, mas sempre depois do avizo viveo acautelado: hum dia com todos estes fez jornada acompanhado da sua guarda commûa de Cavallaria; porém desejando partir mais sedo para chegar a Lisboa, ao mesmo tempo, que os Soldados, e cavallos estavaõ comendo, adiantou-se elle só com os conjurados, e elles, que tinhaõ buscado innumeraveis occasioens para o matar, sem o poderem fazer, ja davaõ parabens á sua fortuna de o colherem nesta occasiaõ só; todos estavaõ no mesmo pensamento, como depois huns, e outros o confessaraõ, quando o Rey, a quem Deos como a seu lugartenente, defendia, se lembrou do avizo do Tinouco, e virando de repente o cavallo, sem levantar a voz mais do natural, nem mudar o semblante, disse: *Paray*, isto bastou para os atemorizar, de sorte, que cada hum julgou lhe revelara Deos os seus pensamentos, e que ja os mandava degolar a todos: pararaõ, o Rey só continuou o caminho a passo mais lento, sentio pelo tropel, que vinha chegando a guarda, e por hum della mandou dizer aos conjurados que o seguissem agora. Na Livraria de Luiz de Couto Felix vi este cazo escrito em hum livro de varios pergaminhos, e papeis antiquissimos notados por este Varaõ notavel em tudo, e dizia huma cota á margem, isto foy na verdade o que muitos contaõ de outra sorte. Sobejava esta rara advertencia para os conjurados mudarem de parecer; porém como era acçaõ de clemencia, servio de os abstinar, julgando que antes agora necessitavaõ tirar-lhe mais de pressa a vida, por-

que.

que ja o Rey tinha alguma ſuſpeita ; e tinha cada hum delles em perigo a ſua vida : cuidaraõ na execuçaõ da ſua idéa;porém faltando-lhes ſempre occaſiaõ opportuna , fôraõ entretanto convidando outros , e D. Gutterrez foy o primeiro que convidou para iſſo a ſeu irmaõ D. Vaſco Coutinho , parecendo-lhe que poderia achar mais depreſſa occaziaõ para matá-lo ; porém D. Vaſco , vaſſallo leal , e recto , foy logo dizer ao Rey o que o irmaõ lhe tinha contado , agradeceo-lhe eſte avizo , chamou com diſſimulaçaõ o Duque ao Paço , e paſſeando com elle lhe diſſe com muito ſoccego : *Primo , que farieis vós a quem vos quizeſſe matar ? Eu* (diſſe o Duque) *mata-lo hia antes que me mataſſe a mim. Pois vós* (diſſe o Rey) *vos ſentenceaſtes* , e cravando-lhe no corpo hum punhal muitas vezes , o deixou morto : prenderaõ-ſe logo todos os mais , e perante o Rey confeſſaraõ juridicamente ſer verdadeira a conjuraçaõ : o Biſpo acabou miſeravelmente a vida em huma ciſterna , D. Fernando , D. Pedro de Attaide , e Pedro de Albuquerque fôraõ degolados , D. Gutterez, por interceſſaõ de D. Vaſco ſeu irmaõ, morreo prezo , Fernando da Sylveira fugio para França , porém lá por ordem do noſſo Rey houve quem lhe tirou a vida : o Conde de Penamacor , que tambem fugio , morreo deſterrado , pobre , miſeravel , e infame , aonde foy conhecido. Alvaro de Attaide foy o mais bem affortunado , porque o Rey D.Manoel , irmaõ do Duque de Viſeu conjurado , e morto , lhe deo licença para vir a Portugal no ſeu reinado ; a Diogo Tinouco deo o Rey huma notavel tença , com que viveo riquiſſimo naquelle ſeculo , a D. Vaſco fez Conde de Borba : de ſorte que o Duque de Viſeu , que certamente havia ſer Rey , como o foy ſeu irmaõ D. Manoel , que lhe ſuccedeo no Ducado , perdeo a Corôa por querer

ser Rey mais sedo, do que Deos tinha determinado; e o Tinouco, a quem sustentavaõ os peccados de sua irmãa, livrou-se desta infamia, teve com que a cazar rica, e viver com abundancia, por ser leal, e D. Vasco pela mesma virtude foy Conde, e estimado de todo o Reino sempre. Era o Rey D. Joaõ por si capaz de fazer ditozos todos os Reinos do mundo, e só o seu Reino o naõ queria ser, tendo esse thezouro, nem elle o podia ser neste Reino. Cazou seu filho unico D. Affonso com a Infante Dona Izabel, como se tinha ajustado nos tratados ultimos da paz com seu pay, celebraraõ-se as bodas com taes festas, que se houvermos de acreditar os authores que as escreveraõ, ou foraõ as maiores que se viraõ, e haõ de ver no mundo, ou tudo o que dizem he fingimento: o que he certo, e sem duvida de tudo isso, que o Principe, tendo poucos mezes de noivo, sahio com alguns Fidalgos a passear nas margens do Téjo, e para mayor divertimento, convidou para huma carreira com as mãos dadas a hum Fidalgo, no melhor della cahio o cavallo do Principe, ficando este debaixo delle, e de sorte, que em poucos minutos espirou, deitado sobre palha na cabana de hum pobre pescador: raro desengano para todos, e para os Grandes do mundo hum dos maiores, que póde haver. Fóra do Reino era o nosso Rey mais affortunado, porque neste tempo descobriraõ os seus vassallos o Reino de Congo, que está em sette gráos da Linha para o Sul, e foy tal o fervor com que abraçou a Fé toda aquella Provincia, que se podia chamar Imperio dos maiores que se tem conhecido, se fosse todo culto, e povoado: que os Reys queimaraõ publicamente os idolos, e hum delles, de Rey, passou a prégador do Evangelho, chamava-se D. Affonso, e o pay Gentio por morte o deixou desherdado

por

por ser Catholico, e Missionario, acudiraõ-lhe vinte Portuguezes, para cobrar o Reino que seu irmaõ possuia em virtude do testamento barbaro do pay, encontraraõ-se os dous exercitos, o do preto Rey D. Affonso só com vinte homens Portuguezes, e o irmaõ com vinte mil pretos armados, naõ só de armas perigozas; mas envenenadas; e os nossos, vendo a multidaõ, escolheraõ diverso caminho para hum Castello, o qual ganharaõ com tal pressa, que quando chegou o exercito inimigo ja estavaõ dentro: pôs-lhe cerco o injusto Rey novo, mas os Portuguezes, vendo-se apertados, sahiraõ fóra todos, e sendo só vinte, venceraõ os vinte mil cercadores; e se houver quem diga que venceraõ vinte mil, porque eraõ negros, sem mais armas que flexas, e zagaias, quasi nús, e sem fórma, respondei-lhe: que estude pelo livro do mundo, que se prejudique em ir só a Moçambique, e Sena, e saberá o que he valor, e forças de hum preto colerico, e que as armas saõ as que lhe ensinou a fabricar o demonio: e se naõ ouvi o que succedeo neste conflicto. Cativo o cercador, e conduzido ao Castello, reconhecido D. Affonso por Monarcha verdadeiro, assim do irmaõ, como de todo o pôvo, perguntou o irmaõ cativo ao Rey vencedor, quaes eraõ os Soldados que o tinhaõ vencido, e elle monstrando-lhe os vinte Portuguezes, cuidou que lhe mostrava todos: Naõ (disse o Infante preto, e Rey deposto) contra o meu exercito veio outro muito maior com armas, e adornos resplandecentes, e por General hum que excedia a todos, e trazia huma Cruz branca; estes fôraõ os que me venceraõ, e naõ esses vinte, atonito do que vira, e vio converteo-se: o nosso Rey edificou naquellas terras muitos Templos, e a Cidade, e Castello de Mina com tal magnificencia, e grandeza, que para memoria da nova obra, e conquista pôs nos

seus

ſeus titulos o de *Senhor de Guiné*; aſſim como ſeu pay depois da conquiſta de Arzila, pôs: *D'aquem, e dálem mar em Africa*: antigualha que ainda hoje exiſte, porque ſaõ poucas palavras, mas naõ ſe conſerva a eſtatua de prata, que o meſmo Rey D. Affonſo, author dellas, pôs em hum Templo de N. Senhora na Cidade de Evora, montado a cavallo, obra que neſte Reino cauzou paſmo, ja pelo primor, ja pelo cuſto, voto do Rey pelo bom ſucceſſo daquella conquiſta com que accreſcentou o titulo. Huma couza he ſer Rey ſabio, juſto, e perfeito, outra he ſer bem affortunado: parece impoſſivel que algum o ſeja em tudo, quando Salomaõ, ſendo o mais feliz, teve a maior deſgraça, que foy idolatrar: venturozo eſtava o Rey, e o Reyno, quando de Caſtella expulſaraõ os Judeos, e o noſſo Monarcha, coſtumado a regozijar-ſe com a noticia das converſoens de Gentios nas ſuas conquiſtas, julgou que teria o meſmo goſto agora, e pedindo-lhe elles *ſó* licença para ſe dilatarem neſte Reyno tempo determinado, até buſcarem nova habitaçaõ, pelo que offereceraõ tributo, lho conſentio, ſem prever o damno, eſperando ſe converteſſem neſſe meyo tempo: eſte o deſenganou, porque, acabado o prazo, foy neceſſario obrigá-los com violencia a ſahir: os Miniſtro executaraõ as ordens commettendo horrendos peccados; e elles vendo-ſe na honra, e fazenda mais opprimidos, propuzeraõ conveniencias grandes, ſe os deixaſſem ficar, e outras menores, ſe os deixaſſem ir ſem a juſtiça do Reino os acompanhar: ficaraõ em fim, e antes nos ficaſſe péſte, do que eſta, q̃ nos rezultou de communicar tal gente: neſte reinado começou o damno, no ſeguinte do Rey D. Manoel o veremos conſumado, e foraõ as maiores deſgraças, que tiveraõ, e podiaõ ter eſtes dous Monarchas raros, perfeitos, e ſó niſto infelices.

Naõ

Naõ ſe contentava o coraçaõ magnanimo do noſſo Rey com as conquiſtas de Africa, que ja tinha, e com as novas que ja contamos, fez continuar humas, e outras com tal vigor, que deſcobrio o Cabo tormentozo; chamado de Boa Eſperança, ultima parte de Africa, abrindo as portas áquella navegaçaõ tantos ſeculos depois eſpantoza, e antes julgada por impoſſivel, ainda hoje dilatada, e penoza: mandou deſcobridores á India por terra: e a Cidade de Azamor, ultima povoaçaõ do Reino de Fez, temendo as noſſas armas, ſe lhe fez tributaria. A gloria maior do noſſo Rey era conhecer todos os ſeus vaſſallos, tinha hum livro occulto, no qual eſcrivia os nomes de todos os benemeritos, para remunerar-lhe os ſerviços: nunca conſentio ſe lhe pediſſe mercê por terceira peſſoa, tendo o ſujeito merecimento para pedî-la, e a hum Cavalheiro que fez o contrario mandou chamar logo, e diſſe-lhe taõ irado, como benigno: *Pois tiveſte mãos para ſervir-me, tende lingua para pedir-me premios*; nunca conſentia que ſe deſſem cartas de promeſſa para no futuro ſer algum premiado, porq̃ os ſerviços, dizia elle, haõ de ſatisfazer-ſe com a meſma promptidaõ com que fôraõ feitos, e naõ com eſperanças, ſim com mercês verdadeiras: para melhor ſatisfazer os ſerviços dos vaſſallos que tinha fóra do Reino, guardava ſem prover os melhores officios até elles chegarem para lográ-los: chegou de Africa hum, que ſempre tinha ſervido com grande diſtincçaõ, e do Navio foy ao Paço a beijar-lhe a maõ; recebeo-o com eſtas palavras: *Voſſa mulher, e filhos eſtaõ bons, porque eu todos os dias mandey ſaber delles, e naõ tiveraõ cá a menor falta de couſa alguma; vagou cá hum officio de bom rendimento, que guardey para vós, ide ver a familia, e tomar poſſe delle, para o que vos tenho a provizaõ aſſinada.* E era taõ expedito na reſoluçaõ,

e bre-

e brevidade dos negocios, que havendo dûvidas, e dilações no ajuſte de hum com os Embaixadores de Caſtella, mandou-lhes dous papeis eſcritos pela ſua maõ, ambos juntos, em hum ſó a palavra: *Paz*, e em outro ſó a palavra: *Guerra*; paſmaraõ de vêr a ſua rezoluçaõ, acceitaraõ a paz, concluindo logo ſem a menor dilaçaõ o negocio. Quando vio o Reino no maior ſoccego, e a paz mais ſegura, entaõ reedificou todas as Praças, e Caſtellos, encheo os Armazens de provimentos Militares com ſumma abundancia, como ſe ſe preparaſſe para a mayor guerra: foy o primeiro, que ſe aſſinou com fórma, a que vulgarmente chamamos chavaõ, porque, como deſpachava tanto, houve tempo em que o muito uzo da penna lhe moleſtou o braço, e tambem por ſer mais breve eſte modo. Vinde á manhãa ſedo, que haveis goſtar muito.

FIM

DA TRIGESIMAOITAVA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.
Anno de 1760.
Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXIX.

NO dia quatro de Outubro he que pode continuar a materia da Conferencia paſſada o Soldado. Foy (diſſe elle) o Rey D. Joaõ II. o inventor do uzo de artilheria nas embarcaçoes pequenas, de que ſe ſeguio temerem os navios grandes dos Eſtrangeiros a qualquer dos noſſos pequenos barcos: ao ſeu incanſavel cuidado ſe deveo o grande eſtudo, que tiveraõ os Mathematicos do ſeu tempo, até deſcobrirem o modo de navegar tomando o Sol, e governando-ſe pelos gráos que elle cada dia anda da linha para os Tropicos, ou dos Tropicos para a linha: foy author das homenagens, que deſde entaõ juraõ os que vaõ para os governos: eſtabeleceo Leys ſantas, e utiliſſimas, com que fez reſpeitados, e obedecidos todos os Miniſtros do deſpacho, e da juſtiça, unico remedio para a conſervaçaõ da Republica, cujo alicerſe he a obediencia ao Rey, e aos ſeus Miniſtros: uzava de huma induſtria para conhecer os affectos do povo, que era publicar as eleições antes de as fazer: nunca ſe lhe conheceo valido, de ſorte que perguntando o Rey Henrique ſettimo de Inglaterra ao ſeu Embaixador, q̃ couſa tinha viſto em

Portugal mais dignas de admiraçaõ, respondeo: *Hum Rey, que, mandando a todos, ninguem o manda a elle.* Estimava que lhe advertissem os defeitos proprios, fazendo diligencias continuas para conhecê-los: tal foy o amor que teve aos vassallos, que a sua empreza era hum Pelicano derramando sangue do peito com a letra: *Pela Ley, e pela Grey*: acabou a grande obra do Hospital de Lisboa: rezava todas as noites de joelhos os sette Psalmos penitenciaes: foy o primeiro que na Capella Real fez entoar as Horas Canonicas: consentio, á instancia do Papa Innocencio IV., que se naõ examinassem nos seus Tribunaes as Bullas Apostolicas: receb o de Nossa Senhora da Nazareth hum beneficio igual ao de D. Fuas Roupinho, porque sahindo da Ermida da Senhora huma manhãa de nevoa espessa, se pôs a cavallo, e sem conhecer por onde hia, se achou naquelle horrivel despenhadeiro de trezentas braças de altura; implorou a Virgem Santissima hum Fidalgo que o vio no perigo, e por milagre virou no ar o cavallo, tendo ja só os pés no rochedo: foy exactissimo Venerador das couzas, e pessoas sagradas, nem comsigo dispensou nunca as Leys do Reino, podendo licitamente fazê-lo, e sendo talvez necessario para o tratamento, fausto, e respeito de Soberano; porém sendo amigo de gallas, nunca vestio sedas, porque tinha prohibido aos outros o vestî-las: outra Ley santa pôs contra os jogos, e sabendo que se naõ observava em huma caza de Lisboa, mandou-lhe pôr o fogo, de sorte que morreraõ queimados, os que estavaõ jogando, e vendo, e da noticia do castigo se seguio a observancia exacta da Ley em todo o Reino. Foy muito senteneciozo, e agudo nos seus ditos, e com especialidade prompto nelles, para conservar o respeito, e

para

para honrar vaſſallos: em huma funçaõ publica ſe pôs hum Fidalgo muito perto delle; ao qual logo diſſe: *Retirai-vos, naõ cuidem que ſois meu valido*; eſtava ſentado hum dia junto a hum bofete com a cabeça inclinada, e hum Fidalgo, julgando que elle o naõ via paſſou de huma porta para a outra com a gorra na cabeça; vio o Rey a figura na ſombra, ſem virar o roſto, e na meſma poſtura, lhe diſſe com ſoberania: *O' lá, os Reys naõ tem aveſſo, nem direito*; para honrar os benemeritos, baſtem dous exemplos. Eſtava jantando em publico aſſiſtido de Fidalgos moços, entrou na ſalla D. Pedro de Mello, heroe, velho, e venerando, a quem pertencia, pelo officio que tinha no Paço, levar agoa ao Rey quando comia em publico, e como era velho, e ja tremulo, no meyo da ſala lhe cahio das mãos o pucaro; ficou o velho ſentido, e afflicto, e os Fidalgos moços todos ſe riraõ muito, e com goſto; mas o Rey, honrador em toda a occaſiaõ, diſſe ſevéro: *Que fundamento tem eſſe rizo? Se a D. Pedro lhe cahio das mãos o pucaro em caza, nunca lhe cahio dellas a lança na guerra*; calaraõ-ſe todos com vergonha, e o veneravel velho recebeo huma nova alma com eſta nova honra. Soube que Ale Barraxe, Mouro poderozo, a quem D. Joaõ de Menezes tinha vencido, e cativado, agora, vendo-ſe livre, ſe atrevia novamente a vir ás noſſas Fronteiras, e diſſe: *Guarde-ſe Barraxe, naõ tire eu o açamo a D. Joaõ de Menezes*; querendo dizer niſto lhe naõ davaõ cuidado as inſolencias do Mouro, em quanto D. Joaõ de Menezes foſſe vivo, e que para o caſtigar, baſtava dar-lhe licença para o fazer: Naõ tem numero os ditos célebres, e venerados deſte notavel Rey, e as acçoens heroicas, das quaes ſepultou o tempo, e eſ-

quecimento muitas; e lhe appropriou outras, eu ſó vos conto o que naõ padece duvida: hum dia no Paço teve hum enfado com Rodrigo de Souza, cavalheiro illuſtre, e publicamente lhe diſſe algumas couſas que o affligiraõ, paſſada a moçaõ da colera, pezou-lhe do que lhe tinha dito, e em publico, e para o ſatisfazer publicamente, foy logo a ſua caza vizitá-lo. Dizia Carlos Oitavo Rey de França, que para humilhar todo o mundo ſó queria a amizade com o Rey D. Joaõ II. de Portugal. Foy de mediana eſtatura, cabellos compridos, e roſto prolongado, olhos com algumas vêas de ſangue, que o faziaõ temerozo, e reſpectivo, quando ſe enfadava: teve extraordinarias forças, de hum golpe ſó com a eſpada cortava quatro madeiros, que outros dos mais forçozos daquelles ſeculos ſó cortariaõ com muitos golpes, eſtando ſeparados: na intrepidez de animo, parece foy unico, appareceo-lhe no Paço huma noite hum defunto, e diſſe-lhe neceſſitava fallar com elle na praia, e promptamente o fez: aſſim o refere Manoel de Faria no Epitome, e na Europa o conta de outra ſorte, dizendo que a fantaſma o viera buſcar á cama, que elle a ſeguira com huma véla acceza, e a eſpada núa, e perdendo-a de viſta nos lugares mais occultos, e medonhos da caza, ſe reſtituira com tal ſocego á cama, que logo dormira. Memorias achey, e tradições ouvi, de que em certa Igreja, ou adro della em Lisboa o tinhaõ viſto fallar com certo Fidalgo defunto, e que eſte, ſe prezumira, lhe déra para a conſervaçaõ da ſua vida hum importante avizo: hum dia a pé com a Rainha entrou no corro para vèr huma feſta de touros, tinha ſahido hum do touril por deſcuido dos vaqueiros, e tanto que vio os Reys, correo a inveſtí-los ſummamente bra-

vo,

vo; naõ se alterou á vista disso, vendo que todos os Fidalgos, e criados tinhaõ fugido, tirou a espada, e pondo-se diante da Rainha, esperou o touro, e tirou-lhe a vida com huma só cutilada: em hum painel, que se dizia ter sido de D. Vasco Coutinho, estimado por ser pintura daquelle tempo, vi em Bolonha pintado este cazo. Adoeceo, e alguns suspeitaraõ que fôra de veneno, (o que naõ creio) determinaraõ os Medicos fosse tomar os banhos das Caldas de Monchique no Reino do Algarve: em Lagos lhe mostraraõ hum osso de S. Gonçalo, de que ja vos demos breve noticia, e elle depois de o venerar com summa devoçaõ, dizendo-lhe o Prior da Matriz, que a cabeça, e mais ossos estavaõ na Igreja de Nossa Senhora da Graça de Torres-Vedras, mandou logo escrever huma carta ao Senado daquella Villa, dando-lhe os parabens de gozar as reliquias de hum taõ grande, e milagrozo Santo: desta carta rezultou o juramento, e Confraria, que logo erigio a Camera, cujo original está no Cartorio do Convento, e trasladado nos livros do Senado: cresceo a doença, e retirou-se das Caldas para a Villa de Alvor, que fica perto, aonde falleceo no anno de mil quatrocentos e noventa e cinco, a vinte e cinco de Outubro, mez sempre doentio naquelle Reino, e para melhor dizer, todo o Outono: tinha de idade quarenta annos, e de Reinado quatorze; foy sepultado na Sé de Sylves, entaõ cabeça do Bispado do Algarve, da qual o trasladou para o Convento da Batalha seu primo, e successor no Reyno, D. Manoel com pompa nunca antes vista em acto funeral: aberto o sepulchro para a trasladaçaõ, o acharaõ inteiro, incorrupto, e lançando hum suavissimo cheiro, que a todos cauzou devoçaõ, e confirmou no

juizo,

juizo, que desde a sua morte tinhaõ feito; de que era Santo: o Rey D. Sebastiaõ, quando fez abrir todos os sepulchros dos Reys, o achou da mesma sorte, e he tradiçaõ constante no Convento da Batalha, que assim existe: foy cazado com Dona Leonor sua prima; filha do Infante D. Fernando, Duque de Viseu, e de Dona Beatriz, filha do Infante D. Joaõ, Princeza de formosura singular, engenho raro, partes, e virtudes dignas de Imperio: mostrou-as nas acçoens de sua vida, e todas juntas em huma, que foy a mais excellente da sua ardentissima caridade, com que fundou a Caza da Misericordia de Lisboa, sendo com este exemplo cauza de que se fundassem todas as deste Reino, e depois em Hespanha: desejou o nosso Rey que lhe succedesse na Corôa seu filho illegitimo D. Jorge; porém naõ pode alcançar a concessaõ do Summo Pontifice Alexandre VI., nem vencer a justa opposiçaõ da Rainha, por ser isto em prejuizo de seu irmaõ D. Manoel, parente legitimo, e successor, primo com irmaõ, direito conhecido; a este deixou o filho recomendado, e D. Manoel o tratou com tal mimo, e entremo, que dormio sempre com elle no mesmo leito até cazar, e quando teve idade competente lhe deo tanto, que só lhe naõ ficou a Corôa, e dominio; foy Duque de Coimbra, Marquez de Torres-Novas, Mestre das Ordens de S. Tiago, e Aviz, Senhor das terras do Infante D. Pedro, e da Villa de Aveiro, tronco deste Ducado, com o appellido de Alencastro: cazou com Dona Beatriz de Vilhena, filha de D. Alvaro de Portugal, filho do Duque de Bragança, a mãy se chamou Dona Anna de Mendoça de conhecida nobreza, morreo Commendadeira do Mosteiro de Santos em Lisboa; filho legitimo só teve hum o nosso Rey

Rey; que foy o Principe D. Joaõ desgraçadamente fallecido junto a Santarem da quéda de hum cavallo: instituio o Tribunal do Dezembargo do Paço com menos Ministros do que hoje tem; reduzio á ultima perfeiçaõ as Armas do Reino, e assim ficaraõ para sempre no modo mais regular, e perfeito: vendo que naõ estavaõ segundo as Leys da Amaría, em que foy insigne, determinou que os Castellos fossem só sette, que os escudetes todos ficassem naturalmente direitos, tirou-lhe a Cruz de Aviz, e só ficou a Serpe de S. Jorge, defensor do Reyno, por timbre: mandou lavrar differentes moédas no seu tempo, humas de ouro, a que chamou Justos, porque de huma parte tinhaõ as Armas do Reino, e da outra o Rey sentado em cadeira com a letra: *Justus ut palma florebit*, cruzados, espadins, reaes, e meyos reaes de prata, que chamaõ vintens, porque vale cada hum vinte maravidiz, e de cobre muitas, e varias. A seu filho D. Jorge fez Duque de Coimbra, como o tinha sido seu bisavô D. Pedro Infante extincto: a D. Manoel seu primo, e cunhado, successor no Reino, Duque de Viseu no mesmo dia em que lhe matou o irmaõ: a D. Pedro de Menezes, Conde segundo de Villa-Real, fez Marquez da mesma Villa: a D. Vasco Coutinho, filho do Mariscal D. Fernando, que lhe revelou a conjuraçaõ do Duque de Viseu, fez Conde de Borda. Fôraõ no seu tempo insignes em armas, e descobrimentos D. Diogo de Almeida, terror de Africa, D. Joaõ de Menezes Governador de Tangere, o Conde de Borda D. Vasco Coutinho, que com settenta lanças desbaratou quinhentas de Mouros, cujo Alcaide prezo lhe perguntou se trazia mais gente, e respondendo-lhe que naõ, disse: *Em fim, hoje foy Deos Christaõ, outro dia será*

rá

ra Mouro; mais que todos D. Fernando de Menezes, filho do Marquez de Villa-Real, que á força de armas ganhou a Cidade de Targa na mesma Costa, e a Cidade de Comice, situada no mais alto de huma serra, á qual os Mouros chamavaõ encanto, porque julgavaõ impossivel a sua conquista. Diogo Cano (nos descobrimentos) chegou ao Rio, e Reino de Manicongo, Joaõ Affonso de Aveiro ao de Beni, e trouxe a primeira pimenta que se vio em Portugal, Bartholomeu Diaz descobrio de todo o Cabo da Boa Esperança, que no Mappa das peregrinaçoens do Infante D. Pedro se chamava Fronteira de Africa, creio intentava dizer focinho de Africa, que he o nome mais proprio. A' tarde explicarey o dito, e o mais, que he muito, e deliciozo.

FIM

DA RTIGESIMANONA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XL.

DE tarde proseguio a materia da Conferencia passada o nosso Academico, contando os descobrimentos do Rey D. Joaõ o II.: Prometti (disse elle) explicar o motivo, porque melhor se podia chamar ao Cabo de Boa-Esperança Focinho de Africa, do que Fronteira, porque Fronteira suppôem que adiante se continûa alguma terra de outra Monarchia, e a deste Cabo só tem diante de si o mar do Sul, no qual sonharaõ a terra incognita, os que se contradizem a si mesmos; porque huns dizem, que he incognita, e já conhecida, e descoberta, que saõ contraditorios; e para mais se condenarem, dizem que já lá fôraõ descobridores Olandezes, e Francezes, que viraõ o Paiz cheyo de arvoredo do tempo do Diluvio, ao que parece, pela sua inexplicavel grandeza; e que deixando alguns homens na terra, em quanto hiaõ buscar familias para a povoarem, quando vieraõ com ellas, nem acharaõ os homens, nem final das cabanas em que os deixaraõ, e só viraõ na praya pégadas de homens, do tamanho de hum covado cada

 huma.

huma. Se alguem vos contar isto, assentai que he fabula; porque eu viagei esses Reynos ambos, fallei com os homens mais doutos, e bem instruidos, andei em Náos de todas as naçoens por esses mares, e todos me certificaraõ, que nem tradiçaõ, nem historia havia de tal facto, e tudo era taõ certo, como os homens de hum só pé, e hum só olho; os de duas orelhas, que huma he cama, outra cobertor; os de hum pé tamanho, que lhes toma o sol para descançarem á sombra; os que naõ tem cabeça, e dous olhos no peito, como introduzio hum Herege nas obras de Santo Agostinho nos Sermoẽs aos seus Frades no Ermo; os Pygmeos, ou Enanos, e outras mil fabulas de que estaõ cheyos os livros, e as cabeças dos enganados, dizendo, que tudo isto há na India, quando he certo que nada disto há nella, e parece se descobrio para refugio de todas as mentiras da historia. Eu vi todas as mayores, e melhores Provincias della, já militando, já peregrinando, de tudo me informei, e tudo he falso; e para o ser tudo, basta certificar-vos que huns animaes que em Portugal estimaõ alguns muito, chamados Porquinhos da India, he bicho que nunca lá se vio, nem Deos o creou em toda a Asia; e se algum de vós lá tem amigo, ou parente, naõ lhe póde mandar cousa mais estimavel, do que hum cazal destas savandijas, que lá merecerão as estimaçoens mais raras, porque as cousas de Portugal mais viz, e ridiculas, as gozaõ lá, até das Senhoras; e para exemplo basta dizer-vos, que do biscouto preto, e mofino fazem, por estimaçaõ de ser cousa do Reyno, doce, chamado Aloâ, á força de mixtos, e industria, suavissimo: assentai pois, que tudo o que vos contaõ da India, Abexim, e outras Provincias

he

he mentira ; e que tal terra incognita naõ ha neste mundo, e por isso naõ tem o Cabo de Boa-Esperança de quem, ou a quem ser Fronteira ; he sim a ultima parte de Africa ao Sul da linha Equinoccial, Paiz delicioso, sádio, abundantissimo ; tem cincoenta legoas de largo, na força do Inverno muito tormentoso ; junto á terra correm as agoas para o nosso Oceano, de sorte, que sem vento dizem que já o passaraõ algumas Náos levadas pela corrente das agoas ; e o que só posso testimunhar de vista he, que a corrente he muito arrebatada junto á terra do Oceano Indico para o nosso, mais ao largo outra corrente opposta do nosso Oceano para o Indico, e a superficie das agoas sem algum movimento, padecem o rigor do Inverno quando nós gozamos o Veraõ ; e ja vos disse o motivo há muito tempo : naõ tem porto algum seguro, e só he habitado dos Inglezes na Cidade de Tafel-Bai, povoaçaõ de tal abundancia, e delicia, que sendo o degredo dos seus facinorosos, posso dizer que elle, e nós intentamos antes recrear os degradados, do que opprimî-los ; nós mandando para Castromarim, delicia do Algarve, os nossos, e elles para Tafel-Bai os seus ; mas o porto da Cidade naõ tem segurança, e só este defeito se lhe considera, e só aos que vem de fóra prejudica. Dizem, que este Bartholomeu Dias, quando descobrio todo este famoso Cabo, lhe disseraõ os moradores havia nelle cobras, que serviaõ aos moradores como criados ; que debaixo da terra se achava mel, e cera feitos por formigas ; e peixes que só se distinguiaõ dos homens, e molheres em viverem sempre na agoa : o grande Manoel de Faria e Sousa, sem lhe dar assenso, o conta, e se he certo que houve entaõ quem disse a Bartholomeu Dias

 isto,

isto, foy o primeiro logro que padeceraõ os Portuguezes naquelle tempo, em que por naõ terem visto aquella grande parte do mundo, a cousas mais fabulosas dariaõ credito. Navegando mais descobrio o rio do Infante, quando Pedro da Covilhãa, e Affonso de Payva por terra chegaraõ a Rodes, Alexandria, e Cayro, embarcaraõ no mar Roxo, viraõ a Cidade de Adem, e aqui divididos, o Payva foy para a Ethyopia, e o Covilhãa para a India, vio Cananor, Calecut, Goa, e dahi buscando a Costa de Africa no Oceano Indico, que atravessou todo, vio Sofala, Moçambique, Quiloá, Mombaça, Melinde: só quem viveo nestas terras, e fez viagem de humas para outras, pasma desta primeira do nosso Portuguez em tempo, que a navegaçaõ tinha mais perigo, e em Navios de barbaros traydores, como depois experimentou o Gama tantas vezes; dahi veyo outra vez á Cidade de Adem, aonde tinhaõ ajustado o juntarem-se ambos, e achou noticia de que o companheiro tinha fallecido no Cayro, aonde outros dizem fôra o ajuste do ajuntamento, e que de lá sabendo era morto, tornara para Adem, e dahi a Ormuz, situada em 27 gráos no tropico de Cancro; vio todo o Preste Joaõ, e foy o primeiro que o vio todo: cheyo de noticias dos Paizes mais deliciosos, e dignos de serem vistos, se recolheo a este Reyno, aonde teve premios correspondentes a taõ grandes trabalhos, e taõ necessarios para os descobridores futuros. Neste tempo Christovaõ Colon Genovez, com a sua industria, e noticias que hum descobridor Portuguez lhe deo da America, se offereceo ao Rey para lhe descobrir as Indias Occidentaes; facilmente despreza as cousas, quem abunda em riquezas, os nossos descobrimentos eraõ já tantos,

tantos, e taes; que desprezamos este; os Reys de Espanha convidados de Colon concorreraõ para elle: assim continuaraõ os dous Reynos descobrindo outros dous mayores, e novos; elles pela parte Occidental da America, e nós pela Oriental, até que foy necessario dividir aquelle novo mundo, para o que se juntaraõ em Tordesilhas Ruy de Sousa, e D. Joaõ seu filho, e o Doutor Ayres de Almada; Portuguez, D. Henrique Henriques, D. Joaõ de Cardenas, e o Doutor Maldonado, Castelhanos, e partindo o mundo por hum meridiano, que está trezentas e settenta legoas ao Poente das Ilhas de Cabo Verde, lançando huma linha nelle do Norte ao Sul, ficou sendo dos nossos Monarchas a ametade que fica para Levante, e dos Reys Catholicos a que fica para o Occazo. Dous Summos Pontifices reynaraõ no tempo do nosso memoravel Rey D. Joaõ, Innocencio VIII., e Alexandre VI.; e o successo mais digno de memoria em Espanha, foy ganharem os Reys Catholicos o Reyno de Granada. Sepultado na Sé de Silves o nosso Monarcha, acclamaraõ Rey seu primo D. Manoel em Lisboa: tinha nascido em Alcouchete no dia solemnissimo do Corpo de Deos, no ultimo de Mayo de mil quatrocentos e sessenta e nove, chamaraõ-lhe Manoel, porque estando o parto em notavel perigo, tanto que passou por diante da porta o Santissimo Sacramento, nasceo o dito Infante livre de todo, dando a seus pays o gosto dezejado, e mostrando desde o nascimento, era seu de justiça o titulo de Feliz, que depois lhe deo o mundo. Hum Astrologo lhe pronosticou que havia ser Rey de Portugal, porém elle como Sabio, e virtuoso desprezou o vaticinio, que ainda sem ter essas virtudes desprezaria logo, porque eraõ tantas as

pessoas

peſſoas Reaes neſſe tempo, álem de ter outro irmaõ mais velho que era D. Diogo, que parecia temeridade eſperar o Sceptro, mas ainda que creyo firmemente o naõ advinhou, nem podia advinhar o Aſtrologo, ſe he certo o diſſe, Deos lho inſpiraria, e o tempo o moſtrou dando-lhe Deos a Corôa, como a parente mais chegado do Rey D. Duarte, e primo do Rey defunto. Pronoſticou-lhe tambem a felicidade do ſeu reynado taõ proſpero, que ſe foſſe Rey dos Romanos no tempo de Gentiliſmo, diriaõ que todos os Deoſes lhe entregaraõ o Sceptro: moſtrou que mais era Rey dos elementos, do que dos vaſſallos, e mais dos eſtranhos que dos proprios, e naturaes. Foy jurado Principe ſucceſſor de toda a Eſpanha em Toledo, Senhor de todos os mares, Imperador do Oriente; em fim, depois de ſucceder ſó as fortunas de todos os Monarchas, e Heróes, foy tambem ſucceſſor do Apoſtolo S. Thomé, arvorando as bandeiras da Cruz em toda a Aſia, fazendo enſinar a Fé ás naçoens mais barbaras, alcançando victorias innumeraveis, e famoſas de todas ellas, fundando populoſas, e muitas Cidades, Villas, Caſtellos, e Praças fortiſſimas com immortal credito das noſſas armas entre gentes fortiſſimas, guerreiras, ſem numero, e incomparavelmente induſtrioſas. Algum dos muitos ouvintes, que tenho, poderá reparar no muito que encareço o valor dos barbaros, a quem vencemos na Aſia neſſes felices ſeculos, e como eu já conheci muita gente, que julga ſerem os naturaes da India todos, o meſmo que cágados dos noſſos Reynos, he precizo dizer-vos em breves palavras o que vi com os olhos, e contaõ as hiſtorias mais verdadeiras: Saõ os naturaes da India fortiſſimos dos membros todos, e para o

ſerem

ſerem baſta naõ cortarem as barbas, em que já vos diſſe, e moſtrei conſiſtiaõ as forças; naõ tem as doenças, e achaques que nós temos, de que ſe ſegue conſervarem excellentemente o vigor natural, e a cauſa de naõ ſerem achacados, naſce do uſo dos mantimentos incorruptiveis de que uſaõ toda a vida, que ſaõ legumes, hervas, manteiga, e leite; e o que mais conduz para os fortalecer, he hum legume que os Portuguezes naõ uſaõ, ſenaõ quando os perſegue muito a fome, e entaõ por ſer fortiſſimo lho naõ coze o eſtomago, chamado Orîda, taõ capaz de communicar forças, e calor, que os cavallos de todo o Oriente, que uſaõ deſte alimento, ſoffrem jornadas dilatadiſſimas por caminhos aſperrimos, e ſerras, e ſem comer, nem beber muitos, e muitos dias: ſaõ colericos, attrevidos, falſos, aleivoſos, ſem piedade, lealdade, palavra, nem vergonha, de ſorte, que ſe quando nós fomos á India, e os achamos taõ fortes como digo, naõ foſſemos taõ alentados como nos conhece o mundo, já por falta de ocio, já pelos alimentos menos delicados, de que uſavamos neſſes ſeculos, e mais que tudo, por termos muito uſo das armas, naõ cortarmos as barbas, e termos o cuidado, e capricho nas forças, certamente naõ haviamos vencê-los em tantas batalhas, e conquiſtar taõ dilatadas Provincias; e melhor julgareis eſta cauſa, quando eu vos contar miudamente a hiſtoria Portugueza da Aſia, e combinar os ſucceſſos glorioſos daquelle ſeculo, com os que eu vi, e vos conſta do noſſo tempo. Foy pois o noſſo Rey D. Manoel chamado filho da ventura, e o ſeu reynado o ſeculo de ouro do noſſo Reyno: deſcobrio a vaſtiſſima Provincia de Santa Cruz, a quem depois a cobiça, ou a ignorancia chamou Braſil: o primeiro nome tomou

do

do dia em que foy descoberta ; o segundo de hum páo roxo , que produz em abundancia. Descobrio todo o Imperio do Abexim na Ethyopia , o Reyno de Ormuz , e Malaca ; em fim toda a India , de quem no reynado de seu antecessor só tivemos noticias ; agora encheo ao nosso Monarcha os thesouros dos mais preciosos metaes , e perolas , enriqueceo os vassallos com os melhores commercios , invejados , e depois com grande fortuna seguidos dos Estrangeiros , e o que naõ conquistou venceo , e povoou na Asia a espada Portugueza no seu tempo , atemorizou o respeito della por tal modo , que lhe mandaraõ Embaixadores os Reys mais poderosos , e para a sua conservaçaõ lhe fôraõ tributarios. A' manhãa vinde sedo.

FIM

DA QUADRAGESIMA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto,
Anno de 1760.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XLI.

NO dia cinco de Outubro juntos com os Romeiros, disse o Ermitaõ ao Soldado: Que o silencio dos ouvintes, e o gosto com que nas Conferencias passadas attendia ao delicioso da historia, o obrigára a naõ lhe perguntar huma cousa da India, em que tinha notavel duvida, e vinha a ser: Que a naçaõ Portugueza, segundo tinha lido, tivera as mayores guerras na Asia com os Mouros, e naõ com os Gentios: e o mesmo em Mombaça, Moçambique, e outras Provincias dessa Contra-Costa de Africa, e estas naõ usaõ dos mantimentos que usaõ os Gentios, mas sim de todos os que nós usamos, excepto carne de porco, e vinho; de sorte, que para serem mais gloriosas, e memoraveis as nossas victorias, e Conquistas na Asia, naõ he necessario recorrer ao uso dos alimentos, que podem causar com o seu succo mayores forças, porque elles, e os Portuguezes usavaõ os mesmos, e eraõ summamente alentados; o que se próva sem duvida, porque nas mezas dos Reys Portuguezes nunca se usou vinho, moderaçaõ em todos os secu-

los até o prezente admirada, virtuosa, Real, e se naõ fôr unica, ninguem dirá que deixa de ser rara; e naõ obstante isso lemos com certeza tinhaõ os Reys antigos forças monstruosas, e os vassallos as mesmas, sem usarem desse licor, que só para o sacrificio da Missa, e para remedio de enfermos, e achacados devia servir. Diz muito bem nosso irmaõ (disse o Soldado) com Mouros fôraõ as nossas guerras em Goa, como querem muitos, e que a Sé fosse a Mesquita mayor, por ser do Gran Mogor esta terra, e todos os mais portos de mar; porém outros, e melhor, assentaõ que o Rey de Goa era Gentio, e Pagode o que hoje Sé Primacial do Oriente, e a Cathedral mayor, melhor, e de mais respeito que tem o dominio de Portugal: em Dio foraõ com os Turcos; em Mombaça com Mouros pretos; em Ormuz, e mar Roxo com Mouros pardos; e em fim em muitas Provincias com Mouros, e Gentios; porque na Asia, especialmente no Imperio de Gran Mogor vivem huns, e outros juntos, de sorte, que os Padres Agostinhos em Bengala tem licença para baptizarem todos os Gentios, e o Imperador os estima de sorte em sendo baptizados, que lhes chama Franguis, que quer dizer Portuguezes; e na guerra lhes dá soldo dobrado, como aos Portuguezes que lá tem, em quanto vivem; mas tem pena de morte os mesmos Padres, se cathequizaõ, ou baptizaõ algum Mouro, cuja ley seguem os Imperadores do Mogor, e todos os principaes vassallos: porém que duvida he a vossa em materia de forças, depois de confessares em huma Conferencia passada, que ellas só consistiaõ em naõ cortar as barbas, como vós na mesma Asia exprimentaste em jogos, e lutas: talvez que os Mouros hoje tenhaõ menos forças por causa do

muito

muito vinho que bebem, depois que os Portuguezes o levaraõ á India, e o plantaraõ, e fizeraõ na Persia, porque como he cousa prohibida na sua ley, e tudo o prohibido se appetece com mayor excesso, naõ só bebem todos, homens, e mulheres, mas bebem até cahirem com os sentidos todos sopitos, e alienados, e como a pena he metterem as maõs em agoa fria, de sorte, que lhe corra pelos cotovelos; por taõ pouca penitencia nenhum deixa a culpa; e como o remedio unico para os Missionarios, e Estrangeiros seculares de todas as naçoens terem os Vice-Reys, e Governadores Mouros propicios, he dar-lhe payos, prezuntos, e vinho; estes, e todos os seus parentes, mulheres, criados, e Ministros saõ os mayores bebados; e com o exemplo destes que compraõ o porco, e vinho com a justiça, escapaõ della os mais que gozaõ o mesmo por dinheiro, ou pannos, diamantes, perolas, e escravos. Basta de digressaõ nesta Conferencia, ouvi o que resta do feliz Monarcha D. Manoel, e de seus Successores, que já sey dezejais contar as vidas dos outros Principes deste Reyno até á entrada dos Mouros, e depois delles até o Conde D. Henrique, porque sey lhe déraõ aqui principio na minha ausencia em huma Conferencia passada: sedo vos darei esse gosto. Naõ fôraõ menores as felicidades do nosso Rey em Africa, ganhou Cidades populosas, e ricas, muito tempo debaixo das suas Leys, e da sua espada lhe pagou tributos toda aquella grande Provincia, que contêm as Comarcas de Xerquia, Garabia, e Dabida. Expulsou deste Reyno os Mouros, que ainda nelle havia divididos por varias terras, principalmente nas do Algarve; fez converter á Fé Catholica os Judeos, que como escravos tinhaõ fica-

do neste Reyno, e já ouvistes na vida do Rey D. Joaõ II., e expulsou os que se naõ quizeraõ converter: obrou nisto o nosso Monarcha com tanta sinceridade, innocencia, zelo da Fé, e caridade santa, como seu antecessor, quando os admittio por hospedes, e conservou escravos; porém o tempo mostrou os damnos que agora se consumáraõ todos: obrigavaõ a sahir todo o que se naõ queria baptizar, e tiravaõ-lhe as fazendas para o Fisco, porque D. Joaõ os deixou á condiçaõ de naõ possuirem cousa alguma no Reyno, excepto o commercio, e naõ todo: dizem, que naõ só lhes tiravaõ as fazendas aos contumazes, mas tambem os filhos pequenos para os baptizarem; o certo he, que se baptizavaõ muitos para naõ perderem as fazendas, e os filhos; no exterior só ficavaõ Catholicos, e no interior Judeos refinados, e desde esse tempo até o presente nos mostra a experiencia, que assim vivem, sendo este o menor damno para o Reyno, e mayor de todos, o que tem resultado dos seus casamentos em quasi tres seculos. Mandou que os Ecclesiasticos fossem izentos de pagar direitos Reaes. Alcançou a festa da Visitaçaõ de N. Senhora a Santa Izabel; e a do Anjo Custodio do Reyno, mercês do Papa Alexandre VI., que lhe era obrigado naõ só por dadivas, e offertas ricas feitas a elle, e á santa Sé Apostolica, mas por avisos que lhe fez para emendar algumas desordens da Curia Romana: o mesmo Papa lhe concedeo que pudessem casar os Cavalheiros das tres Ordens Militares, Christo, San-Tiago, e Aviz, e que nos Mestrados delles succedessem os Reys, de sorte, que o Rey D. Manoel foy o primeiro que possuio o Mestrado de Christo. A este Papa, e a seu segundo successor Leaõ X., mandou animaes da

India,

India, e da America conduzidos com inexplicavel trabalho de Paizes taõ distantes a Lisboa, e dahi a Roma, com elles offereceo os mais preciosos Pontificaes, que Roma vio bordados de perolas, e pedras preciosas; cujo valor, e custo nunca se póde saber de certo, e fôraõ depois com lastima, e horror da Christandade toda, roubados, e divididos entre soldados no saque de Roma, de que a seu tempo vos daremos noticia: destas dadivas, e offertas resultou conceder-lhe a Sé Apostolica muitas graças, e indultos de louvores, e exquisitos titulos, e mandar-lhe ultimamente o Estoque, e gorra, com que só costumava premiar os Reys, que dilataõ a propagaçaõ da Fé, e de quem recebe a Igreja Romana algum beneficio espiritual. Foy rara a sua devoçaõ, piedade, e temperança; fundou mais de cincoenta Igrejas; jejuava a paõ, e agoa todas as Sestas feiras do anno; acompanhava o Santissimo Sacramento nos tres dias, e noites da semana Santa, vestido de aspero luto, e prostrado no chaõ da Capella em que estava o Sepulchro; acabou o sumptuoso Templo, e Casa da Misericordia de Lisboa, a quem deo principio, e rendas sua irmãa a Rainha D. Leonor, como já vos disse; vestia todos os annos todos os Religiosos de S. Francisco destes Reynos: era Real a pompa da sua mesa, porém religioso, e mortificado o uso della; nunca provou vinho, nem azeite, naõ usar deste foy mortificaçaõ, que do vinho nunca usaraõ, nem usaõ os Reys, e Principes de Portugal; exemplo de temperança em toda a Europa: gostava da caça, festas, e danças, e ainda que naõ entrava nellas, mostrava a inclinaçaõ; de que resultou cercarem-no os vassallos muitas vezes dançando disfarçados para divertî-lo, mas apenas

nas havia ter o gosto, remunerando com dadivas o obsequio, retirava-se para mortificar-se a outra salla do Paço. Foy taõ affeiçoado á Musica, que sempre a tinha em casa, porém quando mais gostoso de ouvî-la, sahia a despachar para ter essa mortificaçaõ. Cazou a primeira vez com D. Isabel, viuva de seu sobrinho o Principe D. Affonso, que já vos contei morrera desgraçadamente da quéda de hum cavallo; era filha mais velha dos Reys Catholicos, e fallecendo o Principe D. Joaõ, ficou sendo herdeira daquella Monarchia; pelo que chamaraõ ao nosso Rey D. Manoel a Castella, e em Toledo foy jurado, e sua mulher por successores dos Reynos de Castella, e Leaõ; mas passados poucos mezes, pario a Rainha o Principe D. Miguel, e pouco depois morreo em Ç,aragoça aonde pario, e o Principe tendo vinte e dous mezes falleceo, de sorte, que só nisto foy o Rey infeliz. Depois o convidaraõ segunda vez os Castelhanos com a Corôa, e Reyno aborrecidos do Imperador Carlos V., pelos muitos, e grandes tributos que lhes impunha para sustentar exercitos, quando o nosso Rey abundantissimo eximia de tributos antigos os vassallos: porém o nosso Monarcha como virtuoso, e politico raro, desprezou a proposta, estimando mais a amizade, e parentesco do Imperador do que a sua Corôa, e para melhor próva da sua fidelidade, o ajudou com muita artilheria, e dinheiros contra os mesmos desconsolados, e desobedientes, que o tinhaõ solicitado para o que temos dito: que vidas, honras, e fazendas teria poupado o nosso Reyno, se fizessem isto mesmo os Reys D. Fernando, e D. Affonso V., que por acceitarem os mesmos offerecimentos de Fidalgos Castelhanos, se destruiraõ a si, e ambos

bos os Reynos , como já vos contamos ; julgou o Imperador que lhe agradecia esta rara fineza , offerecendo-lhe a insignia do Tuzaõ ; duvidou muito tempo se havia acceitar a offerta , mas para naõ parecer que a desprezava , a usou : huns a honraõ , e outros se honraõ com ella , diz o Faria ; porém o certo he , que hum Monarcha naõ tem com que agradecer a outro generosidades taõ grandes , como deveo ao Rey D. Manoel o Imperador Carlos V. Mandou escrever as vidas dos Reys seus Antecessores , e honrou com premios grandes , e publicos aos que as escreveraõ ; fez investigar todos os Archivos , edificios , e sepulchros , e de tudo extrahir memorias antigas do Reyno , e Nobreza delle ; e para que melhor se conservasse o fructo deste trabalho , mandou reduzir a hum livro com estampas tudo isto , e ainda naõ satisfeito , como quem sabia , e experimentava o muito , ou tudo que extingue o tempo , mandou pintar no Palacio de Cintra o que se achava estampado no livro pelas regras da melhor Armaría , que tem usado o mundo : no tempo de Manoel de Faria e Sousa existio este livro , porque elle o diz , todos sabem a sua verdade , e segurança na historia ; porém eu nunca tive a fortuna de o vêr , nem pessoa que delle me desse noticia : em quanto os vassallos adquiriaõ novos brazoens com as armas , se occupava o Rey em eternizar-lhes os antigos em livros , e pinturas : grande Rey para taõ grande gente , porém só tal gente mereceo Rey taõ grande. D. Vasco Coutinho, Conde de Borda , aquelle fidelissimo vassallo , digno de estatua , e memoria eterna , que desprezando todas as ideadas fortunas , que o Duque de Viseu , irmaõ do Rey D. Manoel , lhe offereceo por D. Gutterez seu irmaõ , se concorresse

para

para a morte do Rey D. Joaõ II., depois de ſervir o Rey, e o Reyno com a revelaçaõ deſte abominavel, e maldito ajuſte; agora em Africa adquiria novas glorias para o Rey, e naçaõ na defeza de Arzila, a quem governava, e defendia do mais horrivel cerco, e aſſaltos, que o Rey de Fez lhe dava com todo o poder de Africa conjurado a extinguir nella o nome Portuguez, recuperando o que o ſeu inimitavel braço conquiſtâra: naõ tinha numero certamente o exercito Mouriſco, porque como entre elles ha indulgencia, e remiſſaõ de culpa, e pena para todos os que militaõ contra os Catholicos, a cada inſtante chegavaõ ao Rey de Fez novos exercitos voluntarios com mantimentos proprios. Juntemo-nos [illegible]do para vos contar eſte notavel cazo.

FIM

DA QUADRAGESIMAPRIMEIRA PARTE.

LISBOA:

Anno de 1759.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XLII.

CAda instante era mayor o exercito (disse o nosso Academico nessa tarde), e o Rey de Fez, vendo o fervor, e devoçaõ, com que toda Africa concorria para expulsar della os inimigos de Mafoma, depois de exhortar as Cabeças daquelle innumeravel exercito, e estas aos soldados; mandou conduzir as escadas, sendo elle o primeiro que intentou subî-las, para ganhar a mayor das suas malditas indulgencias; acudiraõ os Generaes a impedî-lo, e depois querendo ser cada hum o primeiro, de sorte, que a gloria immortal sem perigo, que julgava cada hum conseguir, junta com o exemplo do Rey, de sorte lhes excitou a colera, e fortaleceo de espiritos o coraçaõ, que D. Vasco, e os poucos Portuguezes que tinha a Praça, sendo todos de inexplicavel esforço, quasi o perderaõ cançados de vencer; porque sendo-lhes facil resistir á valentia dos Mouros, parecia impossivel tirar a vida a tantos, que sem desmayarem á vista dos mortos, e feridos subiaõ com mais alento que os primeiros, deixando a cada instante os vencedores mais desfalecidos,

lecidos, por causa dos espiritos que dissipavaõ em matar tantos Mouros, faltando-lhes o tempo para se alimentarem, quando os Mouros para descanço, e alimento lhes sobejava tempo, esperando a extincçaõ dos que viaõ no conflicto, para elles, fartos, irem gozar no outro mundo á vista de Mafoma o seu imaginado premio; mas como o valor Portuguez mais foy sempre dadiva do Ceo, do que beneficio da natureza; a noite fez cessar o combate, e esperança de render naquelle assalto Arzila; D. Vasco, seu illustre defensor, com os mais festejaraõ a victoria, mas receando como prudente outro igual combate, porque sabia quanto se augmentavaõ os destacamentos cada instante, como já vos disse; escreveo logo ao nosso Rey, dando-lhe conta da victoria, e do perigo em que se achava: recebeo a carta em Evora a tempo, em que sahia do Paço para assistir na Sé a huma festa com Missa cantada, e Sermaõ; o Faria diz, que era na Capella do mesmo Paço tudo; porém eu achey o primeiro em memorias de Luiz de Couto: o certo he, que no mesmo instante dispôs com breves palavras, e letras todo o necessario para o soccorro, sem a menor alteraçaõ de animo; entrou na Capella, ou Sé, e disse: *Naõ baja Sermaõ; ao Deaõ, que seja a Missa rezada; a Vasco Annes Corte-Real, que quando eu sahir esteja o comer na mesa; e a Gonçalo de Faria que tenha bestas promptas para mim, e para o pagem da bandeira.* Ouvio Missa, comeo, mandou escrever poucas cartas para algumas pessoas, e lugares, e montando a cavallo só com o dito pagem da bandeira, partio para a Cidade de Tavira, Reyno do Algarve, pela posta: ora pasmay, Irmãos, que nascestes nestes seculos, todo este foy o apresto, e estrondo

trondo para ſoccorrer Arzila, que ſe eſtava abrazando com todo o poder de Africa diante dos ſeus muros, eſcalada tantas vezes com ardor incrivel, e neceſſitada do mayor ſoccorro, que pudeſſe a Monarchia Portugueza, para conſervar nella a honra com que a expugnara; chegou o Rey a Tavira, e dentro em cinco dias ſe vio cercado de vinte mil vaſſallos voluntarios, esforçados, deſtemidos, e veteranos, que o buſcaraõ huns por terra, tomando a poſta, outros por mar em huma luzida Armada: preparavaõ-ſe alegres para eſta empreza heroica, quando chegou outro aviſo de D. Vaſco, que já eſtava livre de todo o perigo, porque os Mouros, reconhecendo invencivel o noſſo braço, naõ deraõ outro aſſalto, e levantaraõ o cerco: concorreo para iſſo verem que D. Joaõ de Menezes acudia peſſoalmente aos cercados, Herói, cujo nome, e façanhas he mais conhecido entre os Infieis, do que entre os naturaes. Desfeitos os preparos militares, gozou o Rey, e vaſſallos alegres as fortunas dos noſſos deſcobridores. No anno de mil quatrocentos e noventa e ſette ſahio de Lisboa Vaſco da Gama com quatro Navios, deſcobrio, e vendo ao largo as Ilhas do Oceano, e algumas terras de Africa, e America, paſſou felizmente o Cabo de Boa-Eſperança, aſſim chamado pala boa que teve o ſeu primeiro deſcobridor da Conquiſta da India; chegou a Moçambique, a quem o Faria chama Metropoli de huma Ilha grande; a quem eſcreve ſem ver mais que iſto ſuccede: nunca foy Ilha grande, nem Metropoli della, ſempre foy Ilha pequena, e das mais pequenas Moçambique, dizem alguns Eſcritores noſſos que teve algum dia meya legoa de comprimento, porém que reſiſtindo á prégaçaõ de S. Franciſco de Xavier,

a começára desde entaõ a comer o mar, e que o Santo sacudindo, como os Apostolos, o pó dos pés, quando sahio della pouco, ou nada attendido, dissera, olhando para ella, e para dous Ilhotes inhabitaveis que tem á vista muito pequenos, que huma daquellas Ilhas se havia submergir: ainda se conserva o arco por onde dizem sahira a embarcar o Santo no sitio, que chamaõ a Ramada; porém desta profecia que eu ouvi em Goa, naõ há tradiçaõ alguma na Ilha, o que naõ obstante poderá ser verdadeira; porque como a gente em Moçambique vive pouco, crivel he esquecesse huma tradiçaõ como esta em pouco tempo: alguns me disseraõ, que o mar comia a Ilha, porque estava muito perto do Convento de S. Joaõ de Deos, sendo certo, que das janellas do Noviciado, ninguem chegava com huma pedra ao mar em outro tempo; porém eu fuy hospede no dito Convento os dous mezes que estive nesta Ilha, e sendo a obra da Igreja, e clausura na verdade regia, e digna de huma Cidade populosa, só he desprezivel o Noviciado, e Botica; esta, porque he huma casinha muito pequena junto á porta, e com o que tem, para Botica de hum curioso, ainda ser a minima; aquelle, porque he huma sufficiente casa com tres janellas, sem repartiçaõ alguma para as camas, sendo excellente, como disse Igreja, Convento, Hospital, e mais Officinas: das janellas pois do Noviciado fiz a experiencia da pedra, e duvidando se em mim seria falta de forças, convidei para o mesmo outros, que as tinhaõ grandes, por taes conhecidas, e mais que todos hum Chorista, unico habitador do Noviciado, e o Boticario do Convento, e nenhum delles chegou ao mar com a pedrada, final de que o mar naõ come a Ilha; e sempre foy taõ peque-

pequena como eu a vi: livremente posso asseverar, que apenas terá hum quarto de legoa pequena, e em partes he taõ estreita, que posto hum homem no meyo, póde lançar com pouca violencia humas pedras, que toquem ambas as prayas: a Fortaleza feita de pedra, e cal deste Reyno, he huma das melhores cousas que possuem hoje os nossos Reys, e depois que foy Governador desta Ilha Antonio Cardim Fróes, natural do Torraõ, Heróe de eterna memoria no Oriente, em cujo valor, e façanhas resuscitaraõ as antigas; ficou sendo inconquistavel de todo com o fosso que lhe abrio da parte da Ilha, cercando de mar toda a Fortaleza; nella vi huma cisterna, que póde dar hum anno para muitos mil homens agoa de sobejo, e commodos largos para todos os moradores sem detrimento dos Cabos, e soldados do presidio, que todos moraõ dentro com as suas familias; e para mayor cautéla, sempre tem provimento necessario para mais de anno, de tudo o que para sustento, e defeza he precizo, e soldados com tal abundancia, que se o Governador quizer lhe fiquem todos os que alli chegaõ em qualquer Náo, que vay de Portugal para a India, naõ lhos póde negar o Capitaõ de mar, e guerra: he justissimo este privilegio, porque todo o poder de Olanda se empenhou ja tres vezes com Armadas na Conquista deste presidio, de que anda hum livro impresso, cujo titulo he: *Cercos de Moçambique*; e foy tal o empenho, que chegaraõ a forrar as Náos de cobre, por baixo do primeiro forro de madeira exterior, para lá invernarem sem o perigo de que as agoas doces do Inverno as corrompessem: aos cercos resistio o valor Portuguez com incrivel trabalho, fome, sede, e morte de soldados, e da ultima, e mayor Armada

mada os livrou N. Senhora do Baluarte; cazo notavel certo, que se refere todos os annos no Pulpito na festa da mesma Senhora, a que assisti, porque se celébra quando a Náo de Portugal chega, para ter a gente esse gosto, e ser mais luzido o concurso no festejo: he o cazo. Vencidas tres Armadas Olandezas, mortos muitos mil homens, e perdidas excellentes Náos em tres cercos, juntou a Républica todas as suas forças para restaurar o credito das suas armas, e com a mais formidavel Armada que vio o Oceano Indico, buscava a pequena Ilha em huma noite escura com chuva, e nevoa: estava de guarda neste baluarte, dedicado a N. Senhora, hum soldado veterano, e temente a Deos, taõ ignorante do inimigo que vinha pelo mar, como todos os mais; era meya noite, quando ouvio huma voz suave, que lhe dizia: *Dá fogo*, julgou que era illusaõ da fantasia, porque nem havia causa, nem tinha murraõ; porém ouvindo o mesmo terceira vez, disse: Como? Se naõ tenho murraõ: *Bate com a espada núa nessa peça*, lhe responderaõ: tirou o chumbo, e deo huma cutilada na peça junto á escorva, pegou fogo; disparou a bala, amotinou-se a Fortaleza toda, contou o cazo, julgaraõ ser prodigio; pela manhãa viraõ na peça a cutilada taõ funda, como se ella, sendo de bronze, fosse de faya; souberaõ depois, que a bala dando ao lume da agoa na Capitania da Armada a fundira, e que os das outras attonitos caminháraõ para a India, vindo logo continuos avisos dos portos visinhos, de que appareciaõ nas suas prayas Olandezes mortos; ultimamente se veyo a saber, que a Armada toda estava á capa defronte dos dous Ilhotes; que naõ entrara de noite por causa da nevoa, e que depois de submergida a

Capi-

Capitania, e virarem as mais as proas para a India; a mesma nevoa se desfizera em tempestade taõ horrorosa, e varia, que embaraçando-se humas Náos com outras, se fundiraõ todas despedaçadas, prodigio que abrio os olhos aos mesmos Olandezes, e conhecendo era Deos, e sua Máy Santissima, quem defendia a Praça, nunca mais intentaraõ a sua Conquista, nem outro inimigo se attreveo a ella: nesta Ilha naõ há cousa alguma do que necessita a vida humana, mais que agoa na cisterna da Fortaleza, que a dos poços parece leite, seccaõ de todo quando a maré vasa, e lançaõ por fóra quando enche; mas da terra firme de Africa, da qual dista menos de meya legoa, e entre ella, e a Ilha he o surgidouro, e das nossas Conquistas na mesma Costa, que saõ Sofala, Quilimane, Jambane, e Sena, he muito bem provida de mantimentos, e agoas excellentes, de Goa, Norte, e Portugal de vinhos, agoa ardente, e todo o necessario para vestir: os moradores que saõ bem poucos, só vivem na Ilha, em quanto alli está a Náo do Reyno, ou Navios dos outros portos nomeados; no mais tempo habitaõ na terra firme de Africa em quintas dilatadissimas, e boas, de sorte, que só ficaõ na Ilha o Governador ás vezes, os soldados sempre, e os Religiosos de S. Joaõ de Deos se há enfermos; e tem razaõ para este desamparo, porque Deos naõ creou habitaçaõ melhor para degredo, como esta Ilha de areal toda, calva, infructifera, rasa, feya, maltratada; sendo ao mesmo tempo a cousa rica, util, e necessaria, que hoje tem do Cabo de Boa-Esperança para dentro a Corôa Portugueza, e teve sempre; razaõ porque os Olandezes a procuraraõ conquistar com tanto empenho, e dispendio: as Conquistas da Asia servem só para gasto, e descomodo, esta com

as

as visinhas de que he chave, cabeça, e defeza, dá todo o ouro que de Sena quizerem extrahir a troco de pannos, e velorios, dá todo o marfim, ambar, escravos sem numero, de sorte, que se sustenta, e enriquece ao Rey, e vassallos, sendo a terra incapaz para sustentar bichos; tem hum Convento de S. Domingos em que está hum Religioso, serve para descanço dos que vaõ, ou vem das Missoens de Sena, e Tete; outro da Companhia com igual familia, para descanço dos Missionarios que vaõ do Reyno; hoje hum Hospicio dos Padres Agostinhos para o mesmo effeito; estes saõ cobertos com terrados de tijolos, o mais tudo com folhas de palmeiras; até as casas do Governador, Sé, e Misericordia, aquella sem portas, e esta indecentissima, quando vi ambas: o clima ardente, doentîo, sujeito a nevoas seccas todas as madrugadas, de sorte, que só quem usa de agoa ardente, desde que acorda até que se deita, goza saude, e vida dilatada: de sette em sette annos há huma diabolica tempestade nesta Ilha, terras, e mares visinhos, a que chamaõ Monomocaya, que até Navios leva pelos ares, e os lança muitas legoas dentro da terra firme, aonde eu vi os pedaços de hum: os Reys pretos visinhos ficaõ muito distantes, e saõ nossos amigos; os Leoens, Elefantes, e Cavallos marinhos naõ causaõ damno, de sorte que parecendo a peyor habitaçaõ, he preciosa Conquista. Vinde logo continuar a Conferencia.

FIM DA QUADRAGESIMASEGUNDA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.
Anno de 1760.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XLIII.

JUntaraõ-se antes da Ladainha os Academicos, e o Soldado continuou a historia dizendo-lhes: Em Moçambique tomou Vasco da Gama pilotos Mouros negros para seguir a sua viagem, vio Mombaça, terra deliciosa, e a melhor naquella Costa de Africa; no meu tempo a deixou perder o seu Governador Alvaro Caetano, quando mais segura a tinha o nosso dominio: os naturaas Mouros pretos, naõ podendo tolerar o jugo dos Arabios, lembrados do suave governo dos nossos Capitaens antigos, nos convidaraõ para a conquista, que o General Sampayo fez com singular industria, formando todos os Soldados, e marinheiros em huma só linha, e mandando dizer ao Arabio, que tinha muitos mil homens em campo, e só perdoaria as vidas se entregassem logo a Praça, e as Armas: elles vendo a monstruosa vanguarda do nosso exercito fantastico; suppondo que detrás daquella grande linha estavaõ outras de igual numero, além da gente que suppunhaõ estar a bordo, entregaraõ a Praça, cujo governo se deo a Alvaro Caetano, homem dou-

tissimo em muitas sciencias, e noticias, mas sem capacidade para estas cousas: naõ reprimio as insolencias que os Soldados faziaõ ás mulheres dos Mouros, cousa a mais sensivel para aquelles barbaros, os quaes vendo lhes succedia com o nosso governo, o que nunca experimentaraõ no Arabico, persuadiraõ ao Capitaõ tirasse da Praça o arroz todo, para elles lhes fazerem o beneficio de o pilarem nas suas casas, sem mais lucro, que fazer-nos esse obsequio; e tanto que viraõ a Praça sem mantimento, puzeraõ-lhe cerco, e tiraraõ a vida a quasi todos os do prezidio, escapou o Capitaõ, e outros poucos, morreo martyr hum Alferes chamado Joaquim, (por descuido em se authenticar o seu martyrio, naõ reza delle o Reyno) era muito gentil, e os Mouros desejando uzar delle no horrivel peccado de sodomía, o persuadiaõ a deixar a Fé, e consentir a culpa; e vendo que elle a huma, e outra cousa resistia com a mayor constancia, depois de muitos tormentos o ataraõ a huma arvore untado de mel, aonde as Vespas lhe acabaraõ a vida: sahio logo de Goa o General Sampayo com a mais luzida Armada, quando de Lisboa sahia o novo Governador de Mombaça Antonio da Fonseca Freire com outra, ignorando todos que ja estava a Praça perdida: o Sampayo chegou a Moçambique, julgaraõ que naõ era tempo opportuno, porque ja começava o Inverno, sahio com intento de invernar em porto seguro, porque em Moçambique esperavaõ a Monomocaya esse anno; desgraçadamente a encontrou no caminho, lutou com a tempestade muito tempo a Armada, até que se perdeo toda, e nella o filho do Vice-Rey Joaõ de Saldanha da Gama, e toda a flor, e esperança, alicerse, e defeza da India; tal era a tempestade, que levou algumas

mas embarcaçoens menores ás terras do Norte, aonde se quebraraõ, salvando-se alguns, aos quaes ouvi dizer, que antes da tempestade apparecera o demonio em diversas figuras em todas as embarcaçoens: fiado na sua verdade o conto, e nella me fio, porque eraõ Religiosos de Santo Agostinho de boa vida, e exemplo, aos quaes pertencem na India as Capellanîas das Armadas de alto bordo; e dos muitos que foraõ nesta, só escaparaõ dous bons nadadores, e Religiosos exemplares. Passou o Gama de Mombaça a Melinde, dahi ao Malavar, Provincia notavel, que consta de cinco Reynos, cada hum de cento e cincoenta legoas, vio Calecut, Cananor, Cranganor, Cochim, Coulaõ; fallou ao Imperador Samorim, com quem estabeleceo paz, e commercio, e entrou em Lisboa com assombro do mundo: naõ vos contarei agora mais destes descobrimentos, porque o tempo proprio para estas noticias, he quando vos contar todas as historias de Azia por sua ordem, especialmente as nossas conquistas, e guerras; basta dizer-vos, que D. Manoel reinou vinte e seis annos, destes se empregaraõ nas conquistas vinte e tres, e feita a conta ás Náos que mandou para a India, cabem treze Náos a cada anno, sendo certo, que todas entravaõ carregadas de ouro, diamantes, perolas, preciosidades novas, e exquizitas. Ao mesmo tempo quiz o nosso Rey ir pessoalmente a Africa continuar as conquistas della; encheo-se o Téjo de embarcaçoens, nas quaes hiaõ vinte e cinco mil homens, mas pedindo-lhe no mesmo tempo o Papa quatro mil para soccorro dos Venezianos ameaçados pelo Turco, se desfez a Armada, e em trinta Navios lhos enviou: neste tempo Diogo de Azambuja conquistou em Africa a Cidade de Safim, povoaçaõ

 de

de cinco mil vizinhos, ſem perder na empreza mais que hum Portuguez: ſahio D. Joaõ de Menezes com poucas embarcaçoens a ſondar as barras de Azamor, Mamora, Cale, e Larache, e recolheo-ſe com muitos cativos, deixando degollados muitos mil barbaros: eſte meſmo anno antes, tinha chegado até ás portas das Praças mais interiores, queimando-lhes as ſementeiras, e quintas, e matando muitos. Franciſco Pereira Peſtana nos campos de Arzila com valor, e induſtria venceo, e matou tantos Mouros, que ficou o ſeu nome ſervindo de terror para calarem as mãys os filhos, como o do Cardim na India, e o de Anſelmo de Moraes em Sena, nos noſſos tempos: Numo Fernandes de Attaide, depois de muitas, e inſignes victorias, defendeo a Cidade de Safim do cerço que lhe pôs o Rey de Marrocos, rompeo-lhe o exercito, matou, captivou, e pôs em fugida os Mouros, e foraõ deſpojos ſeus a tenda, e a mulher do Rey: conquiſtou a Cidade de Fetneſt, e conſeguio ſer temido de todos os Africanos: D. Duarte de Menezes cercado pelo Rey de Fez, ſahio da Praça, fez levantar o cerco, e accommettido pelos Alcaides Tetuaõ, e Xexuaõ com tres mil homens, os recebeo com quinhentos, em cujas mãos ficaraõ mortos, e quaſi mil captivos: Lopo Barriga com trinta cavallos inveſtio todo o exercito do Rey de Marrocos, cortou a cabeça ao Mouro Xeque, podoroſo, e amotinador da ſua Comarca, matou ao Capitaõ Xererife, e a quatrocentos Mouros. Sahio de Lisboa o Duque de Bragança D. Jaime com quatrocentas embarcaçoens, em que hiaõ duas mil e duzentas lanças do Rey, dezaſeis mil Infantes, e quatro mil do Duque, chegou a Azamor, que o eſperava com todos os reparos para a defeza, dentro, e fóra,

mas

mas affugentada a Soldadeſca, que defendia o campo, com morte de muitos Mouros, acabou a vida na defeza da Cidade o ſeu Capitaõ o Cide Mançor com innumeraveis barbaros, fugiraõ os outros, e foi tal o medo nos vizinhos, que logo deſampararaõ as Villas de Tite, e Almedina, que a noſſa gente povoou, e pôs em defeza: fiquem as outras noticias para as Conferencias, em que tratarmos de Africa, e ſuas conquiſtas, porque os triumfos do Rey D. Manoel, victorias, e fortunas ſaõ tantas, que nenhum as póde contar juntas. Eſtas foraõ as propriedades deſte feliciſſimo Monarcha, avaſſallar Imperios, e Reynos, ter promptos ſempre para todas as venturas os vaſſallos, dominar mares, climas, e elementos, carecer de todos os deſgoſtos, de ſorte que mais parece eſtudava a fortuna o evitar-lhos, do que elle nunca cuidou em cortar-lhes os caminhos, ſendo os da guerra, e conquiſta de Reynos eſtranhos, taõ diſtantes muitos, e barbaros todos, os mais proporcionados meyos para ter a cada inſtante muitos infortunios. Era o Rey de mediana eſtatura, os braços taõ compridos, que deixando-os cahir direitos, lhe paſſavaõ os dedos abaixo dos joelhos, defeito myſterioſo, e neceſſario para quem havia abraçar todo o mundo, cabello ruivo eſcuro, que ſempre trouxe ſolto, e foi o ultimo Rey de Portugal, que uſou iſſo, beiços groſſos, e vermelhos com exceſſo, o animo verdadeiramente Real, e bellicoſo, ao meſmo tempo affavel, e feſtivo, inclinado á caça, muſica, e letras, divertimentos, e feſtas com pompa, mas, para que os vaſſallos ſe naõ empenhaſſem para luzirem nellas, tinha innumeraveis veſtidos, e arreyos precioſos, qne lhes mandava dar nas occaſioens dos feſtejos; todos os dias veſtia huma galla nova,

quan-

quando ſahia fóra ſempre era com magnifico apparato; hiaõ diante tres, quatro, ou cinco elefantes, e outros animaes differentes, ſeguiaõ-ſe tres, quatro, ou cinco coros de inſtrumentos varios: em fim nada experimentou na vida, que naõ foſſe ventura, nenhuma acçaõ intentou, que naõ viſſe conſeguida, e feliciſſima, e nenhuma teve que naõ foſſe Real, e heroica: morreo em Lisboa aos treze de Dezembro de mil quinhentos, e vinte e hum, com cincoenta e dous annos de idade, e vinte e ſeis de reinado, foi ſepultado no Convento dos Padres Jeronymos de Belem, fundaçaõ ſua, que ſendo ſó hum principio do ſeu intento, he huma das primeiras da Europa: foi o primeiro Rey a quem ſe deo algumas vezes o tratamento de Alteza, o de Mageſtade nunca, porque o ordinario a eſte, e a todos foi Senhoría, naõ obſtante o Papa Alexandre III., na Bulla em que confirmou a inveſtidura de Rey ao Veneravel D. Affonſo Henriques, lhe dar o tratamento de Excellencia, de ſorte que o primeiro Rey Portuguez a quem ſe fallou por Mageſtade foi El-Rey D. Sebaſtiaõ: no retrato eſtá o Rey D. Manoel com Corôa na cabeça, eſpada núa baixa, manto de brocado guarnecido de perolas: caſou tres vezes, a primeira com Dona Iſabel, viuva do Principe D. Affonſo, de que ja démos noticia. A ſegunda com ſua cunhada Dona Maria, de quem teve muitos filhos. A terceira com Dona Leonor, filha do Rey D. Filippe primeiro de Caſtella, irmãa do Imperador Carlos quinto, ſobrinha das duas primeiras mulheres; da primeira ſó teve o Principe D. Miguel, que morreo de vinte e dous mezes. Da ſegunda teve D. Joaõ, que lhe ſuccedeo na Corôa. O ſegundo Dona Iſabel, que caſou com o Imperador Carlos quinto, mãy de Filippe ſegundo, que

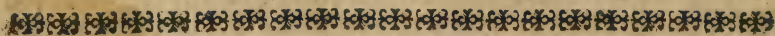
de

depois herdou este Reyno. O terceiro D. Beatriz, mulher de Carlos Terceiro, Duque de Saboia. O quarto D. Luiz, Duque de Béja, Condestavel de Portugal, pay de D. Antonio Prior do Crato, que depois pertendeo o Reyno. O quinto D. Fernando, que cazou com Dona Guiomar, filha de D. Francisco Coutinho, Conde Marialva. O sexto D. Affonso, Cardeal, Arcebispo de Lisboa, pay dos pobres, dotado das maiores virtudes, administrava todos os Sacramentos, assistia aos moribundos, viveo pouco, jaz em Belem com seus irmãos. O settimo D. Henrique, Cardeal, Arcebispo de Lisboa, Braga, e Evora, Abbade Commendatario de Alcobaça, que infelizmente succedeo na Corôa. O oitavo D. Duarte, que cazou com Dona Izabel, filha de D. Jayme, Duque de Bragança, Varaõ Santo, que estando enfermo disse aos criados a hora em que havia morrer, e o dia: delles nasceo Dona Catharina Duqueza de Bragança, que pertendeo justissimamente o Reyno, que hoje gozaõ seus netos, Reys; e Senhores nossos. O nono Dona Maria. O decimo D. Antonio, ambos morreraõ meninos. Da terceira teve dous: O primeiro D. Carlos, que morreo de poucos mezes. O segundo Dona Maria, que morreo de cincoenta e sette annos, donzella dotada de todas as virtudes, está sepultada no Convento da Luz, que fundou: deo muitos titulos o nosso Rey D. Manoel, a seu filho D. Luiz Duque de Béja, a seu filho D. Fernando Duque da Guarda, a seu filho D. Duarte Duque de Guimaraens, a D. Joaõ de Lencastre Marquez de Torres Novas, a D. Rodrigo de Mello, Conde de Tentugal, Marquez de Ferreira, hoje Duques do Cadaval, deo muitos mais todos extinctos, aindaque em diversas familias se conservaõ as mer-

cês

cês: a Vasco da Gama por descobrir a India deo o titulo de D., e passados tempos o fez Conde da Vidigueira: floreceraõ em santidade dous Martyres, que fôraõ Mouros, e depois de baptizados Capitaens insignes, e valorozos em companhia dos Portuguezes. O primeiro se chamou Gonçalo Vaz, depois de muitas façanhas o cativaraõ os Mouros, e lhe fizeraõ exquizitos tormentos, hum delles foy abrir-lhe o coraçaõ, dentro do qual se achou escrito o dulcissimo Nome de JESUS, Joaõ Vaz seu Irmaõ o acompanhou na morte, padecendo os mesmos tormentos: vivia ja conhecido o Grande Historiador Joaõ de Barros, e o Principe dos Poetas Portuguezes Luiz de Camoens: teve principio a monstruoza herezia de Luthero, que tanto sequito adquirio no bom da Europa, sobverteo-se na Ilha de S. Miguel huma Villa, caso horroroso, que ouvireis a seu tempo, e no Reino de Granada muitos Lugares padeceraõ o mesmo infortunio. A' manhãa ouvireis a vida do Rey D. Joaõ terceiro.

F I M

DA QUADRAGESIMA TERCEIRA PARTE.

L I S B O A:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XLIV.

TAõ gostozos vivem os nossos Academicos, que todas as horas desejaõ ouvir as vidas dos nossos Monarchas, desorte que depois da Ladainha assentaraõ houvesse Conferencia, na qual disse o Academico desta feliz historia o contrario do que pedia a esperança de toda a Academia. Com o cadaver do felicissimo Rey D. Manoel parece se sepultaraõ as fortunas de Portugal, ou que tendo estas chegado ao Zenith, agora começaraõ a declinar: acclamaraõ logo Rey seu filho o Principe D. Joaõ, terceiro do nome, e Rey decimoquinto; tinha nascido em Lisbôa a seis de Junho de mil quinhentos e dous, a tempo que os elementos formavaõ huma horrivel tempestade de chuva, e vento; e quando o levaraõ a baptizar, houve hum incendio no Paço, desorte que sahio a receber a luz, e ar commum com agoa, e a agoa Santa com fogo, acazos, de que entaõ se fizeraõ varios juizos, e prognosticos, mas todos de felicidades para o Rey, e Reino, cujo Principe nascia, ou dominando elementos, ou festejado delles, como lhes era possivel, obse-

quiá-lo: muito tempo ántes de ser gerado, disse hum veneravel velho á ama, que depois o criou, havia ter a fortuna de alimentar a seus peitos hum Principe sobera-no: elle o foy com tal excesso, sendo gentil, e affavel, que para se lhe fallar, era necessario ter os olhos baixos, porque pondo-lhe o rosto faltavaõ as palavras, esquecia o negocio: tal era o respeito que infundia a todos benigno, que seria quando estivesse irado! No principio do seu governo entregou aos Mouros quatro Praças de Africa, theatro das mayores façanhas dos tres Reys seus antecessores, D. Affonso V., D. Joaõ II. e D. Manoel: foraõ ellas Alcacer, Arzila, e Azamor. Sustentou as conquistas da India com muitas Armadas, e alguns heroes, que restavaõ da escóla de seus antecessores: foy o primeiro que mandou para a India facinorozos, porém a Náo em que sahiraõ de Lisbôa até o prezente senaõ soube della: estabeleceo o Tribunal do Santo Officio independente de outro: instituio a Mesa da Consciencia, e Ordens, restituio a Coimbra a Universidade, que D. Diniz trasladou para Lisbôa, reformou as Religioens, alcançou do Papa, fizesse Metropolitana a Igreja de Evora, e fundasse os Bispados de Miranda, Leiria, e Portalegre: edificou muitos Templos, e hum hospital com irmandade em Almeirim, para soccorro, e reparo dos que militavaõ em Africa, e das viuvas dos que lá perdiaõ as vidas: revogou a Ley de marcarem os ladroens, dizendo: *Era justo que, se emendassem a vida, naõ lhes ficasse na cara o sinal da culpa antiga*: determinou a precedencia dos Condes pela antiguidade das mercês: mandou lavrar moedas de cobre em abundancia, a mayor de dez reis, outras de cinco, as menores de tres. O Imperador Carlos quinto lhe mandou a insignia do Tuzaõ, em agradecimento do

muito

muito q̃ o ajudou na jornada de Tunes, consentindo que o fosse ajudar seu irmaõ o Infante D.Luiz, o qual por terra o foy alcançar em Barcelona, em quanto de Lisbôa caminhavaõ vinte Náos com dous mil homens de guerra, e a Capitanea com duzentas peças de artilheria. Cazou com Dona Catharina, filha do Rey D. Filippe segundo de Castella, irmaã do Imperador Carlos quinto, Princeza de eterna memoria, e saudade neste Reyno, Matrona singular mãy da patria, de quem fizeraõ tal conceito os Barbaros, que vendo a prudencia, e cuidado com que soccorreo Mazagaõ apertado com cerco no tempo do seu governo, hũ Mouro illustre veyo a Portugal só para a ver, dizendo naõ queria acabar a vida sem ver a mais singular Matrona; e depois de a ver, disse naõ pudera ser menos, quem assim obrava; ella só podia fazer venturozo o Reino, se ella só tivesse em seu neto dominio: teve nove filhos, e só dous cazaraõ, que apenas cazados morreraõ: D. Affonso, Dona Izabel, Dona Beatriz, D. Manoel, D. Filippe, D. Diniz, e D. Antonio, todos morreraõ meninos, Dona Maria que foy terceira na ordem do nascimento, morreo de parto de seu filho primogenito Carlos, naõ havendo hum anno, que tinha cazado com Filippe segundo de Castella. O nono foy D. Joaõ, que cazou com a Princeza Dona Joanna, filha de Carlos quinto, dizem que o demasiado amor que lhe tinha lhe causara a doença, chamada paixaõ diabetica, de que morreo ficando a Princeza pejada, e no seu ventre toda a esperança, e remedio da naçaõ Portugueza o Rey D. Sebastiaõ, que depois de muitos, e horriveis presagios, nasceo felizmente a vinte de Janeiro de mil quinhentos e cincoenta e quatro, para dahi a vinte e quatro annos com a sua perda em Africa, converter em lagrimas as excessivas alegrias com que todos fes-

tejaraõ o seu nascimento : entrou esta Princeza no Reino com hum grande dote, notavel jubilo, e grandes esperanças, sahio delle tristissima, deixando hum filho unico apenas nascido : mostrou as grandes virtudes de que era dotada, e que tinha herdado de seu pay Carlos quinto, mostrando que ignorava a morte do Principe seu marido, até lhe quizeraõ dar essa noticia depois do parto, e na fabrica do Mosteiro das Descalças da Madrid, que fundou para seu jazigo, e junto a elle a Casa da Misericordia, similhante em tudo á de Lisbôa : este desgosto da morte do filho diminuio ao Rey D. Joaõ a vida, e quando havia suavizar esta pena com a vista do neto, succedeo em Lisbôa aquelle horrendo insulto de entrar na Capella Real hum herege diabolico, o qual chegando-se com dissimulaçaõ ao altar, fez em migalhas a Hostia Consagrada, derramou o Sangue de Christo, e deo humas punhadas no Sacerdote : estava o Rey prezente, e com o seu respeito suspendeo o furor do auditorio, que intentava reduzir a cinzas o herege no mesmo sitio : prezo, disse que naõ tinha companheiros, que obrara aquella acçaõ movido de zelo contra a nossa idolatria, que nenhuma affronta fizera a Christo, porque elle estava no Ceo, e naõ em vinho, e paõ como nós adoravamos, que só tinha offendido ao Rey, por fazer aquillo na sua prezença, naõ foy possivel converter-se, e em publico cadafalso; depois de lhe cortarem as mãos, morreo queimado vivo : depois deste horrivel cazo, nunca mais o nosso Rey teve alegria alguma, nem deo sinal della, a todo o instante o viraõ suspirar afflicto, e chorar quasi sempre, estando só; naõ tosquiou mais a barba, nem lhe durou a vida, porque passados poucos mezes, adoeceo de melancolia : julgaraõ, que a summa galantaria, viveza, e formosura do

neto

to o poderia divertir, e conduziraõ-no enfeitado ao leito do avò; mas quando o veneravel, e piedozo Monarcha com as galantarias do neto aleviava as penas, que tinha cauzado a injuria feita a Christo Senhor nosso, entaõ achou a melancolia causa para lhe excitar outra nova pena, quando aliás em outro, o mesmo que agora lhe accrescentou a tristeza, certamente lhe causaria grande alegria: pedio o Rey agoa, e o menino tanto que ouvio fallar nella, disse que tambem queria, trouxeraõ em huma salva dous pucaros, hum coberto para o Rey, costume sempre observado com os Monarchas Portuguezes, e outro descuberto para o menino, tanto que este vio o seu pucaro descoberto, chorou, e naõ bebeo, dizendo que queria ogoa de pucaro que tivesse cobertura, como o de seu avò, este interpretando, como agouro, a acçaõ innocente do neto, virou-se para o outro lado afflicto, dizendo: *Cedo quereis reinar*; naõ o vio mais; porque dahi a poucos dias morreo com tanta evidencia que lhe tirara a vida a paixaõ da alma que tomou pelo desacato feito ao Santissimo Sacramento, que tres dias antes de morrer foy apè ouvir Missa á Igreja da Misericordia, mas repetindo-lhe o accidente de tristeza, falleceo em Lisbôa a onze de Junho de mil quinhentos e cincoenta e sette, com cincoenta e cinco annos de idade, e trinta e cinco e meyo de governo, està sepultado junto a seu pay: era de mediana estatura, mas avultada, formoso rosto, cabellos negros, e muitos, e foy o primeiro que usou cortá-los sobre o pente, olhos azues, e com tal magestade em tudo, como ja dissemos sem encarecimento: teve taõ feliz memoria, que indo huma vez a Coimbra, e ouvindo ler os nomes de todos os estudantes da Universidade, nem hũ só lhe esqueceo, e conhecia pelo seu nome a cada hum: justissimamente lhe

cha-

chamaraõ piedozo, porque naõ fez acçaõ, que naõ fosse acredora do titulo, alguns lhe notaraõ, e notaõ a entrega das Cidades de Africa, que além de merecerem a conservaçaõ, pelo que tinhaõ custado, e para gloria nossa, só se deviaõ entregar com a vida, depois de consagradas as Mesquistas, celebrados sacrificios incruentos, e estabelecida a fé dentro dos seus muros; porèm o tempo mostrou, que a culpa naõ fora delle, mas sim dos Conselheiros, os quaes depois o confessaraõ envergonhados, e arrependidos, e o fim que os moveo a todos, foy a avareza, com que ja os Portuguezes só cuidavaõ nas riquezas da India: no seu tempo a foy illustrar o Apostolo do Oriente S. Froncisco de Xavier, que o Rey pedio com outros companheiros a Santo Ignacio; e quem souber q̃ naõ tem numero os milhões de almas, que este Santo na India baptizou, converteo a melhor vida, e metteo no Ceo, poderá coujecturar as coroas que lá terá o nosso piedozo Rey que o mandou: pedio-lhe na despedida, que na primeira monçaõ lhe mandasse hũa larga informaçaõ das cousas da India, e o Santo só lhe mandou dizer que na India se conjugava o verbo Rapio por todos os modos: achei lá tradiçaõ entre pessoas doutas, e pias, que a dita carta continha mais palavras, a saber: *Que na India de sette annos para cima ninguem se salvava*; como naõ vi a carta, duvido que o dissesse, ou fallaria na India no estado em que a vio, quando o disse, porque hoje, á vista das nossas terras da America, e Africa, he a India exemplar reformadissima; porèm como no tempo de S. Francisco de Xavier, e quasi dous seculos depois, foy certamente, como consta de tradiçoens verdadeiras em todo o Oriente o nosso valor igual á nossa avareza, incrivel o luxo, e lascivia, se he certo tudo o que se conta naquelle vasto Imperio, com

ra-

razaõ, e [illegible] zer o Santo: c[illegible]entos, e melhor de verdadeiras tradiçoens, que as fenhoras Portuguezas em todas as conquiftas da Azia tinhaõ duzentas, trezentas, quatrocentas, e quinhentas criadas, e efcravas para o feu ferviço dentro de caza, com todo efte exercito fahiaõ fóra, adiante hiaõ doze até vinte e quatro, ou quarenta efcudeiros com thuribulos de ouro cheios de aromas, incenfando o caminho, ás vezes, e em algumas cazas levavaõ as ayas os thuribulos, feguiafe a cadeira, ou palanquim, em que hia a fenhora, com os chapeos de Sol ás eftribeiras, tudo ouro, prata, diamantes; perolas, e exquifitas preciofidades, atraz vinha a familia que ja diffe, e na retaguarda os Soldados que fuftentava em fua caza o marido; a ifto podeis dar credito inteiro, porque as cinzas de tudo, ainda hoje, o eftaõ moftrando, além dos documentos, e tradiçoens que allego, e confta do livro do P. M. Fr. Diogo de Santa Anna da Ordem de Santo Agoftinho, fubftituto do Arcebifpo Governador da India o Veneravel D. Fr. Aleixo de Menezes (depois Arcebifpo de Lisbôa, de Braga, e Prezidente do Supremo Concelho de Hefpanha no tempo de Filippe prudente) na fundaçaõ do grande, e fem fegundo Mofteiro de Santa Monica de Goa, na qual refpondendo á crife que muitos faziaõ de terem as Freiras fette, oito, dez moças, e efcravas cada huma, refpondeo (com as palavras daquelle Santo Eremita, de que trata o Prado Efpiritual, que fazia milagres junto a Roma, comendo, bebendo, veftindo, e dormindo com fumma abundancia a refpeito dos Monges da Paleftina; porque tinha fido Meftre de muitos Imperadores, e criado com delicias, e fafto) que nas Freiras de Goa naõ era relaxaçaõ; antes grande refórma

efte

eito [illegible] seus pays muitas [illegible] rvissem: nos Cartorios de Goa, assim do Governo, como do Senado, vi esta Apologia com as mesmas palavras, porque ambos se oppuzeraõ ao dito Veneravel Padre na continuaçaõ da obra daquelle Santuario o mayor da Monarchia Portugueza, porque em hum angulo lhe cabe todo o Convento de Santa Glara de Coimbra, e tem dentro mais de seis mil mulheres, sem oppressaõ, confuzaõ, nem damno, em paiz ardentissimo, e ninguem póde duvidar, sem temeridade, que este Veneravel Religioso entaõ disse, escreveo, e depois se imprimio a verdade que elles viaõ, para com ella convencer a oppoziçaõ, com que o perturbavaõ. Teve o Rey D. Joaõ III. hum filho illegitimo, chamado D. Duarte, Arcebispo de Braga, Principe piedozo, pay de pobres, humilde, vigilante, benigno, affavel, inteiro, e douto, que na lingua Latina deo principio á Historia Portugueza, que naõ continuou, como D. Justo Bispo Italiano, chamado por D. Joaõ o II. para isso: deo varios titulos, hoje extinctos, excepto Marquez de Ferreira nos Duques do Cadaval, os mais, que se conservaõ, estaõ em diversas familias por heranças, como saõ. Mas basta que he tarde, pela manhaã o direy com noticias deste tempo horrorozas.

FIM

DA QUADRAGESIMA QUARTA PARTE.

LISBOA,

Na Offic. de Francisco Borges de Sousa.

Anno de 1759.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XLV.

AInda que o frio ja naõ convida os Romeiros para este sitio deliciosissimo no Veraõ, este anno por causa da nossa Academia os teremos agora, e no Inverno, causa porque no dia seis de Outubro houve Conferencia, e disse o Soldado: Continuou o nosso Rey na caza dos Duques do Cadaval, entaõ só Condes de Tentugal, por nova mercê o titulo de Marquezes de Ferreira; a D. Joaõ de Alencastro, filho mais velho do Duque de Coimbra; a D. Jorge fez Duque de Aveiro, cuja singular Varonia está extincta; a D. Antonio de Attaide seu valido Conde da Castanheira. As imprezas da India ficaõ para quando pertencerem na historia, porque merecem narraçaõ mais dilatada, do que a breve noticia que dellas nos deixaraõ os principaes Chronistas desta vida, e Reys desta Monarchia; só direi que na India no tempo do nosso Rey, morreo hum homem que certamente viveo trezentos e trinta e cinco annos, se bem na India he tradiçaõ que vivera mais tempo, e por ser extraordinario cazo, naõ o rezervarei para a historia da India,

 co-

co... ...es tenho feito. Co... ...S. Francisco, que elle foy a ... o martyrio, e que o Rey Soldaõ o recebera com summa reverencia, e benignidade, naõ consta fosse á India, antes nella ouvi sempre dizer aos seus Religiosos mais doutos, e virtuozos, que se elle a visse, e experimentasse pessoalmente, havia ordenar na sua Regra, que os seus Religiosos na India só vestissem hum panno do tamanho de hum guardanapo, que uzaõ os Canarins para modestia, nas partes que ella obriga a cobrir, por que aquelle espirito, a quem nunca a pobreza pode saciar, assim vendo-se nû, e vendo nûs os seus em clima aonde vivem nûs os naturaes, teria summa consolaçaõ; he certo porèm, que o Senhor S. Francisco foy á India, esteve em Bengala, e passou o rio Ganges: o motivo desta jornada dirá o senhor Theologo, que lhe pertence, e naõ a mim que sou hum ignorante. Dizeys bem Irmaõ, e este cazo a mim só pertence o referî-lo: até a morte de Christo Senhor Nosso, e prégaçaõ dos Apostolos em todo mundo todos se podiaõ salvar observando á risca a Ley natural, só os Israelitas necessitavaõ para a salvaçaõ a observancia da Ley escrita, desde que lhes foy dada no monte Sinay, até q̃ se lhe prégou a Ley da Graça, porque a elles só foy dada a Ley: agora depois de promulgada a Ley de Christo em todo o mundo (que em todo se achaõ sinaes disso, como vos direy a seu tempo) dizem os Theologos, que se algum Gentio viver á risca na Ley da natureza, conhecendo hum Deos, que he conhecimento natural, sem idolatria alguma, naõ fazendo a outrem, o que naõ quer para si, em fim na Ley natural, que tendo este preceito, nelle inclue todos, os que hoje temos, excepto

cepto o conhec[illegible]
carnaçaõ, Sacramen[illegible]
(dilleraõ todos) sabemos o que he Ley natural[illegible]
disse o Theologo, este parece que está Deos obri[illegible]
a mandá lo instruir nos mysterios da Ley da Graça pa[illegible]
se salvar, ou por homens, ou por Anjos, isto he
suppondo que nenhuma noticia tem da Ley de Christo;
funda-se isto na razaõ, que he clara, e nos factos: o
secular, que converteo o Veneravel Fr. Joaõ Taulero,
tinha instruido alguns: o Veneravel Padre Joseph de
Anchieta da Companhia de JESUS, Apostolo da America,
caminhando em conducta de muitas pessoas pelo
Certaõ, de repente lhe revelou Deos que fosse baptizar
hum destes, mandou parar os companheiros, entrou
no mato, achou sentado junto a huma arvore
hum velho com hum cabaço de agoa, o qual sem nunca
o ter visto, o saudou dizendo: *Vinde embora Padre
Anchieta*, *que ha muitos annos* (parece-me que
disse oitenta) *espero por vós neste sitio para me baptizares*:
instruido logo pelo Veneravel Padre, e baptizado
com a agoa que tinha junto a si. morreo logo:
o mesmo se conta da lingua de hum gentio, Juiz rectissimo
de hum povo, que seculos esperara incorrupta
o baptismo, em fim destes, e de outros muitos casos
podemos conjecturar, que S. Francisco foy levado
pelos Anjos á India alguma vez, e que estes o puzeraõ
em terra do Reyno de Bengala, Imperio do Graõ
Magor, para baptizar algum destes, que nos matos o
estaria esperando: que foy, he certo, mas o fim para
que foy, só Deos o sabe, e nós só podemos suppor
este; porque o Gentio, que viveo certamente trezentos
e trinta e cinco annos, ou quatro centos; como
he tradiçaõ na Azia, estava na margem do rio Ganges

 ges

hum homem

vestido de panno grof-

qual pedio o passasse ás costas para a outra mar-
rio, para naõ molhar as chagas, nem levan-
o habito: o Gentio, a quem Deos queria salvar por
este meyo extraordinario, com muito gosto o tomou
nos hombros, e passou o rio; quando o desceo na ou-
tra margem, lhe disse o homem, que em premio da-
quelle beneficio que fizera, naõ havia morrer sem o
tornar a ver, deo-lhe credito o Gentio, e contou o
caso, todos zombaraõ, mas o tempo deo fiel testimu-
nho da verdade, porque quatro vezes lhe cahiraõ os
dentes, e cabellos, e quatro lhe nasceraõ outros no-
vos, desorte que todos os Reys do Oriente quizeraõ
vê-lo, e depois lhe consignaraõ rendas para se susten-
tar, rico, abundante, sem pena, nem dor: vivia
sem domicilio certo, ora neste, ora naquelle Reino,
até que veio a Cochim, Cidade moderna dos Portu-
guezes na India movido da curiosidade de ver aquel-
la gente nova, bem ignorante de que nella havia aca-
bar a vida, e passar para a Bemaventurança. Havia
pouco tempo que nesta Cidade tinhaõ fundado hum
Convento, e no altar mór da sua Igreja tinhaõ posto
huma Imagem do Patriarcha Serafico, de altura cômua
de hum homem, entrou o Gentio a ver a Igreja, primei-
ra, e ultima que vio em taõ dilatada vida, e apenas
olhou para o Altar mór, e vio S. Francisco, cuidan-
do que era homem vivo, e naõ Imagem sua, metten-
do os dedos na bocca, sinal de pasmo ainda hoje en-
tre os Gentios, gritou dizendo: *Acudaõ-me que mor-
ro, porque alli está o homem que eu passey sobre meus
hombros no Ganges, e me disse havia eu morrer, quan-
do o visse outra vez.* Acudiraõ os Religiosos aos gritos,

con-

contou elle o[illegible]
go o instruiraõ n[illegible]
tismo espirou nos braços do Padre Guardia[illegible]
tinha administrado o Sacramento; com repiq[illegible]
grimas de gosto, cantando o *Te Deum Laudamus*, [illegible]
varaõ os Religiosos nos seus hombros para a sepultura, em jazigo só para elles reservado, pagando-lhe agora no enterro a caridade, com que elle levou pelas agoas do Ganges a S. Francisco. Até aqui o que me pertence, agora continuay vós a Historia. Reinaraõ (continuou o Soldado) na Igreja de Deos neste tempo Adriano VI., Clemente VII., Paulo III., Julio III., Marcello II., e Paulo IV. Foy coroado pelo Summo Pontifice em Bolonha Carlos V., funçaõ que na sua vida vos contaremos a seu tempo. Francisco primeiro Rey de França perdeo a batalha de Pavîa, e ficou prizioneiro do Imperador Carlos V., foy conduzido a Madrid, aonde esteve prezo. Ganhou o Turco a Ilha de Rodes, aonde assistiaõ os Cavalleiros de S. Joaõ do Hospital, a quem o Imperador deo a Ilha de Malta para se recolherem, e da hi se chamaraõ Maltezes, chamando-se antes desta desgraça Cavalleiros Rodios: o Monte Vesuvio lançou tanto fogo, que opprimio muitas Villas, e Lugares vizinhos com a cinza, e morreraõ muitas pessoas, e gados: em Bolonha os Judeos conseguiraõ huma Hostia consagrada, e posta sobre hum bofete, cada hum com seu punhal a foy passando, e a cada punhalada lançou hum rio de Sangue a Sacratissima Hostia, caso dos mais horrendos, de que trataõ as Historias, e que nós devemos sentir no coraçaõ, e fazer toda a vida diligencias para desaggravar a Christo Senhor nosso desta, e de mil injurias, como estas, e maiores, que lhe tem feito no SS. Sacramento

Judeos,

...os peyor que
...logo vos conta-
...eu tempo, que agora he precizo contar-vos
...do Rey D. Sebastiaõ. Antes delle ser gerado,
...como dizem as memorias manuscriptas, que tenho, quatro mezes antes de nascido, appareceo no ar huma tumba sobre Lisbóa, que de todos foy vista, sua Máy a Princeza Dona Joanna, e as suas damas viraõ das janellas do seu quarto, que da ultima parte da galleria do Paço, sahiraõ de noite muitos Mouros com tochas acezas, fallando alto na sua lingua, e se precipitavaõ no rio: quando deraõ as dores de parto á Princeza, avizaraõ todas as Igrejas da Corte para exporem o Santissimo, e fazer preces pelo bom successo; nisso estavaõ, quando entrou na Igreja de S. Domingos huma velha Veneravel, e chegando á meza dos irmãos do Santo Christo, deo hum vintem, e disse que assentassem por irmaõ o Rey D. Sebastiaõ; desorte que antes de nascer, e lhe determinarem o nome, ja estava Confrade daquella antiga, e notavel Confraria, com o nome de Sebastiaõ, e nunca se soube quem era a velha que fez esta acçaõ: no mesmo tempo andava pela Cidade huma notavel procissaõ de preces com hum osso de S. Sebastiaõ, por ser esta a noite do seu dia, no meyo da procissaõ viraõ todos ir sempre de joelhos huma mulher gemendo, mas taõ composta, e tapada com o manto, que nunca puderaõ conhecê-la por mais que chegaraõ as tochas accezas para isso, nem se pode saber nunca quem fosse, a que teve forças para similhante penitencia: nasceo em fim com feliz successo a vinte de Janeiro dia de S. Sebastiaõ de 1554, como ja vos dissemos: por ter nascido no dia deste invicto Martyr, e tomar o seu no-

nome, l[illegible]
que atravé[illegible]
idade, quando foy acclamado Rey, sendo[illegible]
ra, e Governadora do Reyno sua avó, a Rainh[illegible]
Catharina, de cujas raras virtudes, e prendas vo[illegible]
mos ja a mais breve noticia, disposiçaõ prudentissima
do Rey D. Joaõ na hora da morte, porque só elle, como marido, e douto a conhecia, mas ella achando demaziado o pezo da doutrina, e governo de taõ grande Monarchia, ou sentindo nisso perigo; porque saõ cousas estas, que desejaõ todos, generosamente, com lastima de todo o povo, deixou a tutoria, e o governo: chorou a naçaõ Portugueza, quando por morte do Rey D. Fernando vio que os governava huma Rainha sua natural, e agora chorou justissimamente, porque huma Rainha Estrangeira deixou de os governar: naõ seria povo, e monstro, senaõ obrasse assim: esta deixaçaõ que a Rainha fez da tutoria do neto, e governo do Reino, foy a raiz total de todas as desgraças do Rey D. Sebastiaõ, e de Portugal, porque o talento da Rainha era a melhor cousa que vio a Europa, e a sua comprehensaõ, e prudencia taõ raras, que se ella governasse o neto, certamente lhe naõ entregaria, o Reyno sem elle estar cazado, manso, e sem o orgulho natural da sua viveza, e genio; e ella o livraria de Mestres, e Conselheiros, que foraõ causa da sua; e nossa perdiçaõ: entrou no governo o Cardeal Infante D. Henrique, tio do Rey com muito gosto, e muita infelicidade do Reino: aos quatorze annos entregou o governo ao sobrinho, sem o ter cazado, antes sim o ter posto, ou deixado pôr em estado de aborrecer o Matrimonio, todo, e o minimo pensamento contra o sexto preceito: hum Mestre seu o insigne Mathe-

roasse na-
tinha nascido
o fizesse havia ser mal afortunado : como
ico , e sabio desprezou o pronostico , e no dia
S. Sebastiaõ de mil e quinhentos e sessenta e oito se coroou : deraõ-lhe por ayo a D. Aleixo de Menezes, varaõ insigne em costumes , e virtudes , e de sangue nobilissimo: Confessor o Padre Luiz Gonsalves da Companhia , que tinha sido seu Mestre , para o que o mandou o Cardeal Infante vir de Roma , a que se seguio ser valido Martim Gonsalves da Camera , irmaõ do Confessor : seguem-se cazos mayores , que pedem Conferencia dilatada. A' tarde os direy.

FIM

DA QUADRAGESIMA QUINTA PARTE.

LISBOA,

Na Offic. de Francisco Borges de Sousa.

Anno de 1759.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XLVI.

NA tarde do dia feis de Outubro continuou a vida do Rey D. Sebaſtiaõ o Soldado: Houve deſgoſtos grandes no Paço, porque para ſer infallivel a noſſa deſgraça, o empenho todo era naõ attendeſſe o Rey aos conſelhos de ſua avó, porque todos eraõ ſantos, juſtos, e unicos para o ſeu bem, e do Reyno: houve quem pertendeo tirar ao Cardeal Infante o Arcebiſpado de Evora, e o Officio de Inquiſidor Geral, e certamente o conſeguia, ſe o Cardeal ſe naõ valeſſe de Filippe Segundo Rey de Heſpanha; em fim a Rainha conheceo o precipicio em que eſtava o neto, e retirou-ſe, naõ ſó delle, mas de todos os mais que o precipitavaõ; ſó D. Aleixo de Menezes, digno de eſtatuas, aconſelhava ao Rey o que era juſto com liberdade ſanta, ſem lizonja, mas por iſſo era aborrecido dos outros todos, que ſó uzavaõ della: hum dia lhe diſſe o Rey, que de tarde lhe mandaſſe preparar hum cavallo bravo, que nunca tinha ſido montado, para elle ſahir fóra; reſpondeo-lhe D. Aleixo, que o cavallo era incapaz para iſſo, e antes de ſer domado naõ havia Sua Alteza montar nelle, e expôr a vida: ateimou o Rey que nelle havia ſahir,

instou ... ...o que o naõ podia ... enfadado para outra caza, proferindo palavras colericas, e queixozas da apertada obediencia, em que o veneravel velho D. Aleixo o tinha: hum Fidalgo inimigo de D. Aleixo, vendo o Rey contra elle enfadado, beijou-lhe a maõ, e disse-lhe: *Que assim havia fazer quem havia ser Principe Soberano*; o Rey, cujo entendimento foy raro, e monstruozo, naõ obstante o estar colerico, conheceo a maldade, e lizonja daquelle Fidalgo, e tornando a entrar de pressa na sala donde sahira, e aonde D. Aleixo estava, disse em voz alta: *D. Aleixo, venho buscar-vos, e dizer-vos que mandeis preparar o cavallo, que muito quizeres, e vos parecer, porque ja aqui fóra o lisonjeiro fulano* (dizendo o nome) *me beijou a maõ, porque vos desobedecia.* Estava o Rey em outra occasiaõ fallando nas cousas de Africa com hum Mouro, o qual lhe persuadia que as temesse, e com prudencia lhe ponderava os perigos, e contingencias da guerra, e ao mesmo tempo huns Fidalgos, que estavaõ prezentes, diziaõ por lisonja o contrario, porque o sentiaõ inclinado á infeliz jornada, e destruiçaõ nossa; conheceo o Rey a lisonja refinada, e olhando para o Mouro, disse: *Os Mouros fallaõ como Christãos, e os Christãos como Mouros*: á vista destes dous casos, em que se vê a toda a luz ser este Rey dotado do mayor juizo, comprehensaõ, e prudencia, quem haverá que naõ diga foy a sua jornada de Africa, e o assenso que deo aos que lha persuadiraõ, hum castigo evidente dos nossos peccados; porque o Rey, que soube assim conhecer lisongeiros, só podia precipitar se fechando-lhe as culpas dos Vassallos os olhos: em quanto se preparava o enterro do Rey, e do Reino, mostrava aquelle, ja acçoens

çoens ... gular, ja outras que sempre se ... no dia do Juizo se lhe ha de saber o fim, mas todas encaminhadas a precipicio seu, e da Monarchia: deitava-se cedo, e pelas onze horas se levantava, accmpanhado de D. Alvaro de Menezes seu pagem, chegando á praya o deixava só, e dahi a huma, ou duas horas se recolhia com elle, sem nunca se saber aonde hia, nem a que: muitas vezes com Sancho de Toar, ás mesmas horas, passava o Tejo em hum barco, sahia delle na praya da Torre velha, da parte de Belem vinha outro barco, e delle sahia hum homem, com o qual o Rey passeava huma, ou duas horas, sem nunca se poder descobrir quem era o homem, e qual a conversaçaõ naquella hora: junto ao Palacio de Cintra está hum bosque, que ainda hoje de dia he medonho, pelas onze da noite se levantava o Rey, e só hia passear nelle duas horas: em Almeirim estava elle sobre huma arvore esperando hum porco montez depois da meya noite, vio hum vulto, saltou abaixo, investio com elle, ao estrondo da lucta acudiraõ os caçadores, e criados, supondo que o Rey lutava com alguma féra, e acharaõ-no lutando com hum preto salvagem, que fugido de seus senhores havia muitos annos vivia naquelles matos com os brutos, e como elles: mandou que ninguem passasse pelas torres de Belem, e S. Giaõ sem dar parte do que levava, ou para onde hia, e elle, ou para ver se a ordem se executava, ou porque buscava entre os seus a morte, antes que os estranhos o matassem, embarcou com alguns Fidalgos em hum escaler, e foy passear pelas torres; a ordem era que mettessem a pique todo o que naõ désse parte em qualquer torre, choveraõ as bálas sobre elle, sem querer dar-se a conhecer, e vendo que nenhuma o

 mata-

matava, [illegible] D. [illegible] de Castro seu [illegible] noites sahio com varios Fidalgos, e deixando-os, viraõ que hia á sepultura de D. Alvaro, e nella estava fallando largo tempo, e depois vinha com finaes de quem tinha chorado: naõ satisfeito com as temeridades, em que expunha a vida na patria, com poucas embarcaçoens, e pouca gente sahio de Lisbôa, dizendo que hia só ver, e visitar as Praças de Africa: desembarcou na Cidade de Tangere, e sahia a caçar pelos matos de Africa com tanto socego, e falta de companhia, como se o fizesse na tapada de Almeirim, fez algumas entradas em Lugares, e Villas, desorte que os Mouros temendo maior damno se ajuntaraõ em grande numero, e começaraõ a dispôr-se no campo, o Rey intrepido mandou preparar todo o necessario, as nossas Galeras os receberaõ com huma notavel descarga de bálas, sahiraõ em fim á escaramuça, em que foraõ derrotados: sempre na vanguarda foy o Rey o primeiro, e quando investiraõ huma trincheira de madeiros, que tinhamos junto á praya, sitio, em que foy a ultima acçaõ, o Rey só sahio fóra da estacada, como se caminhasse por huma rua de Lisbôa, e desorte os apertou, que fugiraõ; veyo a noite, e retiraraõ-se de todo, esperou-os na manhaã seguinte, porèm elles, depois de lhe apparecerem em muito menos numero, desappareceraõ logo: festejou o Rey com jogos de canas a victoria no campo, e recolheo-se a Lisbôa satisfeito, aonde comecou logo a cuidar na segunda jornada: tinha alcançado do Papa, Bulla para que as Igrejas do Reino lhe déssem subsidio para esta empreza, concedeo perdaõ aos Hereges Judeos de naçaõ baptizados por certa quantia, que lhe offereceraõ: mandou alistar Soldados novos, porèm os executores da

or

order
tinhaõ
eraõ pra
car, e dos
ſendo tudo ag
truio o Rey, e eſt
noſſos hiſtoriadores, po
dos, foy tirar o Rey as rendas, e
patrimonio, que o Veneravel Rey D. Affonſo Henriques deo ao Moſteiro de Alcobaça, e com Bullas Apoſtolicas fez de tudo huma Cõmenda para ſeu tio o Cardeal Infante D. Henrique, para quem tudo o que tinha o Reyno era pouco, ſem haver quem lhe diſſeſſe, que era profecia expreſſa de S. Bernardo na carta eſcrita ao Veneravel Rey D. Affonſo, que quando ſe dividiſſem as rendas de Alcobaça, ſe dividiria a Coroa Portugueza, razaõ porque o Sereniſſimo Rey D. Joaõ IV., que a tornou a unir, reſtituio ao Moſteiro de Alcobaça tudo o que lhe tirou o Rey D. Sebaſtiaõ, fazendo na ſegunda doaçaõ memoria de tudo o que digo: continuaraõ os apreſtos da Armada ſempre com vigor, e diſcordia, o Rey defunto D. Joaõ III. appareceo tres vezes a Fr. Luiz de Moura, dizendo com certos ſinaes, para ſe conhecer que era certa a appariçaõ, que a Rainha ſua mulher naõ approvaſſe a jornada, naõ ſe apartaſſe do Rey, naõ lhe conſentiſſe vallidos, e que o Cardeal ſe contentaſſe com ſer Paſtor das ſuas ovelhas: a Rainha deo credito á viſaõ, porque os ſinaes ſó ella, e ſeu marido defunto os ſabiaõ; mas vendo que nada podia emendar, ſe valeo de Filippe Segundo Rey de Heſpanha, o qual lhe reſpondeo: *Que ſe o Rey eſtiveſſe em ſua liberdade* (iſto he ſem os Conſelheiros, e vallidos, liſongeiros, e aduladores) *naõ lhe faltava juizo, condiçaõ, e von-*

ta-

...eſſa-
...e bõas
...medio a
...a viſitar o
...gar-lhe o Rei-
...ada de Africa, po-
...a vizita, que nem o tio
...obrinho a que naõ foſſe, nem a que
primeiro ſe cazaſſe, ſim lhe pedio ao Rey huma filha,
porèm como naõ cedia da teima de ir a Africa, reſ-
pondeo o tio, que ſe ajuſtaria iſſo quando ſe reco-
lheſſe ao Reino: o que ſe tirou unicamente da vizita,
foy o principio de huma deſgraça, que evitou D. Chriſ-
tovaõ de Moura, Portuguez, que vivia no ſerviço
de Filippe Segundo, Fidalgo de juizo raro, com que
mereceo nome eterno neſte, e naquelle Reino. Re-
ſolveo-ſe o noſſo Rey D. Sebaſtiaõ a partir em huma
manhaã, e o tio aſſentou em ſe deſpedir delle á noi-
te: tinha ſido hoſpedado pelo prudente velho com
a mayor grandeza, amor, e reſpeito, que pedia o
parenteſco, e Coroa; porèm o ſobrinho vendo que
o tio ſe deſpedia delle, ſem o menor ſinal de o
acompanhar na ſeguinte manhaã, quando ſe foy dei-
tar, diſſe que em chegando ao primeiro lugar do ſeu
Reino havia deſpachar logo hum Rey de Armas a
dezafiar o tio: ſoube iſto D. Chriſtovaõ de Moura,
que como Portuguez tudo ſabia dos que aſſiſtiaõ neſ-
tas funçoens ao Rey, e logo fez acordar Filippe
Prudente, que ja dormia, e lhe contou o caſo: aqui ſe
vio mais q̃ nunca o grande juizo daquelle Monarcha,
com o qual adquirio o titulo, ouvio a D. Chriſtovaõ,
e diſſelhe: *Que o ſerviço feito naquelle avizo tinha
ſido o mayor, que ninguem lhe podia fazer, e lhe
havia luzir; que naõ lhe ſuccederia ver-ſe com ou-*
tro

tro Re

odios, do

disse: *Tem*

foy o nosso, ac

de caminho, naõ

que o nosso Rey ac

zendo para o despertar

he dormir muito; ficou

enfadado, supponde que o

sem saber o que elle tinha dito:

só ponderar os sabios, mas nós humi

rantes só podemos admirar os bens que adquire,

males que evita hum homem prudente: entrou o Rey D. Sebastiaõ em Lisbôa, dahi a pouco tempo morreo a Rainha Dona Catharina, que naõ quiz Deos tivesse o martyrio de ver a nossa desgraça aquella em tudo unica matrona, a qual na hora da morte profetizou tudo, o que depois padeceo este Reino: ja estava tudo prompto para o enterro deste, e do Rey, quando na Provincia de Entre Douro e Minho foraõ vistos esquadroens de gente armada no ar, em Lisbôa appareceraõ nas praias innumeraveis peixes espadas, e em hũ de extraordinaria grandeza, se vio pintada huma Cruz com dous açoutes, hum em cada braço, vio-se hum horrivel Cometa caudato, a cujas interpertaçons respondia o Rey: *O Cometa diz que accommetta*; era tal o empenho em que tinhaõ posto o Rey, que escreveo a D. Duarte de Menezes, Capitaõ de Tangere, para que lhe mandasse dizer, que o Maluco naõ tinha poder consideravel; vieraõ-lhe as cartas, e mostrou-as no Conselho, porèm instando D. Joaõ Mascarenhas, que na India deixou eterno nome, o Rey o condenou de fraco, e timido em huma junta de Medicos, aos quaes propôs, se hum homem

va-

respon-
venceo a
, e que por
ca: hum dos
a Sylveira, ho-
o tempo antes de
voz ſentida, ſem que
a noite em Almeirim
extraordinaria grandeza,
chegava, e apertada da porfia,
, que lhe perguntava a cauſa dos
gemidos, diſſe: *Choro-me a mim, e a ti te choro, vendo-te ja, e aos que ſempre amey tanto, em tal deſventura*; e a meſma fantaſma vio no campo de Alcacer junto á barraca do Rey na noite antes da batalha. Sahio o Rey da Sé com a bandeira principal do exercito, em que hia figurado Chriſto Senhor noſſo Crucificado, e querendo o Alferez deſenrolá-la, naõ foy poſſivel, porèm ella por ſi ſe deſenrolou na ribeira: embarcou, e ſahindo no eſcaler em Lagos, ſe achou na próa delle hum cadaver de homem; hum muſico que levava comſigo foy profeta; porque ordenando-lhe cantaſſe, ſó lhe lembrou a poezia feita ao Rey D. Rodrigo, que perdeo toda Heſpanha, que começa: *Ayer fuiſteis Rey de Heſpanha, oy no teneis un caſtillo.* Vinde logo que a hiſtoria, ſendo tragica, he divertida.

FIM
DA QUADRAGESIMASEXTA PARTE.

LISBOA,
Na Offic. de Franciſco Borges de Souſa.
Anno de 1759.
Com todas as licenças neceſſarias.

HU

IGN

CONFERE

APenas se acabou a Ladain
estavaõ juntos para ouvir o nosso A
mico, que proseguio o assumpto, dizendo: Era o intento do Rey D. Sebastiaõ fazer esta guerra, sem outro motivo mais, que a Conquista do Reyno de Marrocos, propagaçaõ da Fé em Africa, extincçaõ da Seita de Mafoma; porém os nossos peccados foraõ causa de que se pervertesse este fim santo com a vinda de Muley Mahomet Xarife a Portugal, a pedir-lhe soccorro contra seu tio Muley Maluco, o qual lhe usurpava o Reyno de Marrocos: de sorte, que, sendo até agora o fim da guerra santo, agora era só Real, e brioso; porque era conquistar o Reyno a hum Mouro, para o dar a outro Mouro. De todos os agouros, que se contaõ nesta infeliz jornada, e vos tenho dito, o mayor, que a minha ignorancia considera, saõ os odios, e discordias, em que embarcáraõ quasi todos. Este mesmo juizo fez o Rey D. Affonso V., quando foi tomar Arzilla; porque naõ consentio se embarcasse pessoa alguma, sem primeiro se reconciliar com as que tinha offendido, ou de quem esta-

Zz ya

vos
venien-
or fraco,
, e expe-
icado que;
ada moveo o
exercito com
a batalha logo.
ezoito mil homens,
mil Tudescos, novecen-
odos hiaõ na vanguarda: a In-
Esquadroẽs, a Cavallaría em Trópas,
ta homens cada huma; o Mouro tinha oiten-
ta mil homens de cavallo, e outros tantos de pé.
Em fórma de meya Lua veyo marchando este horrivel esquadrão contra o nosso pequeno exercito, e rodeando-o todo, se peleijou de sorte, que por duas vezes se apregoou nos campos de Africa: *Vitoria, vitoria pelos Portuguezes*, naõ só dito por elles, mas pelos Mouros, que fugindo do conflicto, hiaõ dizendo o mesmo pelos lugares vizinhos. Todos disseraõ a verdade, porque nós certamente venciamos; porém o Rey, e hum Sargento perdêraõ a gloria deste dia; o Rey, porque quiz fazer tudo, e dar todas as ordens, mandando que ninguem obrasse sem determinaçaõ sua; e elle, que devia estar de fóra, e mandar, foi o primeiro que accometteo o inimigo, e se baralhou com elle por tal modo, que naõ houve quem désse mais ordem para cousa alguma. Estavaõ muitas Trópas, e Córpos de Infantaría sem fazerem operaçaõ alguma, podendo causar ao inimigo a ultima ruína; porque naõ queriaõ sahir da obediencia, que o Rey lhes puzera; e

o Rey

alavras :
o cumpri-
fundad...

por
piis-
, e ren-
undador
foi) á se-
a do Padraõ,
aa sedo.

I

SETIMA PARTE.

B O A :
...io Nogueira Xisto. Ann. de 1759.
...m todas as licenças necessarias.

D.Fi-
Cathari-
ova, quar-

a
de
pôvo
Corôa li-
a dera ao
I. D

cença; porem ...
te da Corôa occultamente a retardava; e nisto se passou anno e meyo, no fim do qual morreo o santo Velho, e acabou-se a tragedia divertida, para começar outra perniciosa, e sanguinolenta. Em quanto se cuidava em casamentos, e allegar direitos, o Rey Filippe Prudente, e nesta occasiaõ prudentissimo, tinha mandado a Portugal D. Christovaõ de Moura, aquelle incomparavel Politico, de que ja fallamos na vida do Rey D. Sebastiaõ; e sendo o recado publico da Embaixada dar só o peza-me da morte, e disgraça, os parabens ao Velho pela Corôa, e offerecer dinheiros para resgatar os captivos, que ficáraõ em Africa; as instancias occultas eraõ conquistar os coraçoẽs do Rey, Grandes, e Pôvo, para que reconhecessem no Rey D. Filippe o melhor direito. D. Christovaõ obrou isto com tal grandeza de juizo, politica, modo, segredo, destreza, generosidade, e desinteresse, que, sabendo-se o que fez, e que elle só conquistou para o Rey D. Filippe o Reyno, o coraçaõ do Rey velho, dos Grandes, e todo o bom, e melhor do Pôvo, ninguem póde dizer, nem elogiar cabalmente, e menos comprehender esta acçaõ notavel daquelle Heroe insigne, depois Conde, e Marquez de Castello Rodrigo, Grande de Espanha, Conselheiro de Estado, e primeiro Vice-Rey deste Reyno, a quem illustrou, nascendo para o seu remedio, e vivendo para lhe evitar precipicios, adquirir honras, e privilegios, como logo diremos. Em quanto D. Christovaõ applicava remedios cordiaes á Monarquia, mostrando que naõ

 podia-

... de Africa, sendo o primeiro, que veyo resgatado com dinheiro de Castella o filho do Duque de Bragança, ao qual se seguîraõ muitos Grandes do Reyno, que lá estavaõ penando. O Cardial Rey ora se inclinava á sobrinha, Duqueza de Bragança, ora ao sobrinho D. Antonio, filho illegitimo do Infante D. Luiz, ao qual tinha obrigado a tomar ordens de Euangelho; e depois favorecido do Rey de Espanha, conseguio usar espada, e com ella o recebeo o tio Rey, agora em Lisboa, alegre, festivo, e muito inclinado; intentou elle provar que era filho legitimo do Infante D. Luiz, e da Pelicana Violante Gomes, dando testimunhas compradas, que juravaõ a tinha recebido o Infante por sua mulher occultamente: no tempo do seu captiveiro em Africa estudou bem o ponto, e agora entre os tumultos da Côrte, achou todo o necessario para o intento; e o mais he, o Rey Filippe de Castella seu patrono, de sorte que, provado o ser filho legitimo do Infante D. Luiz, ninguem lhe podia disputar a Corôa, e o ser o legitimo, e verdadeiro Rey desta Monarquia; porque se seu pay fosse vivo, havia ser o Rey, e naõ o Cardial, que foi oitavo filho do Rey D. Manoel, e D. Luiz, pay de D. Antonio, quinto filho do mesmo Rey. Ma este grande negocio mostrava de instante para instante hum rosto differente, o tio, que o recebeo nos braços quando chegou do captiveiro de Africa, agora vendo que elle intentava mostrar que seu irmaõ D. Luiz fôra casado com mulher de taõ baixa esfera, avocou a si os autos, deu sentença contra

Côrte, ...
Prudente dando ...
curador, e Embaixador D. Chriſtovaõ alcançou hum
Breve do Papa a favor de D. Antonio, mandando
ir a Cauſa a Roma, e dando por nulla toda, e qualquer
ſentença; o que logo ſe executou á riſca: porêm
iſto meſmo fez creſcer a colera ao Rey contra
os ſobrinhos, e mandou que os Duques de Bragança
tambem ſahiſſem trinta legoas fóra de Lisboa.
D. Antonio vendo a cauſa em Roma, e ſuppondo
o que alguns lhe diziaõ, iſto he, que o Rey de Eſpanha
naõ pediria o Breve para o favorecer, mas
ſim para o incapacitar para a ſucceſſaõ, por que fôra
a ſupplica feita, antes do Cardial Rey ſentenciar
a cauſa, tempo, em que julgavaõ todos, e primeiro
D. Filippe, que o Velho havia julgar a favor
do ſobrinho; o que ſó ſe evitava julgando Roma o
contrario; cometteo a D. Chriſtovaõ partidos, que
lhe deixaſſe Filippe o Algarve com o titulo de Rey
delle, e trezentos mil ducados de renda, ametade
perpetuos, e cederia de todo o direito á Corôa, e
pertençaõ della. Valia hum Ducado neſſe tempo
quatrocentos e quarenta e hum reis, hoje vale quinhentos
e ſincoenta e hum e meyo, o que naõ obſtante,
parece muito, naõ ſó o que pedia, mas ainda
ametade. Naõ ſe lhe deo reſpoſta; e elle confuſo
maquinou dahi por diante a ſua diſgraça, e da Monarquia:
o Rey Cardial cheyo de bons deſejos, e
com natural froxidaõ para executállos, chamou o
Pôvo a Côrtes na Villa de Almeirim; e em quanto
ſe juntavaõ, Filippe Prudente temendo as diligencias
dos Duques de Bragança, e de D. Antonio,

offe-

[illegible] Reyno, em

[illegible] Duque, o cafamento do Prin-
cipe, feu filho herdeiro, com huma filha fua, e os mayores augmentos para a Cafa de Bragança: ambos rejeitáraõ os offerecimentos; e chegados os Procuradores, fe refolveo nas Côrtes, que o Rey nomeaffe Governadores, que depois da fua morte julgaffem a quem pertencia o Reyno. Naõ fe dá parecer mais falto de juizo em cafo taõ penfado; as difgraças naõ tinhaõ numero, as futuras diante dos olhos voando, o remedio declarar herdeiro, os pertendentes ja fó tres; porque a diftancia fez, que perdeffem as efperanças os mais: e refolvem tres Eftados de hum Reyno juntos, que, depois de mais alteraçoẽs, e parcialidades, que viaõ crefcer todos os inftantes, fem as poder cohibir o poder, e veneravel refpeito de hum Rey velho, Cardial, Pontifice, e Inquifidor, curaffem poucos Vaffallos o que naõ queriaõ farar todos os Eftados do Reyno juntos: os Embaixadores de Efpanha eraõ ja dous; porque tinha chegado o Duque de Offuna a fazer fó a D. Chriftovaõ companhia, e ambos inftáraõ ao Rey pela refoluçaõ: feguio-fe ao requerimento hum particular Concelho, no qual fe affentou fe compuzeffem com o Rey D. Filippe; convieraõ logo niffo os dous Eftados, Ecclefiaftico, e Nobreza; porém o moftro Pôvo refiftio firmiffimo, penfaõ de quem naõ tem juizo para confiderar as coufas, o tempo, a ordem da providencia, e o caftigo Divino. Nefte tempo fe aproveitáraõ muitos das mercês do Rey de Efpanha, para o que trazia muitos papeis affignados em branco D. Chriftovaõ de

Mou-

cau...
za, procedêrao ...
moravel desintereſſe, e fidalguia; porque D. Chri-
ſtovaõ ſe naõ aproveitou de couſa alguma, e ſeu
pay nunca quiz vêr o Rey de Eſpanha: iſto he pi-
ſar a cubiça, e avareza, e a mayor façanha, que
obraõ os homens neſta vida: poucos deixáraõ nome
na funçaõ preſente; mas baſtou hum, para que a
Naçaõ ficaſſe com nome, eſte foi D. Joaõ Tello de
Menezes, hum dos ſinco Governadores por morte
do Cardial Rey, heroe taõ deſintereſſado, e con-
ſtante, que o Duque de Oſſuna eſcreveo a D. Filip-
pe, que a D. Joaõ, ou lhe haviaõ cortar a cabeça,
ou trazêllo ſobre a cabeça; de ſorte, que (diz o
grande Faria) os que neſta occaſiaõ aceitáraõ mer-
cês do Rey de Eſpanha, ou vendêraõ o Reyno, que
lhe naõ pertencia, ou vendêraõ o que era de Eſpa-
nha por juſtiça, e de toda a ſorte lhe devem reſti-
tuir o que aceitáraõ. O Rey vendo creſcer as ondas,
ſem ter animo para aplacállas, chamou outra vez
Côrtes para extinguíllas, e ſó conſeguio que foſ-
ſem mais bravas; porque como a opiniaõ do Pôvo
entre tanto cobrou forças, apenas conhecêraõ que
elle eſtava inclinado ás razoẽs de Eſpanha, e direi-
tos de Filippe Prudente, naõ deixáraõ acabar a prá-
tica, gritáraõ de ſorte, e com tal loucura, que nem
a preſença do Rey, nem a ſoberanîa, e veneraçaõ,
que infundiaõ os ſeus annos, caracter Pontifical,
e Purpura, que tudo neſſe ſeculo tinha veneraçaõ
dobrada, porque menos vezes ſe via; nem o exem-
plo dos Biſpos, e mais Grandes ſeculares do Reyno,
diligencias dos Embaixadores, e forças da razaõ, fo-
raõ

...tan-
...tallem idéas ſem
uniaõ, armas, nem dinheiro para deſiſtir a hum Monarca taõ poderoſo com exercito prompto, proteſtando direito á ſucceſſaõ de hum Reyno deſolado, porque naõ eſtava unido: verdade expreſſa de Chriſto no Euangelho, onde diz que todo o Reyno dividido em ſi, ſerá deſolado, e cahirá todo. Mas quem havia perſuadir a hum Pôvo, que he monſtro, verdades do Euangelho, nem profecias de S. Bernardo, nem o caſtigo Divino pelos peccados proprios, e de ſeus antepaſſados? Em fim nada ſe reſolveo nas Côrtes, nem mais fruto, que ſerem mayores as parcialidades, e a morte, que parece queria ja vêr o fim deſta tragedia. Muito antes levou o Rey em Almeirim no ultimo de Janeiro, dia em que tinha naſcido, com ſeſſenta e oito annos de idade, hum e quaſi meyo de Reinado, no de 1580. Vinde logo.

FIM

DA QUADRAGESIMA OITAVA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Anno de M.DCC.LIX.

Com as licenças neceſſarias.

ACA[illegible]

DOS

HUMILDES,

E

IGNORANTES.

CONFERENCIA XLIX.

MOrreo o Cardial Rey (continuou o nosso Academico) na Villa de Almeirim, acabou em hum Enrique o Reyno, que em outro Enrique tinha começado; e podendo evitar-nos o presente infortunio, nomeando successor no testamento, só nomeou Governadores, e Juizes para fazerem depois da sua morte o que elle devia, e podia ter feito em vida com summa facilidade, dando-lhe Deos quasi anno e meyo para nomear quem lhe devia succeder; tempo superabundante para isso, epara o deixar jurado, obedecido, fortificado, e sem perigo; sendo certo que os mesmos Juizos, em quem por morte depôs a consciencia, melhor podiaõ segurar-lha em vida, sentenceando sem tumultos do Pôvo, e medo dos exercitos esta grande Causa na sua presença: estava porém assim determinado o castigo. Foi o Rey Cardial chamadopor antonomasia o Casto, appellido, que mereceo toda a vida com raro exemplo, Era de estatura pequena, branco, e ruivo,

Bbb olhos

... Rey
... Belem. No ſeu tem-
... zaraõ em odio de noſſa Santa Fé os Mou-
ros em Africa ſete Soldados Portuguezes, que lá
eſtavaõ captivos deſde a infeliz batalha, chamados
Simaõ de Freitas, Amaro Gonſalves, Antonio da
Sylva, Joaõ de Pariz, Fernando Ginez, Franciſ-
co da Eſperança, e Domingos. Fundou o Cardial
Rey o Collegio, e Univerſidade de Evora: redu-
zio a hum corpo a Ordem de S. Bernardo neſte
Reyno, reduzindo todos os Moſteiros á obedien-
cia do Abbade de Alcobaça, o qual fez chamar-ſe
Geral, e immediato á Sé Apoſtolica. Foi douto
em muitas Faculdades, verſado em varias linguas;
deo ſó dous titulos, que ſe extinguîraõ. Apenas
conſtou a ſua morte, caminhou D. Antonio para
Lisboa, e os Duques de Bragança para Santarem;
cada hum a pertender a Corôa, a tempo que Fi-
lippe Prudente mandava marchar para a Fronteira
hum exercito de vinte mil homens, de que fez Ge-
neral, por conſelho de D. Chriſtovaõ de Moura,
o Duque de Alva, que eſtava prezo em Uzeda.
D. Antonio vendo eſtes apreſtos, primeiro ſe of-
fereceo ao Senado de Lisboa para defenſor do
Reyno, querendo imitar a acçaõ do Rey D. Joaõ
o I., ſendo Meſtre de Aviz, eſquecido de que era
morto D. Nuno Alvares Pereira, que entaõ foi a
defeza toda; e que os noſſos peccados naquelle
tempo eraõ menores, e agora mayores que os de
Caſtella. Agradeceraõ-lhe o offerecimento, e pedi-
raõ-lhe quizeſſe ſahir logo da Cidade, para evitar
algum tumulto: foi a Santarem, onde achou os
Duques

sem gen[illegible]
Resolveo-se outra vez [illegible] ceo-lhe o Duque de Ossuna cem mil ducados de renda, sem mais nada; e elle vendo que isto era nada á vista do que lhe tinhaõ promettido no principio deste negocio, desesperou de todo, e cuidou no seu ultimo precipicio, e ruîna do Reyno. Naõ assim os Duques de Bragança; porque como Deos os tinha para Pays, e remedio da Patria, vendo a dilaçaõ da sentença, se recolhêraõ a Villa Viçosa; conservando em paz, e socego os seus Estados, em quanto ardiaõ em bandos, e loucuras os do Reyno quasi todos. Retirou-se o Duque de Ossuna fatigado de vêr tanta desordem: ficou só D. Christovaõ de Moura mettido neste intricadissimo labyrinto, donde só elle podia sahir vivo, sustentado pelas inimitaveis forças do seu incomparavel talento, politica, astucia, e prud[illegible]cia. Em Santarem acclamou o Pôvo baixo, e rude por seu Rey D. Antonio: em Setubal investio a Casa dos Governadores do Reyno D. Joaõ Mascarenhas, Arcebispo de Lisboa, Diogo Lopes de Sousa, e Francisco de Sá, os quaes sahindo por huma janella pararaõ em Ayamonte, Cidade de Castella, fronteira de Castromarim. Neste tempo estava ja Filippe Prudente em Badajoz, aonde as Praças de Elvas, Campo-mayor, e Olivença lhe mandáraõ entregar as chaves. Isto fez desesperar o chamado exercito de D. Antonio, que só constava de escravos fugidos, para adquirir liberdade, e gente vil com esperança de enriquecer. Vieraõ a Santarem sem ordem, nem armas; porém os da Villa vendo o tumulto, para evitarem o damno,

... Quiz ... memoravel heroe ... João Tello de Menezes, de quem ja vos contamos dizia o Duque de Ossuna, admirando o seu desinteresse, e lealdade Portugueza, que ou se lhe havia cortar a cabeça, ou trazêllo sobre ella. Convocou os moradores para a defeza; muitos o seguîraõ, conhecendo que elle era o unico Governador do Reyno, que desejava sustentállo inteiro; porém como eraõ poucos, e tambem desarmados, deixáraõ a Cidade, e fugîraõ todos. Entrou D. Antonio, pôs Justiças, nomeou Ministros, despachou Correyos para França, e Inglaterra a pedir soccorros; fez maravilhas, em quanto o Duque de Alva sem impedimento, nem perigo chegou a Cascaes, e S. Giaõ, que se rendêraõ logo, e marchou para Lisboa com o exercito; achou resistencia na ponte de Alcantara, combateo huma noite inteira, e pela manhãa conseguio o entrálla. Estava da outra parte D. Antonio com quasi quatro mil homens dos que ja dissemos; porém taõ animosos com a presença do seu Rey, com as suas palavras, e mais com as promessas, que deraõ cuidado ao Duque de Alva, Generalissimo taõ grande, e experimentado, como sabe todo o mundo, de sorte, que julgou elle por vitoria digna do seu nome o ter vencido aquella desordenada Tropa: em fim mortos, e divididos, fugio D. Antonio por serras, e mattos, até apparecer no Porto com huns poucos, que lá se lhe aggregáraõ. Porém começando Sancho de Avila (hum dos Capitaẽs da Armada de Espanha, que ja estava em Lisboa) a bater a Cidade da outra parte,

fugio

dade, ...
nos defender, ...
dias, só, desamp...
mais companhia, ...
França. Entre tan...
e I. de Portugal em Elvas, onde foi a primeira acclamaçaõ; determinava entrar armado, e com hum Terço de Milicias: porém D. Christovaõ de Moura, que foi sempre o Anjo da paz ao lado deste grande Monarca, disse-lhe: *Supplico a V. Magestade humildemente, naõ julguem os Portuguezes, que V. Magestade se naõ fia delles, porque nunca lhe conquistaremos os coraçoẽs, e o que só pertendemos he isso.* Tomou o conselho o Prudente Filippe, deixou em Badajoz as armas brancas, e a Soldadesca toda; e vestido á Cortezãa, accompanhado só dos Grandes, entrou em Elvas, acçaõ, que o introduzio nos coraçoẽs dos Portuguezes, como D. Christovaõ tinha profetizado. Começou logo ahi o despacho do nosso Reyno, assistindo a elle sempre D. Christovaõ; convocou Côrtes para a Villa de Thomar, onde com summa alegria, e applauso foi jurado por legitimo Rey, jurando os Privilegios, e confirmando as Leys do Reyno. Apenas derrotado D. Antonio, entrou o Duque de Alva em Lisboa, que achou sem a menor resistencia, nem teve outro desar a sua entrada mais, que o permittir saqueassem os Soldados os arrabaldes della. Mandou logo ao Rey as chaves da Cidade, e elle as entregou publicamente a D. Christovaõ de Moura, dizendo: *Guardai-as vós; porque a vós se devem ellas.* Dia de S. Pedro entrou o Rey em Lisboa; e vendo o

soce-

...ado os
... em ſinco me-
... preſença aquelle
...quiſtar todo o po-
...s e quarenta e hum
annos, que tantos paſſaraõ deſde o em que foi ac-
clamado no Campo de Ourique o primeiro Rey o
Veneravel D. Affonſo, até o de mil quinhentos e
oitenta, em que Filippe I. foi jurado em Thomar;
mas conheceo que aſſim o conquiſtára com tal nun-
ca viſta brevidade, apparecendo; porque D. Chri-
ſtovaõ de Moura em anno e meyo lho tinha conqui-
ſtado fallando. Ja que me ouvîs taõ goſtoſos, e
deſejais tanto ſeres inſtruîdos, hey de contar-vos
os privilegios, que o Rey D. Filippe jurou a eſte
Reyno, quando em Thomar foi jurado, e accla-
mado. O Duque de Oſſuna os trouxe a eſte Reyno,
quando veyo com D. Chriſtovaõ requerer o direito
de Filippe, e conquiſtar os animos dos Portugue-
zes. Saõ os meſmos que o noſſo Rey D. Manoel
jurou em Toledo nas Côrtes, em que toda Eſpanha
o jurou Principe ſucceſſor de toda aquella Monar-
quia; e Filippe Prudente para deſabafar o amor,
que tomou aos Portuguezes, vendo que o rece-
biaõ com a mayor lealdade nos coraçoẽs, ſem nin-
guem lho pedir, nem lembrar, accreſcentou no
fim delles humas clauſulas da ſua letra, que depois
ſe vio foraõ profecia, e Real entrega da Corôa á
Sereniſſima Caſa de Bragança. O primeiro he jurar
guardarîa a eſte Reino todos os privilegios conce-
didos pelos ſeus Reys paſſados. Segundo, que
quando houver Côrtes pertencentes a eſte Reyno,
ſeraõ

po
ceiro,
Reyno ſera
os Viſitadores, q
que poderá ſer Vice
Filho, Irmaõ, Tio, ou Sobrinho do Rey. Quarto, que todos os cargos ſuperiores, e inferiores de Juſtiça, e Fazenda ſe naõ poderáõ dar a Extranhos, mas ſó a Portuguezes. Quinto, que neſtes Reynos haverá ſempre todos os Officios, que em tempo de ſeus Reys houve aſſim da Caſa Real, como do Reyno; e ſeraõ ſempre providos em Portuguezes, os quaes os exercitaráõ, quando Sua Mageſtade, e ſeus Succeſſores vierem a eſtes Reynos. Sexto, que o meſmo ſe entenda de todos os outros Cargos, e Officios grandes, e pequenos de mar, e terra, que agora ha, e depois houver de novo; e as guarniçoẽs de Soldados das Praças ſeraõ de Portuguezes. Oitavo, que o ouro, e prata, que ſe fizer em moéda neſte Reyno, que ſerá todo o que vier das ſuas Conquiſtas, e do meſmo Reyno, naõ terá outro cunho mais, que as Armas de Portugal, ſem miſtura alguma. Nono, que todos os Biſpados, e quaeſquer Dignidades Eccleſiaſticas, Beneficios, Penſoẽs, Commendas, Officios das Ordens Militares, e cargo de Inquiſidor geral ſe daraõ ſó a Portuguezes. Decimo, que naõ haverá terças nas Igrejas, nem ſubſidios, nem eſcuſados, e que naõ ſe poderaõ alcançar Bullas para iſſo. Undecimo, que naõ ſe dará Cidade, Villa, Lugar, nem Direito Real, ſenaõ a Portuguezes; e vagando bens da Corôa, Sua Mageſtade os naõ poderá tomar para ſi;

mas

arà
...dalgos
annos de idade;
...ccessores tomaráõ
cada anno duzentos criados Portuguezes, que vençaõ a mesma moradîa; e os que naõ tiverem fôro de Fidalgos sirvaõ nas Armadas do Reyno. Decimo quarto, que quando Sua Mageftade, e seus Successores vierem a estes Reynos, naõ se tomaráõ casas de aposentadorîa, confórme o uso de Castella, mas sim como em Portugal se usa. Decimo quinto, que, estando Sua Mageftade, ou seus Successores fóra destes Reynos, teraõ sempre comsigo hum Concelho chamado de Portugal. Juntem-se logo; porque resta muito, e o principal, que na Conferencia passada vos promettî.

FIM

DA QUADRAGESIMA NONA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Anno de M.DCC.LIX.

Com todas as licenças necessarias.

HU[illegible]LDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA L.

O Decimo quinto artigo, que jurou o Rey (diſſe o noſſo Academico) ja vos diſſe, era, que ſempre andaria junto á peſſoa do Rey em toda a parte hum Concelho chamado de Portugal, compoſto de hum Eccleſiaſtico, hum Védor da Fazenda, hum Secretario, hum Chancellér-mór, e dous Ouvidores todos Portuguezes, com os quaes deſpacharía Sua Mageſtade os negocios deſtes Reynos: e álem diſto em Madrid haveria ſempre dous Eſcrivães da Fazenda, e dous da Camera, para o que ſuccedeſſe, e ſeguiriaõ a Côrte: e quando Sua Mageſtade, e ſeus Succeſſores vieſſem a eſtes Reynos, trariaõ comſigo o dito Concelho. Decimo ſexto, que todos os Corregedores, e cargos de Juſtiça, Provedores, e Contadores proverá Sua Mageſtade como ſe coſtuma ao preſente. Decimo ſeptimo, que todas as cauſas, de qualquer qualidade que ſejaõ, ſe determinaráõ, e executaráõ neſtes Reynos. Decimo oitavo, que Sua Mageſtade, e ſeus Succeſſores teraõ no Paço de Lisboa Capella Real, onde ſe celebrem os Officios Divinos. Decimo nono, que admittirá Sua Mageſtade os Portuguezes aos Officios

...as
...guezas, e ... Ca-
stella. Vigesimo pri... augmentar o
Commercio se abriráõ os ... seccos de ambos
os Reynos, e passaráõ livremente. Vigesimo segundo,
que se dará todo o favor para entrar pão de Castella.
Vigesimo terceiro, que dará Sua Magestade
trezentos mil ducados, cento e vinte para resgatar
captivos Portuguezes, cento e sincoenta para depositos,
e trinta para acodir ao trabalho da péste, que
nesse tempo havia no Reyno. Vigesimo quarto, que
para as Frótas da India, defesa do Reyno, e castigo
de Corsarios, Sua Magestade mandará tomar assento
conveniente, aindaque seja com ajuda dos outros
Estados seus, e mayor custo da sua Real Fazenda.
Vigesimo quinto, que procurará Sua Magestade
estar neste Reyno o mais tempo, que lhe for possivel;
e, se naõ houver impedimento, estará nelle
o Principe herdeiro; e depois prosegue dizendo:
*Todas estas mercês, graças, e privilegios tenho por
bem, quero, e mando, que nem em todo, nem em parte
deixem de ter seu effeito em tempo algum; supro
qualquer defeito, que de facto, ou direito nestas cousas
se possa oppôr, e encommendo, rogo, e mando* (isto
he o que o Rey accrescentou, como vos disse já) *ao
Principe meu Filho: e a todos seus Successores, que
assim o cumpraõ; se o fizerem (como espero) sejaõ
bemditos da bençaõ de Deos, Pay, Filho, e Espirito
Santo, da Virgem Gloriosa, da Côrte Celestial e da
minha; e se o naõ cumprirem assim (o que naõ creyo)
seraõ malditos da maldiçaõ de nosso Senhor, de
nossa Senhora, dos Apostolos, da Côrte Celestial, e*

da

ro
timas
com que
da forte, que [illegible] eu em Efpanha
Reyno as vî ja affim efcriptas, como impre[illegible]
accrefcentadas, defte modo: *Naõ crefçaõ, naõ*
perem, naõ gozem o Reyno, nem paffem a diante,
por iffo vos dizia, que o prudente Rey entregára o
Reyno á Sereniffima Cafa de Bragança, porque no
tempo de feu Neto Filippe IV. de Efpanha, e III. de
Portugal, diz o Faria, fe violáraõ eftes privilegios,
fendo os mefmos Portuguezes os que concorriaõ
para elles ferem violados; e tanto que ifto fe vio,
logo a maldiçaõ fe experimentou em Efpanha, e a
bençaõ de Deos em Portugal, nos evidentes prodigios,
com que taõ poucos, e opprimidos Vaffallos
acclamáraõ o feu Rey natural, o Senhor D. Joaõ IV.,
a quem conferváraõ a Corôa com lealdade, e conftancia
Portugueza, vencendo os mayores exercitos
de Efpanha. E qual ha de fer o cego, que vendo
ifto, e lembrando-fe do modo, com que os me[illegible]
Portuguezes fe portáraõ com D. Antonio, e com
mefma Sereniffima Cafa de Bragança, quando entrou
Filippe Prudente, naõ conheça que aquella
froxidaõ foi caftigo, e que efte animo, e valor foi
dadiva do Ceo, e empenho, com que a maõ Divina
deo ao Rey, e Senhor noffo, que Deos guarde, e a
feus Pays, e Avós a Corôa? Com fatisfaçaõ pública
compôs o Rey D. Filippe em Lisboa as couzas paffadas,
e prefentes, caftigou fó finco, perdoou aos
m[illegible]ixou por Governador do Reyno o Principe
[illegible] Arquiduque de Auftria, feu Sobri-

 nho.

o,
gran-
terceira
...o, porque cheg... ...uma Armada,
...eo França, o Marquez de Santa Cruz, Ge-
... outra de Espanha, o derrotou junto á dita
...ma. Afflicto passou a Inglaterra, onde a Raînha Isa-
bel lhe deo outra Armada, com a qual no primeiro
anno do governo do Cardial Arquiduque entrou em
Lisboa, ganhou primeiro Peniche, entrou nos arra-
baldes da Cidade, e senhoreou grande parte della;
porêm o Castello, e as Galeras, que estavaõ no rio,
de sorte perseguîraõ os Inglezes com fogo, que,
deixando tudo, fugîraõ para Cascaes, onde embar-
cados desapparecêraõ, tendo feito, e recebido dam-
no. Foi recebido com desagrado em Inglaterra, mo-
tivo, por que passou a França pedindo nova Arma-
da. Em Pariz gastou miseravelmente no martyrio de
esperanças, e pobreza o resto da vida, e primeiro
se lhe acabou esta do que aquellas; está sepultado
na Igreja da Ave Maria com humildade; porém no
...tafio com a teima de Rey de Portugal, diz o Fa-
ria, que eu por falta de noticia, e advertencia naõ
vî tal sepultura, entrando muitas vezes nessa Igre-
ja: o certo he, que para quem naõ adivinha, o con-
selho mais acertado he naõ desprezar offerecimen-
to da fortuna. Este Principe foi dotado de muitas
virtudes, que o faziaõ digno de cousas grandes; to-
das perdeo, porque a viveza do seu genio lhe naõ
dava tempo para as considerar. Nada mais faltava
que vencer ao Rey D. Filippe: e como esta Monar-
quia lhe tinha conquistado o cor...

Im
res d
commodo ... tratar das
querem que e... e o fundador do Palaci
reiro do Paço, e instituidor do Correyo,
communicar melhor por taõ diminuto preço
Reyno com outro; porém, como outros dizem, foi
isto beneficio, que o Reyno recebeo de seu Filho,
e alguns de seu Neto. Na mesma dùvida, em que
o tenho achado, o conto, e só julgo verdadeira a
tradiçaõ de que hum dos Reys Castelhanos fundou
o dito Palacio, e instituîo o Correyo: em Espanha
menos, em Portugal nada, em França muito, e em
Italia mais que tudo se estimaõ as historias manuscriptas;
e eu que em todas estas Monarquias vî
muitas, combinando depois o q̃ vî com as de Luiz
de Couto, que me furtáraõ, e com o que acho impresso,
e tenho lido, a historia do nosso Reyno padece
hoje tanta dúvida, como a de todo o mundo;
por isso vos contarei, e conto o que me parece he
mais verdadeiro, e bem fundado no muito que tenho
lido. Dezoito annos gozou a Corôa de Portugal
o Rey Filippe: aos setenta e hum de sua idade,
no anno de mil quinhentos e noventa e oito o assaltou
huma enfermidade, que ñunca se conheceo,
nem pôde curar, a mais penosa, e só capaz de soffrer
hum Filippe Prudente, para dar mostras das
grandes virtudes, que sempre adquirio, e exercitou,
e mostrar que até na morte mereceo o titulo de Prudente.
Com a mayor constancia, e paciencia, que se
vi... homem sem milagre, tolerou a doença, ven...
...as entranhas, e nellas hum como for-

migueiro

ca-
espe-
...gestade, e
*a parar: toma exemplo p... conheceres o
...e o que fui eu, que te gerei, para regeres
...s Vassallos, conhecendo que tu, e elles somos
do mesmo pó.* Pedio ao seu Confessor lhe explicasse como se ministrava o Sacramento da Extrema-Unçaõ, e se recebia; porque nunca o tinha visto ministrar: e depois de se despedir do Principe, Conselheiros, e Grandes, dando naquella hora a todos as mayores luzes em documentos, que sempre executou na vida em todas as acçoẽs ainda particulares, falleceo na idade, e anno, que ja disse a dezasete de Setembro, tendo reinado em Espanha quarenta e tres annos. Foi hum dos mayores Principes, que teve o mundo, a quem naõ consta igualasse outro até ao presente seculo, e o primeiro que dominou toda Espanha depois que a perdeo o ultimo Rey Godo D. Rodrigo. Nelle se viaõ juntas tantas ...des, que divididas podiaõ fazer memoraveis ...os os Principes. Cuidava com tal vigilancia no seu officio, que nunca no seu tempo ficou em todos os Reynos benemerito sem premio, nem culpado sem castigo. Este elogîo, que se lê no Cartorio dos Marquezes de Castello-Rodrigo, bastava politicamente para canonizállo: tinha horas repartidas para os despachos dos Reynos, para os naõ confundir; ouvia a todos, e a todos respondia naõ com generalidades, mas com noticia certa das suas pertençoẽs, e dos termos, em que se achavaõ; e para ... pachar a todos, elle só da sua ...

ra
lo P
occupaõ
tempo para ... tanto, despachando
tempo, e ouvindo a todos. Acçoẽs, e ditos
sempre foraõ sentenciosos, vos contarei quan
referir o seu nascimento, e principio do reinado na
Historia dos Reys de Espanha. Foi de mediana esta-
tura, testa levantada, olhos azuis formosos, nariz
proporcionado, beiços grossos, e o debaixo cahido
hum pouco, signal da Casa de Austria, cabellos rui-
vos, e todo junto aspecto Real, cheyo de Magesta-
de, e respeito: careceo do sentido do olfacto; ha va-
rios retratos seus; o melhor he o da idade, e ornato,
com que se achou nas Côrtes de Thomar. Casou,
como Julio Cesar, quatro vezes, a primeira com a
Infanta D.Maria, Filha do nosso Rey D. Joaõ III.;
segunda com Maria, Raînha de Inglaterra, Filha de
Enrique VIII., de quem naõ teve filhos; terceira
com Isabel, que chamáraõ da Paz, pela que trouxe
em dote, Filha de Enrique II. de França; quarta com
Anna, Filha do Imperador Maximiliano. Da pri-
meira teve hum só filho D.Carlos, a quem prendeo
em hum quarto do Paço, e nelle morreo de pena,
vendo-se preso; as justas causas, que houve para is-
so, diremos a seu tempo; da terceira mulher teve
duas filhas, D.Isabel, Condessa de Flandres, mulher
do Arquiduque Alberto; D. Catharina, mulher de
Carlos Manoel, Duque de Saboya: da quarta teve
sinco, D. Fernando, e D.Carlos, que morrêraõ me-
ninos, D.Diogo, que morreo menino, jurado Prin-
cipe de Portugal, D. Filippe, que lhe succedeo nos

Rey-

de
onio de
... de Monfanto; a D. Francisco Maf-
, Conde de Santa Cruz; a Ruy Gonſalves
...nera, Conde de Villa Franca; a D.Franciſco
Manoel, Conde de Attalaya; a D.Fernando de Noronha, Conde de Linhares; a D. Fernando de Caſtro, Conde de Baſto; a D. Pedro de Alcaçova Carneiro, Conde de Idanha; a D.Duarte de Menezes, Conde de Tarouca; a D.Chriſtovaõ de Moura, Conde de Caſtello Rodrigo. No ſeu tempo reformou o Miſſal, e Ritos S. Pio V., e concluîo a reſórma do anno Gregorio XIII.; teve principio o uſo deſta reſórma no anno de mil quinhentos e oitenta e dous, no qual celebrada a feſta de S. Franciſco a quatro de Outubro, no dia ſeguinte ſe contáraõ quinze do meſmo mez de Outubro: correcçaõ notavel, com que ſe evitou o erro antigo dos oito minutos, de que a ſeu tempo fallaremos. Naõ tardeis em juntar-vos.

FIM

DA QUINQUAGESIMA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Anno de M.DCC.LIX.

Com todas as licenças neceſſarias.

HU[illegible]

E

IGNORANT[illegible]

CONFERENCIA LI.

COm notavel concurſo no Domingo, 8. de Outubro, continuou a hiſtoria o noſſo Academico. Morto o Rey D. Filippe I. de Portugal, acclamáraõ nelle ſeu Filho Filippe II.; e como de todos os Reys de Eſpanha até D. Filippe V. vos havemos dar noticia, agora ſó diremos o que neſte Reyno obráraõ. No anno de mil e ſeiſcentos e dezanove veyo viſitar eſte Reyno, trazendo em ſua companhia o Principe D. Filippe, D. Iſabel, e D. Maria: dia de S. Pedro, como ſeu Pay, entrou em Lisboa, a qual o recebeo com taes feſtas, apparatos, e diſpendios, que, faltando a todos cabedal para o admirar, diſſe o Rey: *Que ſó naquelle dia o fôra.* Celebrou no Palacio Côrtes, em que foi jurado o Principe D. Filippe herdeiro do Reyno; e paſſados ſete mezes nos deſpachos, e dependencias deſtes Reynos, ſe recolheo a Madrid ſummamente affeiçoado á Naçaõ Portugueza, como o moſtrou nas muitas mercês, que fez aos Grandes della; e faria muitas mais, ſe lhe duraſſe a vida, que acabou no ultimo de Março de mil ſeiſcentos e vinte e hum com quarenta e tres annos de idade,

Ddd vin-

...an-
... de Castel-
...gal; a D. Diogo da
..., fez Marquez de Alanquer,
... foi das Raînhas, e hoje he dellas;
aos Primogenitos da Casa de Castello Rodrigo, Condes de Lumiares; a D. Luiz Enriques, Conde de Villa Flor; a D. Luiz da Sylveira, Conde de Sortelha; a Ruy Mendes de Vasconcellos, Conde de Castello Melhor; a Enrique de Sousa, Conde de Miranda; a Luiz Alvares de Tavora, Conde de S. Joaõ da Pesqueira; a D. Manoel de Castello-branco, Conde de Villa-nova de Portimaõ; a D. Francisco de Faro, Conde de Vimioso; a D. Pedro de Menezes, Conde de Cantanhede; a D. Estevaõ de Faro, Conde de S. Luiz de Faro; a Joaõ Gonsalves de Attaîde, Conde de Attouguia; a D. Luiz de Lima, Conde de Arcos; a Simaõ Gonsalves da Camera, Conde da Calheta; a D. Francisco de Sá e Menezes, Conde de Penaguiaõ. Huma Imagem de S. Sebastiaõ no seu tempo suou copiosamente, e cessou a péste, em que se abrazava Lisboa. Hum anno antes da sua jornada a Portugal foraõ observados dous Cometas prodigiosos nos Signos de Virgo, e Libra, hum delles de tal grandeza, que renovou a memoria daquelle que no nascimento de Mitridátes occupou a quarta parte do Ceo. Seguiraõ-se mortes de Pontifices, Reys, perdas de Imperios; na India houve huma taõ horrivel tormenta na Cidade de Baçaím, que levou Templos, casas, gente, arvores, e montes; viraõ-se no ar varios signaes em fórma de homens,

fógos,

dem...
ſûe Vienn...
garida de Chave...
gal, III. de Eſpanha, e ...
quia na opinião dos que neſte numero ...
nhor D. Antonio, porém decimo nono para com
os que lhe negaõ eſſe brazaõ no ſepulchro, foi ac-
clamado ſeu Filho Filippe III. Entrou no governo
reformando Conſelhos, promulgando Leys, caſti-
gando Miniſtros culpados, e mandando a todos, que
preſentaſſem Inventarios de ſuas fazendas, para que
ſempre conſtaſſe o que tinhaõ antes de ſervillo, e
melhor depois viſſem os mais quanto avultava o
premio. Começou a rebeliaõ dos Olandezes no tem-
po de Filippe Prudente, como vos diremos na ſua
vida, e agora ſe vingavaõ nas Conquiſtas da Mo-
narquia Luſitana, aſſim na Aſia, como na America:
naquella foi notavel a perda, como ouvireis a ſeu
tempo com mágoa; neſta entráraõ pela Bahia de to-
dos os Santos com huma groſſa Armada, em que
hiaõ tres mil homens de guerra, muita artilherîa,
muniçoẽs, e o mais para a Conquiſta, ſendo o peyor
inſtrumento para ella o ſeu ſegredo, e o noſſo deſ-
cuido: eſte ja antigo; porque ſó os lucros mereciaõ
aos Governadores o cuidado; aquelle, porque ſahî-
raõ com voz, e fama de que hiaõ ſobre as Indias
Occidentaes: e paſſada a Linha em ſeis gráos ao
Sul, aberto o prégo, acháraõ lhes ordenava a Ré-
publica foſſem conquiſtar a Bahia. Moſtráraõ, que
nunca a tinhaõ viſto os que aſſim o determináraõ:
he huma enſeada a mayor que no mundo ſe tem deſ-

 cober-

, e

presente

para confu-

armas hade o ini-

porque do mato lhe vem todo o [illegible], e nelle he impoſſivel expugnar os que lá ſe tem refugiado: o tempo moſtrou o que digo, e o digo, porque o moſtrou a experiencia, e tempo, como vos contarei goſtoſo. Entrou a Armada, batêraõ com artilherîa groſſa a rûa da praya, e o Forte do mar, entaõ apenas começado, e hoje total defeſa daquelle Emporio; no Forte eſtava Antonio de Mendonça, filho do Governador Diogo de Mendonça; com pouca gente, e reparos, de ſorte, que perſeguido da artilherîa inimiga deixou o poſto: deſembarcáraõ mil moſqueteiros, á desfilada buſcavaõ a Cidade ſem encontrarem a menor reſiſtencia, fizeraõ alto no arrabalde de S. Bento; tanto que foi noite ſahîraõ todos os moradores, ficou ſó o Governador eſperando em caſa os Olandezes, que o leváraõ preſo para a Capitânia da Armada; o Biſpo D. Marcos Teixeira com os Conegos, e Clerigos armados ſe tinha offerecido ao Governador para a defeſa da Cidade; porém como o naõ admittio, retirou-ſe a huma Aldêa com ordem, e concerto Militar. Mathias de Albuquerque, Governador de Pernambuco, Cidade diſtante cem legoas, era a quem pertencia ſucceder ao Governador preſo, mas era ao meſmo tempo ſummamente neceſſario em Pernambuco, a quem ameaçava igual perigo. Avizou o Rey com a préſſa poſſivel; e chegou a noticia em Julho de 1624: eſcreveo

logo

a todos.
gueza, e o que
rava obrassem em ...
a esperança do Rey, porque em ...
no rio de Lisboa huma Armada de vinte e seis embarcaçoẽs, cheyas de quasi toda a Nobreza deste Reyno: e o mais he, sem a Fazenda Real gastar cousa alguma; porque a Nobreza á sua custa a preparou. O primeiro que offereceo gente numerosa, levantada nas suas terras, e paga á sua custa, foi D. Manoel de Moura Corte-Real, Marquez de Castello Rodrigo, e D. Affonso de Noronha, que tinha sido Governador, e Capitaõ General das nossas melhores Praças, e Conquistas; e agora, ja adiantado em annos, estava nomeado Vice-Rey da India. Foi o priro que assentou praça de Soldado para ir na Armada; á imitaçaõ destes os mais todos, de sorte, que só ficáraõ os decrepitos, e occupados. Ao mesmo tempo se preparava em Castella outra Armada; porém como era de gente mandada, e a nossa de Nobreza voluntaria, offerecida, e briosa, a nossa sahio sem a Castelhana em Novembro; e na Ilha de Santiago, principal de Cabo Verde, esperou a outra, que se unio em Fevereiro do anno seguinte de 1625. Os nossos vinte e seis navios leváraõ quatro mil homens de mar, e guerra em dous Terços, de que eraõ Mestres de Campo Antonio Moniz Barreto, e D. Francisco de Almeida; General de todos D. Manoel de Menezes; e D. Francisco de Almeida, Almirante: todos homens taõ grandes como vos constará

quan-

...s
...ltres de
... de Orelhana,
...lmirante D. Joaõ Fa-
...; General D. Fradique de Toledo
Oſorio, Marquez de Valduela. Em quanto ſe dilatáraõ as Armadas obravaõ os Olandezes na Bahia tyrannias; muitos Navios, ignorando a diſgraça daquelle notavel porto, entravaõ nelle a buſcar deſcanſo, e commercio, todos priſionavaõ ſem o menor trabalho; e do muito, que nelles acháraõ, junto com o que ſe reſervou do ſaque, mandáraõ para Olanda ſinco Náos carregadas com o preſente. Profanáraõ os Templos, deſtruîraõ, e queimáraõ edificios, e ſó lhes faltava para a ſubſiſtencia dominar os matos. Vinha ja neſte tempo o Governador do Rio de Janeiro ſoccorrer a Bahia, quando os Inglezes com outra Armada, que governava Pedro Peres, infeſtava os mares do Braſil; ſaltáraõ em terra, e accomettêraõ a Villa da Vitoria, a tempo que nella eſtava o ſoccorro, que vinha para a Bahia: Martim de Sá, e ſeu filho com os mais Soldados com total vigor os recebêraõ ſó com as eſpadas, que deixando no campo mortos o Almirante, cem moſqueteiros, e huma bandeira, fugîraõ para as Náos com ſumma vergonha, ſem que hum ſó tiraſſe a eſpada da cinta. Na Bahia governava as noſſas Armas o Biſpo D. Marcos Teixeira, o qual com mil e quinhentos homens, a terça parte negros, veyo á Cidade, e nos arrabaldes o eſperáraõ os Olandezes: houve muitos aſſaltos, e combates, em que perdemos

unica-

guiaõ o...
que eraõ muitos ,...
no Brasil por senhores os inimig...
cio. Estes dous receando se mudasse a fortuna, que outros imaginavaõ constante, passáraõ ao nosso campo, fingindo arrependimento da Apostasia, e deslealdade; porém os nossos os recebêraõ nas pontas dos dardos, e espadas, e os fizeraõ em miûdos pedaços. Recuperáraõ o porto de Tapagipe, nesse tempo muito importante como se vio depois; porque, morrendo o Bispo D. Marcos, Varaõ exemplar, e em tudo veneravel, lhe succedeo Francisco Nunes Marinho, a quem depois de muitas acçóes de valor, e prudencia veyo de Lisboa succeder no governo da Bahia, nomeado pelo Rey, D. Francisco de Moura, que desembarcou em Tapagipe com o soccorro, que levava, em quanto a Armada naõ vinha. Nestas Náos, que lá serviaõ só de impedimento, veyo para Lisboa preso o Governador Olandez, que Francisco Nunes captivou em Tapagipe; e foi tal o medo dos inimigos tanto que chegou D. Francisco, e vîraõ desembarcar soccorro, que deixáraõ os arrabaldes de S. Bento, e Carmo, nunca mais sahîraõ a campo, e só cuidáraõ em fortificar a Cidade, aonde se recolhêraõ ja com muita fome; porque sem provimentos contínuos dos matos, ninguem nella vive. Depois de inexplicaveis trabalhos, tempestades, e descaminhos, que sempre se attribuîraõ a feiticeiros, que no Brasil antes queriaõ Hereges,

do

... aõ foi
... os quatro mil, a
... D. Fradique; fizeraõ alto, e começá-
raõ os ataques: ſahîraõ trezentos Olandezes a im-
pedîllos, morrêraõ muitos, retiraraõ-ſe medroſos;
mas nós ficámos com perda de ſincoenta peſſoas de
ambas as Nações, todos Cavalheiros importantes.
De preſſa nos vingou a artilherîa das noſſas Arma-
das, e dos ataques, matando infinitos, e arrazando
os edificios todos ao meſmo tempo, em que o Ge-
neral Portuguez com fortuna lhe mettia no fundo
os Navios. Pede mais vagar o caſo; vinde logo.

F I M

DA QUADRAGESIMA PRIMEIRA PARTE.

L I S B O A:

Na Offic. de Ignacio Nogueira Xiſto. Ann. de 1759.

Com todas as licenças neceſſarias.

C

POuc
ros; e
O Coron
conduzir pa
os víveres, que tinha a
e patenteou os dos Armazen
guardando tudo para ſuſtenta
dio: e agora julgando que ſó a vi
abundancia, a tempo que a fome os opp
ſuperabundante eſtimulo para ſocegar
mento, que já tinha principio, e animar tod
feſa até chegar o ſoccorro, que por inſtante
vaõ eſperando. Rara foi eſta politica, mas dilg
da, deixar padecer o exercito, para conhecer os a
mos dos Cabos, e Soldados, e depois de conhecid
os conſtantes para a defeſa dos póſtos, e fiança da
acções de valor, conſtancia, e brio, animar os deſ-
leaes, e baixos com abundancia de mantimentos,
por ſer gente, que ſó aſpira ao premio dos brutos.
Taõ rara foi eſta idéa, que ainda neſte ſeculo he na
Bahia a mais ſabida, quando outras mayores naõ
merecêraõ lembrança: eu paſmei no tempo, que lá

ſ,

o
u;
e ſe
eiro ſi-
eliſtencia
que ninguem
graçada a idéa,
va de Olandezes,
ente, cujo Deos naõ
, vida, e conveniencia;
igo, clamáraõ, que os ti-
ndo-lhes hiaõ para as Indias Oc-
que naõ queriaõ já mais trabalhos, e
Uſou de ſegunda aſtucia o Coronel; pu-
m Edicto, em que dava licença, para que
ao noſſo exercito todo o Soldado, que
eſtiveſſe diſgoſtoſo, ou opprimido: logo ſe
raõ aproveitar delle muitos; porêm, vendo en-
car tambem logo os primeiros, que ſe reſolve-
a iſſo, ſocegaraõ-ſe pouco tempo: rompeu eſte
ilencio hum Capitaõ fulano Dichon, requerendo
ſe entregaſſe a Praça; e o Coronel conhecendo nel-
le igual aſtucia, e que era amado, e reſpeitado pe-
lo mais prudente, e ſabio por toda a Milicia, deu
ordem que puzeſſem fogo a toda a Armada Olan-
deza, temendo, que fugiſſem todos nella, dando-
lhe obediencia, ou com elle o ſeguiſſem para a noſ-

ſa;

e
ças
bres,
Chroni
lhas da Ba
deixáraõ o qu
que tinhaõ furtad
dados Espanhoes to
mais necessario para a
Naõ vos admireis; porq
por Espanhoes, e Italianos e
á dos Olandezes. Achou-se de
despojo; em mercadorîas tres milhoes
mil cruzados; em dinheiro novecent
quintaes de polvora; balas sem numer
e setenta e duas peças de artilherîa: seis
buzes; innumeraveis apprestos differentes; a
e sellas de cavallos; seiscentos negros; oito m
gas de farinhas; sincoenta mil vacas, e duas mi
pas de vinho: estas foraõ as que destruîraõ a ide
do Coronel Olandez; porque quando recolheo as
vacas, e patenteou as farinhas, fez o mesmo aos vi-
nhos, devendo occultállos; porque o uso delles cau
sou os levantamentos. Reparai, irmãos, que todos
vicios ou saõ nascidos de brios, ou para susten
los; e só a bebedice he para extinguir todos: n

 gue

em
cca;
com-
em fazer
mpeſtades,
uma das peyo-
exorcizar os ares,
s, chuva no meſmo
ração (iſto he o mais)
s perigoſa, do que a tem-
a Armada ſe recolheo a ſeus
ntando a falta de Navios, que no
benemerita, e nobiliſſima ficáraõ ſe-
quanto os Portuguezes paſſavaõ eſtes
Conſelho de Portugal em Madrid con-
Rey, dizendo, que a noſſa Armada fôra to-
poſta á cuſta da Nobreza dos Reynos; e de-
a Mageſtade fazer mercê dos bens da Corôa,
rdens aos filhos dos que morreſſem neſta acçaõ
gloriosa, em premio do valor, lealdade, diſpendio,
e vida de ſeus pays: o Rey o concedeo aſſim, deſ-
pachando a Conſulta, que eu vî deſte modo pela ſua
maõ, e de letra excellente: *Como parece ao Conſe-
o em tudo; e por quanto deſejo que taes Vaſſallos
vivaõ, faço a meſma mercê, que o Conſelho me
ſulta, a todos os que foraõ na dita Armada, ain-*
daque

rem co
ſta funçaõ
vida. Quando
ſto , álem da pe
vemos outr
cia: a pri
os Ingl
que di

em Ioa-
s Portugue-
pe Prudente;
falsissimo, que
dio: e para
o ajuste,
, para
ō Por-

dio que a
que elle fez, e
je,
tit
q
a
r
t
t
tu
de

acusa
daquelle Esta-
ou
n,
-
e